

ENTRE NÓS

Luiz Ruffato
Coordenação e seleção

Denilson Lopes
Apresentação

Copyright © 2007 Luiz Ruffato.

Coordenação geral
José Eduardo Agualusa

Editor
Eduardo Coelho

Capa e projeto gráfico
Rico Lins

Revisão
Lucas Magdali
Bianca de Marco

Editoração
Leandro Colares (Selênia Serviços)

COLEÇÃO LÍNGUA FRANCA

Coordenada por Luiz Ruffato, *LÍNGUA FRANCA* oferece ao leitor uma reflexão sobre a história política e social do Brasil por meio de contos de seus maiores escritores. Cada volume problematiza um tema específico e acompanha-o no tempo, sob os mais diversos pontos de vista. Esta coleção contribui para a discussão sobre quem somos e o que queremos para o nosso país. Uma revolta sem armas — cultivando a flor que, furando o asfalto, derrotará “o tédio, o nojo e o ódio”.

CIP BRASIL — DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO | CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO - SP

Ruffato, Luiz
Entre nós / Luiz Ruffato. — Rio de Janeiro :
Língua Geral, 2007. — (Coleção Língua Franca)

ISBN 978-85-60160-09-9

1. Contos brasileiros — Coletânea I. Título. II. Série.

06-9579

CDD - 869.9308

Todos os direitos desta edição reservados à
Língua Geral Livros Ltda.
R. Jardim Botânico, 600/gr. 501-503
Rio de Janeiro - RJ 22461-000
Tel: (21) 2259-3108
Fax: (21) 2259-3240



A Eduardo Coelho, Suênio Campos de Lucena, Pedro Salgueiro,
Ronald Cagliano e Leonardo Tonus agradeço a colaboração.

I SUMÁRIO

Luiz Ruffato OUTROS NÓS	13
Denilson Lopes POR UMA NOVA INVISIBILIDADE	17
Machado de Assis PÍLADES E ORESTES	23
João do Rio HISTÓRIA DE GENTE ALEGRE	37
Antônio Machado O INICIADO DO VENTO	49
Dinah Silveira de Queirós A MORALISTA	91
Moreira Campos IRMÃ CIBELE E A MENINA	99
Harry Laus O ESTIVADOR	105
Lygia Fagundes Telles UMA BRANCA SOMBRRA PÁLIDA	111
Rubem Fonseca DIA DOS NAMORADOS	125
Autran Dourado TRÊS COROAS	137



Samuel Rawet	
NEM MESMO UM ANJO É ENTREVISTO NO TERROR	147
Hilda Hilst	
RÚTILLOS	151
Silviano Santiago	
<i>WHEN I FALL IN LOVE (QUANDO ME APAIXONO)</i>	169
Myriam Campello	
A MULHER DE OURO	193
Luiz Vilela	
MEU AMIGO	199
João Silvério Trevisan	
INTERLÚDIO EM SAN VICENTE	209
Caio Fernando Abreu	
SARGENTO GARCIA	221
Julio César Monteiro Martins	
RUIVA	241
Cíntia Moscovich	
MORTE DE MIM	257
Simone Campos	
BONDADE	263
BIOBIBLIOGRAFIA	291
BIBLIOGRAFIA	295
COPYRIGHT	299



O amor é que é essencial.

O sexo é só um acidente.

Pode ser igual

Ou diferente.

FERNANDO PESSOA¹



Parece não haver dúvida de que a literatura, como forma de expressão humana, faculta-nos, para além da fruição estética, meios para uma reflexão a respeito dos costumes, no tempo e no espaço. Aliás, obra perene é a que transcende — ancorada em uma época, submersa numa cultura e contingenciada por uma língua, fala a todas as épocas, culturas e línguas. O escritor, como analista privilegiado da História, restitui à sociedade a verdade da ficção: a realidade desagrilhoada da hipocrisia.

Tabu na civilização letrada ocidental a partir do advento e consolidação do Cristianismo — ou talvez de uma leitura fundamentalista do monumento literário que é a Bíblia —, a questão da homossexualidade norteia este *Entre nós*. Escolhidos entre os mais representativos autores,

¹ PESSOA, Fernando. *Poesias coligidas*. In: _____. *Obras poéticas*. 20.^a reimpressão, 3.^a edição. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 585.

os 19 contos que compõem a coletânea espelham uma visão de cem anos da sociedade brasileira sobre o assunto — de Machado de Assis (1839-1908) à jovem Simone Campos (1983-).

Presente no horizonte da literatura brasileira desde a quadra final do século XIX, o tema propiciou o surgimento de grandes personagens — Sérgio, de *O Azeite* (1888), de Raul Pompéia (1863-1895); Pombinha, de *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo (1857-1913); Amaro, o *Bom crioulo* (1895), de Adolfo Caminha (1867-1897); Frederico Paciência (1942), do conto homônimo de Mário de Andrade (1893-1945); Timóteo, de *Crônica da casa assassinada* (1959), de Lúcio Cardoso (1912-1968) — e *Grande sertão: veredas*, (1956), de Guimarães Rosa (1908-1967), que, entre outras dezenas de leituras, permite a da paixão entre Riobaldo e Diadorim.

Em 1967, apareceu a primeira antologia sobre o tema, iniciativa de Gasparino Damatta, *Histórias do amor maldito*², em 1995, a segunda, organizada por José Carlos Honório, *O amor com olhos de adeus*³. Já no século XXI, duas outras coletâneas foram publicadas, *Triunfo dos pêlos e outros contos GLS*⁴ (escolhidos em concurso patrocinado pela editora), em 2000, e *Lado B, histórias de mulheres*⁵, em 2006, seleção de Lúcia Facco. *Entre nós* pretende contribuir para essa discussão, oferecendo, por meio de diferentes abordagens, uma reflexão que ultrapassa as fronteiras silenciosas dos guetos, já que o preconceito, a repressão, a violência são males que nos atingem a todos.

² DAMATTA, Gasparino. *Histórias do amor maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1967.

³ HONÓRIO, José Carlos. *O amor com olhos de adeus*. São Paulo: Transviata, 1995.

⁴ *Triunfo dos pêlos e outros contos GLS*. São Paulo: Edições GLS, 2000.

⁵ FACCO, Lúcia. *Lado B, histórias de mulheres*. São Paulo: Edições GLS, 2006.



Denilson Lopes¹
POR UMA NOVA INVISIBILIDADE

A subversão através do anonimato corajoso das subjetividades em jogo, processo mais lento da conscientização, não adiciona melhor ao futuro diálogo entre heterossexuais e homossexuais, do que o afortunamento aberto por parte de um grupo que se auto-marginaliza, processo dado pela cultura norte-americana como mais rápido e eficiente?

SILVIANO SANTIAGO, "O HOMOSSEXUAL ASTUCIOSO"¹.



O que nos resta como alternativa às utopias dos anos 60? Há muitas respostas. Em uma perspectiva marcada pela diversidade, trata-se de cada vez mais buscar identidades fluídas, sem contudo perder uma dimensão política. Certamente, é necessário cada vez mais pensar uma perspectiva transcultural, que reconheça o quadro de migrações do campo para cidade, entre regiões, entre países, bem como os fluxos dos meios de comunicação de massa, articulando, redefinindo ou abandonando noções de gênero, orientação sexual, etnia, raça, classe e nação.

Nesta moldura, é importante mapear as histórias locais de ambigüidades, como uma alternativa a uma política de identidades, cada dia,

¹ Denilson Lopes é professor universitário, especializado em Teoria da Comunicação. Publicou, entre outros, o livro *O homem que amava rapazes e outros ensaios* (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002).

¹ SANTIAGO, SILVIANO. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

mais e mais incorporada a uma retórica conservadora em uma esfera pública mais ampla e de uma sociedade de consumo. É necessário insistir em toda uma gama de experimentações políticas, para além dos muros da universidade, como nomadismos e desidentidades, bem como estar atento aos híbridos da sociedade, para que as gerações mais jovens e aqueles que se julgam excluídos dos discursos identitários, tão necessários para a conquista de direitos durante todo o século XX, se sintam parte desta renovação necessária. Diferente dos que defendem uma resistência nostálgica de ideários libertários, gostaria de enfatizar uma possibilidade distinta de resistência, mais discreta e sutil diante da proliferação das imagens midiáticas em que as ideologias transgressoras são rapidamente transformadas em estratégias de marketing.

Se a invisibilidade usualmente tinha um sentido negativo dentro de uma política de identidades, talvez agora ela possa significar algo diferente. Tornar-se invisível numa sociedade midiática onde tudo e todos são ou quem ser visíveis o máximo possível, incluindo mais e mais representações LGBT, pode ser uma forma de diferenciação marcada pela pausa e sutileza. O que não significa escapar nem se esconder da realidade. Mas uma estratégia diante do poder corrosivo do simulacro, do excesso de imagens.

O desaparecimento pode se tornar uma outra forma de viver. O desaparecimento se coloca em constante tensão com a aparição e a política do *outing* (assumir sua orientação sexual em público). Como desaparecer? Não é só uma questão de saber como lidar com a imagem pública como no caso de *pop stars* e políticos. É algo mais amplo e comum. A invisibilidade tem menos a ver com o fascínio romântico pelos marginais do que com a formação de uma subjetividade, constantemente atravessada pelos fluxos

do mundo, uma outra forma de pertencimento. Desaparecer para reaparecer. Aparecer para desaparecer. Uma brincadeira de pique e esconde.

Não se trata de um fracasso nem de ser devorado pelo mundo da velocidade e da fugacidade. Coisas que pareciam tão importantes ficam sem sentido. Por ora, talvez seja razoável falar menos quando os vencedores não param de falar. É difícil competir com eles no mesmo campo. Não precisamos discutir mas mudar de jogo. Aprender novamente coisas básicas como ouvir e prestar atenção antes de falar. Não ter medo do nada e do vazio nem procurar tão desesperadamente por uma identidade.

Eu argumentaria em favor da invisibilidade. Agora o silêncio pode voltar a não significar necessariamente morte. Defender a invisibilidade não significa voltar para o *closet* mas continuar a conclamação de Silvano Santiago em seu artigo “O homossexual astucioso” por mais sutileza e menos confronto nas nossas estratégias diante do crescente conservadorismo dos discursos de visibilidade e, ao mesmo tempo, diante da necessidade de diálogo com outros sujeitos na esfera pública. A política de confronto foi ganha pela direita. A política de identidade tem sido usada mais e mais e com sucesso pelos fundamentalismos estreitos, sejam nacionalistas, sejam religiosos. Onde é esperado um confronto, uma luta, desaparecer para reaparecer mais a frente em outro lugar, de outra forma, pode ser um caminho.

O encontro de dois homens ou de duas mulheres pode ser apenas um encontro, mas também pode ser uma possibilidade de diálogo e abertura para o mundo, desafio maior de todo discurso minoritário, alguma vez discriminado. Não se trata de apenas considerar a orientação sexual como um adjetivo, mas afirmar uma experiência substantiva que

interliga vida cotidiana e arte. Esta experiência nada tem de redutora dos grandes temas “humanos e universais”, nem classificadora se assim o quisermos. Ela é um mistério insondável, um ponto de partida, uma pergunta mais do que uma resposta.

Esta aventura de mais de um século que o leitor vai se deparar leva-nos a pensar em identidades femininas e transgêneras, masculinidades, homossexualidades e bissexualidades não só como experiências que apenas digam respeito a grupos isolados, nem só como uma questão que diga respeito a quem cada indivíduo tem relações sexuais, mas uma base para uma formação (*Bildung*) contemporânea, pela qual aprendemos com o que somos mas também com o que não somos; uma ética, entendida como uma forma de conduta diante do mundo, em que a amizade e a deriva, como nos ensinou Michel Foucault, aparecem como contraponto às prisões patriarcais do amor romântico e ao sexo rei, bem como base para uma estética mais afetiva e direta, o retorno ao simples a ao cotidiano. Trata-se ainda de um lugar de fala silenciado mas que precisa e tem sido resgatado se quisermos uma democracia multicultural, uma base para uma política em que a intimidade não é apenas espetáculo midiático mas forma de adesão ao mundo, uma política tão ambígua como somos todos nós.

Para compor esta política tão ambígua como nós somos, é que estes contos que vamos ler podem nos ajudar. Nem a homofobia das imagens negativas, nem a idealização das imagens positivas, sobretudo narrativas de afetividades e sexualidades complexas, à deriva, em que a literatura possa não só repetir os discursos sociais mas produzir sua própria política, falar o que nem sempre é o mais óbvio e facilmente percebido.



Machado de Assis
PIADES E ORESTES



Quintanilha engendrou Gonçalves. Tal era a impressão que davam os dous juntos, não que se parecessem. Ao contrário, Quintanilha tinha o rosto redondo, Gonçalves comprido, o primeiro era baixo e moreno, o segundo alto e claro, e a expressão total divergia inteiramente. Acresce que eram quase da mesma idade. A idéia da paternidade nascia das maneiras com que o primeiro tratava o segundo; um pai não se desfaria mais em carinhos, cautelas e pensamentos.

Tinham estudado juntos, morado juntos, e eram bacharéis do mesmo ano. Quintanilha não seguira advocacia nem magistratura, meteu-se na política; mas, eleito deputado provincial em 187... cumpriu o prazo da legislatura e abandonou a carreira. Herdara os bens de um tio, que lhe davam de renda cerca de trinta contos de réis. Veio para o seu Gonçalves, que advogava no Rio de Janeiro.

Posto que abastado, moço, amigo do seu único amigo, não se pode dizer que Quintanilha fosse inteiramente feliz, como vais ver. Ponho de lado o desgosto que lhe trouxe a herança com o ódio dos parentes; tal ódio foi que ele esteve prestes a abrir mão dela, e não o fez porque o amigo Gonçalves, que lhe dava idéias e conselhos, o convenceu de que semelhante ato seria rematada loucura.

— Que culpa tem você que merecesse mais a seu tio que os outros parentes? Não foi você que fez o testamento nem andou a bajular o defunto, como os outros. Se ele deixou tudo a você, é que o achou melhor que eles; fique-se com a fortuna que é a vontade do morto, e não seja tolo.

Quintanilha acabou concordando. Dos parentes alguns buscaram reconciliar-se com ele, mas o amigo mostrou-lhe a intenção recôndita dos tais, e Quintanilha não lhes abriu a porta. Um desses, ao vê-lo ligado com o antigo companheiro de estudos, bradava por toda a parte:

— Aí está, deixa os parentes para se meter com estranhos; há de ver o fim que leva.

Ao saber disto, Quintanilha correu a contá-lo a Gonçalves, indignado. Gonçalves sorriu, chamou-lhe tolo e aquietou-lhe o ânimo; não valia a pena irritar-se por ditinhos.

— Uma só cousa desejo, continuou, é que nos separemos, para que se não diga...

— Que se não diga o quê? É boal! Tinha que ver, se eu passava a escolher as minhas amizades conforme o capricho de alguns peraltas sem-vergonhal!

— Não fale assim, Quintanilha. Você é grosseiro com seus parentes.

— Parentes do diabo que os leve! Pois eu hei de viver com as pessoas que me forem designadas por meia dúzia de velhacos que o que querem é comer-me o dinheiro? Não, Gonçalves; tudo o que você quiser, menos isso. Quem escolhe os meus amigos sou eu, é o meu coração. Ou você está... está aborrecido de mim?

— Eu? Tinha graça.

— Pois então?

— Mas é...

— Não é tall!

A vida que viviam os dous era a mais unida deste mundo. Quintanilha acordava, pensava no outro, almoçava e ia ter com ele. Jantavam juntos, faziam alguma visita, passeavam ou acabavam a noite no teatro. Se Gonçalves tinha algum trabalho que fazer à noite, Quintanilha ia ajudá-lo como obrigação; dava busca aos textos de lei, marcava-os, copiava-os, carregava os livros. Gonçalves esquecia com facilidade, ora um recado, ora uma carta, sapatos, charutos, papéis. Quintanilha supria-lhe a memória. Às vezes, na rua do Ouvidor, vendo passar as moças, Gonçalves lembrava-se de uns autos que deixara no escritório. Quintanilha voava a buscá-los e tornava com eles, tão contente que não se podia saber se eram autos, se a sorte grande; procurava-o ansiosamente com os olhos, corria, sorria, morria de fadiga.

— São estes?

— São; deixa ver, são estes mesmos. Dá cá.

— Deixa, eu levo.

A princípio, Gonçalves suspirava:

— Que maçada que dei a você!

Quintanilha ria do suspiro com tão bom humor que o outro, parava não o molestar, não se acusou de mais nada; concordou em receber os obséquios. Com o tempo, os obséquios ficaram sendo puro ofício. Gonçalves dizia ao outro: "Você hoje há de lembrar-me isto e aquilo." E o outro decorava as recomendações, ou escrevia-as, se eram muitas. Algumas dependiam de horas; era de ver como o bom Quintanilha suspirava aflito, à espera que chegasse tal ou tal hora para ter o gosto de lembrar os negócios ao amigo. E levava-lhe as cartas e papéis, ia buscar as respostas, procurar as pessoas, esperá-las na estrada de ferro, fazia viagens ao interior. De si mesmo descobria-lhe bons charutos, bons jantares, bons espetáculos. Gonçalves já não tinha liberdade de falar de um livro novo, ou somente caro, que não achasse um exemplar em casa.

— Você é um perdulário, dizia-lhe em tom repreensivo.

— Então gastar com letras e ciências é botar fora? É boal concluir o outro.

No fim do ano quis obrigá-lo a passar fora as férias. Gonçalves acabou aceitando, e o prazer que lhe deu com isto foi enorme. Subiram a Petrópolis. Na volta, serra abaixo, como falassem de pintura, Quintanilha advertiu que não tinham ainda uma tela com o retrato dos dous, e mandou fazê-la. Quando a levou ao amigo, este não pôde deixar de lhe dizer que não prestava para nada. Quintanilha ficou sem voz.

— É uma porcaria, insistiu Gonçalves.

— Pois o pintor disse-me...

— Você não entende de pintura, Quintanilha, e o pintor aproveitou a ocasião para meter a espiga. Pois isto é cara decente? Eu tenho este brago torto?

— Que ladrão!
— Não, ele não tem culpa, fez o seu negócio; você é que não tem o sentimento da arte, nem prática, e espichou-se redondamente. A intenção foi boa, creio...

— Sim, a intenção foi boa.

— E aposto que já pagou?

— Já.

Gonçalves abanou a cabeça, chamou-lhe ignorante e acabou rindo. Quintanilha, vexado e aborrecido, olhava para a tela, até que sacou de um cantivete e rasgou-a de alto a baixo. Como se não bastasse esse gesto de vingança, devolveu a pintura ao artista com um bilhete em que lhe transmitiu alguns dos nomes recebidos e mais o de asno. A vida tem muitas de tais pagas. Demais, uma letra de Gonçalves que se venceu dali a dias e que este não pôde pagar, veio trazer ao espírito de Quintanilha uma divisação. Quase brigaram; a idéia de Gonçalves era reformar a letra; Quintanilha, que era o endossante, entendia não valer a pena pedir o favor por tão escassa quantia (um conto e quinhentos), ele emprestaria o valor da letra, e o outro que lhe pagasse, quando pudesse. Gonçalves não consentiu e fez-se a reforma. Quando, ao fim dela, a situação se repetiu, o mais que este admitiu foi aceitar uma letra de Quintanilha, com o mesmo juro.

— Você não vê que me envergonha, Gonçalves? Pois eu hei de receber juro de você...?

— Ou recebe, ou não fazemos nada.

— Mas, meu querido...

Teve que concordar. A união dos dous era tal que uma senhora chamava-lhes os "casadinhos de fresco", e um letrado, Pílades e Orestes

tes. Eles riam, naturalmente, mas o riso de Quintanilha trazia alguma cousa parecida com lágrimas: era, nos olhos, uma ternura úmida. Outra diferença é que o sentimento de Quintanilha tinha uma nota de entusiasmo, que absolutamente faltava ao de Gonçalves; mas, entusiasmo não se inventa. É claro que o segundo era mais capaz de inspirá-lo ao primeiro do que este a ele. Em verdade, Quintanilha era mui sensível a qualquer distinção; uma palavra, um olhar bastava a acender-lhe o cérebro. Uma pancadinha no ombro ou no ventre, com o fim de aprová-lo ou só accentuar a intimidade, era para derretê-lo de prazer. Contava o gesto e as circunstâncias durante dous e três dias.

Não era raro vê-lo irritar-se, teimar, descompor os outros. Também era comum vê-lo rir-se; alguma vez o riso era universal, entornava-se-lhe da boca, dos olhos, da testa, dos braços, das pernas, todo ele era um riso único. Sem ter paixões, estava longe de ser apático.

A letra sacada contra Gonçalves tinha o prazo de seis meses. No dia do vencimento, não só não pensou em cobrá-la, mas resolveu ir jantar a algum arrabalde para não ver o amigo, se fosse convidado à refeição. Gonçalves destruiu todo esse plano; logo cedo, foi levar-lhe o dinheiro. O primeiro gesto de Quintanilha foi recusá-lo, dizendo-lhe que o guardasse, podia precisar dele; o devedor teimou em pagar e pagou.

Quintanilha acompanhava os atos de Gonçalves; via a constância do seu trabalho, o zelo que ele punha na defesa das demandas, e vivia cheio de admiração. Realmente, não era grande advogado, mas na medida das suas habilitações, era distinto.

— Você por que não se casa? perguntou-lhe um dia; um advogado precisa casar.

Gonçalves respondia rindo. Tinha uma tia, única parenta, a quem ele queria muito, e que lhe morreu, quando eles iam em trinta anos. Dias depois, dizia ao amigo:

— Agora só me resta você.

Quintanilha sentiu os olhos molhados, e não achou que lhe respondesse. Quando se lembrou de dizer que “iria até à morte” era tarde. Redobrou então de carinhos, e um dia acordou com a idéia de fazer testamento. Sem revelar nada ao outro, nomeou-o testamenteiro e herdeiro universal.

— Guarde-me este papel, Gonçalves, disse-lhe entregando o testamento. Sinto-me forte, mas a morte é fácil, e não quero confiar a qualquer pessoa as minhas últimas vontades.

Foi por esse tempo que sucedeu um caso que vou contar.

Quintanilha tinha uma prima-segunda, Camila, moça de 22 anos, modesta, educada e bonita. Não era rica; o pai, João Bastos, era guarda-livros de uma casa de café. Haviam brigado por ocasião da herança; mas, Quintanilha foi ao enterro da mulher de João Bastos, e este ato de piedade novamente os ligou. João Bastos esqueceu facilmente alguns nomes crus que dissera do primo, chamou-lhe outros nomes doces, e pediu-lhe que fosse jantar com ele. Quintanilha foi e tornou a ir. Ouviu ao primo o elogio da finada mulher; numa ocasião em que Camila os deixou sós, João Bastos louvou as raras prendas da filha, que afirmava haver recebido integralmente a herança moral da mãe.

— Não direi isto nunca à pequena, nem você lhe diga nada. É modesta, e, se começarmos a elogiá-la, pode perder-se. Assim, por exemplo, nunca lhe direi que é tão bonita como foi a mãe, quando tinha a ida-

de dela; pode ficar vaidosa. Mas a verdade é que é mais, não lhe parece? Tem ainda o talento de tocar piano, que a mãe não possuía.

Quando Camilla voltou à sala de jantar, Quintanilha sentiu vontade de lhe descobrir tudo, conteve-se e piscou o olho ao primo. Quis ouvi-la ao piano; ela respondeu, cheia de melancolia:

— Ainda não, há apenas um mês que mamãe faleceu, deixe passar mais tempo. Demais, eu toco mal.

— Mal?

— Muito mal.

Quintanilha tornou a piscar o olho ao primo, e ponderou à moça que a prova de tocar bem ou mal só se dava ao piano. Quanto ao prazo, era certo que apenas passara um mês; todavia era também certo que a música era uma distração natural e elevada. Além disso, bastava tocar um pedaço triste. João Bastos aprovou este modo de ver e lembrou uma composição elegíaca. Camilla abanou a cabeça.

— Não, não, sempre é tocar piano; os vizinhos são capazes de inventar que eu toquei uma polca.

Quintanilha achou graça e riu. Depois concordou e esperou que os três meses fossem passados. Até lá, viu a prima algumas vezes, sendo as três últimas visitas mais próximas e longas. Enfim, pôde ouvi-la tocar piano, e gostou. O pai confessou que, ao princípio, não gostava muito daquelas músicas alemãs; com o tempo e o costume achou-lhes sabor. Chamava à filha “a minha alemãzinha”, apelido que foi adorado por Quintanilha apenas modificado para o plural: “a nossa alemãzinha”. Pronomes possessivos dão intimidade; dentro em pouco, ela existia entre os três — ou quatro, se contarmos Gonçalves, que ali foi apresentado pelo amigo; — mas fiquemos nos três.

Que ele é cousa já farejada por ti, leitor sagaz. Quintanilha acabou gostando da moça. Como não, se Camilla tinha uns longos olhos mortais? Não é que os pousasse muita vez nele, e, se o fazia, era com tal ou qual constrangimento, a princípio, como as crianças que obedecem sem vontade às ordens do mestre ou do pai; mas pousava-os, e eles eram tais que, ainda sem intenção, feriam de morte. Também sorria com frequência e falava com graça. Ao piano, e por mais aborrecida que tocasse, tocava bem. Em suma, Camilla não faria obra de impulso próprio, sem ser por isso menos feiticeira. Quintanilha descobriu um dia de manhã que sonhara com ela a noite toda, e à noite que pensara nela todo o dia, e concluiu da descoberta que a amava e era amado. Tão tonto ficou que esteve prestes a imprimi-lo nas folhas públicas. Quando menos, quis dizê-lo ao amigo Gonçalves e correu ao escritório deste. A afeição de Quintanilha complicava-se de respeito e temor. Quase a abrir a boca, engoliu outra vez o segredo. Não ousou dizê-lo nesse dia nem no outro.

Antes dissesse; talvez fosse tempo de vencer a campanha. Adiou a revelação por uma semana. Um dia foi jantar com o amigo, e, depois de muitas hesitações, disse-lhe tudo; amava a prima e era amado.

— Você aprova, Gonçalves?

Gonçalves empalideceu — ou, pelo menos, ficou sério; nele a seriedade confundia-se com a palidez. Mas, não; verdadeiramente ficou pálido.

— Aprova? repetiu Quintanilha.

Após alguns segundos, Gonçalves ia abrir a boca para responder, mas fechou-a de novo, e fitou os olhos “em oitem”, como ele mesmo

dizia de si, quando os estendia ao longe. Em vão Quintanilha teimou em saber o que era, o que pensava, se aquele amor era *asneira*. Estava tão acostumado a ouvir-lhe este vocábulo que já lhe não doía nem afrontava, ainda em matéria tão melindrosa e pessoal. Gonçalves tornou a si daquela meditação, sacudiu os ombros, com ar desengañado, e murmurou esta palavra tão surdamente que o outro mal a pôde ouvir:

— Não me pergunte nada; faça o que quiser.

— Gonçalves, que é isso? perguntou Quintanilha, pegando-lhe nas mãos, assustado.

Gonçalves soltou um grande suspiro, que, se tinha asas, ainda agora estaria voando. Tal foi, sem esta forma paradoxal, a impressão de Quintanilha. O relógio da sala de jantar bateu 8h, Gonçalves alegou que ia visitar um desembargador, e o outro despediu-se.

Na rua, Quintanilha parou atordoado. Não acabava de entender aqueles gestos, aquele suspiro, aquela palidez, todo o efeito misterioso da notícia dos seus amores. Entrara e falara, disposto a ouvir do outro um ou mais daqueles epítetos costumados e amigos, *idiotia, cretudo, paspalhão*, e não ouviu nenhum. Ao contrário, havia nos gestos de Gonçalves alguma coisa que pegava com o respeito. Não se lembrava de nada, ao jantar, que pudesse tê-lo ofendido; foi só depois de lhe confiar o sentimento novo que trazia a respeito da prima que o amigo ficou acabrunhado.

— Mas, não pode ser, pensava ele; o que é que Camila tem que não possa ser boa esposa?

Nisto gastou, parado, defronte da casa, mais de meia hora. Advertiu então que Gonçalves não saíra. Esperou mais meia hora, nada.

Quis entrar outra vez, abraçá-lo, interrogá-lo... Não teve forças; enfiou pela rua fora, desesperado. Chegou à casa de João Bastos, e não viu Camila; tinha-se recolhido, consupada. Queria justamente contar-lhe tudo, e aqui é preciso explicar que ele ainda não se havia declarado à prima. Os olhares da moça não fugiam dos seus; era tudo, e podia não passar de faceitice. Mas o lance não podia ser melhor para clarear a situação. Contando o que se passara com o amigo, tinha o ensejo de lhe fazer saber que a amava e ia pedi-la ao pai. Era uma consolação no meio daquela agonia, o acaso negou-lha, e Quintanilha saiu da casa, pior do que entrara. Recolheu-se à sua.

Não dormiu antes das 2h da manhã, e não foi para repouso, senão para agitação maior e nova. Sonhou que ia a atravessar uma ponte velha e longa, entre duas montanhas, e a meio caminho viu surdir de baixo um vulto e fincar os pés defronte dele. Era Gonçalves. "Infame, disse este com os olhos acesos, por que me vens tirar a noiva de meu coração, a mulher que eu amo e é minha? Toma, toma logo o meu coração, é mais completo." E com um gesto rápido abriu o peito, arrancou o coração e meteu-lho na boca. Quintanilha tentou pegar da víscera amiga e repô-la no peito de Gonçalves; foi impossível. Os queixos acabaram por fechá-la. Quis cuspi-la, e foi pior; os dentes cravaram-se no coração. Quis falar, mas vá alguém falar com a boca cheia daquela maneira. Afinal o amigo ergueu os braços e estendeu-lhe as mãos com o gesto de maldição que ele vira nos melodramas, em dias de rapaz; logo depois, brotaram-lhe dos olhos duas imensas lágrimas, que encheram o vale de água, aitou-se abaixo e desapareceu. Quintanilha acordou sufocado.

A ilusão do pesadelo era tal que ele ainda levou as mãos à boca, para arrancar de lá o coração do amigo. Achou a língua somente, esfregou os olhos e sentou-se. Onde estava? Que era? E a ponte? E o Gonçalves? Voltou a si de todo, compreendeu e novamente se deitou, para outra insônia, menor que a primeira, é certo; veio a dormir às 4h.

De dia, lembrando toda a véspera, realidade e sonho, chegou à conclusão de que o amigo Gonçalves era seu rival, amava a prima dele, era talvez amado por ela... Sim, sim, podia ser. Quintanilha passou duas horas cruéis. Afinal pegou em si e foi ao escritório de Gonçalves, para saber tudo de uma vez; e, se fosse verdade, sim, se fosse verdade...

Gonçalves redigia umas razões de embargo. Interrompeu-as para fitá-lo um instante, erguer-se, abrir o armário de ferro, onde guardava os papéis graves, tirar de lá o testamento de Quintanilha, e entregá-lo ao testador.

— Que é isto?

— Você vai mudar de estado, respondeu Gonçalves, sentando-se à mesa.

Quintanilha sentiu-lhe lágrimas na voz; assim lhe pareceu, ao menos. Pediu-lhe que guardasse o testamento; era o seu depositário natural. Instou muito; só lhe respondia o som áspero da pena correndo no papel. Não corria bem a pena, a letra era tremida, as emendas mais numerosas que de costume, provavelmente as datas erradas. A consulta dos livros era feita com tal melancolia que entristecia o outro. Às vezes, parava tudo, pena e consulta, para só ficar o olhar fito “em ontem”.

— Entendo, disse Quintanilha subitamente; ela será tua.

— Ela, quem? quis perguntar Gonçalves, mas já o amigo voava, escaida abaixo, como uma flecha, e ele continuou as suas razões de embargo.

Não se adivinha todo o resto; basta saber o final. Nem se adivinha nem se creê; mas a alma humana é capaz de esforços grandes, no bem como no mal. Quintanilha fez outro testamento, legando tudo à prima, com a condição de desposar o amigo. Camila não aceitou o testamento, mas ficou tão contente, quando o primo lhe falou das lágrimas de Gonçalves, que aceitou Gonçalves e as lágrimas. Então Quintanilha não achou melhor remédio que fazer terceiro testamento legando tudo ao amigo.

O final da história foi dito em latim. Quintanilha serviu de testemunha ao noivo, e de padrinho aos dous primeiros filhos. Um dia em que, levando doces para os afilhados, atravessava a praça Quinze de Novembro, recebeu uma bala revoltosa (1893) que o matou quase instantaneamente. Está enterrado no cemitério de São João Batista; a sepultura é simples, a pedra tem um epitáfio que termina com esta pia frase: “Orai por ele!” É também o fecho da minha história. Orestes vive ainda, sem os remorsos do modelo grego. Pílades é agora o personagem mudo de Sófocles. Orai por ele!



O terraço era admirável. A casa toda parecia mesmo ali pousada à beira dos horizontes sem fim como para admirá-los, e a luz dos pavimentos térreos, a iluminação dos salões de cima contrastava violenta com o macio esmaecer da tarde. Estávamos no Smart-Club, estávamos no terraço do Smart-Club, esse maravilhoso terraço de vila do Estoril, dominando um lindo sítio da praia do Russel — as avenidas largas, o mar, a linha ardente do cais e o céu que tinha luminosidades polidas de faiança persa. Eram 7h. Com o ardente verão ninguém tinha vontade de jantar. Tomava-se um aperitivo qualquer, embebendo os olhos na beleza confusa das cores do ocaso e no banho viríde de todo aquele verde em derredor. As salas lá em cima estavam vazias; a grande mesa de bacará onde algumas pequenas e alguns pequenos derretiam notas do banco — a descansar. O soalho envermezado brilhava. Os divãs mador-

ravam em fila encostados às paredes — os divãs que nesses clubes não têm muito trabalho. Os criados, vindos todos de Buenos Aires e de São Paulo, criados italianos, marca registrada como a melhor em Londres, no Cairo e em Nova-Iorque, empertigavam-se. E a viração era tão macia, um cheiro de salugem polvilhava a atmosfera tão levemente, que a vontade era ficar ali muito tempo, sem fazer nada.

Mas a noite já estendia o seu negro brocado picado de estrelas e no *plain-air* do terraço começavam a chegar os *smart-diners*. Que curioso aspecto! Havia franceses condecorados, de gestos vulgares, ingleses de smoking e parasita à lapela, americanos de casaca e também de brim branco com sapatos de jogar o *foot-ball* e o *lawn-tenis*, os elegantes cariocas com risos artificiais, risos postiços, gestos a contragosto do corpo, todos bonecos vítimas da diversão *chantecler*, os *noceurs* habituais, e os *nichés* ricos ou jogadores, cuja primeira refeição deve ser o jantar, e que pareciam de olheiras, a voz pastosa, pensando no *bac chemin de fer*, no 9 de cara e nos pedidos do último *béguin*. O prédio, mais uma vila da bacia do Mediterrâneo, ardia na noite serena, parecia a mirragem dos astros do alto as toalhas brancas, os cristais, os baldes de cristofo tinham reflexos. Por sobre as mesas corria como uma farândula fantástica de pequenas velas com *capuchons* coloridos, e vinha de cima uma valsa lânguida, uma dessas valsas de lento inebriar, que adejam vãos de mariposa e têm fermatas que parecem espasmos. No meio daquela roda de homens, que se cumprimentavam rápidos, dizendo apenas as últimas sílabas das palavras — *B'jour*, *Plô...* deus! *goo*, iam chegando as cocotes, as modernas Aspásias da insignificância. Algumas vinham a arrastar vestidos de cinco mil francos; outras tinham atitudes simplis-

tas dos primitivos italianos. Havia na sombra do terraço, um desfile de figuras que lembravam Rossetti e Hellen, Mirande e Hermann-Paul, Capielo e Sem, Julião e também Abel Faivre, porque havia cocotes gordas, muito gordas e pintadas, ajazadas de jóias, suando e praguejando. Falavam todas línguas estrangeiras — o espanhol, o francês, o italiano, até o alemão com o predomínio do *parigor*, do *argot*, da *langue verte*. Só se falava mesmo o calão de bulevar. Fora, à entrada, paravam as lanternas carbunculantes dos autos, havia fonfons roucos, arrancos bruscos de máquinas HP 60. Aquele ambiente de internacionalismo à parisiense cheio de rumor de risos, de gluglus de garrafas, de piadas, era uma excitação para a gente chique. O barão André de Belfort, elegantíssimo na sua casaca impeçável convidara-me para um jantar a dois em que se conversasse de arte antiga — porque ele tinha estudos pessoais sobre a noção da linha reta na Grécia de Péricles. Evidentemente, antes de terminar o jantar teríamos a mesa guarnecida por algumas daquelas escapas de Tanagra ou qualquer dos gordos monstros circulantes...

De súbito, porém, na alegria do terraço ouvi por trás de mim, uma voz de mulher dizer:

— Pois então não sabes que a Elsa morreu hoje de madrugada? Não me voltei. A mulher conversava noutra mesa. Mas senti um pismo assustado. Elsa! Seria a Elsa d'Aragon, uma carnção maravilhososa de 18 anos, lançada havia apenas um mês por um *manager* de *music-hall*, cuja especialidade sexual era desvirginar meninas púberes? Seria ela com seus olhos verdes, a pele veludosa de rosa-chá e aquela esplêndida cabeleira negra de azeviche? E morrer em plena apoteose, cheia de jóias e de apaixonados? Indaguei do meu conviva:

— Morreu a Elsa d'Aragon?

O barão Belfort encomendava enfim o cardápio. Acabou tranquilamente a grave operação, descansou o monóculo em cima da mesa.

— Exatamente. Parece que a apreciavas? Pobre rapariga! Foi com efeito ela. Morreu esta madrugada.

— De repente?

— Com certeza. Devia ter sido uma linda morte. Beleza horrível.

Não se fala noutra coisa hoje nas pensões de artistas, em todos os conventillos elegantes patronados pelas velhas cocotes ricas, nas rodas de jogadores. A Elsa era muito *nature*, com a fobia do artifício, mas soube morrer furiosamente.

— Como foi?

Neste momento chegara a "bisque" e o balde com a *Moet, bruce imperiale*, que o velho *dandy* bebe sempre desde o começo do jantar.

O barão atacou a "bisque" e deu não sei que ordem ao *maitre-d'hôtel*, e murmurou:

— É uma história interessante. Você de certo ainda não quis fazer a psicologia da mulher alegre atirando-se a todos os excessos por enervamento de não ter o que fazer? Quase todas essas criaturas, altamente cotadas ou apenas de calçada, são, como direi? as excedidas das preocupações. Estão sempre enervadas, paroxismadas. O meio é atrocemente artificial, a gargalhada, a champanha, a pintura encobrem uma lamentável pobreza de sentimentos e de sensações. Ao demais, a vida tem um regulamentamento geral de excessos, e elas fatalmente pela lei, têm de fazer pagar caro e arruinar os idiotas, têm de amar um rapazola miserável, que lhes coma a chelpa e as batas, têm que embriagar-se e discutir os homens, os

negócios das outras, tudo mais ou menos exorbitando. Uma paixão de cocote é sempre caricatural, é sempre para além do natural, do verdadeiro, e a sua pobre vida, tenha ela centenas de contos de réis ou viva sem um real pelas bodegas reles, é sempre uma hipótese falsificada da vida, uma espécie de forde num copo d'água, à luz elétrica. Todas amam de modo excepcional, jogam excessivamente, embriagam-se em vez de beber, põem dinheiro pela janela afora em vez de gastar, quando choram, não choram, uivam, cascateiam lágrimas. Se têm filhos, quando os vão ver fazem tais excessos que deixam de ser mães, mesmo porque não o são. Duas horas depois os pequenos estão esquecidos. Se amam, praticam tais loucuras que deixam de ser amantes, mesmo porque não o são. Elas têm várias paixões na vida. Cinco anos de profissão acabam com a alma das galantes criaturinhas. Não há mais nada de verdadeiro. Uma interessante pequena pode se resumir: nome falso, críspação de nervos igual à exploração dos gigolôs e das proprietárias mais dinheiro apanhado e beijos dados. São fantoches da loucura movidos por quatro cordelins de miséria humana.

— A Elsa, então?

A Elsa foi atirada subitamente numa pensão do Carete. Sabes o que é a vida em casas de tal espécie. Elas acordam para o almoço, em que aparecem vários homens ricos. O almoço é muito em conta, os vinhos são caríssimos. A obrigação é fazer vir vinhos. Desde manhã elas bebem champanha e licores complicados. Nesses almoços discute-se a generosidade, a tolice, ou a voracidade dos machos. À tarde é dada a um ou dois. Às 5h, toalete e o passeio obrigatório. À noite, o jantar em que é preciso fazer muito barulho, dançar entre cada serviço ou mesmo du-

rante, dizer tolices. Depois o passeio aos *music-halls*, com os quais têm contrato as proprietárias, e a obrigação de ir a um certo clube e aquecer o jogo. Cada uma delas tem o seu cachê por esse serviço e são multadas quando vão a outro — que, como é de prever, paga a multa. O resto é ainda o homem até dormir. Nesse fantochismo lantejoulado há vários gêneros: o doidivana, o sério, o reservado, o *nature*, o romântico, e para encher o vazio, os vícios bizarros surgem. Elas, ou tomam ópio, ou cheiram éter, ou se picam com morfina, e ainda assim, nos paraísos artificiais são muito mais para rir, coitadas! mais malucas nos manicômios obrigatórios da luxúria. A Elsa era do gênero *nature*. Ancas largas, pele sensível, animal sem vícios. Tentou os petímetros, os banqueiros faticados, os rapazes calvos e, com oito dias estava com os nervos esgarçados, estava excedida. Mesmo porque, desde a primeira hora olhava-a com o seu olhar de morta a Elisa, a interessante Elisa.

— Ah!

— Elisa é um tipo talvez normal nesse ambiente. Tem os cabelos cortados, usa eternamente um gorro de lontra. Nunca a vi com uma jóia e sem o seu *tailleur* cor de castanha. É feia, não deve agradecer aos homens, mas presta-se a todos os pequenos serviços dessas damas. Escreve cartas, arranja entrevistas, tem conhecimentos, e dizem-na com todos os vícios, desde o abuso do éter até o unissexualismo. Ora, a Elisa com os seus dois olhos mortos e velados que olhava Elsa, a Elisa sentia uma extraordinária repugnância, um nojo em que havia medo ao mais simples contato. Elisa sorria, a Elisa que está sempre nesses lugares, sem colete com o seu corpo de andrógono morto. E era em toda parte aquele mesmo olhar acompanhando Elsa, pregando-se a todos os seus

gestos, lambendo cada atitude da criatura. Uma noite, as duas Lacroix Ducerny, as que vestem sempre iguais e fazem fortuna em comum, asseguraram-me que a Elisa já não servia para nada, perdida, louca de paixão; e, com grande pasmo meu ao entrar num clube ultra-infâmico, eu vi a Elisa com um conhecido banqueiro e, muito naturalmente, a Elisa ao lado. Era a aproximação...

— Safa.

— Meu caro, nada de repugnâncias. Prove este faisão. Está magnífico. Ora, ontem, no casino, como a pobre Elsa estava totalmente fora dos nervos e com um vestido verdadeiramente admirável, tive o prazer em ir apertar-lhe a mão. — “Então, como vai com esta vida?” — “Como vê, muito bem.” — “Mas está nervosa.” — “Há de ser de falta de hábito. Acabo por acostumar-me.” — “Com um tão belo físico...” — “Não seja mau, deixe os cumprimentos.” E de súbito: — “Diga-me, barão, não há um meio da gente se ver livre disto? Não posso, não tenho mais liberdade, já não sou eu. Hoje, por exemplo, tinha uma imensa vontade de chorar.” — “Chore, é uma questão de nervos. Ficaré de certo aliviada.” — “Mas não é isso, não é isso, homem!” — “Se a menina continua a gritar, participo-lhe que vou embora.” — “Não, meu amigo, perdoe. É que eu estou tão nervosa, tanto, tanto... Querida que me desse um conselho.” — “Para quê?” — “Para aliviar-me.” — “É difícil. Você sofre de um mal comum, a surmenage do artifício. Eu podia dizer-lhe: recorra-lha-se a um convento. Mas pareceria brincadeira e talvez viesse a morrer mística, a conversar com os anjos, como Swdenborg. Conheci algumas que acabaram assim. Podia também, se fosse um idiora, aconselhar a vida honesta. Mas isso seria impossível porque o pesar de ter saído

desta em que o desperdício é a norma, as saudades e a lembrança deixá-la iam amargurada. Depois não tem recursos e teria sempre que pôr em circulação o seu lindo capital." — "Barão, por quem é, fale-me sinceramente." — "Então, minha filha, aconselho uma paixão ou um excesso, um belo rapaz ou uma extravagância." — "Nesta roda não há belos rapazes." — "De acordo, há quando muito velhos recém-nascidos. Mas é recorrer à multidão, passar uma noite percorrendo os bairros pobres, experimentar. Ou então, minha cara, um grande excesso: champanha, éter ou morfina..." Voltei-me para a sala. Num camarote frente a Elisa olhava com os seus dois olhos de morta. "E se não a repugna muito uma grande mestra dos paraísos artificiais, a Elisa." — "Não fale alto, que ela percebe." — "Então, já a sabia lá?" — "Corria ontem do meu quarto. É um demônio." — "Mas você precisa de um demônio." — "O que ela faz..." — "Já sei, toda gente faz. Mas naturalmente ela é excepcional." — "Barão, vá embora." — "Adeus, minha querida." Quando dei a volta para falar a Elisa, já esta deixara vazio o camarote.

— E então como morreu a linda criatura?

— Aceitando o meu conselho. A sua morte pertence ao mistério do quarto, mas devia ser horrível. Ela partiu do *music-hall* diretamente para casa, pretextando ao banqueiro que lhe ia pôr um pequeno palácio, a forte dor de cabeça — a clássica *migraine* das cocotes enfiadas ou excedidas. E apareceu na ceia da pensão como uma louca, a mandar abrir champanha por conta própria... Quando por volta de uma hora apareceu a figura de larva da Elisa, deu um pulo da cadeira, agarrou-lhe o pulso: "Vem; hoje tu és minha!" Houve uma grande gargalhada. Essas damas e esses cavalheiros tinham uma grande complacência com a Elisa, e aquela

vitória excitava-os. Elisa molmente sentou-se ao lado de Elsa, que bebia mais champanha, sentia afrontações e torcia os dedos da apaixonada por baixo da mesa. Era o desespero. Mimi Gonzaga assegurou-me que ela recebera uma carta da mãe logo pela manhã. No fim, Elsa pálida e ardente, dizia: "*Viens, mon chéri, que je te baise!*" e mordida raiosamente o pescoco da Elisa. Via-se a repugnância, a raiva com que ela fazia a cena de Lesbos — pobre rapariga sem inversões e esteticismos à Safo... A ceia acabou em espetáculo, e acabaria com todos os espectadores, se algumas mulheres com cúmes dos seus senhores — ah! como elas são idiotas! — não os tivessem levado. Elsa às 2h30min fez erguer-se a Elisa, calada e misteriosamente fria. "Vão tomar morfina?" — interrogou um dos assistentes. "Cuidado, hem?" Elsa deu de ombros, sorriu e saiu arrastando a outra. E a desapareição foi teatral ainda. Os olhos verdes de Elsa, histridos, a sua cabelreira denastrada agarrando com um desespero de bacante a pastosidade oleosa e aloirada da miserável que a queria.

— Que horror!

A coitadinha aturda-se. É o processo habitual. Para mostrar a sua livre vontade caía na extravagância, agarrava o tipo que a repugnava, para mergulhar inteiramente no horror. Estive quase a acreditar que tivesse recebido alguma lembrança dos parentes, e imaginei um instante a cena sinistramente atroz do quarto em que enfim, como uma larva diabólica, o polvo louro da roda iria arrancar um pouco de vida àquela linda criatura ardente, ainda com uns restos de alma de mulher... Nunca porém pensei no fim súbito.

Pelas 5h da manhã a pensão acordava a uns gemidos roucos, que vinham do quarto de Elsa. Eram bem gritos estertorados de socorro. As

mulheres desceram em fraldas, os criados ergueram-se com o sorriso cínico habituados àquelas madrugadas agitadas de ataques e de delírios histéricos. A porta do quarto estava fechada. Bateram, bateram muito, enquanto lá dentro o som rouco rouquejava. Foi preciso arrombar a porta. E a cena fez recuar no primeiro momento a tropa do alcouce. Como luz havia apenas a lamparina numa redoma rosa. O quarto, cheio de sombras, mostrava, em cama. Os braços pendiam como dois tentáculos cortados. Elsa. Um frasco de éter aberto, empestava o ambiente. A Elisa, o corpo de Elisa estava de joelhos à beira da cama. Os braços pendiam como dois tentáculos cortados. Inteiramente nua, o corpo di-vino lívido, os cabelos negros amarrados ao alto como um casco de ébano. Elsa d' Aragon, as pernas em compasso, a face contraída, ainda sentada, agarrava com as duas mãos numa crispção atroz, a cabeça de Elisa. Era Elisa quem rouquejava. Elsa estava bem morta, o corpo já frio. Devia ter havido luta, resistência de Elsa, triunfo da mulher loura e por fim sem fim até a morte, enquanto a outra se estorcia, apertava-a, arrancava-lhe os cabelos, machucava-lhe o rosto — aquele horror. Elsa entrara no nada debatendo-se, vítima de um suplício diabólico, mas no último espasmo as suas mãos agarraram a assassina. Quando esta finalmente quis erguer-se, sentiu-se presa pelos cabelos, tentou lutar, viu que a pobre era cadáver. E passou-se então para o monstro o momento de indizível terror, o momento em que se vê para sempre o mundo perdido porque ficou imóvel rouquejando, de joelhos, a cabeça no regaço do cadáver, que mantinha nas mãos a massa dos seus cabelos de ouro. Os dedos, de resto, pareciam de aço. Uma das mulheres recorreu à tesoura para despegar a cabeça de Elisa das mãos do cadáver. Quando o

corpo tombou no leito com o punhado da cabeleira nas mãos, o bando estremunhado viu surgir a face de Elisa, tão descomposta, tão velha que parecia outra, como que aparvalhada.

Houve um silêncio. O criado serviu frutas geladas, esplêndidas péras da Espanha e uvas das regiões da Borgonha, grandes uvas negras. O barão trincou uma péra.

— Foi uma complicação para afastar a polícia e impedir notícias nos jornais que demoralizariam a casa. Elisa seguiu horas depois para o hospício, babando e estertorando. A Elsa devia ter sido enterrada hoje à tarde. Estive lá a ver o cadáver. Tinha ainda nas mãos cerradas fios de cabelos louros, como se quisesse levar para o túmulo a prova desesperada da sua morte horrível.

E mordeu com apetite a péra. No salão de cima uma valsa lenta, chorada pelos violinos, enlanguecia o ar. Das mesas do terrajo entre a iluminação bizantina das velas de *capucions* coloridos subia o zumbido alegre feito de riso e de gorjeios de todas aquelas mulheres que o jantar alegrava.

Anibal Machado
O INICIADO DO VENTO

Para João Cabral de Melo Neto



Quem poderá dizer que amanhã mesmo aquele passageiro não esteja na manchete principal dos jornais como herói dos acontecimentos que o levam agora à cidadezinha de... no alto da serra.

A locomotiva ofegava entre margens de bananeiras.

O passageiro abandonou o jornal, deixou cair as folhas. Lera os crimes de outros, passaria em breve a ler o seu... crime. Baixou os olhos: na folha esvoaçante, as fotografias de um punhuista e de um cáfeten expulso. Amanhã seria a sua fotografia... Lançada que fosse a notícia aos quatro ventos, não adiantava mais restabelecer a verdade, gritar sua inocência.

A que ficará reduzido depois da provação da publicidade, depois do temporal?

No momento — pior que a revolta contra a injustiça — era o sentimento de pudor ferido, de invasão do seu silêncio.

Olhou pela janela: ainda faltavam duas estações. Mais inquieto agora, quase chorando, disse adeus ao futuro... a certa imagem do seu futuro que insistia nos sonhos da mocidade.

Estava escuro. Pelo vento que viera ao encontro do comboio e o envolvia num turbilhão, pressentia-se próxima a cidade. O viajante não reconhecia nesse vento o mesmo que soprava naquelas altitudes quando, concluída a ponte, buscara a estância de repouso levando ainda nos ouvidos o barulho do concreto a despejar-se nos caixões, e o rumor suave da correnteza na aresta dos pilares.

Fora um trabalho arrasador; meses e meses ao sol, com os operários; e é noite, dentro da barraca, os cálculos no papel, a conversa com os trabalhadores; depois, os cigarros, a insônia, e a leitura até alta madrugada, — vício a que não sabia resistir.

Afinal, a obra fora inaugurada dentro do prazo. E era uma bela ponte, ele próprio o reconhecia. Gente e mercadorias já deviam estar transiando entre as duas margens. Antes assim. Um pensamento amargo tirava-lhe porém o gosto dessa evocação: ia desembarcar não mais na capital do vento, senão numa cidade irreconhecível, cabeça de comarca e sede da administração da Justiça. Perante esta fora intimado a comparecer para ser interrogado. O processo correrá até então à sua revelia.

Seria mesmo crime o que praticara? Os homens inventam leis, mo-dificam à vontade os códigos. Como saber o momento preciso em que os nossos atos passam da inocência ao crime, se a gente não distingue bem a linha divisória.

— Serei mesmo um criminoso?

A imagem do desaparecido sorria-lhe de longe, como que res-pondendo.

Mal se ouvira o apito do trem, a multidão que se deixara ficar até tarde da noite na praça, encaminhou-se para a estação, enquanto o alto-falante anunciava: "Aproxima-se com o atraso habitual o trem que vem conduzindo a esta cidade o engenheiro José Roberto, o qual será interrogado amanhã pelo crime de que é acusado. O merecidíssimo juiz da comarca recomenda a todos que se mantenham calmos, respeitando a pessoa do acusado e aguardando a decisão serena da Justiça."

Embora sede de comarca, era tão pequena a cidade que um grito ou gargalhada mais forte a atravessavam de ponta a ponta. Assim, não seria exagero supor que toda a população se achava reunida ali, àquela hora.

Ao aviso do microfone, as mães apanharam as crianças adormecidas na grama do jardim, e se aproximaram da estação. No cinema, o público, trocando o final de um filme sonolento pela chegada do engenheiro, abandonou a sala de projeção e se dirigiu para a sacada do prédio. Dali apreciaria melhor a passagem do acusado.

Os coqueiros da praça ainda se mantinham imóveis. Mesmo que começasse a ventar, não era razão para que as famílias se recolhessem, insensíveis que eram, de tão habituadas, àquele vento famoso.

A pequena locomotiva foi entrando mais devagar, como convinha, batendo demais o seu sino. Era uma máquina antiga, e meio cômica quando apitava com estridência desproporcionada ao seu tamanho.

A autoridade policial e o agente da estação abriram caminho, pedindo a todos que se afastassem. Cada qual queria ser o primeiro a ver a cara do engenheiro. Este, calmo e alto, surgiu na plataforma do vagão.

Não sabia que viajara com algum personagem importante; mas logo, pela convergência geral dos olhares em sua pessoa, compreendeu tudo. E empalideceu. Alguém teria dado o aviso de sua chegada.

Houve o silêncio de alguns instantes para a "tomada" de sua figura; em seguida, rompeu um murmúrio indistinto mas hostil, cortado pelas sílabas tónicas de alguns palavrões conhecidos, se não de palavrões sussurrados por inteiro.

— Para o hotel Bela Vista? interrogou o delegado.

— Sim, respondeu o acusado numa voz firme que reconheceu não ser a sua.

Ao passar pela ala das moças, uma delas não se conteve: — Ah, ele é bonito! exclamou. E depressa, arrependida, tapou a boca com a mão.

Alguns o tinham visto, meses atrás, sem lhe guardarem bem a fisionomia. Era então, como tantos outros, um veranista de passagem. Agora, não. Vinha com a auréola do crime, ligado àquela terra por um processo judiciário, por um escândalo.

Os moleques tinham combinado uma vaia com busca-pés que o perseguissem durante o trajeto até o hotel. Maltrapilhos e abandonados, brigavam sempre entre si, mas o fato de ter sido um deles a vítima, unia-os agora no ódio comum ao engenheiro. Disso tirou partido o próprio escrivão do crime com uma parcialidade que a população aplaudia, e que o juiz da comarca, severo, mas sempre alto e distante no desempenho de suas funções, ignorava.

De tal juiz se dizia que era bom demais para aquele burgo. Seu vulto, seu saber e dignidade moral, suas nobres maneiras estavam a in-

dicar-lhe o aproveitamento nalgum tribunal superior, a que presidisse com beca romana e frases latinas. Nunca porém o quiseram elevar àquelas cumeadas. Sempre elogios, jamais a promoção. A política negava justiça a quem melhor a distribuía. Era voz geral que, desgostoso, pedira contagem de tempo para aposentadoria.

Mediante manobras mesquinhas que escapavam aos olhos do juiz sempre voltados para o mais alto e o mais longe, o seu esperto escrivão conseguira prestígio e se fazia temido na cidade. Conduzia os processos, influiu nas testemunhas. A vida e a liberdade de muita gente estavam em suas mãos — sobretudo agora, com um promotor sentimental, sempre no sítio do fazendeiro, por cuja filha se apaixonara.

Por artes do escrivão, fora desrespeitada a recomendação de se preservar a pessoa do réu.

O engenheiro vai subindo a ladeira entre busca-pés que lhe passam raspando pelas pernas.

O hotel apresentava-se iluminado, todas as vidraças abertas. Parte da população, apenas curiosa, seguia o hóspede a certa distância. As famílias retiraram-se, enquanto as janelas começavam a se fechar para a ventania que não tardava.

Queimados os últimos busca-pés, os moleques transformaram o resto da noite em passateia carnavalesca, esquecidos do colega morto e de seu indigitado assassino. A este reservara a hoteleira o mesmo quarto onde o hospedara a primeira vez, dando vista para o cemitério e para a colina fatal onde a vítima desaparecera para sempre.

Já o vento corria forte. Mas o engenheiro evitava qualquer pensamento ou evocação que não se prendesse à sua defesa.

A maneira como o receberam era um aviso. Agora que se fechara no quarto, sentia o quanto lhe perigava a liberdade. Sentado numa poltrona roída, perplexo diante do absurdo, fumava sem parar e pensava no que devia fazer. Às vezes, uma onda maior de revolta cobria o seu caso pessoal, ia alcançar os fundamentos da sociedade e da condição humana em geral, o que lhe produzia certa embriaguez momentânea em que se reconhecia profeta e vociferador. Chegava a achar-se cômico nessa vertigem, mas não queria nem podia perder-se em divagações: o caso concreto estava ali, como a ponta de um punhal aproximando-se de seu coração. Amanhã mesmo se acharia perante a Justiça, com seus olhos vendados, de sua cara falsa e fria.

Enquanto fazia essas amargas reflexões, o vento não cessava um minuto de empurrar as venezianas, como que forçando a entrada. Pelo que dele escapava nas frestas — lâminas frias, finas — podia o engenheiro imaginar-lhe o ímpeto veloz e a noturna impaciência.

Uma pancada suave na porta, e aparece a dona do hotel. Pousa no hóspede os olhos calmos e negros. A corrente de ar do corredor, entrando pelo quarto, agita ao mesmo tempo os cabelos da mulher e o cortinado das janelas. Vem com a bandeja. Traz chá e frutas.

— O senhor deve estar lembrado de mim.

— Sim, como não?

— Vinte e tantos dias o senhor foi meu hospede, não é verdade?
Colocou a bandeja na mesa. O engenheiro permanecia silencioso.

A mulher dá um jeito ao travesseiro, passa o pano pelo aparador.

— É bom ir tomando antes que esfrie.

Reclina o corpo para firmar o trinco de uma veneziana, o que faz com propositada lentidão.

— Foi pena ter acontecido aquilo...

A hoteleira não leva a mal o mutismo do hóspede. Estava triste e preocupado, era natural. Relanceou o aposento. Não encontrou mais nenhum pretexto que a fizesse demorar ali por mais tempo. Ao sair, lembrou-se de dizer:

— Há um advogado lá embaixo, na sala, querendo falar-lhe.

A estas palavras, o engenheiro acordou de sua cisma:

— Hein?... Faça-o subir, tenha a bondade.

— Tome o chá antes. O senhor deve estar fatigado. Se precisar de mim é só apertar o botão.

Disse e retirou-se, deixando atrás, a relembra-la, um perfume insinuativo.

O advogado entrou ofegante. A porta bateu-lhe atrás com estrondo. Vinha oferecer os seus serviços profissionais. Ali, naquela terra, tirante o juiz, "fique certo seu doutor, ninguém mais presta, nem eu mesmo!" disse com ênfase, batendo no peito. — Sou um homem acabado... Minha mulher fugiu, meu filho não dá notícias. Desde estudante, com a graça de Deus, fui sempre uma criatura...

Ouvia-se nesse momento um grito lá fora: — Morra o criminoso!

O causídico interrompeu o relato de sua vida para dizer:

— Está ouvindo?... Não se fala em outra coisa na rua. Acho imprudência o senhor sair hoje.

— A que horas o interrogatório? perguntou calmamente o engenheiro.

— Ah, pois não! Três da tarde, no edifício do Foro, segundo andar, sala de audiências.

Com a cara quase encostada à do engenheiro, foi-lhe segredando aos ouvidos, na sua linguagem profissional:

— O processo é um amontoado de infâmias e incongruências. A denúncia apóia-se em indícios fracos. E o cadáver que foi visto descendo o ribeirão nas divisas do município, dez dias depois, era de um jovem de cor branca, não podia ser do Zeca da Curva. Não se atemorize. Havemos de pulverizar as testemunhas.

Ao sentir-lhe o hálito de sarro de charuto e cerveja, o engenheiro recuou.

— Há testemunhas? perguntou.

— A principal o senhor conhece.

— Como?

— Trouxe-lhe o chá ainda há pouco. Acabou de sair deste quarto.

O engenheiro não deixou transparecer por palavras o seu pasmo; apenas pela expressão do olhar e um ligeiro tremor de ombros. Aproximando-se, o advogado relanceou a porta e disse baixinho:

— Ela é influenciada pelo escrivão que lhe salvou o hotel de uma falência. Dizem que é séria, não sei. Duvido... O que se murmura por aí, à boca pequena, é que ele tem uma paixão secreta por ela. Criatura má... Veja o que fez comigo: quase duas horas me deixou lá embaixo na sala, com esse frito! Esquisitíssimo! Não está ouvindo o piano? Pois é ela... Não há hóspede que agüente. Ficou assim desde que perdeu o marido... Mas vamos ao principal: meus honorários não são de assustar. Prefere negar o crime ou alegar alguma dirimente?

— Não houve crime! exclama o engenheiro.

— Sim, compreendo... — disse o bacharel com cínica reticência.

— Também era o que faltava se o senhor fosse confessar o crime... Mas comigo, em particular, o senhor poderá abrir-se. É segredo profissional, saberei guardá-lo. Perante o júri, sim, deve negar o fato. Dirá, por exemplo, que não conhecia o menino...

— Mas eu conheci o menino! Privei com ele durante vinte dias.

— E o lado sexual? pergunta o advogado.

— Que lado sexual?! exclama o engenheiro levantando-se com ímpeto.

— Está no processo. Se não me engano, no depoimento de madama...

— Que madama?

— A que trouxe o chá, e está tocando piano.

— Vamos chamá-la!

O advogado mexeu-se na cadeira, reacendeu o charuto. Com esse gesto, despedia-se do ar subserviente com que entrara. Entre bafoadas resurgiu o profissional desembaraçado e loquaz.

— Quer um conselho? Não o faça. O escrivão deve estar lá embaixo. Visita-a quase todas as noites. É um homem perigoso, simulador. Servil ou autoritário, conforme a conveniência. Deixemos para esclarecer tudo em juízo. Ao que consta, essa mulher tem paixão por outra pessoa.

— Não me interessa...

— Conforme. Se essa pessoa é o próprio denunciado, convém tomar o caso em consideração.

— Por mim?!...

— Sim. E talvez o senhor nem tenha percebido. Está-se vendo que é muito jovem, ainda não tem experiência. Se quiser passar agora a procuração...

— Não. Eu me defendo sozinho.

— Sozinho! exclamou o advogado. E ainda desse jeito, confessando tudo!... Ah, meu caro, não brinque com a Justiça... Está muito moço para suicidar-se.

Chegou à janela e olhando para a noite, começou a dizer: — Ninguém faz idéia do que seja a cadeia desta cidade! Ali não entra luz, a água mina das paredes. Venta noite e dia! Ali só os ratos e vermes são felizes!... Era uma advertência que o engenheiro achou declamatória e extemporânea. Pediu desculpas ao advogado, estava cansado, precisava dormir, amanhã lhe diria qualquer coisa.

— Mas defendá-se, meu jovem! Por mim ou por outro advogado, defendá-se, disse o bacharel despedindo-se com uma emoção que o hóspede não ficou sabendo se era sincera ou simulada.

Mergulhou o rosto no travesseiro. Estava quase a soluçar.

Lá fora o vento guaiava. Era agora um vento de tipo retórico e banal, o que corre em toda parte sem a menor afinidade com o outro, que era todo malícia, mocidade, fecundação. A discriminação gratuita entre as duas famílias de vento prendia-se no espírito do engenheiro às impressões deprimentes da chegada. Vestido como estava, dormiu.

Acordou antes da cidade. Abriu a janela. No lusco-fusco da madrugada, a cidadezinha era um amontoado triste de casas. Despertada dentro de algumas horas, ela começaria a desprender seus venenos, fãria andar seu aparelho de compressão.

Já decidira o engenheiro o que ia fazer: tudo confessar, nada esconder. Que sabia da lei? nada. Que sabia do fato? tudo!

Batem à porta, a hoteleira apresenta-se. Pálida, contrafeita, os olhos quebrados pela insônia.

— Desculpe-me. Vim eu mesma trazer o café. Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas. Quebram tudo, servem mal os hóspedes. O piano o incomodou?

— Não, minha senhora.

— Fiz o possível para tocar baixinho, fechei as portas. É a minha reza da noite. Não posso deitar-me sem tocar nem que seja um pouco. Já tenho perdido hóspedes por causa disso. Esta noite pensei muito no senhor.

O engenheiro não sabia como definir as intenções daquela mulher. Impressionado embora com as palavras do advogado, sentiu que era preciso resistir à doçura de maneiras com que ela procurava envolvê-lo. Manteve-se num silêncio cauteloso, cortado apenas por monossilabos de estrita deferência.

A mulher olhava para o retrato colocado sobre a mesa de cabeceira.

— É a sua noiva?

— É.

— Eu também já fui moça feito ela. Os anos correm tão depressa... Retirou da mesa a bandeja da véspera, colocou a nova, cheia de frutas, queijo, pão e café recendente:

— Convém alimentar-se bem. O senhor vai ter o que fazer. Não há de ser nada. Essa gente aqui é muito má. Felizmente nosso juiz... Já conhecia o advogado?

— Vi-o ontem, pela primeira vez.

— Não se entregue a ele, é o que lhe aconselho. Vive de combinação com o escrivo. Eu mesma...

A mulher empalideceu, hesitou, deixou sair uma lágrima em vez da confissão que parecia querer soltar. Abrandou-se o ânimo duro do engenheiro:

— A senhora ia dizer que...

— Nada... nada... — atalhou a mulher.

Retirou as rosas de uma jarra, atirou-as pela janela:

— Veja só, murcharam depressa... A audiência está marcada para as três horas, não é?

Apanhou o roupão azul, colocou-o no cabide: — Bonita cor, bom tecido.

Circunvagou a vista pelo aposento: — É engraçado, quando entro para arrumar o quarto na ausência do hóspede, eu sei logo se ele é velho ou moço, solteiro ou casado. Até o cheiro é diferente...

O engenheiro se mantinha mudo, na poltrona.

— Não se preocupe, Nossa Senhora há de lhe ajudar. É só não excitar o ânimo da população. O menino era muito estimado. Se precisar de alguma coisa, pode me chamar. A porta de meu quarto está sempre aberta...

Ante a expressão calada do engenheiro, um ar de ódio transfigurou o rosto da mulher:

— No meu depoimento, eu só contei o que sabia...

O homem encarou a mulher. Estaria diante de uma criatura diabólica? Ou de alguma incompreendida, disposta a queimar naquele hotel e lugarejo os anos maduros de sua vida, como se a renovação dos hóspedes

des lhe diminuísse a solidão e torrassse possível o encontro com alguém que de repente viesse mudar-lhe o destino?

— Não passa de uma megeral pensou.

Por um momento chegou a pressentir nela uma possível aliada. Mas logo reagiu contra esse sentimento, receando novas ciladas.

A cidade ia dentro em pouco receber o vento; o sintoma era aquela súbita imobilidade e anemia no céu. Já penetrava pelo quarto e fazia tudo vibrar. Era o mesmo que o engenheiro conhecera ali, meses atrás, quando em férias. Nada queria com ele, porém. Pelo menos por enquanto. Viera cuidar de sua defesa, de sua liberdade. Precisava ter a cabeça fria. Aquela invasão brusca e amistosa só vinha perturbá-lo. Veja-se o que acabou de fazer lá embaixo, justamente no edifício do foro, onde, dentro em pouco, ia proceder-se ao interrogatório: soprou tão forte que quebrou a vidraça lateral, ferindo com os estilhaços uma mulher e um ciclista.

— Mandaram dizer para o senhor comparecer às 3h, — veio informar um empregadinho que ficou a olhar para o hóspede.

Às 3h15min o acusado entrou no foro. Ali funcionavam várias repartições municipais. Havia menos gente que na véspera, à sua chegada. Passou por entre duas filas de curiosos. Relanceou a vista pela praça. Bastou um grito que veio de longe e que, ouvido pela segunda vez, lhe parecia um *slogan* de vingança "eh, doutorzinho! chegou tua hora!", para que tivesse a medida do ódio contra a sua pessoa.

Parou perplexo, como à espera de um guia. Suportou os olhares reunidos de quase toda a câmara municipal, do foro e da coletoria, que tudo funcionava no mesmo prédio. Era a condenação prévia.

O official de justiça indicou-lhe a escada, acompanhou-o até a sala de audiências. No trajeto entre o primeiro degrau de pedra do saguão e o fim da escada, já no segundo andar, foi-se-lhe definindo na alma, apertando-lhe o coração, um sentimento que até então não imaginava tão atroz: o de ser o renegado, o maldito.

Para ele todo aquele aparato.

O silêncio, as caras fechadas, a troca de olhares obliquos, as folhas de papel que mudavam de mesa, o realbastecimento dos tinteiros, a campainha, o Cristo de madeira, as idas e vindas do official de justiça e do advogado da véspera, os sussurros deste aos ouvidos do escrivão, e uma risadinha geral subentendida, quando não explícita, — tudo contra ele, tudo para sua desgraça. Ao entrar o juiz, o silêncio se fez maior.

Aquele vulto alto e cansado, algo volumoso dentro da roupa preta, trouxe-lhe certo alívio. Sem o querer, associou o trio juiz-promotor-escrivão, já sentados à mesa sobre o estrado, à imagem das bancas examinadoras mais exigentes do seu curso de engenharia.

Como fazer com que sua vontade tivesse mais poder do que a mentira armada com os aparelhos e o cerimonial da justiça? O que aconteceu e precisava contar era, de sua natureza, tão inverossímil que não seria compreendido pelo tribunal popular, caso o juiz o mandasse a júri.

Acabara de ouvir a leitura da denúncia. Homicidal... Será possível? E, além de homicida, pervertido sexual! Assim dizia a denúncia do promotor. Era como se o punhal estivesse perto, doendo-lhe já no corpo.

Sentiu necessidade imediata de dormir, escapar pelo sono. Mas reagiu. Tirou um cigarro, acendeu-o rapidamente; o escrivão observou que não era permitido ali.

A sala foi-se enchendo. Todos, menos o juiz, o fixavam com interesse.

O escrivão olhava espantado para a assistência. Achava exagerado o número de moças no recinto, fato inexplicável num simples interrogatório; e absurdo, irritante mesmo, o tom de piedade que transparecia dos olhos delas.

— Até agora não constituiu advogado, nem quis ver o processo! disse o escrivão aos ouvidos do promotor. Será liquidado. Ou então é louco!

O juiz ficara lendo num livro que não se sabia bem se era a Bíblia ou o *Código penal*. Quando finalmente levantou para o acusado os olhos congestionados e calmos, não era, a bem dizer, para enxergar nele a pessoa do engenheiro; era para o conhecimento de um caso a mais que ia apreciar como magistrado.

Com voz pausada, fez as perguntas de praxe. Ao declarar o réu a sua idade, uma exclamação ao fundo da sala: “É uma criança!”, suscitou um psiu! do escrivão que se voltara irritado para o lado das moças.

— Tem alguma declaração a fazer? perguntou o juiz.

O denunciado respondeu que sim. Ia contar tudo, sem mesmo saber se estava se acusando ou se defendendo. Não lera o processo. E dispensara o advogado. Não por desprezo ao profissional que o procurara na véspera; nem por desatenção à justiça. Mas porque “o que vou narrar a Vossa Senhoria, senhor juiz...”

— A Vossa Excelência, emendou o escrivão.

— ...O que vou narrar a Vossa Excelência, senhor juiz, não poderia constar no processo.

Aqui uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito. E quase toda a sala desapareceu. Do escritório sobrenadava a gravata vermelha, depois o rosto liso, os olhos claros.

A inibição do engenheiro foi demorada. E para a própria assistência, difícil de suportar. Perdido o impulso inicial que continha os germes de tudo o que ia dizer, parecia-lhe haver socobrado no momento mesmo de salvar-se. Sentiu num átimo a alma danada do homem que forçicara o processo, aquele tipo que agora o encara com sarcasmo.

Só voltou a si, quando a voz do juiz:

— Vamos! Pode continuar.

Sua consciência ia-se turvando outra vez, quando um novo “vamos!” do juiz o despertou.

Ao fazer menção de prosseguir, a sala experimentou certo alívio. Recomeçou a falar com uma calma que não sabia bem de onde vinha.

— Senhor juiz, o menino achava-se realmente comigo, no momento em que desapareceu.

Houve um frêmito geral. Só o rosto do juiz não acusava a menor alteração.

“...Mas que eu o tenha matado ou me prevailecido dele para torpezas, não é verdade, oh! não é verdade! You contar tudo tal como se deu, desde o momento infeliz em que desembarquei nesta cidade. Não sei se o que vou dizer significa a minha defesa ou a minha acusação, mas é a expressão do que aconteceu. E o que aconteceu, advogado nenhum saberá explicar. Talvez nem eu próprio. Eis a razão porque eu o dispensei, embora Vossa Senhoria... Vossa Excelência tivesse nomeado um para me assistir no processo. Poderá alguém acusar-me; defender-me,

impossível. Porque o fato se deu: o menino está desaparecido ou morto. Talvez eu tenha sido cúmplice involuntário de uma tragédia. Mas se há no caso algum criminoso não pode ser responsabilizado. Oh! impossível ser responsabilizado! Impossível, senhor juiz. Só contando...”

Houve uma pausa longa, alitva. Depois começou a falar, como alguém que se achasse sob estado de hipnose:

“Senhor juiz, sou engenheiro construtor de pontes. Procuvo viver de coisas positivas e, tanto quanto possível, explicáveis. Não cul-tivo a atração do abismo. E o absurdo me aborrece. Se de meus pais herdei certa tendência para o sonho, eles próprios me preveniam contra as ciladas da imaginação. Também não sou amador de fatos estranhos da vida, posto que sempre aconteçam. Já disse que sou engenheiro e construtor de pontes. Senhor juiz, há cerca de três meses desembarquei nesta cidade em busca de repouso. Estava esgotado, precisava refazer as forças. Desde criança, ouvira dizer que aqui ventava muito. E o nome deste lugar ficara-me na memória ligado à idéia do vento, como de outros lugares à idéia de crime ou de tranquilidade colonial.

“Durante a subida, não pensava em outra coisa. Tanto assim que ao desembarcar, ainda um pouco atordado, interpelei logo o primeiro sujeito que se aproximou: — Onde o vento?”

“Não precisa dizer que ele me deixou sem resposta; mas também não se espantou, habituado que devia estar aos modos dessa gente que chega pela primeira vez à montanha, ainda com os tíques e esquisitices da cidade.

“Olhei em redor. As árvores imóveis, a poeira no chão e, por cúmulo, abertas as vidraças. Então não há vento algum, pensei. Era lenda.

Ou talvez eu renha descido numa hora de calmaria. Podia não estar ventando no momento e ter ventado muito, antes.

“Procurei os vestígios. A iluminação escassa não me permitia um exame profundo. Pela disposição das frondes próximas e na pele dos raros transeuntes talvez eu pudesse descobrir sinais de sua fustigação constante. Não havia; ou, se havia, era de difícil reconhecimento. Notei, é verdade, as pedras raídas nos alicerces, e escoriações no reboco das paredes. Mas não era o suficiente. Foi quando dei com as palmeiras. Aquelas que estão em frente, na praça.”

Apontou para fora, todos olharam. Depois prosseguiu.

“Tudo então se esclareceu. Tinham então a copa entortada para o sueste; o tronco também. E cicatrizes de palmas arrancadas. Vento, portanto.

“Não me enganara. Era pois este lugar a capital do vento. Ou pelo menos, uma cidade ventada. Enchi-me de alegria, vendo confrimar-se minha expectativa. Até na figura do garoto que me esperava segurando as malas — um menino de cabelos lisos, olhos espantados, pele bronzeada, e uma mobilidade extrema na fisionomia — eu via um filho do vento. É possível, senhor juiz, que eu exagerasse, que visse vento em tudo. Trazia a imaginação livre e os nervos um pouco desgobernados pelo cansaço.

“— Você é daqui mesmo? perguntei.

“— Sou, sim senhor, respondeu o garoto.

“— Você é descendente de índio?

“— Minha avó...

“A estação já se tinha esvaziado.

“— Mas cadê o vento? perguntei.

“— Daqui a pouco ele começa. É pro Bela Vista que o senhor vai?

“— Sim.

“Subimos a ladeira. Apresssei os passos. Não desejava ser surpreendido pelo vento na rua. Não me sentia preparado.

“— Ele vem sempre?

“— Ah! todo dia...

“O pequeno carregador parecia arquejar, perguntei-lhe se queria largar a maleta no chão para uma pausa. Respondeu-me que não; estava habituado.

“Um casarão apareceu todo iluminado.

“— É ali o Bela Vista, disse o menino.

“— Você gosta de vento?

“— Gosto. Quando ele não vem eu fico aborrecido.

“Falava aos arrancos, a respiração difícil. Tinha o corpo inclinado, como contrapeso à mala maior.

“— Acho que o que eu gosto mesmo... é do vento...

“Já no hotel começavam a fechar-se as vidraças. Compreendi logo! o vento não tardaria.

“— O senhor também gosta?

“Respondi com um aceno.

“— Então se quiser, eu posso lhe arranjar um cavalo amanhã para o senhor apreciar lá de cima. O aluguel é barato.

“Combinei a condução com o menino.

“A associação de cavalo e vento me exaltara subitamente. Parecia resgatar em mim todos os males que a fadiga acumulara. Eu falo em cansaço, mas não era só isso. A imagem de cinco operários mortos reti-

rados do fundo da ensecadeira quando faltou a bomba-de-ar, também não me saía da lembrança. Como ia dizendo, combinei com o menino; ele traria cedo o animal.

“Entrei, mostaram-me o aposento que mal pude reparar como era. Adormeci, affito para que amanhecesse logo. Foi um sono espesso, profundo, interrompido às vezes pelo barulho de uma ventania que eu não sabia bem se era do sonho — pois ventava também dentro do meu sono — ou se era a que rodava lá fora. Cavalos e vento...”

O engenheiro, aqui, parou de repente o relato. Qualquer força estranha interferiria em seu espírito.

— Não sei, senhor juiz — continuou como que voltando a si de um estado sonambúlico — se estou contando coisas inúteis. Se posso dizer tudo, se o senhor quiser me ouvir até...

Se Vossa Excelência quer me ouvir — corrigiu o escrivão.

Gesto discreto do juiz fazendo sentir ao escrivão que aquilo não tinha importância.

— Não sei, senhor juiz, se o senhor quer ouvir-me até o fim.

— Sim, sim, continue — disse o magistrado.

— Onde mesmo que eu estava?

Toda a sala se preparava para escutar o resto da história.

— Eu estava... eu estava...

Ficou suspenso, tentando reatar o fio do relato.

— Com o cavalo e o vento... — soprou uma voz feminina junto do balaustre que separa as duas metades da sala.

— Ah! sim. No dia seguinte, cedo me levantei. Não era o engenheiro fatigado da véspera; era um homem despreocupado, à espera de

um menino com um cavalo. Eu ia descobrir os arredores, e já recebia as primeiras virações da manhã.

“À porta do hotel uma onda de bem-estar fazia de mim o homem mais feliz do mundo. A ponte voltou-me ao pensamento, mas sem a recordação das canserias e problemas da construção, e já na sua importância de coisa concluída, útil a toda uma região. A imagem da ponte completava a minha felicidade. Foi quando apareceu o menino.

— Vinha de longe, rindo, montado no cavalo, a puxar o outro que me era destinado. Aproximou-se, quis saber se tinha escutado o vento daquela noite. Eu disse que não. — Pois o senhor perdeu. Mas não foi dos melhores. O bom mesmo, o senhor vai ver hoje.

“Perguntei-lhe como se chamava. — Me chamam aqui de Zeca da Curva.

— Que nome!

“Passou a mão na crina do animal e explicou gaguejando:

— É porque nós sempre moramos lá em cima, na volta da estrada...”

“Dentro de alguns minutos, já fora da cidade, eu ia a pouco entrando na intimidade da paisagem. O garoto parecia contente de se ver promovido de carregador a cicrone de turista. Deu-me o nome das colinas principais, mostrou-me as corredeiras, o vale. Contou que uma vez tinha havido um incêndio horrroso na fábrica. A fumaça cobria tudo, até parecia noite, depois que veio o vento a cidade amanheceu de novo. Susteve o cavalo e ficou a olhar para o céu.

— Acho que ele já vem vindo.

— Ele quem?

“— O vento.

“— Como sabe que vem?”

“— No corpo, uai...”

“— Mas o ar está parado. Que é que você sente no corpo?”

“— Uma coisa...”

“Suas narinas farejam os longes. Alguns instantes depois, ele tinha a cabeleira em desalinho, e o meu chapéu fora atrado à distância. Não era ainda o vento forte que eu esperava. Parecia a vanguarda de outro, maior, que vinha avançando atrás. E à medida que eu aumentava de velocidade, ia mostrando uma qualidade diferente daqueles que correm em outros lugares. Parecia soprar da minha infância, trazendo o que havia de melhor e de mais antigo no espaço.

“Viramos os animais para recebê-lo de frente. Era como se cada um de nós estivesse na proa de um pequeno barco. Subitamente se animou a paisagem. Todas as árvores se manifestaram. Principalmente as bananeiras do vale e os bambuais da colina, que também são vistos daqui no espigão daquela serra.”

O denunciado apontava para a serra que se deixava ver através da vidraça.

Ante a maneira natural com que fazia a sua narrativa, a assistência foi perdendo a prevenção e começou a ouvi-lo com simpatia. Continuou:

“— Agriavam-se de tal maneira que o apito de um trem que par-tia no momento ficou abafado no barulho.

“— Não falei que vinha? gritou o garoto, orgulhoso do seu vento.

“E começamos a correr... O que era uma delícia!

“Cavalo e vento!...”

“Com o sol no zênite, voltei ao hotel. Já o vento tinha cessado. O menino me perguntou quando é que eu queria mais; disse-lhe que me procurasse depois. Deixou o meu cavalo pastando nas ervas da rua e desapareceu num galope.

“Entre na sala de refeições que era limpa e cheirava o chão encerado e pratos guardados. Os poucos hóspedes comiam em silêncio. Pareciam chocados com a minha entrada. Mandaram-me olhares furtivos, antes que os meus os rechacassem. Esses hóspedes tinham o ar tristonho e pareciam desejar que ninguém lhes perturbasse a paz. Eu também alimentava o mesmo desejo. A dona veio colocar em minha mesa uma jarra de flores silvestres, privilégio, segundo me disseram, dos hóspedes recém-chegados.

“Voltei ao quarto para a sesta. Meu primeiro contato com aquele vento deixou-me o coração preparado para uma aventura maior. Não se pode dizer, senhor juiz, que eu já estivesse dominado por ele, mas dormi com seu rumor nos ouvidos, por que não dizer na alma. Com o vento e também com a paisagem que ele transfigurara.

“Durante dias e dias foi a minha obsessão. Nem cheguei a retirar da mala os livros de leitura com que pretendia encher o tempo. Só o vento bastava. Toda vez que começava a soprar mais forte, Zeca da Curva aparecia. De tal maneira, que a figura maltrapilha do desaparecido se tornara para mim como uma promessa de vento.

“Entre mim e ele se estabeleceu curiosa camaradagem, na qual um expandia o seu espírito infantil e o outro, eu, o adulto em férias, procurava distração para as horas de ócio. Só que não podia esperar, senhor juiz, que dessa brincadeira inicial resultasse desfecho tão triste:

um homem perante a Justiça e uma criança desaparecida ou morta. O que começou como passatempo acabou com a desgraça.

“Preciso contar, senhor juiz, como se foi formando entre nós esse estado de espírito. Eram encontros e diálogos quase diários em face e dentro mesmo das correntes de ar que percorrem esta cidade, onde a vítima era tida como um vagabundo, fazedor de biscates. Talvez um solitário e, por certo, um incompreendido. Eu trocava pela sua intuição poética a minha experiência de adulto e meus vagos conhecimentos de meteorologia.

“A princípio cheguei a pensar que ele estivesse alimentando os meus caprichos, em busca de gorjetas ou de qualquer proteção de minha parte. Depois... depois é que vim a descobrir nele um verdadeiro iniciado do vento.

“Se de fato morreu, e espero em Deus que não, ninguém mais do que eu deplora essa morte. Éramos vistos sempre juntos, à hora da vintania. E pelo que vim a saber ontem, posso bem imaginar toda a sorte de suposições maliciosas que essa intimidade despertava nos habitantes da cidade, especialmente os hóspedes de meu hotel. A dona me perguntou que graça eu achava em tal companhia. Eu não podia responder em dois minutos o que vou tentar explicar ao senhor... a Vossa Excelência, sem saber se o conseguirei.

“Zeca da Curva e eu saíamos todos os dias para estudar o vento, segundo a direção, a hora, a velocidade, o cheiro e as diversas coisas que ele faz bulir. Quase sempre deixava que o menino falasse; quando emudecia, era eu que o provocava com noções teóricas ou invenções gratuitas.

“Logo na primeira vez, aproximando-se com seu cavalo, fez-me uma pergunta:

“— Onde é que ele começa, hein?”

“— Não sei, respondi.

“— Mãe disse que é Deus que faz soprar o vento no mundo.

“Respondi que também não sabia. O garoto ficou decepcionado; insistiu em que eu sabia, mas não queria dizer.

“— O senhor não reparou esta noite? Teve um vento danado... Corria de um lado para outro, empurrava tudo que era porta e janela. Acho que ele não sabia bem o que queria. Fiquei o tempo todo espianando pelo buraco da fechadura; a língua fininha dele entrava no meu olho. O senhor não sabe aquela bananeira que nós vimos lá em cima, perto da caixa d'água? pois parecia que estava pegando fogo. Acho que ela sofreu um bocadinho.”

O interrogado fez aqui uma pausa.

“— Estou me esforçando, senhor juiz, por conservar o jeito especial de o garoto falar, mas vejo que não é possível, peço o que havia de mais saboroso na sua linguagem.

“O segundo encontro foi na estrada do Cruzeiro. Alimentei a conversa:

“— Ontem eu vi quando ele se escondeu na gruta, disse-me o menino enquanto subíamos.

“— Com certeza pernoitou lá.

“— Com certeza o quê? perguntou, fazendo uma careta.

“— Pernoitou lá, repeti.

“— O que é que é isso, pernoitou lá, pernoitou... pernoitou?”

“— Passou a noite, expliquei.

“— Ah, que palavra gozadal

“— Olha lá... as nuvens, eu disse. Todas na mesma direção e frissadínhas. Quer dizer que o vento está correndo muito alto, você está vendo?

“— Estou, mas eu gosto é quando ele passa baixinho e vem brincar no capim.

“— Com certeza está indo para o mar.

“— Pro mar! Como é que sabe?

“— Porque a costa atlântica é para aqueles lados...

“— Costa o quê?

“— A costa que dá para o oceano chamado Atlântico, nunca ouviu falar?

“— Ah, agora tô me lembrando, a professora falava nesse nome...

O vento que corre para o mar é diferente, não é?

“— Conforme. Às vezes vai com grande velocidade, sessenta, setenta, noventa quilômetros a hora...

“— Como é que sabe?

“— A gente pode tomar a velocidade, há aparelhos para isso.

“— Pois sim, vou acreditar! — respondeu em tom de zombaria. A gente toma a velocidade do vento é nas árvores e nas roupas dos vairs. E o que é que o vento vai fazer no mar?

“Respondi que não sabia, mas achei melhor dizer qualquer coisa, dar largas à imaginação do meu interlocutor.

“— Ajudar os veleiros, respondi. Animar as águas, preparar os temporais. Você já viu o mar?

“Sua testa franziu-se. Era, creio, a segunda vez que fazia tal pergunta e ele desconversava. Passou a cismar. Depois, em tom de justificativa: — O maquinista prometeu me levar escondido na máquina, mas mamãe disse que me bate, que se eu for, ela não vai mais querer saber de mim.

“Parou a cismar.

“— Lá o vento corre à vontade, não é? Não tem parede, não tem morro, não tem nada para atrapalhar... Assim, é fácil...

“— Lá ele vira ventania, lembrei. Aqui também nós temos ventania, uai! O mês passado houve uma na hora mesmo da procição. Atrapalhou tudo, nós corremos, o padre ia na frente, o andar caiu, foi uma coisa danadal! Pergunta à Espiga de Milho! O vento faz cada uma!

“— Quem é Espiga de Milho?

“— Minha namorada. Mas é escondido, ouviu? mamãe não sabe.

“Com o correr dos dias, comecei a me apaixonar por esse jogo. Dei ao menino algumas noções elementares sobre deslocamento de massas quentes e frias da atmosfera. Não acreditou; desconfiava que eu estivesse dizendo bobagens. Falamos sobre diversos tipos de vento. Eu levava comigo um esboço de classificação para o qual me servira dos dados que ele mesmo me fornecera. Escrevera as notas durante a noite, no quarto do hotel. Pode parecer pueril, mas eu o fazia tanto para a criação do menino como para a minha própria.

“Assim, segundo a nossa classificação, havia ventos maliciosos e ventos desordeiros, ventos calados e ventos que cantavam, ventos com pridos, de grande velocidade, e ventos miudinhos, desses que começam a correr sobre a grama e logo desanimam aos pés do primeiro arbusto.

Confessou que apreciava muito esse tipo de vento, chamado brisa, fílhore do grande, que movimenta as nuvens; é, dizia ele, uma viração 'que não dá nem para suspender as saias das moças mas serve para os gravetos do caminho e os papiezinhos da calçada'. 'As grandes árvores nem se mexem, pois não dão confiança a essa brisa, mas as plantinhas miúdas ficam felizes.'

"Fizemos outras hipóteses e nos despedimos depois de acertarmos umas tantas idéias sobre o assunto.

"Animado com a conversa, trouxe-me no dia seguinte uma hipótese nova. Disse que estive pensando muito durante a noite: aquele negócio de massas frias e massas quentes, de que lhe falara na véspera, achava que era bobagem. O vento — afirmou — é soprado por gigantes enormes escondidos atrás da cordilheira; se é muito forte, chama-se ventania; quando fica escuro, chama-se furacão, pior ainda do que a ventania.

"— Se o vento não tem cor, interrompi, por que diz que o furacão é escuro?"

"— Porque é escuro mesmo, respondeu. Eu acho que ele é assim porque passa com as lanternas apagadas. E continuou: — Ventania é dada para virar canoa e destelhar casa. Desarruma tudo. O pessoal fica afrito quando ela vem, e eu fico só gozando...

"— E os outros ventos?"

"— Ah, sim, tem o ventinho de todo o dia, respondeu. E apontando com o queixo: — Este que está passando aí, por exemplo... Muito bom para refrescar a pele e empinar papagaio... Parece que não vale nada, não é? Mas depois que chega é uma festa... Olha lá os bambuais como ficam! Olha o milharal!...

"— E a brisa? perguntei.

"— Ah! essa sai da boca dos filhotes de gigante. Gosta muito de apostar corrida com o rio.

"Só para excitá-lo, procurei qualquer definição especial para a brisa e disse: — É um vento que ainda não cresceu.

"Olhou para mim, reflexivo: — Isso mesmo!

"Sem querer, liguei no meu espírito a invenção do menino às coisas da mitologia, de que vagamente me lembrava. Na expressão do meu rosto teria ele notado o efeito de sua descoberta. Parecia orgulhoso. Deixei ficar.

"A nossa intimidade, senhor juiz, foi assim crescendo à base de vento. Encontrávamo-nos sempre. Um dia, eu subia a estrada que leva à colina de onde se avista a cidade e a ala esquerda do hotel. Sobre as casas pairava a faixa de fumaça deixada pela locomotiva. Eu caminhava devagar. Mais devagar vinha descendo o garoto. Pela primeira vez aparecia penteado. Ia com certeza encontrar-se com Espiga de Milho. Falou-me: — Pensei que o senhor tivesse ido embora.

"Olhou entristecido para a cidade e depois para a paisagem:

"— Ele hoje não veio...

"— Mais tarde, com certeza, respondi.

"— O mundo fica sem graça, não é? Tudo parece fotografia.

"Circunvaguei a vista. Tudo parecia mesmo fotografia. Ar parado, árvores imóveis, inalterável ainda a faixa de fumaça. Pensei comigo:

"— Esse garoto está hoje diferente... Fora do seu natural. É preciso ventar para que ele comece a viver.

“Corria nesse momento um ventinho de ensaio, as árvores maiores nem se mexiam. O garoto observou, apontando para alguém: — Olhe que gozado o ventinho nas barbas daquele velho!...

“Atrou com o bodoque uma pedrinha ao chão, disse até logo, e continuou a descer. Já se achava longe, quando gritou: — Olha, olha, lá nos bambuais!...

“Não olhei para os bambuais. Olhei para o menino que voltava correndo. Sua cabeleira estava desfeita, ele mesmo todo diferente, subitamente transformado em personagem do vento. Mas este foi logo diminuindo e cessou. Zeca da Curva assumiu um ar escabriado. Sem jeito virou-se para os lados do vale:

“— Daqui a um pouquinho ele volta. Quer apostar?”

“Alguns segundos depois as janelas começaram a bater, as roupas arrancaram-se dos varais, desfez-se a plumagem de fumo. Apareceu uma menina ruiva com uma garrafa de leite.

“— Vem, Espiga de Milho! Vamos aproveitar!”

“Ela atendeu. De mãos dadas, sumiram-se os dois na curva. Fiquei de longe, a ver se repontavam mais adiante. Mas o céu começou a enfarruscar. Entrou outro tipo de vento, o vento de chuva, diferente do que nos interessava. Nós não gostávamos da chuva que atrasa a corrida do vento, sempre aflito por desembaraçar-se de suas malhas.

“Alguns dias depois encontrei Zeca da Curva chorando. Estava indignado.

“— Mamãe me bateu.

“— Vai ver que você fez alguma arte.

“Confessou, amuado, queixando-se:

“— O vento levanta a saia das moças, e a gente é que leva a culpa, ora essa! Só porque fiquei espionando...

“Pensei logo em Espiga de Milho com as pernas descobertas e os sinais da puberdade se arredondando debaixo da blusa. E para fazê-lo esquecer a mágoa, apressei-me em volar ao tema do vento. Inventei que nele correm também meninos invisíveis, os mensageiros. Sabia que essa idéia ia excitá-lo.

“— Os quê? inquiriu logo.

“— Mensageiros, repeti.

“— Ah! mensageiros, mens...

“— São alados, completei.

“— Que negócio é esse, alados?”

“— Que tem asas.

“— É verdade?”

“Senti um frêmito perpassar-lhe o corpo.

“— Sim, é verdade.

“— Bem que eu desconfava...

“Fez uma pausa:

“— E no furacão? tem crianças também?”

“— No furacão passam os guerreiros terríveis, inventei.

“— Por isso é que ele faz tanto barulho, não é?”

“— Exatamente, respondi.

“— Quando venta muito forte, eu sempre desconfio que está acontecendo muita coisa que ninguém sabe...

“— Onde? perguntei.

“— Aí por este mundo... O vento é muito importante, não é?”

— Então? Não sabe que ele ajudou a descobrir o Brasil?

— O vento?!

— Sim, o vento.

— Puxa!

— Já havia esquecido a coça materna. Fazia inspeções pelo céu.

— Está vendo aquelas nuvens lá?

— Estou.

— Pois amanheceram na mesma posição de ontem. Ficaram encalhadas. Ontem o vento andava mais devagar do que rio. — Bateu na testa, lembrando-se de qualquer coisa: — Espera aí... Está na hora da chegada do trem.

— Partiu voando para a estação. Ia pegar as malas, fazer o seu biscate.

— Esqueci-o por algum tempo; voltei às minhas leituras. Quando pensava nele, era para duvidar de sua sinceridade. Cheguei a supor que, talvez para me ser agradável, talvez para chamar a atenção sobre si, ele forçava o assunto e simulava atitudes. Não estaria exagerando? Ou apenas se divertia? Ou procurava mesmo impor-se à amizade do turista para merecer-lhe favores?

— Achei pouco provável a suposição, tão extraordinário e espontâneo me parecia ele. Eu mesmo lutava comigo para não me deixar arrastar por uma ilusão.

— A dona do hotel me perguntava se eu tinha esquecido o garoto. Não respondi.

— Na verdade, espaciei os nossos encontros e já começava a duvidar da sua paixão pelo vento. Certa manhã, no início de um temporal, cheguei à janela levado pela curiosidade de saber como se comportava o

menino diante daquelas lufadas. Se era sincero fora de minha presença. Minha janela abria-se para os barracos da colina, onde ele morava. Meti o binóculo, o seu casebre aproximou-se. Logo avistei Zeca da Curva no terreno, a pular. Tirara a roupa, ficara nu no meio do vento. Correndo de um lado para o outro, esparrou numa lata e rolou pelo barranco. De repente, ei-lo de braços abertos e olhos fechados, gozando, aspirando o espaço. Assim permaneceu alguns minutos, imóvel, feliz.

— Agora, pensei comigo, já não tenho dúvida: ele é mesmo o enfeitado do vento. Acertei melhor as lentes e percebi, senhor juiz, claramente percebi o que o menino fazia: mijava! Com o perdão da palavra, ele mijava, senhor juiz! Gritei. Não me atendeu. Nem podia, tamanha era a barulheira. A urina diluíu-se em gotas cristalinas. Misturando ao ar um líquido de seu organismo, tive a impressão de que procurava sentir-se mais ligado aos elementos.”

Aqui, o denunciado perdeu o impulso com que vinha falando. Cochichos da assistência e uma troca de sorrisos entre o promotor e o escrivão tê-lo-iam devolvido a um plano em que lhe seria impossível continuar com a mesma fluência e candura. Olhou para o juiz, como que o consultando. Este lhe fez com a mão um aceno favorável. Que prosseguisse. Encorajado, continuou:

— É possível, seu juiz, que o que estou contando não tenha relação real com o processo. Mas tem com a verdade. Muitas vezes se chega à verdade pelos caminhos mais absurdos. Desde o momento em que verifiquei como procedia Zeca da Curva quando se viu só com o seu vento, comeci a acreditar mais nesse menino. Imaginei-o incompreendido entre os companheiros; incompreendido e calado, para não ser ob-

jeto de zombaria. O pequeno maltrapilho era o meu mestre de vento, o verdadeiro iniciado. E eu, o discípulo, não me vexo de confessá-lo. Daí por diante, só o compreendia dentro mesmo do vento. De tal maneira que, sem a sua companhia, eu me tornava indiferente a qualquer viração. Mas evitava que ele percebesse o meu estado de espírito, e dentro de mim mesmo lutava contra as imagens delirantes, lembrando-me das advertências de meus pais.

“Os hóspedes do hotel deviam achar-me cada vez mais esquisito. Minhas férias estavam a terminar, eu já pensava em arrumar as malas.

“Certa manhã, acordei com a pancada seca de um objeto no espelho. Era uma goiaba atirada da rua. Cheguei à janela. Reconheci o menino embaixo: — Isso é modo de despertar alguém?”

“— Hoje vai ter! gritou-me ele.

“— Como é que sabe?

“— Uai! a gente sabe sem querer... O corpo avisa. Os meninos já estão passando...

“— Que meninos?

“— Isso que o senhor falou outro dia... Os meninos do vento! Já estão bulindo nas folhas...

“— Ah! sim... os mensageiros... respondi sorrindo. Mas é para já?

“— Não. Vai ser de tarde, disse consultando o céu e mordendo uma goiaba. Olha as árvores grandes... por enquanto estão quietas, mas o senhor vai ver mais logo.

“A camaradagem entre mim e o garoto crescera até o ponto de que dava ideia esse episódio do projétil no espelho. Por volta de 3h, subimos a colina, lugar habitual de nossos encontros. Lá em cima, ele me

foi indicando a pista do vento. E apontando para o horizonte: — Olhe aqui, ele vai partir de lá, quer apostar? e correr nesta direção.

“Com o dedo ia traçando a direção provável do vento no espaço.

“Ficamos esperando algum tempo. O céu era de uma cor neutra, meio amarelada, tonalidade que nos indicava lufada iminente. O garoto parecia desassossegado, com medo de ser desmentido. Afinal o vento chegou. Não ainda na plenitude de sua força, mas já amplo e gostoso.

“— Depois vai ficar melhor, disse o garoto; por enquanto, são as primeiras amostras.

“Mas já vinha com o cheiro de mató e de rebanho. Ganhasse um pouco mais de espessura e o agarraríamos com a mão. Era como um animal invisível, mas perto. Ficamos mudos, a sentir o perpassar de sua cauda interminável.

“— Este de hoje está bom! exclamou, deliciado. Mantenha os braços abertos e os olhos fechados. Seus cabelos assanhados prolongavam a animação das frondes e pastagens.

“Fixei-lhe a fisionomia, curioso de verificar-lhe as mutações. Tanto vale dizer que larguei o vento pelo menino. Mas, tomado também pela força da correnteza, dentro em pouco éramos dois a experimentar a mesma embriaguez. No meio da polifonia, ouvia-se um som de lata velha. E uma mulher, espécie de bruxa desgrehada, do alto da caíva chamava o garoto para a janta.

“Bruscamente afastado do seu vento, o menino seguiu contrariado. Mas logo a corrente aumentava de velocidade; e se transformava em ventania, categoria mais alta segundo a nossa classificação. Devia vir da floresta, sua matriz longínqua. Com certeza recebera no trajeto afluentes

que a enriqueceram, virações de campina, brisas de lagoa. Para mim, era naquele céu, por cima das montanhas, que se operava a combinação de sopros múltiplos, emanação da terra, extrato de paisagens percorridas.

“Retido pela velha, o menino ia perder aquele momento. Sem a presença dele, o espetáculo não seria o mesmo. Sentindo porém a atração do vento, não resistiu e voltou.

Fui me agarrara ao tronco de uma árvore para não ser levado. Zeca da Curva parecia embriagado. Arrancou a camisa, estendeu os braços. Permanecia imóvel, tenso. De repente, ouvi-lhe a exclamação:

— Com este eu vou!

“Abalou-se pela rampa, saltou o valado, atravessou uma sebe, ganhou a várzea, diluiu-se na bruma... E reapareceu diminuído, lá para os lados de uma macega, correndo, correndo sempre, até sumir-se no longe. Fiquei só no meio do turbilhão. Com a sensação de que ele me abandonara.

“Pudesse eu fazer aquilo! Faltava-me a força e a pureza do menino. Fui tomado de um sentimento estranho: senti-me rebaixado perante mim mesmo.

“— Ele tem 12 anos! disse comigo, tentando anular meu despeito.

“As rajadas aumentavam empurrando-me para o espaço, como que me desafiando a imitar a proeza do pequeno companheiro. Não. Eu, não! Sou engenheiro, não sou criança! Construo pontes, tenho os pés fincados na terra... Loucura, querer emular-me com o garoto, disputar com ele os mesmos direitos perante o vento. Tratetei de sair dali. Aranhã, pensei, amanhã saberei onde o largou a ventania.

“Já então, senhor juiz, só restava do vento a cauda leve e com-prida. Passara o turbilhão, o lugarejo reapareceu calmo, lavado. Acen-

diam-se as lâmpadas. Uma a uma as vidraças se abriram. Fui descendo

a ladeira. Na portaria do hotel, mal fechei a porta, a dona espantou-se:

— Mas o senhor lá fora com um tempo destes!

“Eu disse que gostava de tempo assim. — Sempre com o menino, não é?”

“Não respondi à pergunta reticente. No dia seguinte, voltei para o Rio sem maiores apreensões. Porque estava certo de que o menino tornaria. E já o supunha reintegrado em sua cidade e no seu vento, quando vim a saber por uma carta anônima que me acusavam de seu desaparecimento e de práticas infamantes.

“E foi tudo, senhor juiz, o que se passou entre mim e Zeca da Curva!...

“Estes, os fatos. São simples demais para serem acreditados. Minha amizade com a malograda criança, foi, como disse, unicamente na base do vento, assim como o meu encontro com ele foi o vento que precipitou. Encontro que será também com a desgraça, se Vossa Excelência, senhor juiz, não quiser admitir que, além dos fatos habituais de nossa vida cotidiana, outros há, íntimos, que ocupam a parte maior do nosso ser; mas que temos vergonha de confessar para não parecermos infantis ou loucos. São justamente os mais secretos, e o senso comum se recusa a considerá-los.”

Nova pausa do engenheiro. O olhar afito da assistência parecia implorar-lhe que prosseguisse.

“Há de parecer tolice o que contei; mas sei que não é crime. Não pode ser crime dividir com quem quer que seja um entusiasmo maior pela chuva, pelo fogo ou pelas plantas...”

“No tipo de intimidade que mantive com o desaparecido entrou muito de nossa imaginação e, de minha parte, certa vontade de espalhar-me. Envergonho-me de ter sido obrigado a contar num ambiente impróprio para que me acreditem coisas que parecem inverosímeis, e que não poderiam constar de processo algum. Um crime é um crime, e impõe respeito; mas a narrativa em juízo de uma aventura com o vento há de parecer coisa inventada e absurda. Eis porque falei tanto no vento. Vossa Excelência me desculpe. Se algum culpado houve, senhor juiz, no caso, foi mesmo o vento. Eu quero esclarecer que me refiro a um que sopra quase todos os dias e neste momento mesmo já começa a agitar as palmeiras lá fora.”

Toda a assistência, menos o juiz, voltou os olhos para a praça. As árvores principiavam a balançar.

“...é um vento especial, morno, de um teor diferente, rico de qualidades... eu ia dizer de intenções.”

O juiz voltou-se pela primeira vez para o interrogado. Fixou-o com expressão desconhecida. Sua aparente indiferença sofreu alteração visível. Disse com certa dificuldade:

— O denunciado não precisa voltar a falar do vento. Queira limitar-se aos fatos.

“...eu queria com isso, senhor juiz, explicar a influência exagerada que ele exerceu em mim e no menino. Não nego certa conivência da minha parte. Fizemos dele um emprego abusivo, confesso. O que começou em brincadeira acabou em revelação. Eu não podia prever tal desfecho.”

Enquanto o acusado parecia chegar ao fim, o vento forçava as janelas. Vinha com aquela impaciência com que se comporta ante os

obstáculos de vidro. Depois mudou de rumo e conseguiu uma brecha. Entrava às luçadas pela vidraça lateral, a que se havia partido de manhã. E por essa fresta, logo ampliada, invadiu o prédio. Levantava os papéis, fazia bater as portas. Dava a impressão de que iria participar do final do interrogatório. Impressão que vinha da natureza da narrativa e do ambiente que se criara. O promotor ficara todo o tempo embevecido numa cisma remota. Ouvia-se um barulho na escada. E ainda as últimas palavras do engenheiro:

— E quem pode afirmar com segurança, senhor juiz, que Zeca da Curva esteja morto? Por que não admitir que ele tenha vindo com este vento e já esteja subindo pela escada? Houve um *suspense*.

A interrogação traduziu um começo de alucinação que contamina a assistência. Todos olhavam em direção à escada. Ouvia-se um sussurro aumentado pelo vozeiro lá embaixo, no saguão. Deu o juiz por terminada a audiência. Pouco a pouco a sala recuperou a atmosfera forense. O promotor descruzou as mãos sob o queixo, e voltou à realidade.

Foi quando se fez ouvir a voz do escrivão. Queria saber se era para tomar por termo tudo aquilo e como. Mal pôde disfarçar um travo de ironia nessa pergunta. Ao que o magistrado respondeu que não era necessário, e que lhe fizesse subir o processo.

A sala foi se esvaziando. Duas moças deixaram-se ficar sentadas ao fundo. O oficial de justiça veio pedir-lhes que se retrassem, ia fechar as portas. Perguntaram se no dia seguinte ia ter mais. Mostraram-se contrariadas ao saber que não. Era como se tivessem interrompido a contra-gosto a leitura de um romance.

Ganhando a praça, o engenheiro respirou livre. O peso na nuca, o peso que parecia querer guilhotiná-lo, desapareceu. Que a máquina da Justiça viesse a fabricar-lhe a condenação, já não se importava, sentia-se livre.

Chegou o ônibus da tarde com os jornais do Rio. Esperava-se o noticiário do escândalo, tal como o redigira o próprio escritório a pedido do correspondente. O denunciado comprou uma das folhas, verificou, ele mesmo, o que pressentira. Não se abateu nem se revoltou; apenas sentiu a vontade de abandonar depressa aquele lugar.

Populares deixavam-se ficar nas imediações do foro. Era porém impossível trocarem impressões. O vento não deixava.

Começou arrancando o jornal das mãos do promotor; depois, o chapéu de alguns. Aumentando de velocidade e enrolando-se em redemoinhos poirentos derrubou a prateleira do engraxate. Folhas de revistas espalhavam-se pelo chão e desintegravam-se no ar, enquanto as mulheres prendiam fortemente às saias.

Ninguém conseguia ler a notícia até o fim: ou a ventania carregava de novo o jornal ou a poeira turvava as vistas dos leitores.

Das sacadas altas do foro descia uma nuvem de escrituras, certidões e editais. Pairava no ar antes de virem pousar nas frondes. Era o arquivo que se desmanchava.

A praça assumiu um ar festivo. Os moleques se atropelavam na disputa dos papéis. Não longe, a caminho do hotel, o engenheiro contemplava aquilo e se emocionava. Queria resistir, manter-se impassível. Lembrou-se da recomendação paterna (“não se perder em devaneios”, “tratar só com a realidade”). Como porém recusar a evidência do que estava acontecendo?

Não precisava que o vento viesse assim tão estabonado, pensou. Mas que maravilha! Será que ninguém percebia? Era de um tipo novo, menos descarnado e musical. Com algo de rebelde e desordeiro. Pena que ali não estivesse o Zeca da Curva. O engenheiro tinha certeza de que ele continuava vivo. Voltaria escondido, para uma busca naquelas grotas de montanha. Ou será que ia encontrá-lo expatriado do seu vento, vagando triste pelas ruas da capital?

Eis o vento agora nas pernas do meretíssimo!... Oh, vento, respeita o varão austero. Por que empurrá-lo assim, por que atirar-lhe ao chão o chapéu? Um juiz-juiz não pode, não deve correr... Nem olhar para trás, nem apanhar o que caiu... Um juiz de verdade só caminha de cabeça erguida, a passos firmes como quem vai de braços com a Justiça.

O pretinho veio correndo pela ladeira para dizer que no Bela Vista a dona estava chorando, trancada no quarto. E o escrivão? Lá embaixo, no bar, sem querer conversar. Seus amigos compreendem-lhe o silêncio. Um deles ameaça:

— Aquele tipo não há de botar mais os pés aqui.

O outro: — Só serviu para virar a cabeça do povo.

O escrivão olha para fora, põe-se a cismar. Vê o engenheiro, de mala na mão, tomar o ônibus da tarde. Sente-se derrotado, confuso. Então aquilo era maneira de se defender? As árvores começam a sossegar.

— Para mim, vento é vento e nada mais... concluiu com melancolia o escrivão, acenando com a cabeça.

A dona do hotel nunca se apresentara a seus hóspedes. Nem ao-lheira o escrivão. Dizia-se que depois da meia-noite seu piano tocava em surdina. Eram tantos os quartos vazios que não havia quase ninguém

para ouvir. O juiz não mais compareceu às audiências. Nem despachou processo algum.

Qualquer coisa havia mudado na fisionomia moral da cidade. O vento começou a existir. Descobriram-lhe um sentido novo.

Algo de estranho passara-se na consciência do magistrado. Transferido ou aposentado, desapareceu da comarca dias depois, sem nada dizer, sem se despedir de ninguém.

A última vez que fora visto, vagava pela colina de onde Zeca da Curva partira para sempre. Notaram que sobraçava o calhamago de um processo. E que falava sozinho.

Qual fosse esse processo ninguém sabia. Sabia-se apenas que o vento soprava no calhamago com força desconhecida e, uma a uma, arrancava-lhe todas as folhas...

Dinah Silveira de Queirós
A MORALISTA

Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem ou o mal, eu vejo Mamãe em minha idéia. Mamãe — não. O pescoco de Mamãe, a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. Essas risadas ela dava principalmente à noite, quando — só nós três em casa — vinha jantar como se fosse a um baile, com seus vestidos alegres, frouxos, decotados, tão perfumada que os objetos a seu redor criavam uma pequena atmosfera própria, eram mais leves e delicados. Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada. Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja. Diante daquela pulcritude minha face era uma miserável e movimentada topografia, onde eu explorava furiosamente, e em gozo físico, pequenos subterrâneos nos poros

escuros e profundos, ou vulcãozinhos que estalavam entre as unhas, para meu prazer. A risada de Mamãe era um "muito obrigada" a meu Pai, que a adulara como se dela dependesse. Porém, ele mascarava essa adulação brincando e a tratando eternamente de menina. Havia muito tempo uma espirita dissera a Mamãe algo que decerto provocou sua primeira e especial risadinha:

— Procure impressionar o próximo. A senhora tem um poder extraordinário sobre os outros, mas não sabe. Deve aconselhar... Porque... se impõe, logo à primeira vista. Aconselhe. Seus conselhos não falharão nunca. Eles vêm da sua própria medunidade...

Mamãe repetiu aquilo umas quatro ou cinco vezes, entre amigas, e a coisa pegou, em Laterra.

Se alguém ia fazer um negócio, lá aparecia em casa para tomar conselhos. Nessas ocasiões Mamãe, que era loura e pequenina, parecia que ficava maior, toda dura, de cabecinha levantada e dedo gordinho, em riste. Consultavam Mamãe a respeito de política, dos casamentos. Como tudo que dizia era sensato, dava certo, começaram a mandar-lhe também pessoas transviadas. Uma vez, certa senhora rica lhe trouxe o filho, que era um beberrão incorrigível. Lembrou-me de que Mamãe disse coisas bellíssimas, a respeito da realidade do Demônio, do lado da Besta, e do lado do Anjo. E não apenas ela explicou a miséria em que o moço afundava, mas o castigo também com palavras tremendas. Seu dedinho gordo se levantava, ameaçador, e toda ela tremia de justa cólera, porém sua voz não subia do tom natural. O moço e a senhora choravam juntos.

Papai ficou encantado com o prestígio de que, como marido, desfrutava.

Brigas entre patrão e empregado, entre marido e mulher, entre pais e filhos vinham dar em nossa casa.

Mamãe ouvia as partes, aconselhava, moralizava. E Papai no pequeno negócio, sentia afluir a confiança que se espraíava até seus domínios.

Foi nessa ocasião que Laterra ficou sem padre, porque o vigário morrera e o bispo não mandara substituto. Os habitantes iam casar e baptizar os filhos em Santo Antônio. Mas, para suas novenas e seus terços, contavam sempre com minha Mãe. De repente, todos ficaram mais religiosos. Ela ia para a reza da noite de véu de renda, tão cheirosa e lisinha de pele, tão pura de rosto, que todos diziam que parecia e era, mesmo, uma verdadeira santa. Mentira: uma santa não daria aquelas risadinhas, uma santa não se divertia, assim. O divertimento é uma espécie de injúria aos infelizes, e é por isso que Mamãe só ria e se divertia quando estávamos sós.

Nessa época, até um caprira perguntou na feira de Laterra:

— Diz que aqui tem uma padra. Onde é que ela mora?

Contaram à Mamãe. Ela não riu:

— Eu não gosto disso. — E ajuntou: Nunca fui uma fanática, uma louca. Sou, justamente, a pessoa equilibrada, que quer ajudar ao próximo. Se continuarem com essas histórias, eu nunca mais puxo o terço.

Mas, nessa noite, eu vi sua garganta tremer, deliciada:

— Já estão me chamando de "padra"... Imagine!

Ela havia achado sua vocação. E continuou a aconselhar, a falar bonito, a consolar os que perdiam pessoas queridas. Uma vez, no aniversário de um compadre, Mamãe disse palavras tão belas a respeito da

vellice, do tempo que vai fugindo, do bem que se deve fazer antes que caia a noite, que o compadre pediu:

— Por que a senhora não faz, aos domingos, uma prosa desse jeito? Estamos sem vigário, e essa mocidade precisa de bons conselhos...

Todos acharam ótima a idéia. Fundou-se uma sociedade: “Círculo dos Pais de Larerra”, que tinha suas reuniões na sala da prefeitura. Vinha gente de longe, para ouvir Mamãe falar. Diziam todos que ela fazia um bem enorme às almas, que a doçura das suas palavras confortava quem estivesse sofrendo. Várias pessoas foram por ela convertidas. Penso que meu Pai acreditava, mais do que ninguém, nela. Mas eu não podia pensar que minha Mãe fosse um ser predestinado, vindo ao mundo só para fazer o bem. Via tão claramente o seu modo de representar, que até sentia vergonha. E ao mesmo tempo me perguntava:

— Que significam estes escrúpulos? Ela não une casais que se separam, ela não consola as viúvas, ela não corrige até os aparentemente incorrigíveis?

Um dia, Mamãe disse aó meu pai, na hora do almoço:

— Hoje me trouxeram um caso difícil... Um rapaz viciado. Você vai empregá-lo. Seja tudo pelo amor de Deus. Ele me veio pedir auxílio... e eu tenho que ajudar. O pobre chorou tanto, implorou... contanto a sua miséria. É um desgraçado!

Um sonho de glória a embalou:

— Sabe que os médicos de Santo Antônio não deram nenhum jeito? Quero que você me ajude. Acho que ele deve trabalhar... aqui. Não é sacrifício para você, porque ele diz que quer trabalhar para nós, já que dinheiro eu não aceito mesmo, porque só faço caridade!

O novo empregado parecia uma moça bonita. Era corado, tinha uns olhos pretos, pestanudos, andava sem fazer barulho. Sabia versos de cor, e às vezes os recitava baixinho, limpando o balcão. Quando o souberam empregado de meu Pai — foram avisá-lo:

— Isso não é gente para trabalhar em casa de respeito!

— Ela quis — respondeu meu Pai. — Ela sempre sabe o que faz! O novo empregado começou o serviço com convicção, mas tinha crises de angústia. Em certas noites não vinha jantar conosco, como ficara combinado. E aparecia mais tarde, os olhos vermelhos.

Muitas vezes, Mamãe se trancava com ele na sala, e a sua voz de tom igual, ferida, era de repreensão. Ela o censurava, também, na frente do meu Pai, e de mim mesma, porém sorrindo de bondade:

— Tire a mão da cintura. Você já parece uma moça, e assim, então...

Mas sabia dizer a palavra que ele desejaria, decerto, ouvir:

— Não há ninguém melhor do que você, nesta terra! Por que é que tem medo dos outros? Erga a cabeça... Vamos!

Animado, meu Pai garantia:

— Em minha casa ninguém tem coragem de desfeitear você. Quero ver só isso!

Não tinha mesmo. Até os moleques que, da calçada, apontavam e riam, falavam alto, ficavam sérios e fugiam, mal meu Pai surgisse à porta.

E o moço passou muito tempo sem faltar nos jantares. Nas horas vagas fazia coisas bonitas para Mamãe. Pintou-lhe um legue e fez um vaso em forma de cisne, com papéis velhos molhados, e uma mistura de cola e nem sei mais o quê. Ficou meu amigo. Sabia de modas,

como ninguém. Dava opinião sobre os meus vestidos. À hora da reza, ele, que era tão humilhado, de olhar batido, já vinha perto de Mamãe, de terço na mão. Se chegavam visitas, quando estava conosco, ele não se retirava depressa como fazia antes. E ficava num canto, olhando tranqüilo, com simpatia. Pouco a pouco eu assistia, também, a sua modificação. Menos tímido, ele ficara menos afeminado. Seus gestos já eram confiantes, suas atitudes menos ridículas.

Mamãe, que policiava muito seu modo de conversar, já se esquecia de que ele era um estranho. E ria muito à vontade, suas gostosas e trêmulas risadinhas. Parece que não o doutrinava, não era preciso mais. E ele deu de segui-la fielmente, nas horas em que não estava no balcão. Ajudava-a em casa, acompanhava-a nas compras. Em Latera, soube depois, certas moças que por namoradeiras tinham raiva de Mamãe, já diziam, escondidas atrás da janela, vendo-a passar:

— Você não acha que ela consertou... demais?

Latera tinha orgulho de Mamãe, a pessoa mais importante da cidade. Muitos sentiam quase sofrimento, por aquela afeição que pendia para o lado cômico. Viam-na passar depressa, o andar firme, um tanto duro, e ele, o moço, atrás, carregando seus embrulhos, ou ao lado levando sua sombrinha, aberta com unção, como se fora um pálio. Um franco mal-estar dominava a cidade. Até que num domingo, quando Mamãe falou sobre a felicidade conjugal, sobre os deveres do casamento, algumas cabeças se voltaram quase imperceptivelmente para o rapaz, mas ainda assim eu notei a malícia. E qualquer absurdo sentimento arrassou meu coração em expectativa.

Mamãe foi a última a notar a paixão que despertara:

— Vejam, eu só procurei levantar seu moral... A própria mãe o considerava um perdido — chegou a querer que morresse! Eu falo — porque todos sabem — mas ele hoje é um moço de bem!

Papai foi ficando triste. Um dia, desabafou:

— Acho melhor que ele vá embora. Parece que o que você queria, que ele mostrasse que poderia ser decente e trabalhador, como qualquer um, afinal conseguiu! Vamos agradecer a Deus e mandá-lo para casa. Você é extraordinária!

— Mas — disse Mamãe admirada. — Você não vê que é preciso mais tempo... para que se esqueçam dele? Mandar esse rapaz de volta, agora, até é um pecado! Um pecado que eu não quero em minha consciência.

Houve uma noite em que o moço contou ao jantar a história de um caipira, e Mamãe ria como nunca, levantando a cabeça pequenina, mostrando a sua nudez mais perturbadora — seu pescoço — naquele gorjeio trêmulo. Vi-o ao empregado, ficar vermelho e de olhos brilhantes, para aquele esplendor branco. Papai não riu. Eu me sentia feliz e assustada. Três dias depois o moço adoeceu de gripe. Numa visita que Mamãe lhe fez, ele disse qualquer coisa que eu jamais saberei. Ouvimos pela primeira vez a voz de Mamãe vibrar alto, furiosa, desencantada. Uma semana depois ele estava restabelecido, voltava ao trabalho. Ela disse a meu Pai:

— Você tem razão. É melhor que ele volte para casa.

À hora do jantar, Mamãe ordenou à criada:

— Só nós três jantamos em casa! Ponha três pratos...

No dia seguinte, à hora da reza, o moço chegou assustado, mas foi abrindo caminhar, tomou seu costumeiro lugar junto de Mamãe:

— Saial... — disse ela baixo, antes de começar a reza. Ele ouviu — e saiu, sem nem ao menos suplicar com os olhos.

Todas as cabeças o seguiram lentamente. Eu o vi de costas, já perto da porta, no seu andar discreto de mocinha de colégio, desembocar pela noite.

— Padre Nosso, que estás no céu, santificado seja o Vosso Nome...

Desta vez as vozes que a acompanhavam eram mais firmes do que nos últimos dias.

Ele não voltou para a sua cidade, onde era a caçoda geral. Naquela mesma noite, quando saía de Laterra, um fazendeiro viu como que um longo vulto balangando de uma árvore. Homem de coragem, pensou que fosse algum assaltante. Descobriu o moço. Fomos chamados. Eu também o vi. Mamãe não. À luz da lanterna, achei-o mais ridículo do que trágico, frágil e pendente como um judas de cara de pano roxo. Logo uma multidão enorme cercou a velha mangueira, depois se dispersou. Eu me convenci de que Laterra toda respirava aliviada. Era a prova! Sua senhora não transigira, sua moralista não falhara. Uma onda de desafio espraiou-se pela cidade.

Em casa não falamos no assunto, por muito tempo. Porém Mamãe, perfeita e perfumada como sempre, durante meses deixou de dar suas risadinhas, embora continuasse agora, sem grande convicção — eu o sabia — a dar os seus conselhos. Todavia punha, mesmo no jantar, vestidos escuros, cerrados no pescoço.

Moreira Campos
IRMÃ CIBELE E A MENINA

Quando a mãe dos meninos morreu, dona Madalena, que é espírito e mulher de muito prestígio (à tarde, toma o automóvel do marido, dirigido pelo motorista, e sai em visita aos seus pobres e doentes), recolheu as crianças e as distribuiu como pôde. Falou com irmã Cola para ficar com a menina, que, por sinal, não é tão menina: tem as pernas bem-feitas e os cabelos bonitos, elogiados pela empregada de casa, ainda na hora em que ela saía:

— São lindos os cabelos dela!

Dona Madalena chegou ao colégio na hora em que as freiras mendavam na mesa grande da área de travejamento forte. Irmã Cola se levantou, outras freiras se levantaram. Dona Madalena recusou a fatia de bolo. Queria apenas a xícara de café com pouco açúcar, que ela indicava com os dois dedos. Os pombos desciam do pombal e vinham

arrulhar no parapetto da área. Irmã Cibele, a recente, atirava-lhes miolo de pão, que antes arredondava muito entre os dedos. O pavilhão das órfãs, para onde ia a menina, fica no fundo do longo corredor, que se projeta sob a sucessão de arcadas e tem como piso lajes antigas comidas por muitos passos. O pavimento repousava escuro e tranqüillo, que era domingo: as máquinas de costura fechadas, as cadeiras vazias, as peças de linho arranjadas sobre a mesa. Apenas algumas órfãs se aproximaram interessadas pela novidade da companhia. Examinavam-na. Ela olhava o forro, voltava a descansar na outra perna e insistia em estalar os dedos, para o que irmã Cola chamou a atenção. A maleta de tábua da menina, comprada no mercado por dona Madalena, foi mais uma vez colocada a um canto no largo dormitório. Dona Madalena sentiu necessidade de reforçar conselhos. Ela ia ser feliz, e útil. Aprender um ofício. Agora falava mais para irmã Cola:

— Croché, que tanto serve para encher a vida da gente.

Irmã Cola ria e confirmava. Pousou a mão sobre os cabelos compridos da menina:

— Ela vai se dar bem.

A menina quis marejar os olhos, e mordeu o lábio.

Quem se empolgou também com os cabelos da menina foi irmã Cibele, que é recente e atrai miolo de pão para os pombos. Alisa-os com as próprias mãos, enquanto a menina se aplica no bastidor, o que é inusitado. As outras órfãs deixam cair os trabalhos no colo mais ou menos surpresas, uma delas de boca aberta, a agulha suspensa no ar. Irmã Cibele teve a idéia do laço de fita, para compor o rabo-de-cavalo, que apreciou recuando:

— Fica lindo!

— Cavilação...

Quem falou assim, de passagem, foi irmã Teresa. Irmã Cibele pareceu perturbar-se muito. Baixou os olhos: ela tem esse jeito de os escoregar pelo chão. Enfiou as mãos muito alvas e finas nos bolsos largos do hábito, apressou-se, sem muita necessidade, em atender à velha milionária de *l'orignon*, com automóvel parado sob o castanheiro no portão do orfanato, que viera encomendar enxoval para o casamento da neta.

Irmã Cibele explicava:

— São aplicações muito bonitas.

A velha milionária estava mais interessada na roalha de labirinto.

Irmã Cibele ainda olhava de lado, distarçadamente, sentindo os passos de irmã Teresa, que continuava o seu passeio de inspeção. Irmã Teresa é pesadona, de tornozelos inchados, meias grossas e velhas sandálias, por causa dos joanetes. Toma de manhã o seu remédio para o artritismo, servindo-se do copo de água no filtro, e examina os dedos doloridos e tortos à luz do sol na arcada da área. O que mais lamenta é já não poder dar um ponto de croché. Não tem tato, energia nos dedos, a agulha cai e ela sente dificuldade em encontrá-la debaixo da cadeira de balanço. Superintende o orfanato. Irmã Cola tem mais a direção do colégio e o cuidado da capela: é muito contrita nos seus votos. Irmã Teresa vigia, superintende:

— Cavilação... muita cavilação.

Embirra com a simpatia de irmã Cibele pela menina, aquele agarrado tolo, que nem é próprio de uma freira. Ainda assim, irmã Cibele encontra meio de pegar a menina pela mão e correr com ela até o jar-

dim, que é outra paixão de irmã Cola (tem verdadeira loucura pelo canto de rosas e se contraria com as formigas). Ela própria, irmã Cola, está ali na manhã de domingo e indica da calçada do pátio as plantinhas que ela quer que as duas mudem:

— Lá... perto da roseira.

As mãos da menina estão sujas de terra. Irmã Cibele tem a barra do hábito umedecida pela grama. Sacode-o na calçada, batendo com os pés. As velhas, que balançam sempre as cabeças e se xingam, continuam a aguação dos outros canteiros com os pesados aguadores. Irmã Cola já se afastou, e irmã Teresa apareceu sob a arcada, no seu jeito meio míope de cerrar as pálpebras por trás dos óculos, como se contemplasse o telheiro em frente, onde os pombos voltam a arrullhar.

Vigia.

Tudo se deu com a cumplicidade da tarde. O sino da capela já chamara para o terço. As mesmas máquinas de costura fechadas no pavilhão do orfanato, sobras de pano e fios pelo chão, as peças de linho ordenadas sobre a mesa. Irmã Cibele alcançou a menina no corredor do dormitório, depois de ainda consultar pela porta onde há a cortina. Estava muito em cima da menina, e sem palavras, que foram articuladas num sopro:

— Seus seios estão ficando lindos...

A menina propriamente não se surpreendeu. Teve receio, porque também olhou para os lados, para a porta da cortina. Tremia. Irmã Cibele também tremia e ofegava, as narinas acesas. Quis ver-lhe os seios, e ela mesma os procurava, as mãos muito ágeis. Perdia a cabeça. Beijou-os, e agora os sugava, babando-os e repetindo incoerências:

— Ahnh!

A sensação da menina foi de cócegas. Quis encolher-se. A excitação começou a empolgá-la, levantava-a nas pontas dos pés: a língua de irmã Cibele era ativa e morna, os dentes mordiam com muita delicadeza, quase roíam. Um rumor qualquer? Irmã Cibele recompôs a menina, compõe-se a ela mesma e marchou rápida pelo corredor em direção à capela, os olhos baixos, naquele jeito seu de os escorregar pelo chão.

A menina meteu-se pelo dormitório. Está sentada na beira da cama e rói a unha. Os pensamentos são contraditórios. Sente-se como que esvaziada, lassa. Lembra-se distantemente de dona Madalena, que viu pela última vez na festa de bodas de ouro de irmã Cola. Interfere a figura de irmã Teresa. Talvez procure sentar-se junto dela com o bastidor. Nada é certo, há incoerências. Persiste a sensação dos dentes nos mamilos, que ela tenta mais uma vez desfazer com a mão, a blusa ainda úmida pela saliva de irmã Cibele.

Harry Laus
O ESTIVADOR



Mulato e semi-analfabeto, Aldo supria as poucas letras com a abundância dos músculos.

Criança, perdia horas na amurada do cais de Santos, acompanhando a entrada e saída dos navios, imaginando os portos de escala. Tinha um álbum de postais e recortes coloridos de portos de todo mundo. Santos, nem se fala: páginas e páginas. Com os pais e cinco irmãos, morava num barraco que um temporal derrubou, levando o álbum com seus sonhos de viagem. Adulto, acabou sendo estivador, como o pai.

Ninguém como Aldo para levantar e carregar fardos. Era de se ver a facilidade, a elegância e sincronia de movimentos com que se apossava dos pesados volumes — como uma criança apanha uma fruta. O passo corrido e balanceado completava as dezenas de viagens diárias

que fazia, nunca olhando o monte de onde tirava as sacas, sim a altura que ia surgindo como resultado de seu trabalho.

Pouco falava. Recebia as ordens, inteirava-se do serviço, calculava o tempo necessário ao transporte da carga e cumpria a tarefa sorrindo, às vezes assobiando, disputando em silêncio a eficiência própria com a dos outros, cuidando em suplantá-los em método e agilidade. Permia-se, durante o trajeto do carregamento, comparar seu físico com os demais e se algum novato lhe parecia mais forte, partia para o teste de liderança: a queda-de-braço. Ninguém, por mais corpo e taguagens tivesse, o vencia nesse esporte. Era o único momento em que o estivador se misturava aos companheiros, ganhando um dinheirinho extra com as apostas e alegrando o ambiente pesado de suor, cansaço e pouca liberdade.

Ao fim do expediente, tentava dar ao passo um andamento normal, sem o balanço dos ombros, procurando abandonar a concentração muscular dos braços e pernas exaustos. A ducha fria, seguida de massagens por todo o corpo, depois alguns minutos estendido sobre a cama larga, deixavam Aldo em condições ideais para recomeçar tudo no dia seguinte. Menos aos sábados, quando o banho era mais demorado, a massagem mais cuidadosa, o costumeiro repouso substituído pelo empenho em alisar o cabelo, botar perfume, vestir o roupão de seda cor de sangue que ganhara na disputa de braço com um marinheiro sueco.

E esperava.

Aldo chamava de "meu apartamentinho" o quarto com banheiro aos fundos, em cima de um açougue próximo às docas, para onde subia por uma escada lateral de uns 15 degraus, janela única dando para a rua

quieta nos fins de semana. Na decoração, a velha mania de guardar recortes passara por uma transformação: agora eram fotografias de Greta Garbo, Norma Shearer, Joan Crawford, coladas às paredes com grude de farinha de trigo e água. Uma pilha de discos a 78 rotações ao lado do toca-discos; geladeira portátil cheia de frutas, refrigerantes, queijo e mortadela; fogãozinho a gás de duas bocas; pequeno armário com poucas panelas e louças, enfim, tudo modesto porém indispensável a quem vive só. E a cama de espaldar de ferro trabalhado, encontrada ao acaso num ferro-velho. Arrumá-la, seu maior desvelo. Depois de alisar todas as pregas da colcha de cetim floreado, segurava com amor a boneca de feltro e a colocava bem no centro da cama, sentada, espalhando com os dedos o rodado da saia.

— Fica quietinha, assim, ajeta esses babados, esconde a combinação... fica mais alegre, sua tola, hoje é dia de visita.

A voz doce mal encontrava saída entre a musculatura do estivador. As mãos calejadas e grossas sentiam-se bem no contato suave com a seda, o feltro, compensando a aspereza da lona e da aniagem dos carregamentos nas docas.

Esperando a companhia das noites de sábado — já iriam comemorar seis meses de convivência — Aldo impacientava-se com a demora. Retocava o cabelo no espelho do banheiro, sorria para ver se os dentes estavam bem claros, piscava brejeiro, desfazia mais uma ruga da colcha ao passar pela boneca.

— Demorando, não é meu bem?

Nem sombra de gente na rua pouco iluminada. Ocupar-se com os sanduíches, encher o baldinho de gelo, os copos azuis um ao lado do

outro, o litro de rum. Coca-cola botava na hora, para não esquentar. Faltava escolher um disco.

— Este aqui, o último de Carmem Miranda.

A metamorfose completava-se com a chegada do soldado. Um sanduíche, o soldado sem túnica; Dalva de Oliveira, o primeiro cuba-ibre; tira as calças, Isaurinha Garcia; mais sanduíches, outro cuba, os dois de calção para o mergulho no colchão macio. A musculatura de Aldo, inerte aos caprichos do soldado. O estivador era um fardo manipulado, abragado, criança rolando sobre a relva. Acostumado a levantar pesos, o corpo do soldado sobre o seu era uma nuvem.

Mas o soldado se atrasara, comemorando pelos bares do Gonzaga a baixa do primeiro contingente. Chegou embriagado.

— Tira a roupa, bem.

— Tiro porra nenhuma.

Abriu o cinto, a túnica, meteu o gorro sob a platina do ombro, sentou-se na beirada da cama.

— Cuidado com a boneca.

— Me dá um cuba. Mais gelo. Capricha, pô.

A princípio, Aldo divertia-se com o rapaz, o corpo balançando como um barco, as pernas bem afastadas para manter o equilíbrio, o copo quase entornando.

— Não me suja a colcha.

Pelo terceiro cuba-ibre, os olhos do soldado quase se fechando de sono, Aldo aproximou-se e começou a soltar os cordões da botina, acocorado.

— Sai pra lá, veado.

Com o impulso forte e inesperado da botina do soldado em seu peito, o estivador caiu para trás, batendo com a cabeça na parede. Com as mãos no assoalho, puxou o corpo até ficar sentado, as costas cobrindo recortes com artistas de cinema.

Fora de si, o rapaz levantou-se da cama e, em poucos segundos, a desorganização do quarto era total. Discos e copos quebrados, cadeiras viradas, blocos de gelo rolando pelo chão. Sob a pressão dos dedos e das unhas, as páginas das revistas coloridas iam sendo arrancadas e jogadas por toda parte. Num giro brusco, o soldado defrontou-se com a cama e inclinou-se sobre ela.

— A boneca não!

Ao grito juntou-se o gesto violento de Aldo, arrancando a boneca com a mão direita enquanto a outra caiu pesada na cara do soldado. Antes de poder defender-se, recebeu outro soco, mais um, procurou a porta meio às cegas, um último empurrão o jogou contra o balaústre da escada. Conseguindo apurar-se, o soldado desceu os degraus aos saltos.

Aldo sentou-se aturdido na cama, as mãos pesadas e nodosas cobrindo-lhe o rosto. Depois abaixou-se para juntar os cacos de vidro, as lascas dos discos, os recortes rasgados.

Quanto tempo para refazer um relacionamento como aquele? Procurar disfarçadamente pelos bares, aproximar-se, nas primeiras palavras o máximo cuidado para conquistar a simpatia, a confiança, convencer que aquele monte de músculos servia apenas para carregar sacos, a menos que houvesse necessidade absoluta de defender-se, de defender — como acabara de fazer — sua muda confiante.

Harry Laus

Aldo abraçou a boneca e começou a acariciar sua cabeleira.

— Não chora, sua boba... Olha aquele navio. Como é bonito, todo iluminado. Vai sair pela barra de Santos e vencer o mar sozinho...

Porto Belo, Santa Catarina, 1984.

Lygia Fagundes Telles

UMA BRANCA SOMBRA PÁLIDA

Hoje fui ao túmulo de Gina e de longe já vi as rosas vermelhas esperadas na jarra do lado esquerdo, Oriana veio ontem. Não combinamos nada, é evidente, mas a jarra do lado esquerdo ficou sendo a dela, a jarra da direita é das minhas rosas brancas. Que já murcharam, as brancas duram menos. Acendi um cigarro. É proibido fumar, eu vi escrito por aí. E o que mais é proibido, viver? Fiquei um tempo olhando suas rosas vermelhonas, completamente desabrochadas. Um pouco mais de sol nessas corolas e em meio do perfume virá aquele cheiro que vem dos mortos quando também eles começam a amadurecer. Não nas narinas! eu disse. Fui buscar o corpo depois da autópsia, já não era mais a pequena Gina, agora era *o corpo* com aquele algodão atochado no nariz, Tira isso! O enfermeiro obedeceu, apático, tudo na sala era assim neutro mas limpo. Sua filha? ele perguntou. Fiz que sim com a cabeça

e então me recomendou, Caso precise, a senhora depois arruma outro algodão. Não precisou, até o fim Gina ficou com suas narinas livres para voltar a respirar se quisesse. Não quis. Está certo, foi feita a sua vontade, ela era voluntariosa, quando resolvia uma coisa, hein?

Apanhei no chão o papel cinza-prateado da floricultura, logo aqui adiante há um cesto metálico e no cesto está escrito *Lixo*, este é um cemitério ordeiro. A desordeira é Oriana com seus dedinhos curtos, parece que estou vendo os dedinhos de unhas roídas amarfanhando raivosamente o papel que virou esta bola dura, não se conforma com a morte. Ah, que coincidência, porque também eu não me conformo, a diferença apenas é que você gosta de fazer sujeira, Você é suja! Um casal que vinha pela alameda ouviu e parou assustado. Jogo longe o cigarro, faço cara compungida e finjo que rezo enquanto me inclino diante da jarra das rosas vermelhas. Choveu, elas ficaram encharcadas. Depois veio o sol e as vermelhonas se fartaram de calor, obscenas de tão abertas. Ao anoitecer vão parecer vísceras, mas amanhã certamente já estarão escuras, com aquele vermelho-negro bordejando as pétalas. Sujas, reptito bem baixinho porque o casal de velhos ainda continua por perto, comentando a beleza do ipê-amarelo que floriu numa sepultura de cal recente. A terra aqui é rica, tenho vontade de informar ao casal de idosas, vergados de velhice e ainda alegres, Oh! as flores, os passarinhos. Vou com a minha jarra até a torneira mas antes deixo no cesto o ramo murcho das minhas rosas brancas e mais o papel que Oriana largou no chão. Desembrulho os botões que acabei de trazer, os caules duros, as corolas arrogantes de tão firmes — não é mesmo curioso? Gina tinha essa mesma postura altiva de bailarina se preparando para entrar no pal-

co, a cabeça pequena, a testa pura. Artificial, sim, dissimulada mas querendo parecer natural, as bailarinas são dissimuladas como os próprios seios aplacados sob o corpete. Os gatos dissimulam feito as bailarinas, andou por casa uma gatinha de telhado que Gina encontrou na esquina, apaixonou-se pela gatinha, Filomenal Filô, Filô! E a gatinha vinha correndo e berrando com aquele rabo aceso, uma antena. Diante do pires de leite, a dissimulação: olhava para um lado, para o outro, desinteressada. Fingindo não estar com o menor apetite. Quando ficou no cio, desapareceu. E Gina aos prantos, chamando em vão, todos os dias deixava no jardim o leite, a carne. Estava no cio, queria um gato, eu avisei e Gina baixou aqueles olhos de um azul inocente. Não, mãezinha, ela ia ser freira. Cheguei a rir, uma gata freira? Mas Gina não estava fazendo graça, estava séria enquanto guardava na sacola as suas sapatilhas, resolveu entrar para uma escola de ballado clássico. Foi por essa época que conheceu Oriana, a dos dedinhos. Começou então a se interessar por letras. Letras, Gina? É, letras. Era o que a outra estudava. Você é que sabe, respondi. Sempre concordei com tudo e adiantava discordar?

Deixo a minha jarra com os seus botões emperdigados ao lado das rosas de Oriana e penso agora que essas jarras ficaram grandes demais para um túmulo tão pequeno, Gina era pequena. A pequena Gina, digo e me sento na beirada da lousa, os cemitérios deviam ter cadeiras. Mas assim isto aqui não virava logo uma festa? Com a chegada da noite, a pequena Gina de sapatilhas rosadas a deslizar dançarinando por entre os túmulos e aquele lá do retrato, o cabelo encaracolado e a gravata preta de laçarote, um pianista a tocar o seu Prelúdio e o político, aquele da escultura pomposa, com os braços abertos na promessa interrompida,

ansioso por continuar o seu discurso — mas não seria mais lógico cada qual cumprindo até o infinito o ofício da paixão? Este enorme espaço perdido, todo mundo amontoadado lá fora e aqui a imensidão desabitada. Respeito pelas almas? Mas onde estão essas almas? Amasso devagar o papel de seda que embrulhava o meu ramo até o papel virar a bola que guardo no bolso. E também eu, lícida mas participando da farsa. Está certo, já entendi, preciso representar. Mas representar para quem se a única vida que resta está nessas árvores. Nesta grama que rompe com fúria-nos canteiros mas perde para a pedra, é o triunfo do mau gosto na pedra das estátuas. Das capelas. Mas os cemitérios têm mesmo que ser românticos, disse Gina. Voltávamos do enterro do pai e agora me lembro que fiz uma observação que a desgostou, era qualquer coisa em torno desse ritual das belas frases, das belas imagens sem a beleza. Ela com a sua mágoa e eu com a minha impaciência, ah, a mentira das superfícies arrumadas escondendo lá no fundo a desordem, o avesso desta ordem.

Acendo outro cigarro. Comecei a fumar deste jeito desde o dia em que Oriana esqueceu o maço de cigarro no quarto de Gina, experimemente um, era bem mais forte do que aqueles que eu fumava meio espacadamente. Enquanto fui ouvindo os discos, não parei até esvaziar o maço. Então fiquei ali quieta, sentada no chão do quarto em meio das almofadas onde elas estiveram e sentindo ainda no ar aquele indefinível cheiro de juventude. Uma borboleta com desenhos prateados nas asas veio agora rondar a jarra das rosas vermelhas, não quis os botões brancos, a safada. Quando se fartou das vermelhonas, fez um vôo rasteiro até aqui, interessada no nome que mandei gravar na lousa, Gina. De-teve-se nas datas, é uma borboleta meio fonta mas curiosa: Quer dizer

que ela tinha só vinte anos? perguntou excitada, batendo as asas com mais força. Só vinte anos. Era bonita? Demoro um pouco para responder. Bonita, não, mas quando falava tinha um jeito tão gracioso de interrogar inclinando assim a cabeça e aquele jeito de rir, os olhos tão acesos e os cabelos de um castanho dourado tão profundo. O andar era de bailarina que não é mais bailarina e continua com a graça de quem vai assim flutuando — será que estou sendo clara? Claríssima, responde a borboleta. Acabou de pousar na letra A do nome, as asas inquietas, Foi acidente? Não, minha bela, respondo e sopro devagar a fumaça do cigarro na sua direção, foi suicídio. Acho que queria apenas me agredir, seria uma simples agressão mas desta vez foi longe demais. O pai tinha esse mesmo estilo ambíguo, não ia direto ao alvo, contornava. A diferença é que era mais esperto, não correria o risco de fazer figurasões com a morte. A borboleta concordou enquanto se desviava da fumaça, adotei a marca de Oriana que não é marca para borboletas. E de repente, ela me pareceu desinteressada, tem vida curta, não pode ficar perdendo tempo com os mortos. Afastou-se da lousa em vôos circulares, foi de novo até as rosas vermelhas, fez um último movimento gentil em redor da minha cabeça e lá se foi na direção do muro, Adeus!

A morte é um sopro, ouvi a pequena Gina dizer ao pai, eles gostavam desses assuntos. A alma, a tal essência sutil, só ela continua impercível, segundo a dedução dos dois. Impercível e consciente. Bem, Gina, você se matou, se pirulitou, como diz sua amiga, ela gosta desse verbo, pirulitar. Desertou do corpo mas está lícida, certo? Então pergunto agora, era isso que você queria? Era isso? Você parecia tão

feliz lá no seu quarto todo branco, se fechava com Oriana e falavam e ouviam música e riam, como vocês riam! Quando abriam a porta, estavam coradas, os olhos úmidos. Letras. Esmago no sapato uma formiga que surgiu debaixo de um pedregulho, há-de ver que estive lá embaixo naquele fundo nojento, rastejante, oh! Deus. Até hoje me pergunto por que ela escolheu o domingo de Páscoa. Sem ressurreição. Passei esses três meses tentando provar — a quem? — o quanto estava sofrendo e assim entrei numa voragem de pequenas obrigações, missas, roupas pretas, o capricho na escolha deste tímulo aparentemente modesto mas da melhor qualidade. Até que me veio de repente a indignação, irritei-me até com a Efigênia que estava virando uma carpideira difícil de suportar. A minha queridinha que carreguei no colo! Sim, carregou Gina no colo mas chega, não foi isso que ela quis? Não foi? Então deve estar satisfeita, sua vontade foi cumprida. E se eu mesma me envolvi nessa espécie de polémica com Oriana é porque estranhamente esses jogos florais me excitam. Ela vem com a arrogância das suas rosas vermelhas e me provoca deixando aí o ramo, eu venho com o meu ramo das brancas que espeto na jarra da direita — não era assim antes? Ela mandava as vermelhas e eu respondia com o branco dos meus botões. Que a sagaz Gina tinha o cuidado de não misturar, nessa altura as duas já andavam desconfiadas que eu suspeitava da espécie desses altos estrudos. Falavam muito em poesia norte-americana, Oriana traduz na perfeição, foi o que eu entendi. A porta trancada e o toca-discos no auge, parece que a coisa só engrenava com fundo musical. Jazz. Eu podia colar o ouvido na parede e só ouvia a cantoria da negra se retorcendo de aflição e gozo. A cama intacta, a coberta lisa. Os altos estrudos eram feitos ali no chão em

meio de almofadas com pilhas de cadernos, livros. Os cinzeiros atocchados, latinhas de refrigerantes, cerveja. E a música. A música.

A Whiter Shade of Pale. Não sei como a agulha já não fez um furo nesse disco, eu disse. Gina tinha levado a outra ao ponto de táxi e voltava com sua carinha lavada, não usava maquiagem. Guardou o disco no envelope e já ia escapulindo quando a puxei pelo braço, mas o que quer dizer isso, *A Whiter Shade of Pale?* Seu olhar dançarinou pelo título: *Uma Imagem Mais Branca que Pálida*, talvez. Ou *Uma Branca Sombra Pálida*. Ficou hesitante e prometeu dar uma resposta depois, ia perguntar a Oriana. Então eu quis dizer que achava um verdadeiro lixo essa música de drogados, mas consegui me conter. Ainda assim, devo ter feito alguma ironia porque ela fechou a cara e a porta. Me lembro agora de um detalhe, Gina gostava dos clássicos, paixão por Mozart, mas quando se trancava com Oriana, começava o som dos delinqüentes. Parem com isso! eu queria gritar. Então pegava o meu tricó e calmamente ia pedir a Efigênia que levasse o lanche das meninas, um chocolate bem quente e os pãezinhos no forno, bastante manteiga. Sal. Elas estudam demais, queixou-se Efigênia enquanto cortava o pão. Olhei-a nos olhos, também ela? ... Uma velhota incapaz de malícia e agora. Apertei a cabeça entre as mãos e fiquei andando, andando sem parar, mas o que significava isso? Será que eu estava enlouquecendo? Fiquei uma esponja de fel? perguntei em voz alta e fui para o meu quarto. Experimentei o chão. Era duro para mim, mas na idade delas a gente podia falar em dureza? Se olhasse pelo buraco da fechadura, chegaria até a cabeceira da cama. Alcançaria ainda o olho vermelho do

toca-discos e uma parte da mesa com os livros. A bandeja no chão com alguns copos de vidro — mais nada.

Minha filhinha é de vidro, ele disse. O pai. Fumava cachimbo com aquele mesmo ar romântico com que Gina ouvia Chopin, mas eu sabia o que estava por detrás desse romantismo. Resolveu que ela faria a sua Primeira Comunhão e resisti à idéia. Ele insistiu com o argumento de que toda criança fica feliz nessa festa. Comandou tudo. A manhã fria e o vento, sempre o vento. A pequena Gina desceu do carro segurando a grinalda de rosinhas, não fosse o vento arrebatá-la. Correu para subir a escadaria da igreja e foi nos esperar lá em cima, a longa saia de organ-di branco a se abrir feito um balão, o véu esvoaçante querendo subir, Cuidado, Ginal Cuidado, filhal repeti e fiquei me perguntando, mas cuidado por quê? Ele acendeu o cachimbo e a cinza me alcançou. Quer ter a bondade de apagar isso? pedi. Ofereceu-me o lenço. Limpei a cinza que se colara ao meu lábio e apontei o banco do carro, Olha aí, Gina tinha que esquecer o missal. Ele guardou no bolso o cachimbo apagado, apanhou o missal e falou entre os dentes. Deixa a menina em paz.

Fiz sua vontade, meu querido. Dei-lhe toda liberdade e se você ainda vivesse poderia ver agora no que deu essa liberdade. Mas seu coração era delicado, os delicados não têm resistência. Gina recebeu ovos de chocolate e flores, mas justo nesse domingo de Páscoa Oriana não apareceu. Tarde da noite, passei pelo seu quarto e pela porta entreaberta, vi que ela podava os longos caules das rosas vermelhas que tinham chegado sem cartão. Fiquei olhando a pequena Gina com sua camisolinha curta, os cabelos soltos até os ombros e descalça, ela gostava de

andar descalça. Uma criança, pensei, e tive que cerrar as mãos contra o peito, com medo de que ela ouvisse o meu coração. Assim que me viu, esboçou um sorriso e continuou cortando com a tesourinha de unhas os caules que em seguida mergulhava no copo d'água. Reparei que o corte era oblíquo e exato, tique, tique... Comecei falando em trivialidades, me lembro que cheguei a oferecer-lhe um refresco. Ou quem sabe preferia um chá? Sem interromper a tarefa que executava como se dispusesse de uma régua para podar os caules sempre no mesmo tamanho, agradeceu, tinha tomado um lanche com amigos. Confesso que não sei, até hoje não sei porque de repente, sem alterar a voz, comecei a falar com tamanha fúria que não conseguí segurar as palavras que vieram com a força de um vômito, Gina querida, como é que você tem coragem? De continuar negando o que todo mundo já sabe, quando vai parar com isso? Ela levantou a cabeça e ficou me olhando, Mas o que todo mundo já sabe, mamãe? Do que você está falando? Cheguei perto dela, acho que me apoiéi na mesa para não cair. Mas ainda me perguntar! Falo dessa relação nojenta de vocês duas e que não é novidade para mais ninguém, por que está se fazendo de tonta? Não vão mesmo parar com essa farsa? Seria mais honesto abrir logo esse jogo, vai Gina, me responde agora, não seria mais honesto? Mais limpo? Ela continuou com a tesourinha aberta no ar, a rosa com o caule ainda inteiro esperando na outra mão, imóvel feito uma estátua. Cruzei os braços com força porque eram os meus dentes que agora batiam. Levantei a voz mas falei devagar. A escolha é sua, Gina. Ou ela ou eu, você vai saber escolher, não vai? Ou fica com ela ou fica comigo, repeti e fui saindo sem pressa. Bons sonhos, querida, devo ter dito quando já estava na porta e agora já não sei se

disse isso ou se pensei enquanto segui firme pelo corredor. Quando já chegava ao meu quarto, Gina veio correndo e me alcançou. Veio por detrás, me abraçou apertadamente, colada às minhas costas, fazia assim quando era criança e sentia frio, era uma criança friorenta, Ah, mamãe, mamãel ficou repetindo agarrada em mim. Ela sabe que não gosto de beijos, nem tentou me beijar mas apenas me abraçava, as mãos fechadas com força em redor da minha cintura, Mãezinha, mãezinha!... Acho que eu não esperava essa reação porque me assustei, devo ter abrandado a voz enquanto a afastava, desgrudei-me das suas mãos e ficamos frente a frente. Vista uma roupa, Gina, você vai se resfriar! Não se preocupe comigo, depois a gente se fala, agora vá dormir, é tarde, vá dormir! Por um momento ela ficou me olhando, os braços caídos ao longo do corpo, a boca interrogativa, olhando. Fiz um último gesto antes de entrar no meu quarto, sentia tamanho cansaço. Fechei a porta e fiquei ouvindo meu coração que há pouco parecia ter enlouquecido e de repente se acalmou. Peguei o tricô e varei a noite acordada, mas em nenhum momento me ocorreu que além das duas saídas que lhe ofereci, havia uma terceira. Que foi a que ela escolheu, cortar com aquela tesourinha, tique! o fio da vida no mesmo estilo oblíquo com que cortara os caules.

Me lembro bem, chegaram poucas pessoas, vizinhos. Conectidos. Ficaram a uma certa distância do caixão e pareciam espantados mas cerimoniais. Tenho alguns primos que moram longe, a família está desaparecendo. E Gina nunca foi de fazer amigos, tirante Oriana, vieram três ou quatro colegas e ainda assim, na última hora, os mortos do fim de semana concorrem com festas, viagens. É evidente que

perdem na competição. Segurei Efigênia que já telefonava, Só avise Oriana depois que tudo estiver arrumado, entender? O cenário já estava armado quando ela chegou lívida com sua bragaçada de rosas vermelhas, iguais às que Gina podara na véspera. Foi varando o pequeno círculo dos cerimoniais e se aproximou do caixão até ficar na minha frente. Estava mais descabelada do que de costume, o olho estalado, sem lágrimas, mas senti que lá por dentro estava aos gritos, que eu negasse tudo, Diga que não é verdade, que não aconteceu! Eu arrumava as rosas brancas em redor da cabeça de Gina com sua coroa da Primeira Comunhão. Não acredito em Deus, já disse, se às vezes chamo por ele é assim automático, não acredito. Mas fiz questão de cumprir todo o ritual da morte cristã, ela e o pai, ambos gostavam desse teatro da inocência. Até nesse ponto os dois eram parecidos com Oriana que também gosta dessas bugigangas afro-religiosas, tem a fininha vermelha amarrada no pulso e a cruz de ferro na corrente do pescoço, Diga que não, que não é verdade!, ela suplicava em silêncio. Como eu não lhe desse a menor atenção, agarrou-se a Efigênia num abraço e pude então ouvir os seus gemidos desvairados, Não!... Quando Efigênia se desprendeu para preparar o café, ela voltou cambaleante. Entre nós, a pequena Gina no seu jardim suspenso. No silêncio tão espesso que podia ser cortado com faca, o olhar de Oriana parecia agora interrogar Gina, Mas por quê?!... Lembrei então da música que repetiam até o orgasmo, *Uma Branca Sombra Pálida*. Sim, ela ficou apenas isso na morte. A respiração de Oriana foi se acelerando cada vez mais, devia ter a idade de Gina e no desespero respirava feito uma velha asmática, Não aconteceu, não é verdade! Ainda com a boca travada passei-lhe o

recado, Aconteceu sim, minha querida. Aí está a sua amiguinha abarrotada de pílulas, ela não era a sua amiguinha? E agora comporte-se, nada de histeria, não me obrigue a te botar na rua. O vento apagou uma das velas, tirei do bolso a caixa de fósforos e quando voltei ao meu posto, Oriana chorava silenciosamente a uma certa distância, a cara escondida no seu ramo de rosas. Quando não se agüentou mais, saiu resfolegante feito um cavalo e foi ao banheiro para vomitar. Ou para abafar os guinchos na toalha ou queimar seu fumo ou tomar alguma pílula, é uma viciada. Voltou fortalecida. Efgênia já tinha passado a bandeja de café e agora as duas cochichavam num canto, mais uma vez Oriana devia estar pedindo que ela repetisse a mesma coisa, que a menina parecia bem quando foi buscar na cozinha o vaso de opalina ou um copo para as flores, não se lembrava. Viu-a bem mais tarde, queria beber água. Despediu-se com um beijo, nenhuma novidade, fazia sempre assim. O tubo que ela esvaziou? Não, ninguém tinha visto esse tubo antes. Deitou-se com sua camisolinha e amanheceu aquela imagem que eu enfeitava tentando botar ordem na desordem da morte, a morte é só desordem, sei como Gina deve estar agora. E sei também como elas se amavam, andei lendo sobre esse tipo de amor.

Acendo outro cigarro e respondo ao cumprimento do alegre casal de velhos que vem retornando do seu passeio pela alameda, andam pelo cemitério como se estivessem num bosque. Leio a advertência no mago, Fumar é Prejudicial à Saúde. Mais prejudicial do que o cigarro é a memória, digo baixinho ao velho que lançou um olhar reprovador ao meu cigarro. A memória e os seus detalhes. Coisas pequenas,

minúcias. Eu já tinha ocupado com as minhas rosas brancas quase a metade do caixão quando Oriana veio de novo com as suas rosas vermelhas e teve um gesto tímido, Posso?... Seus olhos brilhavam em meio das lágrimas, tem olhos bonitos, e quando sorri, chega a ficar bonita, enfim, essa coisa da juventude. Posso?... Con senti com um movimento de cabeça, está bem, deixasse suas rosas obscuras aí no caixão mas só da cintura para baixo, ventre, pernas, Ó! filha, eu deixei escapar. É que me viera de repente o estranho sentimento de que Gina parecia meio assustada, como se não tivesse tomado consciência daquilo tudo, Quer dizer que eu morri? Inclinei-me como se quisesse ajeitar-lhe a coroa e devo ter dito um Sim! na sua pequena orelha, era tão sensível aos ruídos, uma cadeira que se puxasse, uma colherinha que caísse. Mas o tal som degradado e no mais alto volume, esse ela podia ouvir horas seguidas. Muito parecia com o pai a pequena Gina, seria um bicho-de-concha se morasse no mar. A Oriana dos dedinhos curtos tinha ao menos uma virtude, abria o jogo, não blefava, agora estava sofrendo e não escondia. Nem escondia a carícia na gula da mãozinha respeitosa que ia arrumando as suas rosas mas também tocando no corpo sob a seda transparente do vestido, Nunca mais, Gina? Tive uma vontade louca de responder ali, diante de todos, Isso mesmo, nunca mais! E agora me lembro que ficou bonita a superfície do pequeno jardim retangular feito uma bandeira metade branca, metade vermelha, as vermelhas já alcançando os pés descálços de Gina, seus pés eram perfeitos. Apenas por um instante Oriana os fechou nas mãos, bafejando neles como se quisesse aquecê-los. Depois foi recuando de costas e desapareceu.

Ainda uma vez olho as duas jarras com as rosas, Até quando? Até quando Oriana vai se empenhar comigo nessa polêmica? É uma ex-bicionista, deve sentir prazer nas competições. Mas logo vai conhecer outra, é evidente. Ao lado das suas rosas ressequidas ficarão apenas as minhas rosas brancas. Difícil explicar, mas quando isso acontecer, esta será para mim a sua maior traição.

Rubem Fonseca
DIA DOS NAMORADOS

Se há uma coisa que eu não engulo é chantagista. Se não fosse isso, não sairia de casa naquele sábado, por dinheiro nenhum do mundo. O advogado Medeiros ligou para mim e disse, é uma chantagem e o meu cliente paga. O cliente dele era J.J. Santos, o banqueiro.

Mandrake, continuou Medeiros, o assunto tem que ser encerrado sem deixar resto, entendeu?

Entendi, mas vai custar uma grana firme, eu disse, olhando a princesa loura que estava comigo.

Eu sei, eu sei, disse Medeiros. Sabia mesmo, tinha sido político, tinha passado pelo governo, era ministro aposentado, estava por dentro de tudo. Comecei mal aquele sábado. Acordei irritado, com dor de cabeça. Ressaca de uma noite cheia de libações. Andei pela casa, ouvi o Nelson Gonçalves, abri a geladeira e comi um pedaço de queijo-cavalo.

Peguei meu carro e fui para o Itanhangá, onde os grã-finos jogam pólo. Gosto de ver os ricos se mexendo. Foi lá que encontrei a loura. Parecia uma flor orvalhada, a pele saudável e limpa, os olhos brilhando de saúde.

Os jogadores de pólo vão parar no inferno, eu disse.

Como? ela perguntou.

No juízo final os ricos se fodem, respondi.

Um socialista romântico!, ela riu, com desprezo.

Era essa loura que estava no meu apartamento quando o advogado Medeiros ligou.

J.J. Santos, o banqueiro de Minas, no mesmo sábado, discutia com sua esposa se iam ou não ao casamento da filha de um dos seus sócios.

Não vou, a mulher de J.J. Santos disse, vai você. Ela preferia ficar vendo televisão e comendo biscoito. Casados há dez anos, estavam naquele ponto em que você se conforma e morre encarcerado ou chuta a mulher pro alto e fica livre.

J.J. Santos vestiu um terno escuro, camisa branca, gravata prateada.

Eu peguei a princesa loura e disse, vem comigo. Era dia dos namorados.

Você já leu algum livro de poesia? ela me perguntou.

Olha, respondi, nunca li livro nenhum, exceto os de direito.

Ela riu.

Você tem todos os dentes? perguntei.

Ela tinha todos os dentes. Abriu a boca e vi as duas fileiras, em cima e em baixo. Coisas de rico.

Chegamos no meu apartamento. Eu disse, o que vai acontecer aqui, entre nós dois, será diferente de tudo que já aconteceu, contigo, minha princesa.

Faz o trailer, ela disse.

Quando nasci me chamaram de Paulo, que é nome de papa, mas virei Mandrake, uma pessoa que não reza, e fala pouco, mas faz os gestos necessários. Prepare-se, princesa, para uma coisa jamais vista.

Nesta hora o telefone tocou. Era o advogado Medeiros.

O altar estava coberto de flores. A noiva, acompanhada do pai, desfilou lentamente pela nave da igreja, ao som das vozes de um coro afinado. O noivo, como sempre, estava com cara de besta esperando pela noiva, no altar.

Às 8h J.J. Santos saiu da igreja, pegou o seu Mercedes e foi para a casa dos pais da noiva, em Ipanema. O apartamento estava cheio, J.J. Santos cumprimentou as pessoas, brincou com os noivos, e meia-hora depois saiu sem ser notado. Ele não sabia ao certo o que queria fazer. Certamente não queria voltar para casa, assistir velhos filmes dublados na televisão colorida. Pegou o seu carro e saiu pela praia de Ipanema, em direção à Barra da Tijuca. Ele morava apenas há um ano no Rio, achava a cidade fascinante. Uns quinhentos metros adiante, J.J. Santos viu a garota, parada na calçada. Os outros-falantes do seu carro transmitiam música estereofônica e J.J. Santos estava emocionalmente predisposto. Nunca tinha visto garota tão bonita. Teve a impressão de que ela olhara para ele, mas devia estar enganado, ela não era do tipo de piranha de praia, dessas que ficam pescando freguês que passa de automóvel. Estava

no fim do Leblon quando resolveu voltar, talvez a garota ainda estivesse lá, ele queria vê-la novamente. A garota estava lá sim, curvada na porta de um Volkswagen — discutindo o preço? J.J. Santos parou uns vinte metros atrás, piscando o farol alto do seu carro. A garota olhou, viu o Mercedes e deixou o cara do Volks falando sozinho. Veio caminhando lentamente, com perfeito equilíbrio físico, sabendo colocar o pé no chão e distribuir o peso pelos músculos do corpo enquanto se movimentava.

Ela enfiou a cara na porta e disse, alô. Seu rosto era muito jovem, mas sua voz mostrava mais maturidade.

Alô, respondeu J.J. Santos, olhando em volta, com medo que alguém o visse ali parado, entre.

A garota entrou e J.J. Santos movimentou o carro.

Que idade você tem?, perguntou J.J. Santos.

Dezesseis, respondeu a garota.

Dezesseis! disse J.J. Santos.

Seu bobo, que que tem? Se eu não for com você, vou com outro.

Qual é o seu nome?, perguntou J.J. Santos, com a consciência mais aliviada.

Viveca.

Noutro canto da cidade, onde eu estava:

Meu nome é Maria Amélia. Não me chame de princesa, que coisa mais ridícula!, reclamou a loura.

Ora porra, respondi.

Você é vulgar, grosseiro e ignorante.

Falou. Quer saltar?

Que significa isso?

Quer se mandar? Se manda.

Nem falar você sabe?

É isso aí.

É um débil, a loura gargalhou divertida, todos os dentes brilhando.

Eu também ri. Estávamos os dois muito interessados um no outro. Sou fissurado em mulher rica.

Afinal, qual é o seu nome? Paulo, Mandrake, Picasso?

A pergunta não é essa, respondi. Você tem que me perguntar, afinal, quem é você?

Afinal, quem é você?

Não sei, respondi.

A paranóia está atacando também a classe C!, disse a loura.

J.J. Santos sabia que a Barra estava cheia de hotéis. Nunca havia frequentado nenhum deles, mas ouvira as histórias. Dirigiu-se para o mais famoso.

Escolheu a suíte presidencial.

A suíte presidencial tinha piscina, televisão a cores, rádio, sala de refeições, e o quarto era cheio de lustres e todo forrado de espelhos.

J.J. Santos estava emocionado.

Você quer alguma coisa?, ele perguntou à garota.

Um guaraná, ela respondeu modestamente.

O garçom trouxe guaraná e Chivas Regal.

J.J. Santos tomou um gole, tirou o paletó, e disse, vou ao banheiro, fique à vontade.

Quando saiu do banheiro a garota estava nua, deitada na cama, debruços. J.J. Santos tirou a roupa e deitou-se ao lado dela, fazendo-lhe carinhos, olhando-se nos espelhos. Então a garota virou-se de barriga para cima, um sorriso nos lábios.

Não era uma garota. Era um homem, o pênis se refletindo, ameaçadoramente rijo, nos inúmeros espelhos.

J.J. Santos deu um salto da cama.

Viveca postou-se de bruços, novamente. Virando o rosto, encarou J.J. e perguntou com doçura, você não me quer?

Seu pe-pederasta sem ve-vergonha, disse J.J. Apanhou suas roupas e correu para o banheiro, onde se vestiu apressado.

Você não me quer? disse Viveca, ainda na mesma posição, quando J.J. Santos voltou ao quarto. J.J. Santos, affiro, botou o paletó e tirou a carteira do bolso. Ele sempre carregava muito dinheiro na carteira. Naquele dia tinha dois mil cruzeiros em notas de quinhentos. Coisas de mineiro. Os documentos estavam na carteira. O dinheiro tinha sumido.

Ainda por cima roubou meu dinheiro!

O quê? O quê? Está me chamando de ladrão? Eu não sou ladrão! gritou Viveca, levantando-se da cama. Subitamente uma gilete apareceu em sua mão. Me chamando de ladrão! Num gesto rápido Viveca deu o primeiro golpe no próprio braço e um fio de sangue borbulhou na pele.

J.J., estarrecido, fez um gesto de nojo e medo.

Sou viado sim, sou VI-III-ADOL! o grito de Viveca parecia que ia romper todos os espelhos e lustres.

Não faça isso, suplicou J.J., apavorado.

Você sabia o que eu era, me trouxe aqui sabendo de tudo, e agora me despreza como se eu fosse lixo, soluçou Viveca, enquanto dava outro golpe no braço com a gilete.

Eu não sabia de nada, você parece uma garota, maquiada, com essa peruca.

Isso não é peruca, é o meu cabelo mesmo, está vendo como você me trata? Outro golpe no braço, a esta altura coberto de sangue.

Para com isso! pediu J.J.

Não parol! Não parol! Não parol! Me chamou de ladrão, ladrão, ladrão! Sou pobre, mas sou honesto. Você tem dinheiro e pensa que os outros são lixo! Eu sempre quis morrer destruindo um poderoso, como no filme a *Triúva Negra!* Você viu a *Triúva Negra?*, perguntou Viveca, encostando a gilete no pescoço, em cima da carótida, saliente pelo esforço dos gritos.

Me desculpe, pediu J.J.

Agora é tarde, disse Viveca.

Enquanto isso eu chegava no apartamento com a loura grã-fina. Ela sentou-se na poltrona, aquela aura se formando entre nós dois, duas pessoas soberanas, transitando tranqüilamente uma para a outra.

Faz o trailer, ela disse.

Prepare-se, princesa, para uma coisa jamais vista.

Neste instante o advogado Medeiros telefonou.

Meu cliente, o banqueiro J.J. apanhou uma mulher na rua, levou para um hotel e, chegando lá, descobriu que era um travesti. O travesti roubou dois mil cruzeiros do meu cliente. Eles tiveram uma

discussão e o travesti, armado de uma gilete, ameaça cometer suicídio se não receber dez mil cruzeiros em dinheiro. Meu cliente me pediu o dinheiro, que está aqui comigo. Nós queremos dar o dinheiro e encerrar o assunto. Você tem experiência em casos policiais e gostaríamos que tomasse conta da coisa. Nada de polícia, nós damos o dinheiro e queremos tudo abafado. O assunto tem que ser encerrado sem deixar rastro, entender?

Entendi, mas vai custar uma grana firme, eu disse, olhando a primeira louira ao meu lado.

Eu sei, eu sei, disse Medeiros, dinheiro é o que não falta.

J.J. e Viveca estavam dentro do Mercedes, parados na praia.

J.J. estava no volante, pálido como um defunto. Ao seu lado, Viveca segurava a gilete rente ao pescoço. Parecia mesmo uma moça. Parei o meu velho carro ao lado do Mercedão.

Trabalho com o doutor Medeiros, eu disse.

Trouxe o dinheiro? perguntou Viveca, com rispidez.

Foi difícil arranjar, hoje é sábado, me desculpei, humildemente.

Vamos apanhar agora.

Abri a porta do carro e puxei J.J. para fora.

Entre e arranquei, ainda com a porta aberta, deixando J.J. estripecado na calçada.

É longe? onde está o dinheiro? perguntou Viveca.

É perto, eu disse, correndo em alta velocidade.

Quero meu dinheiro logo, senão faço uma loucural gritou Viveca, dando um golpe no braço. O gesto era seco e violento, mas a gilete

passava de leve na pele, apenas o suficiente para sair sangue e apavorar os otários.

Não faça isso, pelo amor de Deus!

Faço uma loucural ameaçou Viveca.

Ele não devia conhecer bem o Rio, ou então não sabia onde estavam localizadas as delegacias. Na porta da delegacia do Leblon estavam dois tiras conversando. Freei o carro, quase em cima deles, e pulei fora, gritando, cuidado! o travesti está armado com uma gilete!

Viveca saltou do carro. A situação estava realmente confusa para ele. Um dos tiras chegou perto e Viveca golpeou o sujeito, cortando a sua mão. O tira deu um passo atrás, tirou um 45 da cintura e disse, larga essa merda senão vai morrer agora. Viveca vacilou. O outro tira que havia se aproximado deu um pontapé na barriga de Viveca, que caiu no chão.

Fomos todos para dentro da delegacia. Uns cinco tiras cercavam a gente.

Viveca chorava.

Eu peço desculpas a todos os senhores policiais presentes, principalmente ao moço que feriu e me arrependo tanto. Eu sou homem sim, mas desde criança minha mãe me vestia de menina e eu sempre gostei de brincar de bonecas. Eu sou homem porque me chamo Jorge, só por isso, minha alma é de mulher e eu sofro por não ser mulher e poder ter filhos, como as outras. Sou uma infeliz. Então esse homem do Mercedes me apanhou na praia e disse, vem comigo menino; e eu respondi, eu não sou menino, sou mulher; e ele disse, mulher nada, entra logo, eu hoje estou a fim de outra coisa. Disse que me dava quinhentos cruzeiros e eu

tenho minha mãe e minha avó para sustentar e fui. Chegando lá, além de fazer todas as imoralidades comigo, ele me bateu e me cortou com a gilete. Então eu peguei a gilete e disse que me matava se ele não me desse os quinhentos cruzeiros. Ele disse que não tinha e telefonou para o amigo e veio esse homem aí, que disse que me dava o dinheiro e me trouxe para cá e eu perdi a cabeça, os senhores me desculpem.

Como é o nome do seu cliente?, disse um tira suspicaz.

Não posso disser. Ele não cometeu nenhum crime. Este cara está mentindo, eu disse.

Na verdade eu não tinha certeza de nada, mas cliente é cliente.

Mentindo! eu?! As lágrimas escorriam pelo *make-up* de Viveca.

Só porque sou frágil e pobre e o outro é forte e rico eu vou ser crucificada? gritou Viveca, entre soluços.

Rico aqui não manda nada, disse um dos tiras.

E esse carro? disse o tira ferido, no meio da confusão. Felizmente ninguém mais ouviu.

É meu, comprei ontem, ainda não transferi para o meu nome, eu disse, enquanto o tira anotava numa folha de papel.

Vamos esperar o comissário, disse o tira.

Esse cara roubou dois mil cruzeiros do meu cliente. Deve estar escondido em algum lugar no corpo dele, eu disse.

Pode me revistar, vamos, revistal desafiou Viveca, abrindo os braços.

Nenhum dos policiais parecia interessado em revistar Viveca. Então me deu aquele estalo. Agarrei os cabelos de Viveca e puxei com força. Os cabelos saíram na minha mão e quatro notas de quinhentos voaram pelo ar e foram cair no chão.

Foi esse dinheiro que ele roubou do meu cliente, eu disse, aliviado. Ele me deu, foi ele que me deu, eu juro, disse Viveca, sem muita convicção.

Antes de trancarem Viveca no xadrez, viram que ele tinha uma porção de marcas antigas nos dois braços. Aquele macete já devia ter sido aplicado muitas vezes.

O senhor vai ter que esperar o comissário, disse o tira ferido.

Dei o meu cartão para ele. Eu passo aqui mais tarde, está bem? Outra coisa, faz de conta que não encontramos o dinheiro, tá? Meu cliente não vai se incomodar.

Vamos precisar falar com o senhor, senão for hoje, um dia desses.

Olhei para ele e vi que era papo de arreglo.

Tamos aí. É só telefonar, eu disse.

Sai voando no Mercedes. Cheguei no hotel e procurei o gerente. Apanhei duas notas de quinhentos das vinte que levava no bolso, dei para ele e disse, quero ver o registro de um hóspede que estive aqui há umas duas horas atrás.

Não posso fazer isso, ele disse.

Dei mais duas notas para ele. O cara é meu cliente, eu disse.

Não quero confusão!

Dá logo as fichas, porra, se não vai acabar tendo uma confusão sem fim. Quem estava com ele era menor e você acaba se fudendo.

O gerente me trouxe as fichas. Lá estava o nome de J.J. por extensão. Profissão bancário. Bancário, ironia ou falta de imaginação? A outra ficha tinha escrito Viveca Lindfords, residente em Nova Iguaçu. Porra, onde é que ele tinha arranjado aquele nome? Botei as fichas no bolso.

Fui correndo para casa. Carrão aquele. Tinha que fazer a transferência pro meu nome com data de sexta-feira, pra proteger o cliente... Cheguei em casa e entrei gritando, princesal aqui estou eu. Mas a loura tinha desaparecido. Os bolsos cheios de dinheiro, Mercedes na porta e daí? Estava triste e infeliz. Nunca mais ia ver a loura rica, eu sabia.

Mais um, perguntava ele sorrindo, olha lá que vai ficar bêbado, e eu entendia logo a sua maneira delicada de dizer que precisava fechar o bar e ir para casa. Ele também não tinha para onde ir. Em geral não gostava muito de ir para casa. Em geral as pessoas de quem eu gosto, ou que gostam de mim, não gostam de ir para casa. Em geral estamos sempre fugindo, fugindo não sei precisamente de quê, cada vez mais longe de casa. Em casa faz um calor danado, em casa faz um frio danado. Não gostava de ir para casa, não tinha para onde ir. Era viúvo e o negócio do bar lhe enchia a vida. Como eu enchia a vida com outras coisas. Muitas vezes dispensava os empregados, descia as portas e ficávamos os dois sozinhos. Ele se permitia então o direito de beber tranquilamente alguma coisa, de preferência vinho tinto. Era gozado vê-lo com os lábios roxos e o prazer com que debia vagorosamente, como se quisesse, com

o movimento dos lábios e da língua, um estalido quase imperceptível, o olhar longe, se lembrar do gosto distante de um outro vinho. Os olhos mansos boiavam longe.

Era um homem gordo e bom. Amava o seu negócio e tratava mesmo os bêbados com alguma simpatia, quando não criavam casos. Não tinha família, não tinha ninguém, e de uma certa maneira aqueles fregueses diários, muitos deles conhecidos velhos, eram a constelação de sua vida, os filhos que lhe faltaram, a mulher que se foi embora cedo.

Você se lembra dele, me perguntou um dia em que, as portas fechadas, as cadeiras sobre as mesas, ficamos sozinhos. Eu me lembrava bem, como esquecer a sua figura, a cara de menino envelhecido que lhe tornava a idade imprecisa. Algumas vezes parecia um velho abatido, as olheiras fundas, um ar magoado e sofrido, um desespero, que a gente adivinhava logo (ficava sempre só na mesa do fundo, os olhos parados, perdidos num sítio remoto); outras, quando acontecia alguma coisa dentro dele, um pensamento qualquer, uma lembrança talvez, era um menino inquieto bebendo escondido, os olhos vivos, atentos, assustados. Nunca nos falamos, apenas nos cumprimentávamos. Mas sei que não desgostava de mim, como eu às vezes sentia uma certa ternura por ele, um sorriso, um olhar amigo, uma compaixão inconsciente pela sua grande solidão. Tinha nascido velho, triste e pesado. Bebia lento e firme o seu uísque só com gelo. Os olhos graves não se despregavam da porta, como se estivesse esperando alguém. Nunca aconteceu entrar um seu conhecido, mas mesmo assim ele esperava. No princípio eu me inquietava com aquela espera, depois me acostumei com a ansiedade que lhe morava nos olhos. Bebia o seu uísque e olhava a porta do bar. Nunca o

vi inteiramente bêbado, e quando ao sair andava trôpego, tinha uma dignidade no porte, uma maneira de desfazer a insegurança dos passos.

Me lembrava de suas mãos finas e pálidas, as unhas polidas, um anel de zodiaco. Tive sempre curiosidade de ver qual o seu signo, mas hoje sei, pelos modos, pela maneira recolhida e soturna, tensa, inquietadora, misteriosa, solitária e contemplativa, que devia ser capricórnio. Não podia deixar de ser capricórnio, conheço logo os capricórnios. Havia algo de feminino nos gestos, mas não se notava muito. Segurava o copo com força e muitas vezes tive a impressão de que desejava quebrá-lo. O que se passava dentro dele eu não sabia. Os capricórnios em geral não se mostram muito. Era um capricórnio, via-se logo.

Me lembro sim, disse. Foi uma pena, disse Alfredo, mas a vida tem suas artimanhas. Olhei a cara gorda de Alfredo, não tinha nada de filósofo, apenas observava. Estava com vontade de conversar. Gostava de conversar, e quando caía nos seus assuntos prediletos, o demônio e a astrologia, falava sem parar. Foi ele que me ensinou a reconhecer um capricórnio. Tinha momentos de iluminado. Uma vez, como eu estivesse folheando umas reproduções de Cézanne, só de ver um quadro de árvores no inverno disse alegre com a sua descoberta, só pode ser um capricórnio, tem a alma de um capricórnio. Como eu sorrisse incrédulo, achando que já era mania aquela paixão de descobrir capricórnio, me perguntou quem era o pintor. Cézanne, um francês, disse eu. Pelo amor de Deus, disse ele inquieto, veja a data. Para meu espanto, nas indicações biográficas, lá estava: Aix-en-Provence, 19 janvier, 1839. Ele sorriu feliz, mais feliz do que se tivesse pintado um quadro de Cézanne. Além de capricórnio, falava sobre a presença do demônio, sobre os casos que

conhecia. No capítulo das tentações, era insuperável. O seu demônio não era muito metafísico, fazia parte da vida diária, estava sempre presente, lutava com os homens, se aliava a alguns.

Quando o demo entra a gente nunca sabe, disse Alfredo. Ficou parado algum tempo, encheu de novo o copo. Você algum dia desconfiou que ele era, perguntou. Não sei, respondi, aqueles olhos, aquele jeito de menino, aqueles gestos talvez denunciasssem... mas às vezes a gente se engana, é alma de criança. Eu nunca me enganei, disse Alfredo, conheço esses pobres coitados.

Ficamos calados, eu procurava me lembrar da figura de Rodrigo, conferia retalhos de lembranças. Rodrigo ou Olímpio. Ele se chamava mesmo era Olímpio. Foi Alfredo que me contou a história do nome. Quem se chamava Rodrigo era o comandante. Depois que o comandante morreu, quando o seu avião caiu no mar, ele passou a usar o nome do comandante. Só os seus conhecidos antigos o chamavam de Olímpio, do que ele não gostava, me contou Alfredo.

Mas era, disse Alfredo. Um dia que ele estava mais bêbado, se abriu para mim. Nunca tinha visto um homem se abrir assim, dizer o que ele me disse, disse Alfredo. Fiquei sem saber o que fazer, vendo o desespero, o choro contido, a franqueza com que ele me contava a sua paixão. Foi então que Alfredo ficou sabendo que o nome dele era Olímpio e não Rodrigo. Rodrigo era o comandante, disse Olímpio, os olhos cheios de lágrimas. Alfredo não suportava ver homem chorando, pediu a Deus que não deixasse aquele homem chorar. Toma mais um uísque, disse Alfredo. Sim, disse Olímpio sugando a lágrima que ameaçava cair dos olhos.

Depois que Rodrigo morreu, posso dizer que a minha vida acabou, disse Olímpio, sou outro homem, ou melhor, não sou mais ninguém. Para ressuscitá-lo, para colocá-lo vivo dentro de mim, para que a morte não ficasse dona dele sozinha, passei a usar o seu nome.

Você pode imaginar como eu fiquei, disse Alfredo. Nessas horas a gente não sabe o que dizer. Qualquer palavra, qualquer manifestação de simpatia cria um clima confuso, parece que a gente também é. Tive vontade de passar a mão na sua cabeça, de afagá-lo, tão abandonado parecia. Nunca vi sofrimento assim. A gente tem cada sentimento, penso rápido me censurando pelo desejo de amparar aquele pobre diabo sozinho e perdido, disse Alfredo. Às vezes a gente pensa que um pensamento é da gente, vai ver não é, é o demo que já entrou.

Olímpio tinha negócios em Belém. Pelo menos uma vez por semana ia a Belém. As viagens eram longas e cansativas, sobretudo para ele, que não conseguia dormir no avião. Ficava inteiramente insone, prestava atenção nos outros passageiros dormindo, e tinha inveja daquela segurança, daquele destemor que os fazia dormir. Conscientemente não sentia medo, só que não conseguia dormir. Encostava a cabeça no vidro frio da janela e olhava a escuridão da noite lá fora. O barulho dos motores varando o mundo fechado e sem fim da noite. Às vezes havia lua e estrelas, mas a solidão pesava fundo. Ficava horas olhando a luz de navegação na asa, o fogo do motor que a luz do dia não deixa ver. Uma casquinha de noz boiando entregue a forças invisíveis. Não tinha medo, no bojo do avião ia anotando friamente as sensações. Não conseguia dormir, só isso. Porque não conseguia dormir e às vezes não suportava a solidão, quando esgotava todas as lembranças e o poço era vazio, levantava-se e

ia conversar com a aeromoça. Muitas vezes a aeromoça também dormia. Foi assim que conheceu o comandante. Este, como ele, não dormia. Foi assim que conheceu o comandante, que fazia aquela linha há três anos.

Alfredo parou um pouco, bebeu um gole de vinho, e disse é estranho tudo o que estou contando. Tem horas que não consigo entender direito, ou entendo tudo claramente, e fico pasmo. Para que as pessoas contem as coisas pra gente? Talvez para buscar apoio, talvez para nos fazer participar de seu mundo. É, disse ele, a gente tem mesmo de parar e olhar a vida, observar, tirar as suas conclusões. Isso ensina, o mundo é cheio de mistérios, o demo está em toda parte. Me serve outro uísque, disse eu; ele serviu e continuou.

Uma vida inteira se passou entre Olímpio e o comandante. Fico imaginando o que era a vida dos dois, pelo que Alfredo me contou. Alfredo também imaginava, porque essas coisas a gente não consegue realizar inteiramente sem o auxílio da imaginação. Aquelas mãos finas e pálidas, os dedos longos, o anel de zodiáco. Os capricórnios são assim, sei.

Depois o comandante morreu. Começou então a longa luta de Olímpio com as lembranças e com a morte. Ele não podia deixar se vencer. Era uma luta muito desigual aquela de Olímpio com a morte. Olímpio tinha sempre de perder. Um homem sabe muitas coisas, mas não sabe certas coisas. Tinha de perder, certamente. Mas ele não se convenciu, um homem não se convence facilmente, a sua dor era maior do que a noite sem fim que ele observava do ventre bojudado do avião.

Agora as noites eram densas, povoadas de lembranças e de desespero. Como custava a chegar. O avião varava o negrume da noite. Ele

não via mais a noite, o fogo, a luz de navegação. Insone, tenso, buscava recriar dentro de si um mundo para sempre perdido.

Eu disse pra você que ele era capricórnio, perguntou Alfredo. Não precisava, disse eu, conheço os capricórnios. Alfredo sorria e foi buscar uma garrafa de vinho na prateleira.

Todos dormindo, observou Rodrigo. Consultou o relógio. Devemos estar sobre a Bahia, concluiu. O comandante me disse. É muito simples, basta riscar no mapa e calcular, lembrou ele. O comandante sabia o seu ofício. Era uma segurança viajar com o comandante Rodrigo. Mesmo assim um dia foi mergulhar para sempre no mar.

Não sabia se era fome o que estava sentindo. Não era fome, era mais um bolo na garganta, uma fundura no estômago. Os olhos cheios de lágrimas.

Que é que se passa com você, perguntou a aeromoça com uma delicadeza que ele não sabia se era profissional ou se era compaixão pelo seu sofrimento. Não gostava que sentissem pena dele, como não queria que lhe descobrissem o sofrimento. Aquele era um terreno todo seu, o mundo que lhe restava. Não queria a presença de estranhos, precisava sofrer. Nada, disse ele, não consigo dormir, fiquei pensando em muitas coisas e me vieram algumas lembranças tristes. Dá pra se notar, perguntou. E se contasse àquela aeromoça tudo? pensou. Havia uma ponta de maldade dentro dele, um desejo de ofender, de escandalizar, de se humilhar, de emporcalhar tudo. Dá, disse ela, há muito que o venho observando. Eu também não consigo dormir. Você quer alguma coisa? Tenho uísque lá dentro, você quer?

Antes que pudesse responder, ela se levantou e foi buscar o uísque. Por que aquela intimidade? Por que o chamava de você e não de

senhor, se sua obrigação era servi-lo? O que vou lhe dizer vai acabar com toda essa delicadeza, com essa voz macia, pensou com ódio. Mas ela já estava de novo ao seu lado.

Agora está melhor, perguntou ela. Estou, disse ele, uísque espraia dentro do peito, faz bem. Ela bebeu um pouco. Que é que você está pensando, perguntou ela. Nada, disse ele, não consigo dormir, é só. Eu também não consigo, é engraçado na minha profissão, não é? Durmo muito pouco, fico angustiada. Quando a coisa dura muito, tomo um comprimido, mas não gosto, prefiro ficar acordada. Seconal é ruim, a gente toma um, depois dá vontade, uma vontade terrível de tomar todo o tubo. Comigo pelo menos é assim. Rodrigo olhou fixamente os olhos da aeromoça. A aeromoça não se assustou com os olhos de Rodrigo. Pensava num comandante que conheci, disse ele. Engraçado, disse ela, eu também pensava num comandante que eu conheci e por isso não podia dormir. Mais um pouco de uísque, perguntou. Sim, bem forte, talvez assim eu consiga dormir, disse ele. Ela serviu-o, depois derramou uísque no seu copo. Bebia puro. Não devo beber em serviço, disse ela, mas a esta hora, como todos estão dormindo...

Como é que você se chama, perguntou ela. Rodrigo, disse ele. Olhou para a aeromoça e viu que ela chorava. Que é que se passa com você, perguntou ele. Nada, disse ela, é que eu estava justamente pensando num comandante que eu conheci, se chamava Rodrigo.

Olympio sentiu um baque fundo dentro do peito. Tudo desmoronava. O avião podia cair, estava salvo, ninguém saberia deles. A aeromoça o olhava espantada. Que é, está se sentindo mal? Não, disse ele, eu também pensava num comandante que se chamava Rodrigo.

Na verdade eu não me chamo Rodrigo, mas Olympio, disse ele começando a contar a sua história. Ela ouviu, os olhos brilhando na escuridão. Não havia mais lágrimas nos seus olhos, como ele viu um momento, mas um brilho duro que furava a alma. Ele contava a sua história e ela ouvia, tensa, difícil de penetrar.

A aeromoça tomou-lhe a mão e apertou-a bem junto ao peito. Um longo silêncio pesou entre os dois. A noite lá fora era densa, o avião cortava a escuridão.

Me beija, disse ela. Rodrigo beijou-a. Mais forte, pediu ela, me esmaga. Rodrigo apertou-a com todas as forças, como se desejasse destruí-la. Então era com você que ele me traía, pensaram os dois ao mesmo tempo. Não disseram nada, sófregos, vorazes, desesperados. O avião singrava uma noite pesada, redonda, e eles eram sozinhos na escuridão.

Quer outro uísque, me perguntou Alfredo. Não, basta. Acho que estou já bêbado. Parei um pouco, precisava pensar. Não entendo direito: então eles foram para São Paulo e ficaram no mesmo quarto? E se amaram violentamente, disse Alfredo. Como só os desesperados sabem fazer, fiquei pensando tonto.

Não sei mais o que Alfredo me contou. Tudo se mistura no meu espírito. A névoa da bebida era agora mais forte. Uma luz de navegação piscava incessantemente. Sentia um formigamento nos pés, os músculos do rosto como que anestesiados. A luz era vermelha, parecia um apelo para mim. Só eu podia entendê-la. O avião bojudou, carregando escuridão, furava a noite, penetrava-a como um dedo se afunda em sonho na carne, como um peixe atravessa a água do aquário, numa só substância:

Autran Dourado

como se não houvesse separação entre o mundo e as coisas criadas pelo homem. Preciso dormir logo, não me agüento, vou cair, quem sabe se um Seconal, pensou rápido dentro de mim o vulto noturno da aeromoça. Um tubo, ouvi distintamente a voz da aeromoça, que eu nunca tinha ouvido. Os dois se mataram foi a gás, disse Alfredo me amparando. Não sei se era uma conclusão ou um aviso para mim.

Samuel Rawet
NEM MESMO UM ANJO É ENTREVISTO NO TERROR

Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror. Uma e dez no relógio da Mesbla. Não havia névoa, mas o mormaço da madrugada punha nos olhos, sobre o cansaço, um esfumado de percepções. Rodeou uma vez mais o Passeio Público. Por vezes, exausto, recostava-se na pedra, a aresta fina ferindo as nádegas, as verticais da grade se opondo às omoplatas. Por onde exaurir a exaustão? Um ônibus arranca para o subúrbio, sem passageiros. A calçada oposta às escuras. Fechado o metrô, o comércio, o palácio. Só junto ao café, entre a banca de jornais e a soleira, alguns homens. Segue em direção à Lapa. Nem o lirismo, mesmo vulgar, dos moleques vendendo amendoim. Contorna, e em frente ao Banco de Sangue ajusta a coluna à grade numa simulação de equilíbrio e dignidade. Ajeita os cabelos, ralos, ajusta a roupa. Um autômóvel diminui a marcha quase à sua frente e os olhos se acendem ao vislumbrar

a camisa vermelha, e uma cabeça de sombras. Desloca-se para o meio-fio. Mas o carro estaciona além, junto a um negro magro e alheado. Hesita. Coga a braguilha e uma cabeça se aproxima do vidro baixado. O negro se curva, cumprimenta com a mão displicente, responde vago às perguntas, aceita um cigarro, ergue os olhos em direção ao Alterro enquanto de cotovelo na porta, curvado, ampara o corpo com uma idéia de equilíbrio. A mão lânguida, do interior, roça seus dedos e descansa no dorso, os dedos do negro se agitam, gira a palma, e os dedos se entrelaçam. O negro sorri. A feição austera se dissolve, e a expressão moleque se ilumina numa expressão inaudível. A costela pressionada às grades reprime um soluço interior, inveja de uma espontaneidade nunca vivida. O carro se afasta. A calçada regressa a uma só presença, um corpo vinculado à pedra e grade entre irritação e dor. Alterado o largo, mais belo, ganhou o pátio da igreja e a restauração do Cine Colonial inundara de branco a noite, uma face ilusória de contrastes e luz em obra medíocre, sempre uma regularidade simples de uma intenção ordenada. Mas faltava o micrófio. Amônia e desinfetantes sufocando, às vezes, arrancando lágrimas, de corpos mais ou menos imóveis, acariciando membros, em contemplação e masturbação. Por ali terminava suas noites, antigamente, na expectativa de uma sucessão de acasos que lhe permitisse enfim uma presença a dois em que toda a fome afetiva se realizasse num contato sófrego de dedos ou lábios, no intervalo de uma presença e outra presença. Os dias eram esplêndidos e terríveis entre o quarto em casa de portugueses no Bairro de Fátima e a pequena oficina de camisas, onde não encontrava condições para produzir em série os modelos sonhados. Sentiu-se vingado, um dia, quando o chefe da ofici-

na lhe mostrou a fotografia de uma novidade francesa em lançamento; a gola era a sua, e quando a sugeriu nem lhe deram atenção. Havia a desculpa, agora, o negócio era francês, e francês quando manda para cá, já é coisa certa. O pior veio depois quando lhe pediram um novo tipo de camisa social. Foram 15 dias de deslumbramentos e desmaios na tentativa de harmonizar punhos, gola e bolsos, além do peito duplo com a intenção de esconder botões e dobras; camisa social, de abotoar, com jeito de camisa esporte, inteiriça. Dez dúzias foram feitas experimentalmente. Quinze dias depois nenhuma saíra da prateleira, apesar dos vendedores, e hoje lá estavam como estígma de seu fracasso. Quando usava esboçar alguma coisa apontavam-lhe o canto do armário onde as dúzias amarelavam. Com isso conseguiram a tortura perfeita. Um rapazote vinha da rua do Passeio. A barra do blusão meio por fora meio atrás do cinto. O jeito alheado na calça justa e sem vinco, as pernas mais tortas pela atitude no andar, Giuliano Gemma entrando a pé na avenida de Tulsa sorrindo de cem homens escondidos atrás dos telhados com os fuzis engatilhados. O rapazote meio que pára não pára, olha o velho de viés e com desprezo prosegue. A lâmpada acentua o volume nas virilhas. Estraca adiante como se à espera mas ele permanece junto à grade. O desprezo vislumbrado humilhara-o. Não o seguiria. Conhecia esses artifícios de repulsa, mas sentia-se humilhado. Não o seguiria. Mas ficou-lhe a nostalgia do volume nas virilhas. Desistiu de uma caminhada até a Almirante Barroso. Pouca probabilidade. Se tivesse energia chegaria até à praça Quinze. Junto às barcas. Ou mesmo os arredores da praça Mauá. Era grande a concorrência agora que os da zona Sul descobriram o canto. Chegavam de carro, bem vestidos, doutores, coro-

neís, levavam vantagem. Um homem à espera de ônibus. Atravessou a pista e sondou o tipo. Sentiu que se insistisse mais um segundo ouviria um berro com a palavra costumeira. Encostou-se na banca de jornais quando viu o mulatinho chegar ao ponto. O homem indiferente despetou e a cabeça nervosa oscilou entre o velho da banca e o mulatinho. O mulatinho enfiou as mãos nos bolsos, sorriu e se postou quase ao lado do homem. Você está querendo o quê, eu sou um homem casado, tenho mulher, tenho filhos, está pensando o quê. O velho cruzou outra vez a pista, sem deixar de sorrir diante da voz esganificada e do corpo em desequilíbrio do homem. Conhecia esses tipos. Era casado, tinha mulher, e filhos, tudo isso arrotado com meneios de macheza duvidosa e terror. Quase gargalhou ao ouvir o vozeirão do mulatinho. E alguém lhe perguntou alguma coisa, seu idiota! O mulatinho atravessou a segunda pista e dobrou a rua da Lapa. O homem embarcou no primeiro ônibus. O trecho de calçada tingido de sombras a visão de velhos troncos imbricados em sua dor. O chafariz, as pirâmides, degraus abaixo, o Monumento aos Mortos do outro lado. Rala a tentação de uma náusea que ainda seria um estímulo. Os gatos. Um frêmito entre detritos. O pêlo branco entre avidez de patas. Um alimento vômito sobre a pedra. Resta apenas a nítida visão do vazio e o próprio corpo para enfrentá-lo ou sucumbir à sua recusa do mundo. Quinze para as três no relógio da Mesbla. Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror.

Hilda Hilst
RÚTILOS

O amor é duro e inflexível como o inferno.

TERESA CEPEDA AHUMADA.

À memória de meu amigo
José Otaviano Ribeiro de Oliveira

Os sentimentos vastos não têm nome. Perdas, deslumbramentos, catástrofes do espírito, pesadelos da carne, os sentimentos vastos não têm boca, fundo de soturnez, mudo devirio, escuros enigmas habitados de vida mas sem sons, assim eu neste instante diante do teu corpo morto. Inventar palavras, quebrá-las, recompô-las, ajustar-me digno diante de tanta ferida, teria sido preciso, Lucas meu amor, meus 35 anos de vida colados a um indescritível verdugo, alguém Humano, e há tantos indescritíveis Humanos feitos de fúria e desesperança, existindo apenas para nos fazer conhecer o nome da torpeza e da agonia. Mas indigno e desesperado me atiro sobre o vídrio que recobre a tua cara, e várias mãos, de amigos? de minha filha adolescente? de meu pai? ou quem sabe as mãos de teus jovens amigos repuxam meu imundo blusão e eu colo a minha boca na direção da tua boca e um molhado de espuma embaça

aquela cintilância que foi a tua cara. Grito. Gritos finos de marfim de uma cadela abandonada tentando enfiar a cabeça na axila de Deus. De uma cadela sim. Porque as fêmeas conhecem tudo da dor, fendem-se ou são desventradas para dar à luz e eu Lucius Kod neste agora me sei mais uma esquelética cadela, a morte e não a vida escoando de mim, musgos finos pendendo dos abismos, estrou caindo e ao meu redor as caras pétreas, quem são? amigos? minha filha adolescente? meu pai? teus jovens amigos? Caras graníticas, ódio mudo e vergonha, palavras que vêm de longe, evanescentes mas tão nítidas como fulgentes estíletes, palavras de supostos éticos Humanos:

Constrangedor Louco Demente

Absurdo Intolerável

Ducente Deo começo estes escritos deveria ter dito. Tendo Deus como guia, começo estes escritos deveria ter dito. Estou caindo mas sou erGUIDO, ali ali ali a porta elas dizem, não, é melhor por aqui, meus olhos olham o chão, sapatos pretos de verniz movendo-se afoitados sobre as tábuas largas, babas de mim, lenços cheirando a lavanda me comprimmem a boca, alguém diz o carro deve estar ali mais adiante, meus olhos olham outro chão, folhas na manhã de ventos, outros sapatos e outras vozes coitado o que foi hein? tá demais branco o homem, olha ali, saiu de um velório, quem é que morreu? foi o filho dele foi? foi a mãe? saíam da frente, a gente precisa achar o carro, mas onde é que está o carro? ele está desfigurado, olha olha

Desfigurado meu pai na madrugada, o roupão de seda, listras negras, que elegância meu pai na madrugada, o roupão creme de seda e finas listras negras, a boca trêmula apagada no giz da própria cara: então anos

de decência e de luta por água abaixo e eu um banqueiro, com que cara você acha que eu vou aparecer diante de meus amigos, ou você imagina que ninguém sabia, crápula, canalha, tua sórdida ligação, e esse moleque bonito era o namoradinho da minha neta, então vocês combinararam seus crápulas, aquele crapulazinha namorou minha neta para poder ficar perto de você. gosta de cu seu canalha? gosta de merda? fez-se também de mulherzinha com o moço machão? ele só pode ter sido teu macho porque teve a decência de se dar um tiro na cabeça, mate-se também seu desgraçado mate-se

Onde os começos? Onde? Farpas pontudas emergindo do corpo dos conceitos. Antes o conceito redondo. Liso. Aquela pedra à beira do rio, aquela que carregam para casa. Tenho que saber dos começos. Os atos não podem ficar flutuando, fapos de paina desgarrados daquela casa tão consistente a casca era firme, abriu-se, o delicado foi se desfazendo, círculos, volutas, assim pelos ares, desfazido. Posso deduzir que escapei da casca consistente, que eu estava encerrado ali, não, que o meu corpo era o fruto da paineira, todo fechado, e num instante abriu-se. Abriu-se por quê? Porque já era noite para mim e aquele era o meu instante de maturação e rompimento. Porque fui atingido pela beleza como se um tigre me lanhasse o peito. O salto. O pânico. O que é a beleza? Translúcida como se o marfim do jade se fizesse carne, translúcido Lucas, intracto, luz sobre os degraus ocre de uma certa escada na eloquência da tarde

Pai, esse aqui é Lucas

A sombra da barba um remoto azul, areia-anil num copo d'água ele gosta de muros, pai

como?

você ficou tão pálido... o que foi, pai?

Minhas frases emboladas, não nada tudo bem só estava concentrado hein? não não sim sou jornalista, sim, comentários políticos, resenhas sobre ensaios, às vezes literatura sim, poesia? não nunca, poesia já é mais complicado

Lucas faz História na universidade, pai, mas adora poesia, escreve poemas sobre muros

você quer dizer os poemas nos muros?

não não, falo de muros nos meus poemas

Move-se. Olha os meus livros. O indicador e o médio alisam as lombadas. Vejo-o de costas agora, é sólido, crível, nada de angélico ou inefável, e um novo ou talvez um antigo e insuspeitado Lucius irrompe, dois escuros e contraditórios, aguçados e leves, violentos e sórdidos

Transitório, alguém disse, tudo passa, irmão. Escarros na calçada, dedos-garra nos meus antebraços, estico o pescoço e levanto a cabeça para os céus, escuros volumosos uma imensa cara, a boca escancarada de nuvens pardas, abro minha própria boca e grito LUCAS LUCAS

ah era o filho é?

foi o filho que morreu é?

Fulcros ensangüentados, sustentáculos de mim oscilam de lá para cá, pedaços de frases, a redação do jornal

batallhões de elite treinados, é um artigo do Chomsky sim, transcreve isso:

mulheres penduradas pelos pés com os seios arrancados, a pele do rosto também arrancada

mas onde? onde?

El Salvador, meu chapa

batallhões de elite treinados, e quem é que treina os filhos da puta?

os seios arrancados?

mas quem é que treina?

esse Chomsky é um linguísta?

Transitório, alguém diz, puro excremento diz o outro, eu tenho nojo de gente

ah... cara, são situações provisórias...

que beleza de artigo hein? o Chomsky é um dissidente americano quanto à questão do Viennã, lembra-se?

Ahn...

Beleza. O que era antes de ti a beleza para mim? O que era o nojo?

Beleza...

aquele poema de Baudelaire «Une Charogne», você conhece, Lucas?

«Alors ô ma beauté! Dites à la vermine

Qui vous mangera de baisers,

Que j'ai gardé la forme et l'essence divine

De mes amours décomposés!»

isso, isso

Hoje à noite já não serás mais meu mas dessa fina e fecunda, Essa ma-drasta que engole tudo, Essa que toma e transmuta, Essa escura e finíssima senhora, umidade, frescor, o grande ventre sem decoro recebendo o mundo, migalhas, excremento tripas teu adorado corpo lucente sem decoro, eu, um homem, suguei teu sexo viscoso e cintilante, deboche e clarão na lisura da boca, ajoelhado, furioso de ternura, revi como os

afogados a rua do meu passo a via teu adorado corpo luzente, a boca espessa, Lucas Lucas, a madastra não roerá teus dentes... dentes? Ah... ficam intactos...

mas o carro não está em lugar algum, mas então pega o teu carro, eu vou chamar uma ambulância, ele vai cair, vai desmaiar outra vez, não dá pra gente ficar segurando, deita ele aqui na calçada, deita

O céu formando legiões de espadas, Lucas, não sei se você leu sobre Cartago alguma vez, mas havia toda uma tradição cartaginesa que não permitia a separação de sogro e genro, um costume que não permitia que sogro e genro vivessem afastados, e um capitão do exército apaixonou-se por um jovem, tornaram-se amantes apesar do falatório, um era casado e tinha filhas e fez com que o amante se casasse com uma delas... você parece que não está me ouvindo, está onde?

tua filha vai sofrer, Lucius
alguém vai sofrer?

e não é ético.
ético? que criterioso e maduro para os teus vinte anos, ético é descobrir-se inteiro livre como me sinto agora. minha filha, se pudesse compreender, compreenderia
nunca vai compreender. Me ama.

Voltavam ao coração os cães de gelo. Ah. Postados. Guardiães. Os olhos embagados de furor, as presas cintilando. Cães de gelo. Ou lobos de olhar formoso inundados de cio. Ou um só lobo, Lucius Kod, preso numa armadilha jamais pensada, que oco de si mesmo tentou criar-se novo? Cansado de sua própria oquidão tentou verter humores, refazer-se em lago, em luz, mas torcido de ociosidade construiu para seu corpo

um barco exiguo cravejado de espinhos, verdes espinhos de um cúme opulento, úmidos longos espinhos aguçando sua própria matéria de carne, carne de Lucius antes era mansa e tépida, brioso corpo de antes tão educado respondendo rápido a qualquer afago, de mulheres naturalmente, ah sim, naturalmente, mulheres com discursos de várias qualidades, umas de língua altiva rinchando polítrica e sabedoria (os antagonícos tentando semelhança), espigadas leves, as blusas soltas traduzindo plena liberdade, idéias, corpos elásticos, ágeis, e quantas vezes na cama despencando, gemendo, dóceis como pequenos animais doentes, trêmulas encharcadas se abrindo famintas de sua dura vara, cadê o discurso, o critério, a bacia de idéias, cadê pombinha, cadê?

às vezes você fala como se tivesse raiva das mulheres é mesmo, Lucas? não tinha percebido

na hora da cama ninguém faz discurso. nós também não Mulheres. Finíssimas jovens mulheres, perfumadas lânguidas, transparências sombreando coxas, tetas, um olho na minha boca, outro no dinheiro do meu velho. Banqueiro sim. E você não trabalha no banco dele, não? Jornalista, é?

Risadas. Meu pai: pederastas, vadios e vadias, escritorezinhos de merda, articulistas do meu caralho, você defende essa corja de apartados pára, pai

viciosos, assassinos, miseráveis, e não me venha com discursos, com esse tipo de sensibilidade cretina, ou você pensa que a ordem se faz com choramingas, com coraçãoezinhos partidos, com tremeliques, como é que você pensa que se faz uma fortuna, uma empresa de porte, um banco? trabalho e sagacidade

rapacidade, não se esqueça

filho da puta, eu que dei tudo o que você sabe, que paguei para que você fosse esse *soi-disant* culto, esse que destrói idéias como se elas saíssem de um charco de podridão e de mentiras, como é que você pode provar que são eles que penduram as mulheres pelos pés, essa besteira toda que você repete nos seus artiguinhos

muito bem, pai, você acha que o Chomsky é um crápula também Chomsky ou a puta que o pariu, então você não sabe que há interesses políticos nisso tudo, há vendidos, há nojentos da esquerda radical e também nojentos da direita radical
isso é comigo?

pai, será que você não percebe que um homem lúcido treme de furor, de cólera, de nojo quando sabe que um artigo desses vem de fonte limpa fonte limpa... como se você soubesse o que é isso fale mais claro
mais claro é o que ando vendo, Lucas e você, afaste-se desse rapaz, me olha, Lucius, me olha, esse rapaz é o namorado da tua filha, o que é que você fala tanto com esse rapazola? amigos meus te viram várias vezes com ele nas ruas, nos bares e então?

O rosto de meu pai é neste instante um tecido de púrpura enrugado e repulsivo, ofegante se aproxima de mim, torce minha camisa com seus dedos magros, o gesto é rancoroso e abrupto, o hálito de cigarro e hotelá é cálido sobre a minha cara.

Eu não sou o que sou, digo para mim mesmo, como se jogasse nenúfares num tanque de águas podres. Eu não sou o que sou. Iago também

disse isso. Não há nenhuma Desdêmona por aqui, mas há os desatinados finais de Otelo, o verde de lascívia luminosa, verde em mim fervilhante de larvas, de pontiaguda fereza, olho essa cintilância que é a tua cara e percebo pouco, ou será que não te vejo inteiro. Quem és, Lucas? Inteiríssimo poeta, de fiel construção, de realza até, severo conceitos muito éticos — tua filha vai sofrer

e eu não sou o que sou, sendo este que sou agora, devo dizer que umas cordas feitas de sangue e plasma me amarram a ti, estou inteiro úmido de cólera porque vi que os teus olhos olharam o muito supostamente viril atravessando a rua e que o teu olhar foi de cumplicidade e de desejo e que os traços do teu rosto não são mais daquele inteiríssimo poeta, são vincos pesados e solenes sim, mas de um reles prostituto tensionado, Lucas?
por quê?

alguém atravessando a rua te olhou desejoso e perplexo, não foi? não, não vi

Eu não sou o que sou, fico me repetindo, nem fêmea alguma e macho muito menos me colocaram aqui neste tempo onde estou, tempo desordenado, avessos de um rumo, grandes areias negras tumultuadas, cascalhos, brilhos
então não viu? trocaram olhares e um não viu o outro?
não, não vi

Como é o rosto do cinismo? E o da leviandade? Vou andando, ele um pouco à frente e eu atrás, por quê? Para tomar distância e ver se o acreditam sozinho pela rua e tentam assim a abordagem, para ver de início o olhar distraído daquele que passa, e em seguida o tropeçante, o fascínio,

o sedoso voltar-se das mulheres, a perplexidade desejosa dos homens incrível como te olham, não? Viu? não, não vi

quer quer? quer água, moço?
 agora ele está abrindo os olhos
 já foram chamar a ambulância
 alguém morreu e ele ficou assim?
 quem morreu? foi o filho, foi?
 a gente segue sempre os queridos que se foram como é que a senhora disse, dona?
 a gente vai com eles
 com quem?
 com os nossos queridos
 vamos logo depois
 às vezes demora

Te seguindo sigo apenas a mim mesmo. Quem foi que disse que o “cariço de sua aldeia lhe parecia o murmúrio do mundo”? Te sigo, Lucas, as faces estufadas me olhando estendido na calçada. O lustroso das caras.

O baco das caras. As bocas pendentes soletando palavras. Explosão de fúria quando vi a ambigüidade agarrada aos altos pomos da tua cara, Lucas, quando vi que não sabia da tua identidade, eras aquele que me mostrava o poema?

Muros escuros, tímidos
 escorpiões de seda

no acanhado da pedra.

Escorpião de seda. Pulsando silencioso ali entre as finchas. Ou eras o outro no quase escuro do quarto. Úmido. De seda. Tua macia rouquidão. Igualzinha à macia rouquidão de uma sonhada mulher, só que não eras uma mulher, eras o meu eu pensado em muitos homens e em muitas mulheres, um ilógico de carne e seda, um confito esculpido em harmonia, luz dorida sobre as ancas estreitas, o dorso deslizante e rijo, a nuca sumarenta, omoplatas lisas como a superfície esquecida de um grande lago nas alturas, docilidade e submissão de uma fêmea enfim subjugada, e aos poucos um macho novamente, alívio e austero, enfiando o sexo na minha boca

Viscoso. Cintilante. Pela primeira vez o meu olhar encontrava a junção do nojo e da beleza. Pela primeira vez, em toda a minha vida, eu, Lucius Kod, 35 anos, suguei o sexo de um homem. Deboche e clarão na lisura da boca. Ajoelhado, redondo de ternura, reví como os afogados a rua do meu passo, a via.

Lucius,

os dois homens me tomaram como duas fomes, duas mandíbulas. Um clarão de dentes. Sorriam enquanto tiravam as camisas. Vagarosamente desabotoaram os botões. Cheguei a sorrir porque os gestos eram como que ensaiados, lentos... lentos... idênticos. Depois os cintos escuros, as fivelas de metal. Depois as calças. Imagine, dobraram as calças, acertaram os vinctos, colocaram as calças no espaldar da poltrona. Pensei: eles estão brincando. E disse: vocês estão brincando. Sorriam. O olhar era afável. Meus pulsos amarrados atrás das costas.

Muito bem, garotão, vai ficar manso pra tudo ficar mais fácil

começa chupando a minha pica enquanto o meu amigo te usa feito dona

vocês só podem estar brincando

pode chamar de brincadeira se quiser, garotão

Eu queria saber o porquê e quem mandou. E aí recebi um violentíssimo bofetão.

Comecei a sangrar pelo nariz.

Antes do derradeiro, antes da sombra, pensando naqueles muros que vi, no úmido deslizante sobre a pedra, na solidão dessa matéria feita por Deus, na minha própria solidão... Mulheres, homens, a mãe que me acariciava extasiada...

A inutilidade de todos os olhares que um dia recebi, a inutilidade de todas as falas que um dia ouvi... e agora as bocas molhadas sobre o meu peito. Detalhes? Um deles me espancava com a fivela do cinto até que o outro ejaculasse.

Bateram-me na boca também e beijaram minha boca esfacelada. Antes da sombra, Lucius, quero dizer da dor de não ter sido igual a todos. Minha alma velha buscava entendimento. Quero dizer da dor mas não sei dizer. Estrou sangrando por todos os buracos.

O velho diz que ele seduziu o filho que é doutor

Fizemos como o velho mandou: um pouco arrebitado mas nem tanto

disso ele não morre

gostoso o garotão

até que posso entender o filho doutor

vamos. o velho vai passar por aqui. quer ver o serviço

Teu pai veio ver o serviço, Lucius. Saiu há pouco. A porta ficou entreaberta.

Sentou-se na beirada da cama. Passou a unha ao longo da minha espinha. vai ter tudo comigo, moço. Afaste-se de meu filho.

Antes do derradeiro, antes da sombra, o revólver em cima da mesa, que- res me perguntar o que sente alguém diante da dama escura? Sinto frio, Lucius. A parede aqui do quarto frente à mesa está toda manchada. As manchas formaram desenhos, figuras: a cabeça coroada de um velho. A coroa parece de flores.

Um pássaro com fcos enrodilhados no bico. Um menino sem cabelos olhando um quase-rio. O velho que eu seria se não escolhesse a morte? O pássaro que a minha alma pretendia? Eu mesmo, o de antes, contemplando o tempo-água que é e não é o mesmo e no entanto corre e sem te tocar te modifica inteiro? Há um acúmulo de significados tomando conta das coisas neste instante, as coisas estão crescendo de significado. A pedra prateada em cima da mesa... um amigo me trouxe lá dos Andes... não é só a pedra prateada que um amigo me trouxe lá dos Andes, é um mais sem nome, impossível de decodificar para você. Um livro de poemas que eu comprei numa livraria perto da universidade, não é mais um livro de poemas de Petrarca, ele pulsa, e o perfil do poeta no centro da capa brilha como a luz da tarde. Por que tudo brilha e é mais? Apenas por que me despeço? Quando nos beijamos naquela antiquíssima tarde, a consciência de estar beijando um homem foi quase intolerável, mas foi também um sol se adentrando na boca, e na luz azulada desse sol havia uma friez de água de fonte, uma diminuta entre as rochas, e beijei tua boca como qualquer homem beijaria a boca do riso, da volúpia, depois de anos de inocência e austeridade.

posso te tocar um pouco, menino?

Eu estava de bruços e suspendi a cabeça para ver.

A boca do teu pai tremia.

Ele beijou minha boca ensanguentada. Eu sorri. De pena da volúpia.

(I)

Muros longínquos

Na polidora esgarçada dos sonhos.

Tão altos. Fulgindo iluminuras.

Muros de como te ameí: Brindisi.

Altamura

E muros de chegada. De querença.

Aquecidos. Anchos.

O tenro entrelaçado à tua fala:

Teu muro de criança.

(II)

Muros dilatados de doçura:

Romãs. Dálías purpúreas.

Irmãos adultos

Recostados na manhã de chuvas.

Muros do encantado da luxúria.
Fendas. Nesgas de maciez.

(III)

Muros prisioneiros de seu próprio murar.

Campos de morte. Muros de medo.

Muros silvestres, de ramagens e ninhos:

Os meus muros da infância. Esfacelados.

Muros de água. Escuros. Tua palavra:

Um mosaico de vidro sobre o rosto alívio.

Devo me permitir te repensar?

(IV)

Muros intensos

E outros vazios, como furos.

Muros enfermos

E outros de luto

Como o todo de mim

Na tarde encarcerada

Repensando muros.

A alma separada de ti

Vai conquistar a chaga de saltar.

(V)

Muros agudos

Iguais à fome de certos pássaros

Descendo das alturas.

Muros loucos, desabados:

Poetas da Utopia e da Quimera.

Muro máscara disfarçado de heras.

Muros acetinados iguais a frutos.

Muros devassos vomitando palavras.

Muros taciturnos. Severos.

Como os lúcidos pensadores

De um sonhado mundo.

(VI)

Muros castos e tristes

Cativos de si mesmos

Como criaturas que envelhecem

Sem conhecer a boca

De homem e mulheres.

Muros escuros, tímidos:

Escorpiões de seda

No acanhado da pedra.

Há alturas soberbas

Danosas, se tocadas.

Como a tua própria boca, amor,

Quando me toca.

(VII)

Muros cendrados.

De estio. De equívoca clausura.

Lá dentro um fluxo voraz

De sentimentos, um tecido

De escamas. Sangue escuro.

Lá. Depois do muro.

Criança me debrucei

Sobre a tua cinzenta solidez.

E até hoje me queima

A carne da cintura.

Até um dia. Na noite ou na luz. Não devo sobreviver a mim mesmo. Sabes por quê? Parodiando aquele outro: tudo o que é humano me foi estranho.

Silvano Santiago
WHEN I FALL IN LOVE (QUANDO ME APAIXONO)

I cannot live without my life.

I cannot die without my soul.

[Não posso viver sem minha vida.

Não posso morrer sem minha alma.

Palavras de Laurence Olivier, ao final do filme

O morto dos ventos vivantes.



Ao entrar no quarto do hospital, você reconhece pelas costas a mãe do Adolfo. Baixa, magra, cabelos escorridos, ligeiramente corcunda. Já vestida de negro, aparece ainda mais frágil aos seus olhos. Você não consegue chamar a atenção dela com a frase dizendo que gostava muito do Adolfo. Ela te dá as costas, não se vira, apesar do burburinho que os parentes fazem ao verem entrar no quarto do hospital a pessoa ansiosamente esperada.

Você repete que gostava muito do Adolfo.

Ela permanece com o rosto voltado para a cama onde jaz o corpo do filho, dando as costas para a porta do quarto. Para você.

Você lhe disse duas vezes que gostava muito dele e repete uma terceira vez que gostava muito dele, tentando uma vez mais chamar a atenção dela para a sua presença ali, diante do corpo dele, já morto, no

quarto do hospital São José, no Humaitá, aonde você fora chamado às pressas pelo telefone porque ele tinha dito, ontem à noite, que queria te dizer alguma coisa antes de morrer. Você repara que algo do corpo dela mexe. A nuca levanta a cabeça. Ela dá sinal de que finalmente te escuta, ou será que ela está se dando conta de que alguma coisa se passa às costas dela?

Ela precisa saber o que está acontecendo no quarto do hospital.

Ela vira o corpo na sua direção, retirando os olhos que açambarcam todo o vulto do filho único, recoberto pelo lençol branco. Aparece apenas o rosto acinzentado, bochechudo e inchado e a outra calvície precoce que ele tentava camuflar por meio dos mais incríveis e discretos penteados, montados com laquê. Cara ao mesmo tempo miniaturizada e balofa, infernizada pela dor, intranquã, rosto familiar que você não reconhece à primeira vista. Não lembra o antigo rosto dele, também de olhos fechados, vital e descansado, dormindo ao seu lado no quarto iluminado pela aurora do novo dia. Tampouco parece rosto de cadáver. É ainda a cara de alguém que atravessa os momentos finais da agonia e precisa dos bons tratos da agência funerária.

Com o lenço já molhado, a mãe do Adolfo enxuga as lágrimas que saem dos olhos vermelhos e escorrem em filetes pelas faces marcadas pelo tempo e pelo sol da praia. Mesmo idosa, não deixa de ir à praia quando faz bom tempo. O gosto dele pela natação deve vir dela ou simplesmente de Copacabana.

Você repara que, ao retirar os olhos do rosto do filho querido, ela olha para você de modo estranho. Ela só olha para você, não te cumprimenta, não te diz nada; ela olha para você com olhos secos e vermelhos,

incendiários, e aperta nas mãos o lenço já úmido; ela olha de modo inesperado e estranho, como se houvesse descoberto alguma coisa de errado, ou de equivocado, na sua presença tardia no quarto do hospital, como se houvesse descoberto nas últimas palavras do filho, dicas à priori que ele mais queria, te chamando para dizer algo que ele não chegou a dizer e que ela não podia adivinhar o que seria porque, ao tentar ela acalmar a perigosa impaciência do filho, dizendo-lhe que poderia transmitir as palavras dele a você, ele reafirmou à mãe que só poderia dizê-las pessoalmente a você, já que se tratava de algo muito particular; ela olha para você como se houvesse descoberto algo na repetição da frase, a testemunhar uma amizade que sempre lhe parecerá forte.

Forte amizade, é só isso o que ela pensava da relação de vocês dois até a noite passada, até aquele momento? Uma amizade que fora construída sem os alicerces da infância e da adolescência comuns, ou da camaradagem escolar ou universitária, construída duma maneira adulta e egoísta, como só dois solteiros podem construí-la sem os entres das esposas, dos filhos e das constantes reuniões familiares, onde o assunto é sempre o mesmo: as alegrias e as dores dos parentes próximos e distantes, as grandes emoções, a espera de uma herança que nunca chega, as doenças infundáveis dos muito velhos e dos muito novos, os conselhos de deixa disso para marido e mulher briguentos, a falta de juízo dos filhos, a empregada trapalhona, a falta de dinheiro já no meio do mês, o salário que não sobe, o prego cada vez mais alto das anuidades do colégio das crianças, o aumento no aluguel e os pregos na feira que estão pela hora da morte.

Você quer saber se é apenas da amizade entre vocês dois que ela está querendo falar, com os olhos enxutos, vermelhos e firmes que de re-

pente abandonam a imagem do filho na cama para te encarar e te jogar, com um safãno, contra a porta do quarto. Você pensa que ela finalmente te te descobre por meio dos olhos do filho, você, ali, ao lado dele, capaz apenas de dizer que gostava muito dele, você, incapaz de expressar a mínima dor no rosto e nos gestos, incapaz de estender o braço direito além dos pés do leito hospitalar e tocar, com a ponta dos dedos que fosse, o rosto sofrido do seu melhor amigo, agora com a cabeça imóvel recostada no travesseiro, de olhos e boca fechados, de narinas atochadas de algodão, de bochechas balofas como que também atochadas de algodão, praticamente calvo, você, incapaz também de abrir os braços para a mãe dele, lhe dar um sofrido e cúmplice abraço de pêsames em reconhecimento por ela ter tido a sorte de ter posto no mundo aquele filho e por estar perdendo-o definitivamente naquele instante.

Você pensa que, por meio dos olhos fechados e mortos do filho, ela finalmente descobre o casal. Você pensa que ela quer é te expulsar do quarto por não ter obedecido ao último desejo do filho.

“Fora! saia! rua! sua peste maldita” — é o que você lê nos olhos dela. E não lê mais porque você prefere dar dois passos em direção ao leito para ver mais de perto o corpo do Adolfo ali deitado, com todas as máquinas que o fizeram sobreviver por mais de um mês agora desligadas.

A mãe volta a te dar as costas e a olhar o rosto do filho.

Como se estivesse até então à sua espera para o ritual, ela também dá dois passos à frente, fica ao lado do rosto do filho, dobra a parte superior do lençol branco, deixando a descoberto os braços nus e os ombros vestidos de pijama de mangas curtas. Retira cuidadosa e lentamente os

braços do filho de baixo do lençol e com carinho de parturiente os cruza, de mãos dadas, encaixando os quatro dedos da mão esquerda nos quatro dedos da mão direita, deixando polegar contra polegar, sobre o peito. Passa o lenço úmido pelos braços e pelas costas das mãos dele como que para limpar o suor da febre ou espantar alguma mancha de sangue coagulado. Em seguida, ela olha para o crucifixo que está dependurado na parede, em cima da cama, e faz o pelo-sinal da Santa Cruz. Ela é quem encomenda o corpo do filho.

Sobre o fundo branco do lençol dobrado, você nota as inúmeras marcas das perfurações de agulhas na pele acinzentada dos braços, não de todo cicatrizadas, braços antigamente musculosos por causa do hábito antigo da natação, e agora adiposos como se fossem braços femininos e preguiçosos que tivessem, como um pneu baixo, sido enchidos de ar pelos buracos abertos nas veias.

Entram dois enfermeiros para retirar do quarto o suporte do soro e as máquinas desligadas. Os poucos parentes se aproximam, se cumprimentam e se abraçam e se distanciam juntos para abrir passagem. Os dois enfermeiros saem carregando os trambolhos. O quarto fica com as paredes imaculadamente brancas, habitado pelas roupas negras, pelas vozes sussurradas e pelo choro dos parentes mais chegados que foram sendo convocados pelo telefone.

Você nota que as unhas dele estão como que esverdeadas. Ou será impressão sua, vendo-as ali de longe, contra a luz do sol da tarde, que entra discretamente pelas persianas semicerradas? Você sente asco daqueles dedos outrora tão delicados e amorosos e não deve ter conseguido esconder o que sente.

Você vira o rosto para o lado e redescobre a prima mais chegada a ele e a quem, ele te disse, tinha um dia feito confidências sobre o tipo de vida que levava com você. Você lhe pergunta se o padre tinha sido chamado para a extrema-unção.

“Que padre?”, ela te pergunta.

Você diz o padre Luís, do posto Seis, com quem ele confessava desde menino.

Ela diz baixinho que a mãe não quis chamá-lo nem aceitou a visita do capelão do hospital. Botou-o pra fora do quarto, aos berros, apesar dos insistentes pedidos da direção. “Padre só serve é pra batizar, rezar missa e casar”, fora o que ela tinha dito, a prima te diz, reproduzindo ainda outras palavras dela: “Na hora da morte quem conta são as pessoas queridas. São elas sozinhas que entregam o corpo do morto a Deus..”

Você lhe pergunta se já tinham combinado os detalhes da cerimônia fúnebre com a agência funerária. Você se lembra do rosto dele, tranquilo e infernizado pela agonia, que você deixou de ver para poder conversar melhor com a prima. Ele era tão vaidoso, não deve estar gostando de ser visto e velado com essa cara de sofrimento na dor ou de pavor diante da morte. Você pensa isso e não diz nada.

A prima te diz que a mãe, apesar das insistentes admoestações dos médicos e da administração, quer que o corpo do filho não saia do quarto até ela dar a ordem. Ela te diz que todos pensavam que ela queria velá-lo por algum tempo ali no quarto do hospital, longe do tumulto do cemitério. O Adolfo só seria enterrado no dia seguinte, às 10h da manhã. Desejo dela. Corrige-se, sussurrando: contra-ordem dela.

Foi a prima querida quem te chamou pelo telefone. Ela ligou para o trabalho, cedo pela manhã.

“Eu não posso deixar o escritório agora”, esclarecia você, “porque tenho compromissos inadmissíveis pela manhã, só posso passar no hospital para vê-lo na hora do almoço ou no comecinho da tarde”, foi o que você disse para ela, ao mesmo tempo em que tentava inventar uma desculpa para evitar a morbidez do reencontro com o Adolfo doente, no hospital, encontro que te parecia antes de mais nada inútil e desagradável. Mais uma das dele, um misto de chantagem sentimental e pedido de reconciliação.

Ela então te interrompeu e te disse que ele, tomado pelo delírio, tinha perguntado muitas vezes por você nos últimos dias, tinha querido saber por que motivo você, um dia, tinha desaparecido da vida dele, por que motivo não tinha aparecido no hospital para lhe fazer uma visitinha rápida que fosse. Ontem à noite, quando o rosto dele tinha se acalmado por uns minutos, como que aliviado depois de tanto sofrimento... “Que Deus me perdoe”, disse a prima, “parecia que já entregava os pontos. Ontem à noite, ele me chamou e me disse que queria te dizer alguma coisa antes de morrer, que eu ligasse para você, e me deu o seu número do trabalho”.

Você perguntou se ele disse isso só para ela, ou tinha feito o pedido em voz alta para que todas as pessoas que estavam no quarto escutassem.

Ela não deu resposta à sua pergunta. Te repetiu que, por favor, viesse ao hospital. Pelo amor de Deus. Adolfo está te esperando desde ontem à noite. Você não imagina como amanheceu.

Você não deixou de ir ao hospital; negligenciou a urgência do chamado. Você sabia que ele estava doente fazia algum tempo. Não tão

doente a ponto de morrer. Ele sempre tinha estado doente, de uma maneira ou de outra. Você já estava se acostumando com esses telefonemas extemporâneos da prima dele. Durante o longo período de convivência, ele se internara pelo menos umas quatro vezes em hospital. Uma vez foi por causa dum coágulo sanguíneo no cérebro. Uma segunda vez foi por causa do apêndice que tinha supurado. Outra vez mais foi para retirar uma fistula. Uma quarta vez foi para cuidar de uma pneumonia que podia virar tuberculose, e quase virou em virtude do descuido médico que o deixou abandonado, no auge do verão carioca, num quarto com ar-refrigerado ligado que, sem quê nem para quê, de repente ficou. Meio grogue, ele não reagiu e acabou ficando por horas deitado e banhado de suor. Depois da separação, você perdeu o número de vezes em que ele foi internado.

O corpo dele não estava sabendo como envelhecer, ou envelhecia de maneira precoce e doentia, deixando que as partes constituintes fossem sendo retificadas, amputadas ou retiradas pelos médicos a fim de que fosse possível a sobrevivência menos dolorosa em tempos onde o antigo charme de carioca da gema ia sendo também corrigido pelas rugas na testa, sendo substituído pela rabugice hipocondríaca e virando abstração pelo isolamento em que passou a viver depois da aposentadoria.

A mãe dele volta a olhar para você e você não derrama uma lágrima sequer diante do corpo do grande amigo de quem você gostava muito. Você pensa que ela não entende a contradição entre a necessidade obsessiva de dizer a mesma frase, que depunha a favor de sentimentos fortes que você começou a experimentar de maneira tão confusa e desordenada no momento em que entrou no quarto e foi avisado de que o

Adolfo já estava morto, e a impossibilidade de esta repetição obsessiva da mesma frase se transformar, aos olhos dela, em algo exterior às próprias palavras, em manifestações físicas de carinho emotivo.

Você se lembra de que o Adolfo sempre te dizia que tinha sido criado e morava numa casa de poucas palavras e de muitos sentimentos e que, de uns anos para cá, convivia com uma pessoa como você, de muitas palavras e de poucos sentimentos. "De nenhum sentimento", acrescentava ele. Quando estava ao lado das pessoas de quem gostava, ele tinha necessidade física de tocá-las, necessidade que vinha de longe, da vida inteira.

Você lhe dizia que o mal-estar tinha remédios, era síndrome típica de filho único, paparicado e querido desde o berço, desde o útero, desde o óvulo fertilizado pelo espermatozoíde.

Ele não te escutava e continuava o monólogo dizendo que as palavras eram para ele uma forma de distanciar uma pessoa da outra, como se fossem vidros de vitrinas por onde a gente vê o que gosta, ali, de longe, contentando-se com o desejo de querer o que não tem, o que está por detrás do vidro da vitrina.

Você o interrompia, chamando-o de consumidor.

Ele te perguntava se consumidor era a mesma coisa que forragaitas.

Você dizia que não.

Ele te entendia, ele entendia, até demais, as suas palavras e você lhe dizia que ele às vezes não entendia bem o significado delas.

Ele pedia a você que explicasse a ele por que você o tinha chamado de consumidor (era a maneira educada que ele encontrava para você

perguntar a ele — e você não perguntava — por que ele te considerava um forra-gaitas).

Você então explicava que ele era consumidor porque gostava de comprar todas as coisas de que gostava. Não se contentava em vê-las e dizer a elas, pela combinação do olhar e das palavras e por meio deles, que as desejava, que gostaria que um dia desses fossem dele.

Ele sorria da sua explicação e te dizia que, no fundo, você gostava era do corpo dos manequins na vitrina e detestava as roupas com que os lojistas os vestiam. Ele, não. Para ele o corpo dos manequins não existia, ele gostava é das roupas com que tinham sido vestidos. “Manequim é feito de matéria plástica, como ioiô ou bambolê.” Para constrangimento seu, ele gostava de entrar nas lojas, pedir para examinar a roupa da vitrina, tocar e levantar o tecido para saber se dava bom caimento, se a fazenda era de boa qualidade, durável, suave ao tato, se a roupa estava bem-acabada. Tocava a roupa para estar seguro de que o corpo perfeito e os traços suaves do manequim não estavam escondendo a feiúra dela, para saber se a beleza do terno ou da camisa não eram mero efeito de vitrina, cenário e iluminação.

As unhas esverdeadas, você as substitui por outras, por unhas de mãos generosas, lembrando-se do modo como ele comprava a amabilidade dos garçons com gorjetas altas, como esquecia de propósito o troco do jornal na banca, do cafezinho no balcão, do maço de cigarros no caixa. As unhas esverdeadas, você as esquece se lembrando de que não fora fácil convencê-lo a não mandar mais passar esmalte incolor nas unhas das mãos. Tinha-as aparadas por manicure, a mesma que vinha fazer as mãos e os pés da mãe. Pretexrava o trabalho para continuar a

mandar passar esmalte: era gerente dum banco do estado e lidava o dia inteiro com clientes que apenas viam as mãos, já que era obrigado a usar terno e gravata.

“E o seu rosto não conta? ele fica de fora do terno e da gravata.”

Ele tinha uma maneira original de descrever o relacionamento dele com os clientes. Dizia que eles nunca olhavam no rosto, assim, de maneira direta, olhos nos olhos, concentravam todas as forças da vontade financeira no olhar que buscava as mãos dele gerente à espera da assinatura desejada, única razão para o procurarem.

Você perguntava se de repente não pintava um papo legal com alguém.

Ele dizia que até que sim, mas só com os que não precisam de mim como gerente, pessoas que querem informações completamente inúteis, ou com as velhas amizades do bairro ou da mãe, velhos e velhas pensionistas do estado que querem assegurar ao gerente do banco que ainda estão vivos.

Como era muito educado, você acreditava que ele tratava todas as pessoas de maneira decente e o entrevia, no devaneio, assinando assinaturas e mais assinaturas com a mão esquerda (ele era canhoto) de unhas recobertas de esmalte incolor. Você nunca o procurou no banco. Quando telefonava e atendia a secretária, usava codinome.

Um dia, você percebeu que o esmalte tinha desaparecido das unhas. Você preferiu não comentar. Seria uma maneira machista de cantar vitória. Na semana seguinte, ele te disse que não tinha valido a pena mandar a manicure deixar de passar esmalte incolor nas unhas, porque você nem tinha notado. Você se fez de desentendido. Ele entendeu que

você se fazia de desentendido e, naquela noite, você percebeu que era mais carinhoso. Na cama, ele virou para você e te disse:

“Sabe por que eu gosto de você?”

Você respondeu que não era adivinho.

Ele fechou a cara.

Você se explicou dizendo que se tratava dum sentimento muito íntimo. Você não podia saber por que simplesmente porque ele nunca tinha dito a você por que gostava de você.

Você pensa na palavra *terrura* para expressar o que sentiu pelo Adolfo durante os muitos anos de convivência. Não adianta te perguntar o que significa a palavra *terrura* para você quando se refere a um relacionamento amoroso. É simplesmente a palavra que pode dar conta do que você sentiu por ele durante os anos de convivência estreita e fiel. Você tinha mania de usar a palavra *terrura* nas situações mais inesperadas, querendo definir pelo gasto da mesma moeda o que você sentia: eis o sentimento que você pode e gosta de nomear.

Ele te dava o troco. Não perdia a deixa e comentava a palavrinha, dizendo que *terrura* era o que filho sentia pela mãe, ou o que os pais sentiam pelos filhos.

Você não o desmentia. Dizia apenas que tinha sido criado por uma chocadeira, por uma das bem modernas e eficientes. Você era uma dessas aves da sociedade de consumo, que não podem dormir, alimmentadas dia e noite com razão, para poderem crescer e engordar mais depressa e, mais depressa, deixarem a chocadeira e se encarninharem para o abatourelado da vida. Você o deixava fingir que não tinha te escutado, você deixava que ele continuasse a comentar a palavra *terrura*, acrescen-

tando que parecia coisa do século XIX, quando as mocinhas de cutis clara e longos cabelos negros tinham de esconder os sentimentos por detrás de leques e os rapazinhos elegantes e frajolas por detrás de punhos rendados.

Você ria da imaginação dele.

Ele gostava do seu riso. E ficava te imitando, repetindo a palavra *terrura* em vários e diferentes tons e contextos, abanando leques invisíveis. Ficava abanando leques invisíveis até ver o tédio estampado no seu rosto.

Ele deixava de ser engraçado assim, de repente, e se tornava sério, muito sério, contando um caso cabeludo da alta administração do banco, dessas transações que caíam fedendo na mão dele, já cheirando de longe a suborno ou a corrupção, ou então falava dum acidente em plena avenida Rio Branco, que ele não tinha presenciado, mas que tinha sido o tititi da tarde no banco. “Você não vai acreditar, mas todo o mundo dizia que as rodas do carro cortaram pelo meio o corpo da velhinha. Também, magrinha como era!”

Você enuncia de maneira correta a pergunta que ele te fez quando deixou de mandar passar esmalte incolor nas unhas: ele não tinha te perguntado se você sabia a razão por que ele gostava de você. Ele tinha te perguntado se você sabia a razão por que te amava. Você se lembra agora de ter continuado a conversa, brincando:

“A boca fala quando os ouvidos são chamados.”

“Não estou me referindo a palavras, falo de beijos, dos seus beijos”, ele quis ser grosseiro com você. Não o era, em geral.

“Beijos são surdos, não são respostas; se por acaso tivessem ouvidos, seria para escutar e obedecer a comandos íntimos, que vêm lá de

dentro do próprio organismo carente”, disse você para ele. E continuou dizendo: “Se os beijos fossem resposta a um comando do exterior, você podia dizer: não quero, não tenho vontade agora.”

“Mas é disto”, disse ele, “é disto que estou falando. Quando te chamo, você nunca me diz não quero, não tenho vontade agora.”

Você contesta: “Se não digo, é porque houve coincidência: eu de-sejo, você deseja. Se te telefono para você passar pelo meu apartamento, é porque quero te encontrar. Se você vem, vamos pra cama porque alguma coisa dentro de mim reclama sexo.”

“Desisto”, repisou ele o verbo. Aí, mudou de idéia. “Não vou desistir desta vez. Por que sou eu que sempre tem de desistir?” A pergunta era retórica, mas foi dita em voz alta.

Ele te pediu um beijo, você o deu.

“Confirma”, ele pediu, ele implorou, “confirma que foi resposta a um pedido meu.”

Você confirmou.

Teria sido melhor não ter confirmado as palavras dele, você se dá conta neste momento em que ele está ali, morto, com a cara balofa dum buldogue enfiado com a dor e o medo que o atormentaram nesse mês passado no hospital.

Você nunca mais foi o mesmo com ele. Você tem essa mania de não querer ser querido. Você pensa que o relacionamento só tem sentido enquanto você está conquistando. Depois de conquistada, a vítima perde todo o interesse. Você gosta de arrancar a golpes de canivetes sexuais a dependência do outro. Quanto menos dependente, mais interessante; quanto mais dependente, menos interessante. Você vive a intermitência

do tempo dos assassinos. A sua especialidade é o jogo sentimental do amamos e do amais. Você toca a melodia da sedução na clave do amais até o momento em que o amais do parceiro seja dado como líquido e certo. Aí é a sua vez de passar a tocar a melodia distanciamento na clave do amenos. Você sai do céu de brigadeiro das relações amorosas felizes e atravessa nuvens de turbulência emocional que você apelida de *pés no ar*.

Quando quietos, os pés começam a sentir comichões, a querer caminhar por caminhos nebulosos, sujeitos a chuvas e trovoadas, por onde não caminhavam, e a evitar os caminhos já sabidos e batidos. No momento de cair de quatro totalmente enamorado, quando todos caem de quatro, você levanta a poeira e dá a volta por cima.

Você se aproxima da mãe do Adolfo e lhe passa a mão pelos ombros, dando-lhe um afago. Rápido o bastante para ela não poder se desvencilhar, rechacando algo que ela julga posição na sua personalidade.

Ela não se perturba.

Você lhe diz, quase sussurrando, que sempre sentiu uma enorme ternura por ele. Ao mesmo tempo em que você lhe diz isso, estica o braço direito e, com a ponta dos dedos, toca o rosto balofo e sofrido dele, passando em seguida os dedos pelas pálpebras cerradas como se as quisesse fechar pela segunda vez.

Ela continua em silêncio. Não move um só músculo da face. Os olhos dela, você os vê, continuam secos e vermelhos. Você os vê, mas ela não te vê. Ela vê o filho. Ela deve ter visto a ponta amputada dos seus dedos passando pelo rosto dele, caminhando a seguir para as pálpebras cerradas. Deve ter visto e deve ter aprovado, porque não inventa nenhum gesto para te afastar dele.

Naquele momento, você pensa, o Adolfo vê a ela ou vê a você? Ou será que pela primeira vez ele nos vê os dois juntos? Pela primeira vez, naquele momento tão docemente macabro, ele nos vê a nós dois e nós dois o vemos, e isso está acontecendo pela primeira vez, desde o dia em que você a tinha conhecido totalmente por coincidência, numa manhã ensolarada de domingo, quando os dois passeavam pela antiga calçada de Copacabana e ela ia para a praia com toalha e barraca.

Pouco importa — ou muito importa? — se ele está morto e nós continuamos vivos. Você quer corrigir a maneira como tudo começou e continuou e acabou.

Tudo começou quando... como ele tinha desse seu jeito de querer dar um começo factual e preciso para as histórias que você queria contar. Várias vezes você quis dizer para ele quando tudo tinha começado entre vocês dois. E ele te desmentia. “Não começou assim nem assado”, “Não começou assim porra nenhuma”, “Só começou assim na sua cabecinha racional”, “Nada começa, nada tem fim, tudo vem deslizando, deslizando, até que a gente pensa que é hora de tomar o bonde, toma o bonde, mas o bonde tinha dado muitas idas e voltas antes de você tomá-lo”.

Você era impertinente: “E se você perder o bonde?”

“Perdeu, está perdido”, respondia ele, “toma o seguinte”.

“E se o bonde seguinte for o bonde errado? Vai dar com os burros n’água.”

“Não vai me dizer que você, logo você, seja a única pessoa no mundo que não sabe que todos os bondes se chamam desejo”, ele te disse num dos entrevistos, fazendo alusão à peça de Tennessee Williams que vocês tinham visto com Jardel Filho e Maria Fernanda.

“Tudo começou quando...”, brincava ele, “... andávamos de bicicleta pelas ruas de Copacabana e cultivávamos a inocência cruel de ginásios matando aula”.

“Mas nunca andei de bicicleta com você”, respondia você, querendo cair na velha armadilha dos leques abanados com graça e rapidez, montada apenas para te divertir. Ele abanava os leques invisíveis para retirar da sua cara uma nuvenzinha cinzenta visível que te deixava cismentado e soturno.

“Por isso mesmo é que nos conhecemos quando andávamos de bicicleta pelas ruas de Copacabana, caso contrário teríamos combinado o passeio pelo telefone e teríamos saído cada um da sua casa e se dirigido para o lugar marcado. Nos cruzamos por acaso, foi no cruzamento da Bolívar com a Nossa Senhora de Copacabana, eu na minha bicicleta, você na sua bicicleta. Eu te vi. Você não me viu. Eu continuei pedalando até a pedra do Arpoador. Foi assim que tudo começou. Lá no alto da pedra, diante da imensidão azul do mar e dos pequenos transatlânticos que flutuavam na linha do horizonte, gravei a sua imagem e fiquei com ela gravada e escondida. Por muitos anos. Já não lembro quantos. Fiquei à espera duma oportunidade, desculpa, dum bonde. E lá no alto da pedra disse de mim para mim: Um dia ainda tomo esse bonde. E ele vai ser meu. E foi. E é.”

Você quer lembrar quando tudo começou, mas não consegue, por mais esforço que faça. Você sabe quando tudo começou. Não quer se lembrar de quando tudo começou, não quer e se lembra.

Foi à saída da sessão das 8 do cinema, na calçada de Copacabana. Era uma bela noite de maio, você não queria ficar em casa. De dia,

brilhara um solão confortável em céu azul de mar. Você assistira pela janela o calmo desenrolar do dia outonal lá fora. Você acha que essa brisa suave que sopra do mar nas noites de maio e anuncia de maneira tão sorrateira o inverno carioca é produto de algum algoritmo divino. O terno e a gravata durante o dia não torturam; o cobertor durante a noite é bem-vindo.

A sala de cinema estava num prédio que ficou anos e anos vazio antes de ser derrubado para ser construído no seu lugar um hotel. Você tinha ido ver um filme de William Holden e Jennifer Jones, aparentemente água-com-açúcar. A ação se passava em 1949, na cidade de Hong Kong, cidade barril de pólvora, que no filme tinha virado uma mistura de gigantesco hospital com as mais sublimes paisagens do mundo. Você sorriu, você riu, você se divertiu o tempo todo com o pano de fundo político da história de amor: as alusões terríveis à tomada da China pelas tropas do comandante Mao e ao início da guerra entre as Coreias do Sul e do Norte. Essas alusões jorravam aos borbotões nas falas preconcituosas dos personagens. Depois de uma semana, a menina refugiada da China, que tinha chegado quase morta ao hospital de Hong Kong, ressuscitava. Como mandá-la de volta para a China vermelha de onde tinha escapado? Jennifer Jones lhe dá cuidado médico e carinho, e acaba por adorá-la, mesmo tendo sido despedida do hospital.

Você também reparou que, no filme, outra pistola ideológica atirava com balas de festim contra os personagens propriamente ingleses e colonialistas. Uma lady inglesa — mordida logo pelo quê, por uma... centopéia — queria abusivamente ocupar por uma semana um leito do hospital superlotado porque a sua mansão estava sendo pintada.

Você tinha especial e perversa predileção por esses filmes de Hollywood feitos no início da Guerra Fria: revestindo com o manto da paixão amorosa conflituosa e ultra-romântica, insilavam na mente do espectador o duplo movimento da sabotagem subliminar norte-americana durante a Guerra Fria. A esnobe Europa não soubera colonizar os países orientais, por isso eram eles agora presa fácil do comunismo soviético. Cabia aos Estados Unidos intervir nesses países que tinham virado campo de batalha e hospital ao ar livre, e entregando a China aos eurásianos comprometidos com o Bem, como o personagem de Jennifer Jones, metade európéia, metade asiática, uma devotada médica em Hong Kong, loucamente apaixonada por um correspondente norte-americano chamado William Holden.

William Holden morre ao cobrir os primeiros conflitos bélicos na Coreia. Sozinha, a médica tinha tudo para voltar para a China comunista, um colega aliás a convidar, dizendo que lá é o lugar dela. Ela recusa, prefere ficar com a liberdade ocidentalizada de Hong Kong e as cartas do grande amor da sua vida. O título do filme em português explica: *Suplício de uma saudade*.

Quem não ficaria eternamente apaixonado por William Holden desde que ele assassinara Gloria Swanson em *Sunset Boulevard*? Na pergunta estava a razão maior para você ter escolhido exatamente aquele filme exatamente naquela noite.

Depois da sessão, você ficou de pé na calçada, sozinho, à espera de algum amigo para o chope. Não apareceu nenhum conhecido no fluxo da multidão anônima.

Ao lado, estava ele, também sozinho, vendo o povaréu que saía da sala. Você só o notou porque tinha sido atraído pelos olhos marejados

de lágrimas, que ele não fazia questão de esconder. Você criou coragem e perguntou a ele se as lágrimas eram de verdade ou de mentira.

“Errou”, ele te respondeu, “você errou duplamente. Não são de verdade nem de mentira. São postigas”.

“Postigas?”

“Se não acreditar, pode tocar. Lágrimas postigas não mordem. Só ladraram.”

“Confesse que você chorou durante o filme!”, a ordem que você deu não dependia de resposta.

“Confesso”, respondeu ele de maneira automática.

“Por causa do filme ou da canção?”

“Por causa dos dois.”

Você o convidou para um chope no bar alemão ao lado.

Ele te disse que não estava bebendo. Aceitava um suco de laranja.

“Um suco não vai chegar a despertar o tigre adormecido que existe em mim”, acrescentou, aludindo a uma fala de Jennifer Jones.

“Suco a essa hora?”, você se espanta.

“A essa hora.”

Você perguntou por que ele não estava bebendo, se andava tomando antibiótico.

Te disse que não bebia mais bebida alcoólica porque fora alcoólatra. Durante muitos anos.

Você ri da brincadeira.

Ele disse: “Não ria.”

Você continuou a rir.

Ele insistiu: “Não ria.”

Você parou de rir.

Ele te disse que estava com medo de trocar o álcool pelo Mandrix.

“O meu médico me alertou hoje para o perigo de trocar um pelo outro a partir de amanhã, quando retomo o trabalho no banco.”

Você não acreditava nas palavras dele e disse que ele seria um grande romancista. Nunca te ocorreria contar daquela maneira o encontro casual de dois homens maduros, bem-humorados e profissionais.

“Pro-fs-sio-nais”, ecoou ele, de maneira ligeiramente afetada.

“Maduros, bem-humorados e profissionais”, retomou você como que entendendo a dica.

“Acredite nas minhas palavras”, ele te disse, “por favor, acredite nelas. Porque depois não quero que você mais tarde me jogue na cara que não te avisei que era e posso voltar a ser viciado.”

Você estava achando o papo sem pé nem cabeça, pra lá de louco. Te agradava a franqueza e a singeleza no trato. A honestidade da fala dele te instigava a querer continuar a conversa para saber até onde ele conseguiria manter franqueza e honestidade de maneira tão pouco ou nada convencional ou desagradável. Você insistiu, convidando-o uma vez mais para tomar o suco de laranja.

Você tomou um chope, dois, três, não se lembra mais de quantas rodelas de papelão da Brahma se empilharam na mesa. Ele também tomou vários copos de suco de laranja. Depois, tarde da noite, você o convidou para dar um pulo até o seu apartamento, que ficava a umas poucas quadras do cinema.

“Olhe que amanhã é dia de trabalho”, você brincou, dando a oportunidade a ele pra dizer *não* sem te ofender.

Ele não disse nada. Te acompanhou em silêncio.

“Depois não venha me dizer”, você retoma, “que por minha causa você acabou perdendo o primeiro dia de trabalho depois das férias”.

“Se perder, o único culpado serei eu. Ou, então, será culpa do segundo Mandrix que tomei enquanto você foi ao micrófio.” Precaução por precaução.

Te acompanhou em silêncio até a porta do apartamento.

Andávamos de bicicleta, claro, andávamos de bicicleta. Você vê os dois agentes funerários que se adentram pelo quarto com a padiola. Vão levar de vez o corpo do Adolfo para o cemitério, no rabecão. Lá ele será velado durante a noite. E enterrado amanhã, às 10h.

A mãe do Adolfo se esconde no banheiro. Tranca a porta. Não quer presenciar a cena da remoção do cadáver. Ela deixa para você, só para você, os últimos minutos do Adolfo no quarto do hospital. Você se pergunta se ela tinha medo ou se atrendia ao último pedido dele.

Andávamos de bicicleta... Como? — você reage — se nem mesmo crescemos no mesmo bairro da zona Sul carioca e muito menos na mesma cidade.

Andávamos de bicicleta — você acata a versão de Adolfo —, andávamos de bicicleta. Bicicletávamos pelas ruas de Copacabana e cultivávamos a inocência cruel de dois ginásios matando aula. Vocês se cruzam por acaso na esquina da Bolívar com a Nossa Senhora de Copacabana, cada um pedalando a sua bicicleta. Se não tivesse sido por acaso, vocês teriam se telefonado, marcando encontro numa das esquinas do bairro.

Você o vê. Ele não te vê. É assim que tudo começa. Você vai até o hospital São José e, lá do terceiro andar, diante da morte devassada, você grava a imagem dele e fica com ela gravada e escondida.

Se você nunca soube quando tudo começou, como vai poder adivinhar como tudo vai terminar? é o que você se pergunta.

Myriam Campello
A MULHER DE OURO



Ela era diferente de mim. Simples, tímida, trabalhava em qual-
quer repartição do governo que eu imaginava sempre coberta de pó,
atravancada de processos que ninguém leria como num conto de Kafka.
Em meio à música hipnótica da discoteca notei por cima das cabeças
seu corpo alto, bem construído — andrógino talvez. Tive curiosidade e
cheguei perto, sem saber que sua timidez nunca a levaria a semelhante
audácia. Conversamos contentes no meio do barulho. Para mim era um
jogo. Quando ela sem querer me tocou.

Aqui uma nota: Proust esperou até que a mãe morresse para poder
dizer as coisas. Mas a minha está viva e terá de agüentar. Paciência, mã-
mãe. Sei que tem vizinhos, parentes e amigos mas a verdade queima, lou-
ca para sair. Além disso é bom ir se acostumando, gente fresca o lobo vai
comer e lamber os beijos nesta década, para mim está claro como água.

Quando sem querer me tocou. Digo sem querer não porque ela não tivesse vontade, esta ardia em seus olhos escuros e expectantes, mas porque foi empurrada nesse momento pelos dangarinos a que uma música histórica subitamente eletrizara. Seu corpo se juntou ao meu de repente, colado, e shazam, um raio fendeu o ar trazendo para a terra os deuses do Olimpo. Ela quis continuar assim mas me afastei, o sangue batendo quente em meu corpo como numa rocha fervia, borbulhava. Misturei-me aos outros, amedrontada com a violência do que sentia. Tinha saído havia pouco do último casamento, meu cabelo ainda pingava com o vagalhão desse naufrágio que arrastara com ele hábitos partidos, fé, os destroços da catedral. Quase me empurra também para o fundo negro não fosse eu a nadadora que sou, com três medalhas em campeonato. Decidi então nunca mais me envolver. Levei meu alauíde para a praça perto de casa e queimei-o, os olhos atônitos das mães e das babás pespegados na cena. Deve ser louca, pensavam. Mas eu insistia no álcool e nos fósforos.

Mal sabiam elas que estava queimando séculos de herança medieval, amor eterno, babaquices lançadas sobre mim desde que abrita os olhos para o mundo. Puxa, precisei coragem para fazer aquilo, afinal de contas eu tocava mal o meu alauíde mas tocava, não conheceria outro ca-minho. E lá estava feroz junto ao chão num ritual, observada por mães e babás com suspeita, enquanto via queimar-se a madeira do instrumen-to comprado anos atrás num antiquário que já nem existia. Daqui por diante vida nova, subiu em mim uma bolha de pensamento. Liquidava afinal essa torta carreira de Isolda banhada em amores obsoletos que nada mais tinham a ver com a dura realidade dos tempos. A fogueira no

chão saudava minha individualidade triunfante. A partir dali buscaria uma fórmula do contato humano que suprisse minhas necessidades sem ferir; o certo era que nunca mais me deixaria aprisionar.

Misturei-me aos outros, amedrontada com a violência do que sentia. Um maremoto cobriu meu corpo com sua fúria, tive medo dessa energia sem controle, o pavor do desconhecido me gelou. Se eu ficasse ainda que um minuto sob a pata imobilizante, afundaria de vez num abismo cuja profundidade jamais me devolveria. Mas esperei ardendo o próximo sábado. O que era aquilo, me interrogava consumida pelo estu-por, sem conseguir pensar em nada senão no momento de surpresa em que o corpo da mulher de ouro descarregara milhões de volts em minha carne distraída. Confusa, cheguei à discoteca tentando esconder o que procurava. Mais uma vez nos atraímos como mariposas diante da lâmpada. O olhar nos denunciava, gestos escapavam ao controle. Rogamos outra vez, agora nada casuais, de novo empurradas pela multidão. Mais uma vez meu incêndio foi total. Quem disse que desejo não dói? Dói e assusta. Eu estava roída pelo pânico, era bastante adulta para perceber o perigo quando este me inchava nas veias, seu contato fazia de minhas vísceras autêntico *marshmallow* derretido ao calor de verão. Oh, Senhor, o que fazer desse desejo? E, oh, Senhor, uma mulher!

Bem, devo modestamente confessar que apesar de meu susto não seria a primeira. Mas isso ficara para trás junto com a lanterna mágica e o navio a vapor, quando descobri que os homens são muito mais simples, transparentes como cristal de rocha em suas artimanhas. De vigarices detectáveis até mesmo por uma criança de berço. Aman e esquecem com a regularidade de um metrônomo, é ou não um descanso para as

previsões? Quando a freguesia se dá conta, já se transformou de amada amante em um ser trocado por duas de 15. A mulher contudo... permiti-me calar. Não é obra para palavras. Se nunca ninguém pôde seguir com precisão os insondáveis recônditos de Floresta Negra da alma feminina, como o faria eu, que nem conheço a Alemanha? Mas o novelo do destino desenrolava seus lanosos mistérios sem perguntar opiniões. E ainda uma vez meu incêndio foi total.

No quinto sábado de agonia convidei-a para minha casa. O perfume de dama-da-noite varria levemente o ar fresco das ruas interiores de Ipanema como veredas tropicais. Este, jurei para o lampião de mercúrio, vai ser o meu teste. Uma vida nova em folha, livre e desimpedida como a das moças que anunciam desodorantes na televisão. Mas aí já estávamos dentro de casa, a luz redonda do abajur sobre o livro de sociologia que eu abandonara aberto, a aula preparada com atento amor. O meu mundo. Como os marinheiros que levam consigo a visão do porto, seus mastros e o cheiro de comida vindo suculento da terra ao partirem, aquela foi a última imagem que guardei antes que a mulher deitasse o seu corpo de ouro sobre o meu na noite embalsamada. Pois ali mesmo uma febre oceânica me devorou, a tempestade me comeu, toda a mitologia hindu visitava meus devãos solitários enquanto Brâhman, Vishnu e Siva corriam pelos nervos de raiz à mostra, o que era, Senhor, esse olho de tufo me empurrando para fronteiras tão longínquas que eu nem sabia existirem, aquela vaga que me aniquilava até o esquecimento? Surpresa e aturdida eu disse sim eu quero sim, ah, Molly Bloom, pela primeira vez te compreendo, e não eram só os orgasmos tremulando por meu corpo como carilhões de catedral que me conduziam a essa

perplexidade de prazer, era o espaço perfeito deixado por seu rastro na minha alma, uma anulação tão grande na plenitude que me vi à beira do êxtase religioso.

Recuperando a lucidez por um momento, imagino que deva haver alguém na distinta platéia que se questione afiito, mas o que podem fazer duas mulheres juntas? Respostas para o ministério da Educação. Quem acertar qualquer coisa ainda que palidamente ganha um Volkswagen zero quilômetro movido a álcool, está garantido desde já. Fecha o parêntese.

Uma vida nova em folha, livre e desimpedida como a das moças que anunciam desodorantes na televisão. Era esse o meu objetivo de ferro. Ferro, é claro, para inglês ver, tinha medo de uma vulnerabilidade fatal que sempre me engolia, mosquito atolado na manteiga. Para evitar a repetição fui logo erguendo meus muros, ficasse sabendo que eu não queria eles, cada qual continuava como antes, nenhum compromisso empanaria os cromados novos de minha liberdade. *Just good friends*, como os artistas de cinema. Nos veríamos, nos reíamos por alguns momentos, e isso era tudo. Neste verão, disse para mim mesma, eu conhecerei a vitória.

Apenas me olhou em silêncio, o que achei ótimo. Não estava interessada em sua opinião. Meus telefonemas eram breves, feitos mais secos por uma voz controlada que não destilava a mínima doçura. Para temporar a perfeição estranha e perigosa de nossos encontros, habitiei minha vida com outros seres, ruído, movimento, queria em torno de mim escudos inexpugnáveis como as legiões de César, não estava em condição de facilitar coisa alguma ao inimigo. Ela aceitava a lei marcial que eu impunha à relação com a delicadeza dos silenciosos. Me via

em guerra, intuindo a profundidade de meus ferimentos pelos pontapés que eu distribuía ao me defender. Mas não se incomodava. Absorvia as cuteladas com a serenidade orgulhosa de um samurai (consciente de sua força?).

Não lhe perguntava nada. Mal sabia seu nome, evitando por minha vez lhe dar informações que penderiam incômodas como bandeira esfarrapada no final de meu périplo, eu era agora uma mulher inserida nos tempos. O que não me impedia de pensar afiita, qualquer hora dessa ainda levo um tiro como o Marlon Brando no *Último tango*. Vigia-me fiamente, observando a inquietude sexual que se instalou em mim como um cio. Os sentidos revoltos não me davam trégua. Nem a mória, escravizada à forma quente e flexível, ao cheiro de tamarindos maduros daquele corpo silvestre que arrancava do meu chispas do mais puro sol. Quando sua lava fumegante cobriu minhas ruas e becos sem deixar espaço de respirar, o pânico se instalou em mim como cavalos em fúria, todos os sinais se acenderam. Vivi uma semana acuada, a garganta engolindo o calor do céu áspero, imóvel, sem sombra de chuva que lançasse às coisas seu húnus refrescante.

Talvez o destino seja mais sábio do que nós. Pois naquela sexta-feira em que a umidade do ar marcava 57°, num momento de selvagem doçura a mulher de ouro esqueceu nosso acordo, pronunciou o que era implacavelmente proibido, me olhando nos olhos disse que me amava. Recebi com um choque a sentença. O cigarro parado no ar. O fósforo quase queimando minha mão. Foi nossa última noite. Não quis mais vê-la, nem seus telefonemas respondi. Neste verão, disse com os dentes cerrados à parede vazia em frente a minha cama, conhecerei a vitória.

Luiz Vilela MEU AMIGO

Aos 15 anos eu tinha vindo estudar na capital. Sentia-me só na cidade. De dia a agitação das ruas me dava medo e me confundia. De noite eu olhava para as janelas acesas dos edifícios e queria voltar para casa — mas minha casa estava longe, a milhares de léguas de distância. Eu saía andando pelas ruas até minhas pernas cansarem e então voltava. Não ia a lugar nenhum. Eu não tinha aonde ir. No sábado ia ao cinema mas não tinha dinheiro para ir nos outros dias. Papai me mandava uma mesada: eu pagava a pensão, o colégio, e as outras necessidades — quase não sobrava.

As aulas eram de manhã. Os alunos me pareciam hostis e os professores mais ainda. Eu só conversava com eles quando era necessário. Não participava dos jogos nem das festas. Nos intervalos ia para o local mais isolado do pátio e ficava sentado na grama olhando a paisagem.

Quando as aulas terminavam eu era o primeiro a sair. Ia direto para casa. Quando um colega me chamava para beber no bar eu dizia que tinha de ir embora.

De tarde eu ficava no quarto estudando. Meu companheiro de quarto trabalhava num bairro distante: saía de madrugada quando eu ainda estava dormindo e só voltava de noite quando eu já tinha ido dormir. Eu não o via. Nos domingos e feriados conversava um pouco com ele. Era mais velho do que eu uns cinco anos e não tinha muito interesse em conversar comigo. Perguntava se eu estava gostando do colégio, se eu recebera notícias de casa, se eu não estava precisando de alguma coisa. Depois disso o assunto acabava. Duas vezes me chamou para sair com ele: não fui. O resto do pessoal da pensão eu só cumprimentava. Eram mais velhos do que eu e estavam muito ocupados com seus problemas para me darem maior atenção. A dona da pensão queria me tratar como se eu fosse seu filho mas mãe é uma só: a minha estava longe e eu não gostava que ela se fizesse de minha mãe. “Meu menino já tomou lanche?” “Meu menino já vai deitar?” Não gostava que ela me chamasse de “meu menino”. Eu não era seu menino. Ela não era minha mãe. Aquela casa não era minha casa. Aquela cidade não era minha cidade. Meus pais e meus irmãos estavam longe. Eu estava sozinho. Sentia medo e tristeza. Queria ir para longe dali e não voltar nunca mais. Queria voltar para minha cidade e de noite ir ao cinema com meus amigos correndo pela calçada e saltando e barendo a mão nas placas das lojas, e nos domingos ir à fazenda pescar e ficar deitado na beira do rio ouvindo o barulho das corredeiras e os pássaros cantando na grimpia das árvores.

Eu gostava muito de ler. Mas não podia ficar comprando livros. Comecei a frequentar a biblioteca pública que ficava mais perto de onde eu morava. Era um prédio antigo numa rua movimentada. Os móveis também eram antigos. A biblioteca toda tinha ar de antigo, de coisa velha e mofada. Isso em vez de me afugentar me atraiu. Eu encontrara um lugar onde fugir à noite do medo e da tristeza. A biblioteca tornou-se para mim uma ilha no mar da cidade.

Ela não era muito frequentada à noite. Depois de alguns dias verifiquei que eram quase sempre as mesmas pessoas que iam lá. A maioria homens, e adultos. Poucos rapazes e quase nenhum menino. Isso também em vez de me espantar me cativou e me fez sentir mais à vontade ali do que nos lugares frequentados por pessoas de minha idade. Eu ia para uma mesa no canto e ficava lendo até a hora de fechar. Ninguém vinha conversar comigo. Havia duas salas: uma menor para os jornais e revistas, com uma só mesa, grande, e a outra com as estantes de livros e várias mesas de tamanho comum espalhadas. Quando eu chegava ia primeiro ler algum jornal ou folhear as revistas: às vezes encontrava páginas cortadas com gilete. Depois ia para o salão e pegava um livro com o bibliotecário.

Havia dois bibliotecários: um gordo de óculos, que não parava quieto e saía toda hora para a rua, e o outro, mais novo, magro, e que raramente saía, ficando a maior parte do tempo em sua mesa. Era atencioso e delicado. Quando acontecia de não ter o livro procurado sugeria-me outros do mesmo autor, ou, percebendo minhas preferências, livro de autor diferente. Mas não fazia isso como um vendedor de loja que quer a todo custo vender. Era gentil mas não insistente ou cheio de

coisas. Dizia: "Há um outro desse mesmo autor, bom também." E perguntava se eu conhecia. Não dizia que eu devia ler o livro. Eu dava uma olhada folheando as paginas. "É bom?", eu perguntava. "Muito bom", ele respondia. "Vou levar esse então." Ele não dizia mais nada. Eu ia para a mesa. Às vezes eu fazia isso só para corresponder à sua atenção. Mas depois, começando a ler o livro, ficava satisfeito. Ficava também surpreso por ele ter entendido em tão pouco tempo minhas preferências, sendo que conversava pouco com ele. Eu erguia os olhos para, de onde estava, fazer-lhe um gesto de agradecimento: encontrava-o naquela posição de sempre, sentado mas como que debruçado na mesa, o olhar esquecido nalgum ponto do salão, ou por coincidência parado em mim. A coincidência não era grande, já que havendo poucos leitores no salão, e às vezes apenas eu, era normal que ele olhasse para mim na falta de outra pessoa. Eu fazia o gesto e ele respondia sorrindo fracamente. Se não estava olhando para mim, eu ficava um instante esperando que isso acontecesse, e então observava-o mais. Parecia-me uma pessoa desanimada a julgar pela expressão permanente de seu rosto e pelo modo dele ficar à mesa. Desanimada e triste. A tristeza estava nos olhos e na voz fraca e lenta. Uma tristeza que parecia vir de muito longe e estar há tanto tempo com ele que já se tornara parte dele. Não conseguia imaginá-lo alegre. Nunca o tinha visto alegre. E se ele sorria, seu sorriso também era triste. Um sorriso apagado e frio. Não dava vontade de sorrir com ele. Mas era raro ele sorrir.

Uma noite conversamos mais. Eu estava com sede e fui beber água na talha que havia na outra sala. Ele me disse para esperar: foi no fundo e trouxe uma bilha de barro. Disse que a água da talha não

era boa. Aquela ali ele arranjava só para ele: quando eu quisesse era só falar. A bilha me deu saudade da fazenda e eu disse-lhe. Ele me contou que também era do interior. Morara muito tempo em fazenda e também tinha saudades de lá. Também não gostava da capital. Eu disse-lhe que odiava a capital. Ele disse que também, também ele era assim: odiava. E eu percebi que também ele se sentia só. Quis perguntar-lhe onde morava, com quem morava, sua família, onde nascera. Mas não perguntei. Disse-lhe que me sentia solitário no meio daquela multidão de desconhecidos — eu estava lendo um livro onde um personagem dizia isso. Ele teve um de seus sorrisos: "Você é um menino ainda, você não sabe o que é solidão..." Pôs a mão na minha cabeça e deu uma leve sacudida: "Um menino..." Esse gesto súbito de ternura me deixou um pouco embaraçado e eu olhei para o livro aberto na mesa. Ele percebeu e tirou a mão. Voltou a me falar da fazenda. Lá ele tivera uma criação de pombos. Um pombal só com pombos brancos. Todos brancos. "Brancos como a inocência", ele disse. "Eu levantava com o nascer do sol e ia lá vê-los. Eles voavam em bandos no céu, muito azul àquela hora. Eu então deitava na grama, ainda úmida de orvalho, e ficava olhando eles voarem. Não eram muitos; trinta. Mas depois de certo tempo que eu ficava ali olhando eles passando e tornando a passar, a impressão que eu tinha é de que eram muitos, dezenas, centenas de pombos enchendo o céu; e eu tinha a impressão de que estava no melhor lugar do mundo, que ali era o Paraíso." Parou um pouco. "Às vezes quando estou sentado lá na mesa e não há ninguém aqui, fecho os olhos e vejo eles de novo em minha imaginação, como se eu estivesse outra vez lá, na fazenda, deitado na grama, os pombos voando." "E que você fez com eles?", eu per-

guntei. "Eles ainda estão lá onde você deixou?" Ele olhou para a janela. "Não." "Quê que você fez com eles?" "Eles morreram." "Morreram? Todos?" "Todos." "Quê que foi que houve? Doença?" Ele continuava olhando para a janela. Então disse: "Eu os matei." "Matou? Mas por quê? Por que você matou eles? Eles estavam com alguma doença, alguma doença perigosa?" Ele não respondeu. "Preciso voltar lá para a mesa", disse e se afastou. Eu continuei pensando naquilo: por que ele os matara? Se não era por doença, por que poderia ser?

Na noite seguinte tornei a perguntar-lhe. Eu passara o dia pensando naquilo, imaginando-o a matar a tiros os trinta pombos, um por um, e depois eles mortos, sujos de sangue, espalhados no chão. Por quê, por que ele os matara? "Não fique pensando nisso. Isso aconteceu há muito tempo. Eu era rapazinho; como você. Você me faz lembrar os pombos, é por isso que eu te contei a história deles. É a única pessoa na cidade a quem falei sobre eles. Você também gostaria deles, eu sei. Você é como eu era na sua idade." Eu continuava querendo saber, não parava de pensar naquilo: por que ele os matara? "Você não gostava mais deles? Foi por isso que você matou eles?" "Como podia não gostar mais deles? Eram belos, puros, mansos..." "Por que você não volta pra lá e arranja outros pombos, faz outro pombo?" Ele ficou olhando para a janela. Quando olhava para a janela não falava. "Você ainda gosta de pombos?" Ele sacudiu a cabeça vagamente. Não estava me escutando. Estava longe dali.

Não tornou a falar nos pombos. Nem eu tornei a perguntar, com medo dele achar ruim. Nossas conversas passaram a girar mais sobre os livros. De vez em quando ele voltava a falar na fazenda e no inte-

rior mas não tocava nos pombos. Conversávamos em sua mesa na hora que eu ia buscar o livro. Ou então ele se levantava e vinha até onde eu estava. Não vinha diretamente. Ia à janela e ficava olhando para a rua. Depois vinha andando devagar de volta e parava em frente à minha mesa. Ficava ali em pé. Eu parava de ler e falava alguma coisa com ele. Se eu não falasse nada ele continuaria andando de volta à sua mesa, como acontecia quando eu apenas levantava os olhos do livro e sorria para ele. Sentia-me envaidecido de ser o único a quem ele falara sobre os pombos. Depois notei que eu era também o único com quem ele conversava na biblioteca. Atendia aos outros com a mesma gentileza mas não procurava conversar com ninguém e menos ainda ia às outras mesas. Nem com o outro bibliotecário eu o via conversar: quando estavam juntos eram como dois estranhos. Tudo isso me fazia ver o quanto ele me considerava, o que eu era para ele. Eu era a pessoa a quem ele podia falar dos pombos. Eu era um amigo para ele. E ele também era meu amigo: meu único amigo na cidade em que ele também se sentia solitário e que ele também odiava. Éramos iguais e estávamos juntos na ilha.

Um dia no colégio um colega me disse rindo: "Eles estão falando de você aí..." "De mim?", eu perguntei. Ele continuou rindo. "De você com o Nandinho..." "Nandinho? Quem é Nandinho?" "O Nandinho; o Nanando..." "Quem é Nanando?" "Você não sabe mesmo ou está brincando?" "Não sei não." "No duro mesmo? Você não sabe?... O Fernando, o bibliotecário lá da biblioteca pública, você não sabia que ele tem apelido de Nandinho? que ele é veado?..."

Veado. Eu não podia parar de pensar: veado. Nandinho. Nanando. Você não sabia que ele é veado? Minha cabeça girava: veado. Meu peito

ofegava, minhas mãos riscavam o lençol, a escuridão ondulava e enchia-se de vozes e risos, e meus lábios repetiam: veado. Veado. Veado.

Não fui mais à biblioteca. Não passava lá em frente nem perto; quando tinha de passar eu dava a volta no quarteirão. Rezava para não encontrá-lo na rua. Duas vezes o vi de longe e escondi-me antes que ele me visse. Quando outro colega mexeu comigo fiquei com tanta raiva que avancei em cima dele de murros e pontapés e foi preciso uma turma para me segurar. Ele não mexeu mais nem os outros. Passaram a ter medo de mim. Meu isolamento começou a romper-se. Ao vencer o colega era como se eu tivesse vencido a cidade inteira.

O ano foi passando. Eu não voltara à biblioteca nem tornara a vê-lo na rua. Continuaria lá? eu pensava. O que teria pensado de mim? Ficaria lembrando-se de mim ou já me teria esquecido? E voltava a pensar: por que matara os pombos? Seria alguma coisa relacionada à sua anormalidade? Ou teria inventado aquilo tudo só para ficar conversando comigo? Não me ocultara o tempo todo o que ele era? Podia também ter inventado aquela história toda e os pombos nunca existido. Não era esquisito um sujeito só ter pombos brancos? E a história do interior e da fazenda: tudo inventado? Quê que ele estaria planejando? Quê que teria acontecido se eu continuasse indo lá? Por fim deixei de pensar nisso. Minha atenção voltou-se para outras coisas.

Dois anos depois o encontrei por acaso num bar. Era de tarde. Ele estava sentado numa mesa do canto. Não o reconheci logo e quando o reconheci quis fugir mas ele já me havia cumprimentado: eu respondi mas não fui lá. Tinha ido tomar uma vitamina e fiquei em pé no balcão. Quis tomar depressa e ir embora mas pensei: diabo, vou ficar

a vida inteira fugindo desse sujeito? por quê? quê que ele me fez? não me fez nada. Se ele quisesse conversar comigo que viesse. Eu não iria lá. Não queria conversar com ele. Continuei tomando a vitamina sem pressa. Para sair ele tinha de passar por mim. Vi quando ele se levantou. Veio e parou ligeiramente atrás de mim, conferindo o troco. Foi como na biblioteca; se eu não tivesse olhado para ele, ele teria continuado e ido embora. Eu olhei: “Está bom?”, eu disse. Ele respondeu. Sua voz parecia mais fraca ainda. E então vi porque não o reconhecera logo: eu o tomara por um velho. A cabeça, que no tempo da biblioteca tinha já alguns cabelos brancos, agora estava grisalha. Mas era o rosto que mais envelhecera: envelhecera espantosamente. Naquele tempo ele parecia ter uns trinta anos: agora parecia ter cinquenta. Os dois anos tinham sido vinte para ele: quê que lhe havia acontecido nesse período para acabá-lo assim? Ele percebeu meu espanto e baixou o rosto como se estivesse envergonhado. Ele estava ali parado e eu não sabia o que lhe dizer. Procurava uma frase mas não achava nenhuma. “Você não apareceu mais...”, ele disse olhando-me e procurando fazer-se natural. Mas eu percebi como aquela frase saía do mais fundo dele e como ele estava perturbado com aquele inesperado encontro. “É... Outras coisas, sabe como é...” “Senti falta de você lá... Você era um garoto muito inteligente... Agora cresceu... Você ficou moço depressa...” Sentia-me embaraçado e perguntei-lhe se ainda continuava na biblioteca. Tinha saído. Fazia um mês. Teve um daqueles sorrisos: “Estou contente de ter te encontrado... Lembra daquela noite dos pombos? aquela noite que eu te falei nos pombos?” Eu disse que lembrava. Pensei que enfim ele fosse me dizer porque os matara. “Pois é... Lembra que você me falou

porque eu não criava pombos outra vez, não fazia outro pombal?” Eu disse que lembrava. Ele passou os dedos pelo queixo olhando para o chão: parecia estar morrendo de vergonha e isso me deixava mais embaraçado ainda. “Pois é, eu estive pensando, agora que deixei a biblioteca; estive pensando nisso, nessa idéia de fazer outro pombal.” “Aqui?”, eu perguntei para perguntar alguma coisa. “Não, lá mesmo, onde morei; na minha terra. You voltar pra lá, mexer com hortaliça de novo. É melhor do que ser bibliotecário. E então talvez eu aproveite e faça outro pombal. Quem sabe? Só que não será mais como o outro, pombos brancos. É muito difícil. E para quê se eu já tive um, não é mesmo? Era um pombal bonito... Mas esse também vai ser. Pombos de todas as cores: azul, marrom, preto, roxo... Só não vai ter branco; mas dos outros vai ter todos. Gosto muito de pombos. Toda vida gostei. Desde menino. Vai depender ainda de outras coisas; mas bem que eu gostaria de ter um pombal outra vez...” Ele tornou a sorrir. Eu não achava o que lhe dizer. Por fim ele me estendeu a mão: “Foi um prazer revê-lo...” “O prazer foi meu”, eu disse.

João Silvério Trevisan
INTERLÚDIO EM SAN VICENTE

*um gosto de vidro e corte
um sabor de vida e morte
coração americano.*

MILTON NASCIMENTO E FERNANDO BRANT

Eram às 7 da manhã quando ele meteu a cabeça pela janela do trem e respirou o ar úmido e frio de San Vicente. Não podia mais duvidar. Estava ali, inteiramente em San Vicente; ainda que sentísse restos de incerteza, o corpo débil de fome e medo, o medo sofrido naqueles últimos dias. Na fronteira, apesar da tensão, o trem se iluminara todo e uma velha canção crescera esgançada e percorrerá com súbita excitação a todos os passageiros, enquanto a voz antiga saudava naquela língua que, em sua fantasia, lhe soava como o som essencial da América Latina: “*Buenas noches, señoras y señores. Están ustedes en la República de San Vicente. Bienvenidos sean, en nombre de nuestro pueblo hospitalario. Esta es la tierra...*” Depois vieram as planícies molhadas, verdes e tranquilas, a paisagem para ele inusitada, as vacas holandesas, as casinhas de pedra escura. Apesar de estar ali tão próxima, essa terra sempre lhe

parecera mais distante que a Europa. Refletiu ligeiramente sobre o colonialismo, enquanto ia descobrindo uma secreta intimidade com aquela paisagem que ele amara antes mesmo de conhecer. Enterneceu-se por estar ali, e o invadiu um sentimento de alívio e uma momentânea esperança de estar movendo-se para frente, apesar de tudo. Afinal, queria buscar a certeza de que apenas voltava para o meio de irmãos por tanto tempo ausentes, estrangeiros. Depois, duvidou de tudo o que vinha pensando, achando-se um pobre romântico. Por sorte, a fronteira não estivera demasiadamente controlada, e essa sim lhe parecia uma certeza reconfortante porque objetiva. O trenzinho já tinha penetrado quilômetros dentro de San Vicente, seu apito e sua fumaça reencontrando os bananais familiares, e ele respirava com força os ares novos, quando o velho Chevrolet aparecera ao longe fechando o caminho, e todos os passageiros foram obrigados a descer, sem explicações. Ele ouviu alguém sussurrar “*policía*” e foi o bastante para que o pânico lhe acelerasse o sangue; pensou se não deveria fugir, depois, controlou-se. Vários homens que usavam óculos de sol, apesar da noite, examinaram cada mala, sua valise inclusive. Ele buscava convencer-se de que não havia perigo, mas sabia que as metralhadoras dos agentes estavam carregadas com a morte e isso lhe cortava a respiração. Mais tarde, soube que procuravam armas de supostos guerrilheiros, que todos os caminhos estavam vigiados e que o país corria o risco de um estado de sítio imediato. Pensou que sim, aquela era a América Latina. Não conseguira dormir em toda a viagem porque sentira frio e fome, nesse seu primeiro dia em San Vicente. Então, às 7h da manhã, ali estava. Na capital. Olhou para fora e pensou como sempre fora difícil aos brasileiros sentirem-se lati-

no-americanos. Havia uma neblina grossa dispersando-se pela cidade e já começava a cair uma chuvinha fina, estrangeira, que era na verdade a chuva de San Vicente. Deixou a estação, para buscar um hotel barato.

As pessoas passavam apressadas ao seu lado, agasalhadas e como que saídas de um sonho que já fora quase um pesadelo. Pensou no que poderia ter acontecido a seus amigos, onde estariam, vivos? torturados? destruídos? Viu-se desamparado como um bebê, mas evitou a melancolia para não se sentir infeliz. Andou mais depressa, pensando deixar o passado definitivamente atrás. Entretanto, via o passado ali, envolvendo-o. As casas eram antigas, os carros soltavam fumaça e ensurdeciam com seus motores ancestrais, e homens velhos cruzavam por ele, incomodamente reais como uma luz que ofuscava. Andou sem rumo, com medo de pedir informação numa língua estranha. Por acaso, viu a tabuleta do hotel, num edifício que poderia ter sido novo no começo do século. Olhou as janelas quebradas, as portas comidas pela chuva, mas resolveu entrar. O tilintar de um sininho fez surgir o rosto pintado de uma mulher, chegando-se com seu cabelo matinal já enrolado e um velho *peignoir* de flores desbotadas. Ele engasgou na primeira palavra. Ela: *Ah, que bien. Usted es brasileiro, verdad? Pues aqui tenemos gente de todas partes. Las reciénarras son chicas pero, ay, que servicio! Creame, señor, que usted no encontrará nada mejor y más barato. Además, tenemos agua caliente por la mañana...* Ele dormiu até às 12, encolhido no meio dos cobertores que cheiravam a mofo, e quando acordou, estava decididamente longe de tudo, num outro mundo onde os tapetes persas já tinham sido vistosos e os móveis falavam de lembranças sem fim. Ouviu lá fora um rádio tocando um merengue distante e anúncios em espanhol

que lhe pareceram quase ridículos. Comeu no próprio hotel, engolindo em silêncio enquanto a dona servia e falava: *Ahora todo anda mal. Usted sabe, todo muy caro, hasta la carne. Este país ya no es lo mismo. Mire usted lo que come, esta carne fué nuestro orgullo. San Vicente alimentó el mundo, un día. Y ahora, vaya, estamos aquí comiendo esta carnia que uno pela para encontrar.*

Ele procurou o furo no bolso do capote e tirou um minúsculo papel amarrotado. Abriu-o e tentou decorar nome e endereço. Era a única referência que conseguira de última hora. Saiu e andou muito, respirando a fumaça dos carros, penetrando-se pouco a pouco daquela atmosfera estranha e incômoda que ele temia identificar, apressadamente, com a decadência. Buscava então descobrir alguma revelação escondida detrás das paredes e janelas e portas dos edifícios igualmente carcomidos de esquecimento. Cruzou um parque. As árvores pingavam pesadas gotas frias sobre sua cabeça acostumada ao calor e ao suor. Depois, encontrou a casa que buscava. O senhor estava de viagem e só regressaria dentro de dois dias. Voltou para o parque e sentou-se num banco de pedra, pensando no que deveria fazer. Levantou-se para ir — ir onde? — e virando a cabeça recebeu o choque: viu os soldados que se espalhavam por entre as árvores. O terror de volta; ele pensou rápido, decidiu sentar-se outra vez para não despertar suspeita. Não conseguiu desviar a atenção deles, nem mesmo fixando-se na imensa estátua do herói nacional, coberta de pombos e de seus excrementos. Um soldado aproximou-se e lhe gritou algo que ele não compreendeu. Murmurou apenas que era *brasileño*, tentando buscar uma defesa para o medo que sabia estar brilhando dentro de seus olhos. E o soldado gri-

tava mais e ele não podia entender, imobilizado no banco. Então sentiu o cano da metralheta no peito e automaticamente levantou-se. “*Y por que no te paravas, carajo?*”, lhe disse o soldado e depois examinou seus documentos, perguntou-lhe o que fazia, turista? *si, pero no puede estar así, no más por ser turista; a caminar, a caminar.* Ele caminhou então, no meio da bruma, como o foragido que era.

No segundo dia em San Vicente, dormiu até muito tarde, adiando a responsabilidade de sofrer o frio e a chuva. Cada vez que pensava em caminhar sem rumo, encolhia-se mais entre os cobertores. Acordou várias vezes e pensou ligeiramente que se acreditasse poderia rezar, pedir ajuda a um deus onipotente, um grande pai. Ao invés, ficou apenas olhando o vazio, sentindo vazios os sons de rádio, do lado de fora. No fim da tarde, sem outra alternativa, saiu de novo à procura de nada, entre os carros e todos os anciãos do mundo, depositados naquelas ruas. Diante de uma loja, julgou ouvir palavras em português. Tinha os olhos de um louco, e nem percebeu que já corria. Fugindo, estava dentro de um bar. Pediu um café. Tomou-o engolindo o gosto estrangeiro, desejando o cafezinho do passado tão recente. Não, não podia ficar triste, tinha o futuro pela frente, depois que o pior já passara. Com uma batida no seu ombro, a realidade chamou-o mais do que inesperada. Virou-se quase em defesa e viu as mãos gesticulando, as rugas do rosto e a boca que se abria sem som. Eram súplicas da desgraça, que lhe parecia um demônio, ou da loucura, esta loucura onipresente, a condenação demasiada para um só momento, uma só cidade. Na rua, fugindo outra vez em largos passos, pôs-se furioso consigo mesmo lembrando-se tarde demais que ele era parte daquela miséria, já no seu sangue, e não podia

rejeitar a maldição como uma estranha, porque estava positivamente ali, entre os malditos. Sabia dessa sorradeira quase-morte, lutara com ela toda a vida e não tinha o direito de assustar-se como se tivesse sido um homem feliz. Pensou vagamente na felicidade e numa vaga proteção, enquanto regressava para a cama. Onde estou? Como me salvar? Naquela noite dormiu tentando conformar-se com a possibilidade de lindos sonhos que o despertassem de um pesadelo, o seu.

No terceiro dia, levantou cedo, decidido a não se entregar. Foi buscar de novo a casa do possível amigo. Atravessou outra vez o parque em bruma, olhou a estátua grotescamente adornada com a bosta dos pombos, quis sentir-se forte. Recebeu-o na porta da casa um jovem com cara de universitário. Quando se identificou e mencionou o amigo comum, viu o temor exposto nos olhos do rapaz. Foi imediatamente convidado para um passeio no parque e ali ouviu a voz aguda desculpan-do-se, no meio das árvores estrangeiras.

— *Usted comprenderá. Hace mucho que no veo al amigo este. Y desde luego, no quiero meterme en nada de política, por favor. Usted me comprende, tengo a mi madre ya vieja y hermanos más chicos.*

O rapaz ofereceu-lhe uma companhia, caso desejasse; *usted sabe, por unas moneditas lhe encontraría una manacita com quem se divertisse, e como! Pero mejor nos encontramos en el centro.*

Olhava a praia então. Agradecera o rapaz e se fora, mas os dentes lhe doíam de frio e raiva contida. Sentou-se na amurada, olhou o mar barulhento, ouviu o vento que levantava a areia escura. O mar parecia trazer a tempestade em suas grandes ondas. E as gaiotas não lhe davam paz, ele que amava tanto as gaiotas. Mas também não sentia

nenhuma tristeza, apenas olhava. Antes de acontecer toda aquela confusão e sua fuga, sempre se orgulhara de poder chorar. Agora devia conter-se, pensava, mas também não sabia por quê. Devia manter-se frio como... Como o quê? Como um machão? Melhor ainda, como um herói! Riu por dentro, pensando nessas ficções que sempre o irritaram. Escondeu o rosto entre as mãos, mas o cheiro de sal empurrou-o para adiante. Seguiu caminhando junto à amurada em ruínas; encontrou um homem a tocar violino, parado. Viu ódio no rosto contorcido que tirava sons finos e que brigava com o som mais e mais agudo. Andou devagar. Tentava comover-se com o vento arrebatando a música e levantando os negros cabelos daquele rosto em fúria, mas já não podia chorar. Enquanto deixava para trás o violino, lembrou de repente. Parou, para lembrar melhor e decidir se valia a pena. Então buscou uma lista telefônica. Sim, o nome estava lá, com o endereço e telefone. Era um conhecido de um amigo dos velhos tempos, antes da luta. Telefonou, a voz respondeu neutra e depois *sí, por supuesto, tanto gusto*. Sentiu-se subitamente alvorçado. Não lhe importava, ouvira uma voz falando-lhe tão perto e com ansiedade esperou chegar às 8h. Até lá, recebendo na cara as sombras úmidas que encobriam San Vicente, descobriu o tamanho trágico de sua solidão e foi só nisso que pensou e foi essa a mais aguda dor que descobriu dentro de si, entijecida e absoluta. Dirigiu-se para o endereço que conseguira e pelo caminho foi tropeçando com o sentimento de que estava só. Quando tocou a campainha, percebeu que implorava qualquer coisa parecida com um gesto, apenas pequeno ou obscuro, de afeto. Uma cara gorda de homem assomou pela janelinha e depois a mesma cara sorriu enormemente pela porta aberta.

— *Soy el señor brasileño...*

— *Sí, claro, yo lo sabía. Pase usted. Ay que divino país eluyo. La gente brasileña, que bella gente, Dios. Y la samba, me encanta, me encanta.*

Era uma casa pretensamente burguesa, um falso ar de sofisticação nos pequenos bustos de compositores clássicos, móveis coloniais recém-fabricados, um piano, bibelôs por todos os lados e aquela harpa no centro da sala, como uma estranha:

— *Que bella, no? Fíjese usted que me enloquecía el harpa. Pero no encontré sino estas, claro, no tiene nada que ver con esas harpas de las sinfonías. Aún así me la compré. Es mejor que nada...*

E ria muito o anfitrião, grandes risadas que pontavam os intervalos rápidos entre um assunto e outro.

— *Si le gusta, le pongo unas canciones folclóricas de San Vicente. A mí se me hacen bellísimas. Tristes, pero bellas.*

E chiava então o disco na vitrola, guitarras de San Vicente, um intenso som de nostalgia, a imagem que lhe estivera sempre no peito, sonhos sobre revolução, sobre continente, a voz de um povo e vários povos nas guitarras de San Vicente.

— *Antes, todo aquí era una fiesta, en cualquier hora del día y de la noche. Los más famosos casinos del mundo, los artistas de Hollywood pasando con sus coches último modelo, grandes bailes, grandes orgías. Cuanto más escándalo había, más brillaba el nombre de San Vicente. Ay, pobre tierra mía. Ya se fueron los buenos tiempos.*

Uma pausa, um suspiro, a música no fundo, os chiados, os bibelôs e a poeira infiltrada neles.

— *Nos quitaron todo. San Vicente no es sino la sombra, la miseria...*

Na outra pausa, terminou o disco.

— *Pero basta ya de tristezas. Esas las tenemos sin pedir las. Así que vamos a la cena. No es un banquete, pero el Arturo sabe preparar platos típicos. Y ricos, ricos. Usted va a ver.*

Sentaram-se. Ele tinha fome e sede. Tomou muito vinho e sentiu-se mais tranqüilo, sem perguntar por que, mas sim, certa paz nas veias dispendidas.

Depois, sorriu quando Arturo regressou vestindo um avental florido; parecia-lhe quase materna aquela figura que ia e vinha preparando o café. Olhou então para a parede oposta e descobriu um grande quadro de onde lhe sorria um toureiro, olhos chispantes, lábios sensuais e uma beleza que se irradiava através do rosto, lhe percorria a roupa brilhante e espraia-se pelo vermelho interminável de sua capa. Contemplou o toureiro, e os pensamentos correram velozes, por toda a vida passada, pequenos incidentes, paixões passageiras, solidão crônica. E não percebia que olhava como se beijasse e que lhe oprimia, nessa ocasião, a certeza de estar metido num charco sujo, escuro, nojento, pegajosamente presente ao seu corpo, de solidão. Quando voltou os olhos, mais que melancólicos, Arturo o olhava.

— *Preparé un cafecito brasileño. Ya me dirá...*

Arturo apressou-se em instalar a bandeja, sentou-se, alisou o bado do avental e, enquanto servia açúcar, soltou uma voz lisa como veludo, sorradeira como nenhuma outra poderia ter sido:

— *Así que a usted también le gustan los muchachos...*

O outro sentiu-se um pouco incômodo. Depois fingiu mal-estar. Em seguida, entregou-se e baixou os olhos.

— *No se preocupe usted. Yo sé muy bien que ya estoy viejo. No voy a hacer sugerencias inmundas, ni pensarlo.*

Ele olhou os olhos de Arturo e Arturo compreendeu. Seria súplica ou simplesmente solidão, mas Arturo entendeu.

— *Si gusta, puedo hacerle un regalo. Basta no más llamar por teléfono. Papá Arturo ya tiene todo organizado, después de tantos años...*

Trocaram olhares, sem sim nem não.

Depois, submergiram-no apenas os gestos sonhados, entre a permanência de fantasias insaciáveis, sempre, e agora ele descansava, paciente, saboreando a presença absoluta da realidade por chegar. Não esperou muito. A campainha tocou, a porta se abriu, e ele não quis olhar para trás nem antecipar-se, esperando que a realidade chegasse inteira diante de si e se apresentasse:

— *Buenas noches. Me llamo Antonio.*

Levantou os olhos devagar e encheu-os com a cor morena de um jovem índio; enquanto o olhava detidamente, teve pressa e imaginou que suas mãos tocavam já aquelas faces morenas e rosadas, aquele cabelo negro, os lábios grossos, os olhos feitos de mansidão e as mãos que caíam infinitas, esperando gratuitas, um gesto. Pensou então que a beleza apaziguava, não, pensou, choca, maltrata, não, é tão somente bela, a beleza. E lembrou-se que nem respondera à saudação.

— *El cuarto ya está listo. Ponganse cómodos. Y tu, Antonio, sé bueno con el señor. No, no agradecerca, señor, es que quiero mucho a los brasileños. Pase usted, pase, pase.*

Fechada a porta, ele apagou a luz, deitou-se; parecia dormir mas não dormia porque seu nariz se impregnava de todos os pequenos cheiros, o cheiro do jovem índio sobretudo, e queria apenas estar ali, gozando longamente a sensação de calor que se aproximava invadindo-o, aquele corpo envolvendo-o em silêncio de amor. Sem ruído, fechados os olhos, sem coragem de admitir senão a difusa crença da felicidade — por um momento tornada real — ele pediu:

— *Por favor. Yo necesito un abrazo.*

E Antonio ouviu-o. E foi único e longo e jamais esquecido o abraço daquela noite.

— *Pero señor, no más un abrazo? Perdóname la palabra, pero esto es una tontería. Justo con Antonio, tan guapo, tan caliente, fuerte. Y a él le gusta muchísimo, yo sí sé. Esto es como tirar perlas por la ventana.*

No outro dia ele decidiu. Ainda havia névoa por toda parte, e frio e as casas arruinadas e os mesmos carros barulhentos de San Vicente. Importava-lhe apenas que ele se sentia seguro e decidira. Cruzou de manhã a neblina, pensando nalguma esperança, no futuro, naquilo que iria encontrar mais adiante, sentindo-se um perfeito foragido. Viajou horas de ônibus até o sul, no meio da bruma. Não esperou muito no porto. Viu ao longe o mar que era primeiro marrom, depois verde e azul. Subiu as escadas do barco, olhou San Vicente detrás de si.

Calo Fernando Abreu
SARGENTO GARCIA

À memória de Luiza Felpuda



— Hermes. — O rebenque estalou contra a madeira gasta da mesa. Ele repetiu mais alto, quase gritando, quase com raiva: — Eu cha-meí Hermes. Quem é essa lorpa?

Avancei do fundo da sala.

— Sou eu.

— Sou eu, meu sargento. Repita.

Os outros olhavam, nus como eu. Só se ouvia o ruído das pás do ventilador girando enferrujadas no teto, mas eu sabia que riam baixinho, cutucando-se excitados. Atrás dele, a parede de reboco descascado, a janela pintada de azul-marinho aberta sobre um pátio cheio de cinamomos caiados de branco até a metade do tronco. Nenhum vento

nas copas imóveis. E moscas amolecidas pelo calor, tão tontas que se chocavam no ar, entre o cheiro da bosta quente de cavalo e corpos sujos de machos. De repente, mais nu que os outros, eu: no centro da sala. O suor escorria pelos sovacos.

— Ficou surdo, idiota?

— Não. Não, seu sargento.

— *Meu sargento.*

— Meu sargento.

— Por que não respondeu quando eu chamei?

— Não ouvi. Desculpe, eu...

— Não ouvi, meu sargento. Repita.

— Não ouvi. Meu sargento.

Parecia divertido, o olho verde frio de cobra quase oculto sob as sobrancelhas unidas em ângulo agudo sobre o nariz. Começava a odiar aquele bigode grosso como um manduruvá cabeludo rastejando em volta da boca, cortina de veludo negro entreaberta sobre os lábios molhados.

— Tem cera nos ouvidos, pamonha?

Olhou em volta, pedindo aprovação, dando licença. Um alívio percorreu a sala. Os homens riam livremente agora. Podia ver, à minha direita, o alemeão de costela quebrada, a ponta quase furando a barriga sacudida por um riso banguela. E o saco murcho do crioulo pattudo.

— Não, meu sargento.

— E no rabo?

Surpreso e suspenso, o coro de risos. As pás do ventilador voltaram a arrastar o silêncio, feito filme de mocinho, um segundo antes do tiro. Ele olhou os homens, um por um. O riso recomeçou, estridente.

A ponta da costela vibrava no ar, *um acidente no roça com minha ermón.* Imóveis, as folhas bem de cima dos cinamomos. O saco murcho, como se não houvesse nada dentro, *sou faixa preta, morou?* Uma mosca esvoaçou perto do meu olho. Pisquei.

— Esquece. E não pisca, bocó. Só quando eu mandar.

Levantou-se e veio vindo na minha direção. A camiseta branca com grandes manchas de suor embaixo dos braços peludos, cruzados sobre o peito, a ponta do rebengue curto de montaria, ereto e tenso, batendo rítmado nos cabelos quase raspados, duros de brilhantina, colados ao crânio. Num salto, o rebengue enveredou em direção à minha cara, desviou-se a menos de um palmo, zunindo, para estalar com força nas botas. Estremeci. Era ridícula a sensação de minha bunda exposta, branca e provavelmente trêmula, na frente daquela meia dúzia de homens pelados. O manduruvá contrain-se, lesma respingada de sal, a cortina afastou-se para um lado. Um brilho de ouro dançou sobre o canino esquerdo.

— Está com medo, molóide?

— Não, meu sargento. É que.

O rebengue estalou outra vez na bota. Couro contra coro. Seco. A sala inteira pareceu estremecer comigo. Na parede, o retrato do marechal Castelo Branco oscilou. Os risos cessaram. Mas junto com o zumbido do sangue quente na minha cabeça, as pás ferrugentas do ventilador e o vôo gordo das moscas, eu localizava também um ofegar seroso, nojento. Os outros esperavam. Eu esperava. Seria assim, um cristão na arena? pensei sem querer. O leão brincando com a vítima, patas vadias no ar, antes de desferir o golpe mortal.

— Quem fala aqui sou eu, correto?

— Correto, sargento. Meu sargento.

— Limite-se a dizer *sim*, *meu sargento* ou *não*, *meu sargento*.

Correto?

— Sim, meu sargento.

Muito perto, cheiro de suor de gente e cavalo, bosta quente, alfafa, cigarro e brilhantina. Sem mover a cabeça, senti seus olhos de cobra percorrendo meu corpo inteiro vagarosamente. Leão entediado, general espartano, tão minucioso que podia descobrir a cicatriz de arame farpado escondida na minha coxa direita, os três pontos de uma pedrada entre os cabelos, e pequenas marcas, manchas, mesmo as que eu desconhecia, todas as verrugas e os sinais mais secretos da minha pele. Moveu o cigarro com os dentes. A brasa quente passou raspando junto à minha face. O mamilo do peito saliente roçou meu ombro. Voltei a estremecer.

— Mocinho delicado, hein? É daqueles bem-educados, é? Pois se te pego num cortado bravo, tu vai ver o que é bom pra tosse, perobão.

Os homens remexiam-se, inquietos. Romanos, queriam sangue.

O rebenque, a bota, o estalo.

— Sen-tido!

Estiquei a coluna. O pescoço doía, retessado. As mãos pareciam feitas apenas de ossos crispados, sem carne, pele nem músculos. Pisou o cigarro com o salto da bota. Cuspiu de lado.

— Descan-sar!

Girou rápido sobre os calcanhares, voltando para a mesa. Cruzei as mãos nas costas, tentando inutilmente esconder a bunda nua. Além

da copa dos cinamomos, o céu azul não tinha nenhuma nuvem. Mas lá embaixo, na banda do rio, o horizonte começava a ficar avermelhado. Com um tapa, alguém esmagou uma mosca.

— Silêncio, paterasi!

Olhou para o meu peito. E baixou os olhos um pouco mais.

— Então tu é que é o tal de Hermes?

— Sim, meu sargento.

— Tem certeza?

— Sim, meu sargento.

— Mas de onde foi que tu tirou esse nome?

— Não sei, meu sargento.

Sorriu. Eu pressenti o ataque. E quise admirar sua capacidade de comandar as reações daquela manada bruta da qual, para ele, eu devia fazer parte. Presa suculenta, carne indefesa e fraca. Como um idiota, pensei em Deborah Kerr no meio dos leões em cinemascópe, cor de lince, túnica branca, rosas nas mãos, um quadro antigo na casa de minha avó, Cecília entre os leões, ou seria Jean Simmons? figura de catecismos, os cristãos-eram-obrigados-a-negar-sua-fé-sob-pena-de-morte, o padre Lima fugiu com a filha do barbeiro, que deve ter virado mula-sem-cabeça, a filha, não o padre, nem o barbeiro. O silêncio crescendo. Um cavalo esmolambado cruzou o espaço vazio da janela, palco, tela, minha cabeça galopava, Steve Reeves ou Victor Macture, sozinho na arena, peitos suados, o mártir, estrangulando o leão, os cantos da boca, não era assim, as-comissuras-dos-lábios-voltadas-para-baixo-num-esforço-hercúleo, o trigo venceu a ferocidade do monstro de guampas. A mosca pousou bem na ponta do meu nariz.

— Por acaso tu é filho das macegas?

Minha cara incendiava. Ele apagou o cigarro dentro do pequeno capacete militar invertido, sustentado por três espingardas cruzadas. E me olhou de frente, pela primeira vez, firme, sobranceiras agudas sobre o nariz, fundo, um falcão atento à presa, forte. A mosca levantou vôo da ponta do meu nariz.

Não me fra, pensei com força, tenho 17 anos, quase 18, gosto de desenhar, meu quarto tem um Anjo da Guarda com a moldura quebrada, a janela dá para um jasmineiro, no verão eu fico tonto, meu sargento, me dá assim como um nojo doce, a noite inteira, todas as noites, todo o verão, vazequando saio nu na janela com uma coisa que não entendo direito acontecendo pelas minhas veias, depois abro *As mil e uma noites* e tento ler, meu sargento, *sois un bon devixe, habituado a uma vida tranquilla, distante dos cuidados do mundo*, na manhã seguinte minha mãe diz sempre que tenho olheiras, e bate na porta quando vou ao banheiro e repete repete que aquele disco da Nara Leão é muito chato, que eu devia parar de desenhar tanto, porque já tenho 17, quase 18, e nenhuma vergonha na cara, meu sargento, nenhum amigo, só esta tontura seca de estar começando a viver, um monte de coisas que eu não entendo, todas as manhãs, meu sargento, para todo o sempre, amém.

Feito cometas, faíscas cruzaram na frente dos meus olhos. Tive medo de cair. Mas as folhas mais altas dos cinamomos começaram a se mover. O sol quase caindo no Guaíba. E não sei se pelo olhar dele, se pelo nariz livre da mosca, se pela minha história, pela brisa vinda do rio ou puro cansaço, parei de odiá-lo naquele exato momento. Como quem muda uma estação de rádio. Esta, sentia impreciso, sem interferências.

— Pois, seu Hermes, então tu é o tal que tem pé chato, taquicardia e pressão baixa? O médico me disse. Arrimo de família, também?

— Sim, meu sargento — menti apressado, aquele médico amigo de meu pai. Uma suspeita cruzou minha cabeça, e se ele descobrisse? Mas tive certeza: ele já sabia. O tempo todo. Desde o começo. Movimente os ombros, mais leves. Olhei fundo no fundo frio do olho dele.

— Trabalha?

— Sim, meu sargento — menti outra vez.

— Onde?

— Num escritório, meu sargento.

— Estruda?

— Sim, meu sargento.

— O quê?

— Pré-vestibular, meu sargento.

— E vai fazer o quê? Engenharia, direito, medicina?

— Não, meu sargento.

— Odontologia? Agronomia? Veterinária?

— Filosofia, meu sargento.

Uma corrente elétrica percorreu os outros. Esperei que atacasse novamente. Ou risse. Tornou a me examinar lento. Respeito, aquilo, ou pena? O olhar se deteve, abaixo do meu umbigo. Acendeu outro cigarro, Continental sem filtro, eu podia ver, com o esquerdo em forma de bala. Espiou pela janela. Devia ter visto o céu avermelhado sobre o rio, o laranja do céu, o quase roxo das nuvens amontoadas no horizonte das ilhas. Voltou os olhos para mim. Pupilas tão contraídas que o verde parecia vidro liso, fácil de quebrar.

— Pois, seu filósofo, o senhor está dispensado de servir à pátria. Seu certificado fica pronto daqui a três meses. Pode se vestir. — Olhou em volta, o alemão, o crioulo, os outros machos. — E vocês, seus analfabetos, deviam era criar vergonha nessa cara porca e se mirar no exemplo aí do moço. Como se não bastasse ser arrimo de família, um dia ainda vai sair filosofando por aí, enquanto vocês vão continuar pastando que nem gado até a morte.

Camínhei para a porta, tão vitorioso que meu passo era uma folha vadia, dançando na brisa da tardezinha. Abriam caminho para que eu passasse. Lerdos, vencidos. Antes de entrar na outra sala, ouvi o rebenque estalando contra a bola negra.

— Sen-tido! Estão pensando que isso aqui é o cu-da-mãe-joana?

2

Parado no porão de ferro, olhei direto para o sol. Meu truque antigo: o em-volta tão claro que virava seu oposto e se tornava escuro, e enchendo-se de sombras e reflexos que se uniam aos poucos, organizando-se em forma de objetos ou apenas dançando soltos no espaço à minha frente, sem formar coisa alguma. Eram esses os que me interessavam, os que dançavam vadios no ar, sem fazer parte das nuvens, das árvores nem das casas. Eu não sabia para onde iam, depois que meus olhos novamente acostumados à luz colocavam cada coisa em seu lugar, assim: casa — paredes, janelas e portas; árvores — tronco, galhos e folhas; nuvens — fiapos estirados ou embolados, vazequando brancos,

vazequando coloridos. Cada coisa era cada coisa e inteira, na união de todas as suas infinitas partes. Mas e as sombras e os reflexos, esses que não se integravam em forma alguma, onde ficavam guardados? Para onde ia a parte das coisas que não cabia na própria coisa? Para o fundo do meu olho, esperando o ofuscamento para vir à tona outra vez? Ou entre as próprias coisas-coisas, no espaço vazio entre o fim de uma parte e o começo de outra pequena parte da coisa inteira? Como um por trás do real, feito espírito de sombra ou luz, claro-escuro escondido no mais de-dentro de um tronco de árvore ou no espaço entre um tijolo e outro ou no meio de dois fiapos de nuvem, onde? As cigarras chamavam no pátio de cinamomos caídos.

Respirei fundo, erguendo um pouco os ombros para engolir mais ar. Meu corpo inteiro nunca tinha me parecido tão novo. Comecei a descer o morro, o quartel ficando para trás. Bola de fogo suspensa, o sol caía no rio. Sacudi um pé de manacá, a chuva adocicada despencou na minha cabeça. Na primeira curva, o Chevrolet antigo parou a meu lado. Como um grande morcego cinza.

— Vai pra cidade?

Como se estivesse surpreso, espiei para dentro. Ele estava debruçado na janela, o sol iluminando o meio sorriso, fazendo brilhar o remendo dourado do canino esquerdo.

— Quer carona?

— Vou tomar o bonde logo ali na Azenha.

— Te deixo lá — disse. E abriu a porta do carro.

Entreí. O cigarro moveu-se de um lado para outro na boca, enquanto a mão engatava a primeira. Um vento entrando pela janela fazia

meu cabelo voar. Ele segurou o cigarro, Continental sem filtro, eu tinha visto, entre o polegar e o indicador amarelados, cuspiu pela janela, depois me olhou.

— Ficou com medo de mim?

Não parecia mais um leão, nem general espartano. A voz macia, era um homem comum sentado na direção de seu carro. Tirei do bolso a caixinha de chicletes, abri devagar sem oferecer. Mastiguei. A camada de açúcar partiu-se, um sopro gelado abriu minha garganta. Engoli o vento para que ficasse ainda mais gelada.

— Não sei. — E quase acrescentei *meu sargento*. Sorri por dentro. — Bom, no começo fiquei um pouco. Depois vi que o senhor estava do meu lado.

— Senhor, não: Garcia, a bagualada toda me chama de Garcia. Luís Garcia de Sousa. Sargento Garcia. — Simulou uma continência, tornou a cuspir, tirando antes o cigarro da boca. — Quer dizer então que tu achou que eu estava do teu lado. — Eu quis dizer qualquer coisa, mas ele não deixou. O carro chegava no fim do morro. — É que logo vi que tu era diferente do resto. — Olhou para mim. Sem frio nem medo, me encolhi no banco. — Tenho que lidar com gente grossa o dia inteiro. Nem te conto. Aí quando aparece um moço mais fino, assim que nem tu, a gente logo vê. — Passou os dedos no bigode. — Então quer dizer que tu vai ser filósofo, é? Mas me conta, qual é a tua filosofia de vida?

— De vida? — Eu mordei o chiclete mais forte, mas o açúcar tinha ido embora. — Não sei, outro dia andei lendo um cara aí. Leibniz, aquele das mônadas, conhece?

— Das o quê?

— As mônadas. É um cara aí, ele dizia que tudo no universo são. Assim que nem janelas fechadas, como caixas. Mônadas, entende? Se paradas umas das outras. — Ele franziu a testa, interessado. Ou sem entender nada. Continuei: — Incomunicáveis, entende? Umas coisas assim meio sem ter nada a ver umas com as outras.

— Tudo?

— É, tudo, eu acho. As casas, as pessoas, cada uma delas. Os animais, as plantas, tudo. Cada um, uma mônada. Fechada.

Pisou no freio. Estendi as mãos para a frente.

— Mas tu acredita mesmo nisso?

— Eu acho que.

— Pois pra te falar a verdade, eu aqui não entendo desses troços. Passo o dia inteiro naquele quartel com aquela bagualada mais grossa que dedo destroncado. E com eles a gente tem é que tratar assim mesmo, no braço, trazer ali no cabresto, de rédea curta, senão te montam pelo cangote e a vida vira um inferno. Não tenho tempo pra perder pensando nessas coisas aí de universo. Mas acho bacana. — A voz amaciou, depois tornou a endurecer. — Minha filosofia de vida é simples: pisa nos outros antes que te pisem. Não tem essas mônicas daí. Mas tu tem muita estrada pela frente, guri. Sabe que idade eu tenho? — Examinou meu rosto. Eu não disse nada. — Pois tenho 33. Do teu tamanho andava por aí meio desnotreado, matando contrabandista na fronteira. O quartel é que me pôs nos eixos, senão tinha virado bandido. A vida me ensinou a ser um cara aberto, admito tudo. Só não agüento comunista. Mas graças a Deus a revolução já deu um jeito nesse putado todo. Aprendi a me virar, seu filósofo. A me defender no braço e no

grito. — Jogou fora o cigarro. A voz macia outra vez. — Mas contigo é diferente.

Mastiguei o chiclete com mais força. Agora não passava de uma borracha sem gosto.

— Diferente como?

Ele olhava direto para mim. Embora o vento entrasse pela janela aberta, uma coisa morna tinha se instalado dentro do carro, naquele ar enfumaçado entre ele e eu. Podia haver pontes entre as mônadas, pensei. E mordei a ponta da língua.

— Assim, um moço fino, educado. Bonito. — Fez uma curva mais rápida. O pneu guinchou. — Escuta, tu tem mesmo que ir embora já?

— Agora já, já, não. Mas se eu chegar em casa muito tarde minha mãe fica uma fúria.

Mais duas quadras e chegaríamos no ponto do bonde, em frente ao cinema Castelo. Bem depressa, eu tinha que dizer ou fazer alguma coisa, só não sabia o quê, meu coração galopava esquisito, as palmas das mãos molhadas. Olhei para ele. Continuava olhando para mim. As casas baixas de Azenha passavam amontoadas, meio caídas umas sobre as outras, uma parede rosa, uma janela azul, uma porta verde, um gato preto numa janela branca, uma mulher de lenço amarelo na cabeça, chamando alguém, a lomba do cemitério, uma menina pulando corda, os ciprestes ficando para trás. Estendeu a mão. Achei que ia fazer uma mudança, mas os dedos desviaram-se da alavanca para pousar sobre a minha coxa.

— Escuta, tu não tá a fim de dar uma chegada comigo num lugar aí?

— Que lugar? — Temi que a voz desafinasse. Mas saiu firme.

Aranha lenta, a mão subiu mais, deslizou pela parte interna da coxa. E apertou, quente.

— Um lugar aí. Coisa fina. A gente pode ficar mais à vontade, sabe como é. Ninguém incomoda. Quer?

Tínhamos ultrapassado o ponto do bonde. Bem no fundo, lá onde o riacho encontrava com o Gualba, só a parte superior do sol estava fora d'água. Devia estar amanhecendo no Japão — antípodas, mônadas —, nessas horas eu sempre pensava assim. Me vinha a sensação de que o mundo era enorme, cheio de coisas desconhecidas. Boas nem más. Coisas soltas feito aqueles reflexos e sombras metidos no meio de outras coisas, como se nem existissem, esperando só a hora da gente ficar ofuscado para sair flutuando no meio do que se podia tocar. Assim: dentro do que se podia tocar, escondido, vivia também o que só era visível quando o olho ficava tão inundado de luz que enxergava esse invisível no meio do tocável. Eu não sabia.

— Me dá um cigarro — pedi. Ele acendeu. Tossi. Meu pai com o cinturão dobrado, agora tu vai me fumar todo esse maço, desgraçado, parece filho de bagaceira. A mão quente subiu mais, afastou a camisa, um dedo entrou meu umbigo, apertou, juntou-se aos outros, aranha pejudá, tornou a baixar, caminharando entre as minhas pernas.

— Claro que quer. Estou vendo que tu não quer outra coisa, guri. Pegou na minha mão. Conduziu-a até o meio das pernas dele. Meus dedos se abriram um pouco. Duro, tenso, tijo. Quase estourando a calça verde. Moveu-se, quando toquei, e inchou mais. Cavidades-porosas-que-se-enchem-de-sangue-quando-excitadas. Meu primo gritou na minha cara: maricão, mariquinha, quiáquiáquiá. O vento descabe-

lava o verde da Redenção, os coqueiros da João Pessoa. Marquinha, maricão, quiáquiáquiá. E não, eu não sabia.

— Nunca fiz isso.

Ele parecia contente.

— Mas não me diga. Nunca? Nem quando era piá? Uma sacanagenzinha ali, na beira da sangá? Nem com mulher? Com china de zona? Não acredito. Nem nunca barranqueou égua? Tamanho homem.

— É verdade.

Diminiu a marcha. Curvou-se sobre mim.

— Pois eu te ensino. Quer?

Traguei fundo. Uma tontura me subiu pela cabeça. De dentro das casas, das árvores e das nuvens, as sombras e os reflexos guardados espiavam, esperando que eu olhasse outra vez direto para o sol. Mas ele já tinha caído no rio. Durante a noite os pontos de luz dormiam quietos, escondidos, guardados no meio das coisas. Ninguém sabia. Nem eu.

— Quero — eu disse.

3

Vontade de parar, eu tinha, mas o andar era incontrolável, a cabeça em várias direções, subindo a ladeira atrás dele, tu sabe como é, tem sempre gente espiando a vida alheia, melhor eu ir na frente, fica no portão azul, vem vindo devagar, como se tu não me conhecesse, como se nunca tivesse me visto em toda a tua vida. Como se nunca o tivesse visto em toda a minha vida, seguia aquela mancha verde, mãos nos bolsos,

cigarro aceso, de repente sumindo portão adentro com um rápido olhar para trás, gancho que me fsgava. Mergulhei na sombra atrás dele. Subi os degraus de cimento, empurrei a porta entreaberta, madeira velha, vidro rachado, penetrei na sala escura com cheiro de mofo e cigarro velho, flores murchas boiando em água viscosa.

— O de sempre, então? — ela perguntava, e quase imediatamente corrigi, dentro da minha própria cabeça, olhando melhor e mais atento, ele, dentro de um robe colorido desses meio estofadinhos, cheio de manchas vermelhas de tomate, batom, esmalte ou sangue. — O senhor, hein, sargento? — piscou íntimo, íntima, para o sargento e para mim. Esta é a sua vítima?

— Conhece a Isadora?

A mão molhada, cheia de anéis, as longas unhas vermelhas, meio descascadas, como a porta. Apertei. Ela riu.

— Isadora, queridinho. Nunca ouviu falar? Isadora Duncan, a bailarina. Uma mulher finíssima, ma-ravilhosa, a minha ídola, eu adoro tanto que adotei o nome. Já pensou se eu usasse o Valdemir que minha mãezinha me deu? Cotadinha, tão ben-intencionada. Mas o nome, aí, o nome. Coisa mais cafona. Aí mudei. Se Deus quiser, um dia ainda vou morrer estrangulada pela minha própria echarpe. Tem coisa mais chique?

— Bacana — eu disse.

O sargento ria, esfregando as mãos.

— Não repare, Isadora. Ele está meio encabulado. Diz que é a primeira vez.

— Nossa. Taludinho assim. E nunca fez, é, meu bem? Nunquinha, jura pra tia? — A mão no meu ombro, pedra de anel arranhando le-

ve meu pescoço. Revirou os olhos. — Conta a verdade pra tua Isadora, toda a verdade, nada mais que a verdade. Tu nunca fez, guri? — Tentei sorrir. O canto da minha boca tremeu. Ele falava sem parar, olhinhos meio estrábicos, sombreados de azul. — Mas olha, relaxa que vai dar tudo certinho. Sempre tem uma primeira vez na vida, é um momento histórico, queridinho. Merece até uma comemoração. Uma cachacinha, sargento? Tem aí daquela divina que o senhor gosta.

— O moço tá com pressa.

Isadora piscou maliciosa, os cílios duros de tinta respingando pequenos pontinhos pretos nas faces.

— Pressa, eu, hein? Sei. Não é todo dia que a gente tem carne fresquinha na mesa. De primeira, não é, sargento? — Ele riu. Ela rodou a chave nas mãos e, por um instante, pensei numa baliza na frente de um desfile de Sete de Setembro, jogando para o alto o bastão cheio de fitas coloridas. — Tá bem, tá bem. Vou levar os pombinhos para a suíte nupcial. Que tal o quarto 7? Número de sorte, não? Afinal, a primeira vez é uma só na vida. — Passou por mim, enfiando-se no corredor escuro. — Tenho certeza que o mocinho vai a-dô-rar, ficar freguês de caderno. Ninguém esquece uma mulher como Isadora.

O sargento me empurrou. Entre a farda verde e o robe cheio de manchas, o cheiro de suor e perfume adocicado, impressado no corredor estreito, eu. Isadora cantava *que queres tu de mim que fazes junto a mim se tudo está perdido amor?*. Um ruído seco, ferro contra ferro. A cama com lençóis encardidos, um rolo de papel higiênico cor-de-rosa sobre o caixote que servia de mesinha-de-cabeceira. Isadora enfiou a cabeça despendeada pelo vão da porta.

Diviriam-se, crianças. Só não gritem muito, senão os vizinhos ficam umas feras.

A cabeça desapareceu. A porta fechou. Sentei na cama, as mãos nos bolsos. Ele foi chegando muito perto. O volume esticando a calça, bem perto do meu rosto. O cheiro: cigarro, suor, bosta de cavalo. Ele enfiou a mão pela gola da minha camisa, deslizou os dedos, beliscou o mamilo. Estremeci. Gozo, nojo ou medo, não saberia. Os olhos dele se contrairam.

— Tira a roupa.

Joguei as peças, uma por uma, sobre o assocalho sujo. Dei-tei de costas. Fechei os olhos. Ardiam, como se tivesse acordado de manhã muito cedo. Então um corpo pesado caiu sobre o meu e uma boca molhada, uma boca funda feito poço, uma língua ágil lambeu meu pescoço, entrou no ouvido, enfiou-se pela minha boca, um choque seco de dentes, ferro contra ferro, enquanto dedos hábeis desciam por minhas virilhas inventando um caminho novo. *Então que culpa tenho eu se até o pranto que chorei se foi por ti não sei* — a voz de Isadora vinha de longe, como se saísse de dentro de um aquário, Isadora afogada, a maquiagem derretida colorindo a água, a voz aguda misturada aos gemidos, metendo-se entre aquele bafo morno, cigarro, suor, bosta de cavalo, que agora comandava meus movimentos, virando-me de bruços sobre a cama.

O cheiro azedo dos lençóis, senti, quantos corpos teriam passado por ali, e de quem, pensei. Tranquei a respiração. Os olhos abertos, a trama grossa do tecido. Com os joelhos, lento, firme, ele abria caminho entre as minhas coxas, procurando passagem. Punhal em brasa, fárpa, lança afada. Quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha

boca. Ele empurrou, gemendo. Sem querer, imaginei uma lanterna rasgando a escuridão de uma caverna escondida, há muitos anos, uma caverna secreta. Mordeu minha nuca. Com um movimento brusco do corpo, procurei jogá-lo para fora de mim.

— Seu puto — ele gemeu. — Yeadinho sujo. Bichinha louca.

Agarrei o travesseiro com as duas mãos, e num arranco consegui deitar novamente de costas. Minha cara roçou contra a barba dele. Tornei a ouvir a voz de Isadora *que mais me podés dar que mais me tens a dar a marca de uma nova dor*. Molhada, nervosa, a língua voltou a entrar no meu ouvido. As mãos agarraram minha cintura. Comprimi o corpo inteiro contra o meu. Eu podia sentir os pêlos molhados do peito dele melando a minha pele. Quis empurrá-lo outra vez, mas entre o pensamento e o gesto ele juntou-se ainda mais a mim, e depois um gemido mais fundo, e depois um estremejamento no corpo inteiro, e depois um líquido grosso morno viscoso espalhou-se pela minha barriga. Ele soltou o corpo. Como um saco de areia úmida jogado sobre mim.

A madeira amarela do teto, eu vi. O fio comprimido, o bico de luz na ponta. Suspensão, apagado. Aquele cheiro adocicado boiando na penumbra cinza do quarto.

Quando ele estendeu a mão para o rolo de papel higiênico, consegui deslizar o corpo pela beirada da cama, e de repente estava no meio do quarto enfando a roupa, abrindo a porta, olhando para trás ainda a tempo de vê-lo passar um pedaço de papel sobre a própria barriga, uma farda verde em cima da cadeira, ao lado das botas negras brilhantes, e antes que erguesse os olhos afundei no túnel escuro do corredor, a sala deserta com suas flores podres, a voz de Isadora ainda mais remota, *se*

até o pranto que chorei se foi por ti não sei, barulho de copos na cozinha, o vidro rachado, a madeira descascada da porta, os quatro degraus de cimento, o portão azul, alguém gritando alguma coisa, mas longe, tão longe como se eu estivesse na janela de um trem em movimento, tentando apanhar um farrapo da voz na plataforma da estação cada vez mais recuada, sem conseguir juntar os sons em palavras, como uma língua estrangeira, como uma língua molhada nervosa entrando rápida pelo mais secreto de mim para acordar alguma coisa que não devia acordar nunca, que não devia abrir os olhos nem sentir cheiros nem gostos nem ratos, uma coisa que deveria permanecer para sempre surda cega muda naquele mais de dentro de mim, como os reflexos escondidos, que nenhum ofuscamento se fizesse outra vez, porque devia ficar enjaulada amordaçada ali no fundo pantanoso de mim, feio bicho numa jaula fêdida, entre grades e ferrugens quieta domada fera esquecida da própria ferocidade, para sempre e sempre assim.

Embora eu soubesse que, uma vez desperta, não voltaria a dormir.

Dobrei a esquina, passei na frente do colégio, sentei na praça onde as luzes recém começavam a acender. A bunda nua da estátua de pedra. Zeus, Zeus ou Júpiter, repeti. Enumerei: Pallas-Arena ou Minerva, Posêidon ou Netuno, Hades ou Plutão, Afrodite ou Vênus, Hermes ou Mercúrio. Hermes, repeti, o mensageiro dos deuses, ladrão e andrógino. Nada doía. Eu não sentia nada. Tocando o pulso com os dedos podia perceber as batidas do coração. O ar entrava e saía, lavando os pulmões. Por cima das árvores do parque ainda era possível ver algumas nuvens avermelhadas, o rosa virando roxo, depois cinza, até o azul mais escuro e o negro da noite. Vai chover amanhã, pensei, vai cair tanta e

tanta chuva que será como se a cidade toda tomasse banho. As sarjetas, os bueiros, os esgotos levariam para o rio todo o pó, toda a lama, toda a merda de todas as ruas.

Queria dançar sobre os carteiros, cheio de uma alegria tão maldita que os passantes jamais compreenderiam. Mas não sentia nada. Era assim, então. E ninguém me conhecia.

Subi correndo no primeiro bonde, sem esperar que parasse, sem saber para onde ia. Meu caminho, pensei confuso, meu caminho não cabe nos trilhos de um bonde. Pedi passagem, senti, estiquei as pernas. Porque ninguém esquece uma mulher como Isadora, repeti sem entender, debruçado na janela aberta, olhando as casas e os verdes do Bonfim. Eu não o conhecia. Eu nunca o tinha visto em toda a minha vida. Uma vez desperta não voltará a dormir.

O bonde guinchou na curva. Amanhã, decidi, amanhã sem falta começo a fumar.

O relojoeiro Juares Moreira saiu de Montes Claros, em Minas, disposto a ser ruiwa, chamar-se Gina e sobreviver na cidade de São Paulo, pro que der e vier.

— Não que eu tenha nascido mulher totalmente, — dizia ele à assustada senhora que viajava ao seu lado no ônibus, com uma boneca guardada numa caixa de cartolina e celofane transparente — mas homem eu sei que não nasci. Sou essa coisa assim... esquisita. Uma criação toda especial da natureza. A senhora entende? Por isso é que eu vou pra São Paulo. Lá eu posso assumir a minha realidade. Em Montes Claros nunca deixaram eu ser eu mesma. Chegavam até a reunir grupinho pra me dar surra na rua. Desculpe eu falar, que eu sei que a senhora é de lá, mas é tudo capiau bronco, que num tem respeito pelo ser humano.

As primeiras transformações haviam começado na véspera mesmo da viagem, no banheiro detrás da relojoaria. A raspagem das pernas até que não foi muito difícil, às vezes dava um talhinho, mas era só molhar o dedo de cuspe e passar por cima que estancava logo. O pior era a depilação da barba. A pinça puxando fio a fio, no arranco. Alguns saíam sem problemas, os das beiradinhas. Mas outros, tinha que puxar com as duas mãos, e doía de desesperar. Mesmo passando álcool puro, no dia seguinte estava a cara vermelha e gorda de inchada. Mas São Paulo valia por tudo, e, além disso, a pele depois acostuma.

— Essa boneca é pra sua filha?

— É pra minha netinha, que amanhã completa um aninho.

— Ah, que amor! Deve ser uma graça. E a senhora é a vovó corruja?

— É. Se o senhor não se importa, eu vou sentar num banco vazio ali atrás, que é pra ver se eu durmo um pouquinho, viu?

Juarez não grudou as pestanas na viagem, tamanha a excitação.

Quando apareceram as fábricas dos arredores paulistanos, as primeiras luzes do dia tornavam a neblina cada vez mais rarefeita. Os prédios se faziam mais unidos, até que nenhum espaço houvesse entre eles. Era a cidade chegando.

— São essas duas malas aqui, ó. A marronzinha e a pretinha. Pode ver o talão.

O céu da estação rodoviária parecia um carnaval. Millhares de bolotas coloridas se juntavam umas às outras, formando uma imensa abóbada que se vergava até encontrar os bares, barbearia, sanitários e bancas de jornal. As pessoas não pareciam compartilhar daquela festa. Estavam apressadas, preocupadas, sonolentas, de cara amassada e cabe-

los espetados. Mas tantas cores deslumbrantes, pra qualquer lado que se olhasse, estavam ali para sugerir que São Paulo era uma cidade feliz.

— Até loguinho. Lembranças à netinha. Diz que foi Gina quem mandou. Felicidades.

A mulher da primeira pensão foi taxativa: “— Não adianta insistir que bicha aqui não entra nem fantasiada de pavão.” Andou uma meia hora e conseguiu um quartinho a oitenta cruzeiros, atrás da Estação da Luz. Pagou dois dias, adiantado, e brigou com as malas e os degraus até o terceiro andar do velho prédio. Pelo caminho surgiu um gordo, dentro de uma camiseta melecada e com meio rosto escondido pelo sabão de barba, dizendo:

— Quer uma mãozinha, meu amor?

— Nem te ligo, bobalhão.

O quarto fedia a tudo ao mesmo tempo, de fruta podre a chulé. Sob a janela, um catre rasteiro; ao lado, um armário de compensado e no banheiro um espelhinho de dois palmos, uma cadeira e uma folhinha com mulher nua.

— Eu, hein? Pra que que eu quero essa porcaria?

Tomou um banho demorado, calçou sandálias, calça Lee quatro dedos abaixo do umbigo, prendeu em nós as fraldas da camisa e desabou esca-da abaixo. Chegou até a calçada, olhou, voltou e perguntou ao porteiro:

— Aqui é a Boca do Luxo?

— Não. Aqui é a Boca do Lixo. Mas, pelo jeito, acho que você parou no lugar certo.

— Ah, é? Tá fazendo pouco de mim? Espera só até eu voltar. Vou deixar você babando de resão.

Tomou um táxi até a rua Augusta (Meu Deus, é essa ruazinha aqui que é tão famosa?). Rodou as vitrinas e comprou uma bolsa, outro par de sandálias, um monte de pulseiras de um hippie maravilhoso, moreno e de olhos azuis, que vendia na calçada. Comprou clios postiços, calcinhas floridas, desodorante íntimo e, finalmente, numa pequena transversal à Augusta, a sonhada peruca ruiva.

— Você, querida, pode achar que é exagero eu dizer que essa peruca é a coisa mais importante da minha vida. Mas você nem pode imaginar o que eu penei pra conseguir isso, em cima de relóginhos e carilhões de parede, lá onde eu morava. Às vezes vinha escrito “à prova d’água”, e eu abria, tava tudo encharcado, botando. E lá ia eu, limpando pecinha por pecinha, estragando a vista na lente de aumento.

A peruca era de um vermelho difícil de ver igual, mais para o cor-de-rosa, talvez, ou para o grená. Já veio penteada, esvoaçante, em mechas longas; e foi só a balconista colocá-la em sua cabeça, para que nem mais se reconhecesse. Pagou nota por nota e desceu a rua saltitando e cantando, embaixo da purpúrea juba descomunal:

— “Entrei na rua Augusta a 120 por hora / Botei a turma toda do passeio pra fora...”

Comeu um sanduíche americano em frente ao hotel. Trancou-se em seu quartinho, escovou os dentes de um lado para o outro, de cima para baixo em diagonal e, acomodando-se na cadeira, começou a maquiagem. A cara a quatro dedos do espelho, entre pastas, potes e pincéis, se preparava com cuidado máximo para a sua primeira noite de princesa.

Quando o ruído dos motores em fila começou a perder o volume, escapou do fundo da mala o vestido longo de lamê dourado. Por baixo

vinha a calcinha, o sutiã meia-taça de espuma rendada e a combinação de jérsi. Sapatos de salto alto e bolsa dourada, além de um broche, uma margarida de ouro puro espetada sobre o seio esquerdo, completavam a sofisticada indumentária.

Desceu as escadas pé ante pé, com um garbo palaciano. O porteiro rabiscava algo no livro de notas. Gina atirou sobre o homem um olhar superior.

— E agora, paulistinha, que tal?

— Tá um bucho caipira, minha flor.

— Despeitado!

Esperou alguns minutos na esquina. Cada passante era um assombio ou uma frase de mau gosto. — Italianada grossal — pensava Gina, enquanto afofava as mechas com o dedo mindinho. O táxi parou meia quadra depois. Ela correu miúdo sobre os saltos e acomodou-se ao lado do chofer. De sua nuca exalava uma essência pesada de jasmim.

— Vamos para a Boca do Luxo, filhinho.

— Que lugar de lá quer ficar?

— Onde você me deixar, meu bem.

— Vou parar em frente ao hotel Hilton. De lá você se vira, tá?

— É lá mesmo a Boca do Luxo?

— É por ali... por ali...

Desceu no Hilton com o coração quase pulando da goela de emoção. Parou na esquina para sentir o movimento. Algumas louras maravilhosas desfilavam em seus carrões, vagarosamente, à caça de alguns desperçados dólares. Gina subia a vista contemplando os arranha-céus que se erguiam à sua frente, quando sentiu algo gelado mexendo no

seu tornozelo. Virou-se de repente e soltou um berro que levantou os turistas do bar do hotel. Um imenso pastor-alemão, preso pela corrente a um policial de boina vermelha, escalava suas pernas em busca de drogas ocultas. O cachorro e o guarda não estavam para conversa.

— Tá fazendo o quê, aqui? Não sabe que não pode ficar parada na calçada? Vamos circular... vamos circular... Ah, e lugar de travesti é lá na Rego Freitas. Aqui é outro nível, entendeu? Agora some da minha vista.

— Já estou indo, mas onde é que fica essa Rego Freitas?

— Tá me gozando ou não é daqui?

— Sou de Montes Claros, em Minas Gerais.

— Ah, bem. Pega a esquerda e vai seguindo reto toda a vida.

— Obrigada, seu guarda. Mas não deixa esse cachorrão solto por aí, que se ele cisma, ele até come a gente.

— Bem que você gostaria, hein?

Caminhou dois quarteirões, parou no bar Rebu, na rua Rego Freitas, e pediu um guaraná. Além dela, apenas um garotão de uns 18 anos tomava cerveja no balcão de frente. Gina abriu aquele sorriso todo branco. O rapaz chamou o garçom, pediu a conta e sumiu pela porta do lado. Gina entrou no banheiro de senhoras para retocar a maquiagem. Minutos depois entra outra, de cabelos prateados.

— Nova por aqui, queridinha?

— Cheguei hoje.

— Não é por nada não, mas você está horrorosa, parecendo homem... Cruze! Você é bem cafoninha, dá pra ver que não é daqui. Muito masculina, entende?

— Você pode achar assim, mas eu estou me achando divina.

— Se isso é estar divina, eu quero ser diabólica.

Gina pagou o refrigerante e desceu a rua até o fim. O primeiro carro reduziu a velocidade, o sujeito botou a cabeça para fora da janela, olhou-a de cima abaixo e pisou no acelerador. O segundo era um Fusquinha com um japonês de meia-idade. Abriu a porta e perguntou quanto era. — Que é isso? É um prazer sair com você. — respondeu Gina. — Você não cobra nada? — estranhou o japonês. — Pra você, nadinha. — disse ela.

Gina estava convencida de que ele pensava que ela era mulher. Achou tudo tão incrível, tão fascinante... Não que ele fosse bonito, isso ele não era. Tinha um corpo redondo, não passaria de um metro e meio e seu cabelo escovinha deixava entrever a altura do couro cabeludo. Mas tinha um certo charme, e ainda por cima, era um homem maduro, desses que sabem muito bem o que desejam.

O Fusca parou numa rua escura, que ele disse chamar-se Estrada da Boiada. Deram longos beijos na boca, no pescoço, nos ombros, e a mão do japonês ia se esticando pela coxa. Gina começou a ficar apavorada, imaginando a reação do homem quando descobrisse que ela era um travesti. Antes que ele fizesse a descoberta pelo tato, ela resolveu contar.

— Sabe, meu bem, pelo amor de Deus não fca zangado comigo pelo que eu vou dizer procê, mas antes que sua mão esbarre nos meus trens, eu quero que você saiba que eu sou um travesti.

— Ué, mas é claro que você é um travesti. Se eu não quisesse um travesti, o que eu estaria fazendo na Rego Freitas, né?

— Então você já sabia?

— Você não é daqui não?

— Sou mineira.

— Então trata de se acostumar logo...

O japonês deixou Gina, uma hora depois, na porta do bar Rebu, que já estava repleto dos tipos mais variados de remanescentes da noipaulistana. Ela se encostou no capô de um automóvel ao lado de outra solitária.

— O movimento hoje está fraco de dar dor no coração. Vamos dar uma voltinha por aí? Pode ser que apareça um príncipe encantado.

— Vamos, sim. Eu preciso mesmo conhecer as redondezas.

— Ah, você não é daqui?

— Não, cheguei hoje.

— Meu nome é Denise, a amada dos homens dessa terra. Vamos por aqui até a praça da República.

Denise era uma bicha negra, alta e com corpo de manequim. Usava um costume bege, bem discreto, e uma peruca escura, com os fios lisos e impecavelmente penteados. Tinha um jeito muito pessoal de falar, fazendo um bico e virando os olhos entre uma frase e outra.

— Já conseguiu faturar algum hoje?

— Como assim?

— Saiu com alguém?

— Sai com um japonês.

— Ai, eu detesto japonês. Não sei por quê. Acho que é de nascença. Onde é que você está hospedada?

— Lá perto da rodoviária mesmo.

— Ai, que baixo-astrol. Ali só dá gente podre. E muita polícia também. Aliás, vou lhe dar um conselho, já que você é nova por aqui. Se vir a polícia, se esconda, que cair numa cadeia é simplesmente terrível.

— Você já foi presa?

— Ih, quantas vezes! Já fui jogada em cela com 15. Quando é mandrão, assim, assaltante de banco, ladrão de automóvel, gente esperta, aí é melhor, que ainda dá pra dialogar. Mas quando é ladrãozinho de galinha, pivete, o jeito é perceber em segundos quem é o líder na cela e se agarrar a ele, se não quiser ser currada pela multidão. Se você for bobinha, eles são capazes até de te matar.

— E como é que você percebe quem manda?

— Ah, quem tem experiência nota logo. É o que tem a cama ajeitada, rádio, cigarro, presentes em volta... Se você transa com ele, os outros respeitam. Tem bicha que se apavora e corta o pulso com gilete só pra ir pro pronto-socorro. Eu aprendi foi caratê, capoeira, e pra me agarrar tem que rebolar. Agora, na cadeia eu falo grosso, mijo em pé, que é pra não dar impressão de fragilzinha, senão eles se aproveitam.

As duas param em frente a um fliperama entulhado de gente, ficam olhando e paquerando no entra e sai. Compram pipoca, comentam os cartazes do cinema e atravessam calmamente a praça da República, piscando o olho para os que passam entre os jardins e laguinhos. Atrás do colégio Caetano de Campos, elas dão uma paradinha.

— Observa só. É aqui que os "boyzinhos" fazem michê com as bichonas. Tá vendo aqueles rapazes bonitos encostados ali no muro? Pois é, estão esperando uma chamadinha das bichas de automóvel.

— E elas pagam?

— Claro. E pagam bem. Já devem estar lá pelos seiscentos contos. Mas não é bicha igual a nós, não, sua boba. Não é travesti, não. São aqueles carecas, pais de família, bigodudos e barbudos, que saem à noite para se divertir. Fica olhando aquele Mercedes ali, pra você ver.

O Mercedes vem em marcha lenta, passa por todos os rapazes sem parar para nenhum, e mais à frente, num ponto de ônibus, o carro freia e um senhor grisalho chama um gordão, que não tinha nada a ver com a história e estava apenas esperando o coletivo, e começam a conversar pela janela do carro. Denise fica indignada.

— Ai, que mau gosto. Com tanto homem bonito ali parado, esse idiota foi escolher logo o gordão, que deve ter uns 150 quilos no mínimo. E logo no Mercedes. Chega a fazer até mal olhar essa cena deprimente.

— Cada um tem seu gosto, né?

— Ah, mas assim é demais.

— Acho que o gordo tava só esperando o ônibus. Ele não vai entrar no carro.

— Num Mercedes esporte? Queridinha, já vi que você não entende nada de São Paulo. Aqui é a terra do dinheiro. Aqui tudo tem um preço. Olha lá, já tá abrindo a porta.

O gordo entra no carro, que sai em disparada.

— Ele é gordo, mas não é burro, meu amor. Numa dessas ele pode faturar tranquilão duas de quinhentos.

Denise e Gina passaram em frente à Boate do Hilton, onde dezenas de casais esperavam, no saguão de entrada, por uma mesa vazia. Denise suspirava.

— Se eu fosse mulher, garanto como seria convidada toda noite pra festinha, boate, cinema... Essas meninhas burras aí, vai ver, nem transam com os caras, que aqui em São Paulo tem isso. Elas saem, jantam fora, se divertem, os caras gastam uma nota violenta, e depois, um beijinho na porta de casa e é só. Aliás, burros são os caras, que aceitam esse abuso. Ah, sabe de uma coisa? Uma vez um cara me levou pra jantar lá no Terraço Itália, num restaurante chiquíssimo daqui. O porteiro quis encerrar, dizendo que travesti não entrava. Eu tava deslumbradíssima naquela noite, que eu não sabia quando iria aparecer uma outra oportunidade igual àquela, então eu tinha que aproveitar. O cara, meu amor, era finíssimo. Virou pro porteiro e disse assim: "Como o senhor ousa dizer uma coisa dessa da embaixatriz da África no Brasil?" Você precisa ver a cara que o porteiro ficou. "Desculpa, doutor. Sinto muito, doutor. Me perdoe, doutor." Eu nunca ri tanto na minha vida.

— E você não ficou com esse cara por quê?

— Ele bem que me convidou pra morar com ele. Era rico de jogar dinheiro fora, morava sozinho numa mansão, mas tinha um problema, aliás, dois. Um era que ele não tomava banho, e chegou a um ponto em que eu não falava com medo dele se ofender, mas não agüentava mais o cheiro de encardido. O outro é que gostava só de deitar de bruços e pedia que eu enfiasse o salto fino do sapato você sabe aonde. O raio do homem era viciado nesse troço. Nunca vi tarrado pior. Você acha que eu podia ficar com um homem desse? Por isso é que ele morava sozinho, porque mulher nenhuma agüentava as taras do sujeito. Mas foi porque Deus quis me castigar e não me deu

a graça, a ventura, de ter nascido mulher, porque eu ia desfilar com cada pão...

— Por que você não faz aquela tal operação, que transforma homem em mulher?

— Só se eu estivesse louca! Se eu faço isto eu perco meu ganha-pão. A Helô fez e deu certo. Quer dizer, ela conta assim. Diz que ficou até bonitinho, igual a coisinha de criança. Mas vê se ela faturou depois disso. Claro que não. Olha, os homens não querem mais saber de tran-sar com prostituta, isso é muito banal, muito comum. Mulher eles já têm em casa. Eles querem uma coisa diferente, por isso é que a gente é tão procurada. Vê se entende, eles fazem na gente as coisas e depois querem que a gente faça neles, senão não tem graça. Se eu corto o troço fora, como é que eu vou explicar pra eles depois?

— Ah, é assim, é?

— Não foi assim com o tal japonês que você disse que saiu?

— Não.

— Sorte sua, meu amor. Que você me parece muito inocentinha, parece meio no mundo da Lua.

A uma quadra do bar Rebu, já se percebia um aglomerado humano em torno de um automóvel. Alguém gritava sem parar lá por perto. As duas correram para ver o que estava acontecendo. No carro, com os vidros fechados, três rapazes se entreolhavam assustados. Do lado de fora várias pessoas, entre gigolôs e travestis, arranhavam o automóvel com chapinhas, arrancavam o limpador de pára-brisas, as chapas, quebravam a antena, esvaziavam os pneus, numa verdadeira depredação do veículo. Ao lado, um travesti se esgoelava: "Eles saíram comigo e

não querem pagar. Vamos quebrar o carro deles. Tira esses animais daí de dentro que eu quero cortar a cara deles. Me dá a gilete. Pelo amor de Deus, alguém me dá a gilete, que isso não vai ficar assim."

Cinquenta ou, talvez, cem pessoas se reuniram no local, todas furiosas com a injustiça. Os rapazes escondiam as caras entre os dedos trêmulos, e um deles parecia que chorava. O grupo já estava disposto a quebrar os vidros do carro e linchar os três, quando parou o carro da polícia especial, a REI. Três soldados, empunhando metralhadoras, afastaram a multidão. O sargento segurou a bicha pelo braço, sacudiu-a e perguntou o que estava acontecendo ali. O travesti puxou o braço e começou a gritar sem parar: "Eles saíram comigo e não querem pagar e o senhor, sargento, dá um jeito nisso, porque é um absurdo, eles estão pensando o quê? Que a gente tá aqui pra..." — Cala a Boca! — gritou o sargento. O travesti se aquietou. Um soldado bateu com o cano da metralhadora no vidro e um dos garotos abriu. O sargento se aproximou e, segurando o rapaz pela gola do casaco, quase o arrancou do carro pela janela: — Paga agora o que você está devendo!

O cheque passou pela mão do soldado e acabou na do travesti, que sumiu na multidão. O sargento deu um murro na porta do carro e gritou severamente: — Vão embora e larguem esse negócio de comer viado, seus moleques!

Denise vibrava de satisfação.

— Bem feito! Bem feito! Pra eles deixarem de ser sacanas e aprenderem a pagar direitinho o que eles devem. Aqui é assim: saiu, tem que pagar, senão a gente faz bife na carinha deles.

— Quer dizer que vocês cobram?

— O quê? Como? Mas é claro! Como é que você acha que a gente ia viver, pagar apartamento pra levar os homens, comprar roupa, comer, se pentear... Quer dizer que você não cobrou do japonês?

— Não... eu não sabia que...

— Não sabia? Sua vagabunda de terceiro! Sua bicha escrota caipira! Você está querendo nos desmoralizar. Tá querendo acabar com a nossa vida. Se você quer dar de graça, vai pra outro lugar e se arruma com o seu homem, mas aqui não.

— Mas, Denise...

— Que Denise coisa nenhuma, seu bicho do mato horroroso. É por causa de gente como você, que não tem compostura e sai dando de graça pro primeiro que aparece, que a gente não consegue se estabelecer. Sai do meu caminho, vai. Com você eu não quero mais conversa.

— Mas, Denise...

— Você é uma escrota, tá bom? Vai pro esgoto que lá é o seu lugar.

Gina encostou-se num canto e, chorando baixinho, procurou colocar as coisas em ordem na sua cabeça. Por que tanta ofensa, tanta agressividade da Denise, que já estava ficando sua primeira amiga naquela cidade? Gina não cobrou porque não achava justo sair com um cara, no carro dele, pra fazer um programa, e ainda exigir que ele lhe desse dinheiro na hora de ir embora. Além disso, ela não conhecia as regras daquele jogo. Ela não sabia das coisas.

— Ai, como é difícil viver nessa vida invertida!

Foi dizendo isso e caminhando pela rua Amaral Gurgel, perguntando a quem parasse a direção da Estação da Luz. Caminhos mais de

uma hora, em voltas desnecessárias de quem não conhece o chão onde pisa, e chegou ofegante à porta da pensão.

— Só Deus sabe como estou sofrendo com tanta desumanidade.

Juarez entrou no quarto com os sapatos e a peruca na mão. Pendurou a cabeleira na porta do armário e sentou-se em frente ao espelho, retirando os cremes com loção, enquanto a chuva fina acinzentava o nascer do dia.

Refletidos no espelho, os vidros da janela, e por trás deles, o feérico deslumbre do teto da rodoviária. A idéia da volta nos balões coloridos, num arco-íris de plásticos e galalite. Como se todos os relógios do mundo, de repente, parassem de funcionar.

Cynthia Moscovitch
MORTE DE MIM

Pois eu, no instante, invejava as ambas categorias: os mortos, por se aparentarem à perfeição dos desertos; os nascituros, por disporem do interior futuro.

MIA COUTO



Naquela noite, portanto, as horas me percorriam. O calor de janeiro fazia desaparecer, lentamente, os cubos de gelo no copo, gelo querendo ser água, as coisas querendo persistir em seu estado, tudo retornado à própria matéria ancestral. Eu, inerte, assistindo ao espetáculo da dissolução, coisa atraindo coisa, até que nada restasse, exceto o suor do copo — água — na superfície transparente.

Foi quando ela veio. Era uma mulher de olhos negros e úmidos, o corpo esguiado, sem nenhum outro sobressalto além dos seios e das nádegas que se insinuavam sob a roupa escura. Entrou, assim, naturalmente, eu não sabia por onde, mas não era caso de inquietar-me. Quis avisar que estava enganada, aquele não era o endereço que lhe cabia. No entanto, seu silêncio bem me alertou que ali se estava a deliberar sobre algum destino. Meu destino? Mas e de quem mais?

Sentou-se numa das cadeiras da sala, junto à mesa sobre a qual pendia a única lâmpada. A luminosidade fraca pintava-lhe as faces de cores irrealis, embora eu soubesse que era o mais real e inelutável dos seres, aquele que sempre chega aos vivos. De súbito, colocou o rosto entre as mãos, e percebi que desandava num pranto novo e doloroso. Talvez chorasse pela ingrata missão, que era a de ser indesejada entre as gentes. O medo que lhe têm faz parte do miolo da vida, e quis consolá-la, estreitando-a junto a mim, num afeto que me surpreendeu. Invertidos os papéis, ajoelhei-me, acomodando a fronte em seu regaço, que transpirava um evanescente perfume de flores, mal e mal se percebia. Sentindo os dedos frágeis nos cabelos, entendi que me ligava à intrusa num amor recém-descoberto, e era como se a quisesse desde tempos imemoriais, desde o tempo que a vida e seu desenlace foram criados. Eu a amava, quis dizer-lhe isso, talvez pudesse ajudá-la, e ajudar-me. Mas o amor se trai no gesto, e eu me sentia já traída. Calei-me.

Foi quando ela se ergueu, lenta e suave, e caminhou pela sala; os pés sequer tocavam o piso, peso de plumas. Os dedos passearam pelos móveis, num afeto mole, até que o passo cedeu e ela encompriu a mirada em minha direção. Dois círculos cinzentos emolduravam os olhos, denúncia do pranto a que recém se entregara; as pupilas retiniam, pequenas florações no rosto descorado. De pé, ainda, contou-me sua história remotíssima, variantes da verdade que me davam o prazer do fingimento. Simulei acreditá-la, estimulando-a na fantasia. Horas a fio, como um infante, sempre a pergunta: e depois?

Depois, como se a isso tivesse vindo, aproximou-se de mim, eu que continuava sentada no parquê, braços apoiados no assento da cadei-

ra, face descansando sobre o dorso das mãos. Afagou-me novamente os cabelos, no mesmo descompromisso com que acariciara os móveis. Ajudou-me a levantar e segurou meu rosto, os dedos pressionando as têmporas, eu em entrega, o tempo imóvel ou escoando-se na lentidão da noite quente e no contato da pele moirna.

Não era medo o que eu sentia; era puro fascínio, pois a amara de chofre. Porque ela me sabia, beijou-me os lábios miudamente. Sua boca era gelada, eu já antecipara. E como repetíssemos algo de que fizéramos costume, pegou de minha mão e levou-me até o quarto. Sentei na borda da cama e admirei-a. Despiu-se, revelando uma nudez de anjo. Fantasmagoricamente bela, linda como a aparição que era. Veio até mim e aperrou meu rosto contra o ventre, rijo como pedra, caroável em seus muitos músculos. Subi-lhe os dedos pelas coxas, a carne tenra oferecendo-se, o perfume evanescente de flores. Tinha poucos pêlos, sempre a carnação branda e lisa, sempre, e sempre aquela fragrância que deveria ter vindo de algum paraíso. Céu e terra se encontraram quando estirou o corpo sobre a cama. Eu ali, parada, minha mão ainda queimando do contato cândido, as narinas impregnadas com o aroma selvagem. Deitei-me sobre ela, esmagando os seios mimosos contra os meus, a corte celeste pairando sobre o retângulo dos lençóis. Procurou-me a boca com a boca fria, a língua evoluindo em torno da minha, os dentes chocando-se vez que outra no sem pressa que antecede a fúria dos amores. Abracei-a, respeitando a compleição de coisa sobrenatural; abracei-a e quis estar com ela assim até que viesse o desígnio que iria me tocar no fim de meu próprio tempo. No entanto, ela se inquietava, a pele incendiando-se no que era túbio. Beijei-lhe a glória dos ombros, o torneado exato dos seios,

afundando-me no ventre cheio de promessas. Foi quando encontrei o aroma de leveduras, ácido, mas, ainda assim, doce e desejável. Esqueci-me e quis morrer no meio de suas pernas, duas colunas, animando-a, locupletando-me no visgo transparente, indício do desejo que brotava e que estava ali, à superfície. Ela se diluía sem cor, borboções copiosos, água abençoada dos seres, eu e ela querendo ser o que sempre fôramos, poços fundos de anseios, matéria ancestral dos indivíduos, parte indivisível da humanidade. Eu nascia dela; ela, um pedaço fraterno de mim. Ouvi a respiração dificultosa, o tronco alteando-se em contrações, as costas abraçando-me a cabeça com fúria de desespero. O prazer tornava-a, enfim, humana, ela, a súcuba mensageira, e eu sabia que se gratificava com isso. A mim bastava que submergisse em si mesma; eu me afogava no meu futuro, aquele que iria me caber. Agora eu sabia.

Quando percebi que se aquietara, subi a mirar-lhe as feições. Os olhos estavam cerrados, os círculos cinzentos se haviam ido, a tranquilidade irmanava-a às esferas distantes. Os braços pendiam para fora da cama, abertos como uma crucificação sem sofrimento. Voltei a deitar sobre ela, senti-lhe as mãos nos ombros e nas costas, as pernas que enlacavam as minhas, a tepidez aquosa do sexo: revivia. E, nessa ressurreição, contagiava-me com o sopro inicial. Rociei-lhe o ventre e as coxas, estros pulsáteis, primeiro com candura, depois com a urgente premenção, mais, mais, até a desmedida. Veio o tempo de meu falecimento, e os lábios frios tocaram os meus quando já me estava indo. Beijou-me na hora de minha pequena morte.

Depois, porque houve um depois, vestiu-se lentamente, as roupas avaras escondendo o corpo de demoníacas volições. Tentei mantê-la um

pouco mais em meus domínios, quis que me contasse sua antiga história, que me desse o gosto do fingimento; perguntei-lhe: e agora? Mas ela se quer respondeu. Eu tinha consciência de que sentiria mórvidas saudades quando partisse, o amor não cumpre na hora seus deveres. Foi-se, assim como veio, em passos líquidos, mal e mal tocando o chão.

Inútil foi a espera nas noites que se seguiram. A intrusa não mais me surgiu, e me comprazia a evocá-la em pensamentos nas horas tardias, as mãos nos nervos dos seios, os dedos em mim como se fossem os dela. Entendi, com o passar dos tempos, que não era sobre meu destino que se deliberava quando ela apareceu por ali. Não viera por mim, senão que estava de passagem, ato transitivo de ponto a outro. A meio caminho em busca de alma alheia, viera propiciar-me o prazer do corpo e o beijo frio, apenas isso. E avisar-me que as coisas retornam sempre a seu estado ancestral.

Eu, depois disso, na certeza do amor pela morte que viria, passava as madrugadas inerte, as horas me percorrendo, assistindo ao espetáculo da dissolução, coisa atraindo coisa, até que nada restasse, exceto o suor do copo — água — na superfície transparente.



Sempre quis escrever alguma coisa. Não precisava ser livro, conto estava bom. Mas só escrevo em primeira pessoa. Não sai nada se eu imaginar um personagem; ele não me diz coisa alguma. Também preciso me inspirar em fatos reais. E nada de interessante jamais aconteceu comigo. Trabalho há algum tempo na redação de um *site*, cheia de pirralhos sub-23 como eu. Éramos um grupo feliz e unido, pelo menos aparentemente. E, como se sabe, sem conflito não há literatura.

Por um bom tempo, tentei escrever para falar mal da minha mãe. Afinal, tínhamos problemas de sobra. Mas descobri que só falar mal de alguém não era um motivo bom o suficiente para escrever; nunca saía bom. Talvez fosse preciso uma situação onde eu também tivesse

participação — e com ela eu estava sempre na defesa. Aliás, com tudo — eu nunca me arriscava sem necessidade; meus desejos eram razoáveis, aceitáveis.

De qualquer forma, já tinha esquecido isso e estava tocando a vida suavemente. Mas aí aconteceram muitas coisas de uma vez. Eu arrisquei. De repente, estava de posse de uma matéria-prima. Comecei a escrever para organizar minha cabeça naquele terremoto — e nunca algo esteve tão claro dentro dela.

Já perguntei a todo mundo, ninguém acha normal romper uma amizade. Bom, não perguntei a todo mundo, mas fica óbvio que fica todo mundo achando qualquer coisa que não isso.

Na verdade, não perguntei a ninguém. Seus olhares nem me deixavam defesa.

Esbarrei com a doutrina da não-violência e, mesmo sem abandonando meu querido pragmatismo de todo, adicionei-a à lista de procedimentos emergenciais. E a primeira ocasião em que resolvi proceder não-violentamente lembrava bem a da Índia pré-independência, em polvorosa, louca para se dissolver num massacre de corpo e alma, igual ao nosso pequeno feudo naquele momento.

Eu aos nove anos, minha mãe gritando pelo quarto que eu deveria responder à altura, e eu gritando de volta “mas eu não quero! eu não quero!”. Eu tinha dificuldades de comunicação; o que realmente queria dizer era que não desejava fazer o esforço para me maliciar o suficiente para pensar rápido em respostas finas; não era o que eu queria me tornar, uma pessoa desse tipo; alguém exatamente como ela. Não importa; mesmo que eu fosse capaz de expressá-lo na época, ela

não me entenderia; como não me entendeu mais tarde, quando comecei a ter saco de elaborar as respostas. Passei a assustá-la. Foi pior.

Isto é outra história. Como dizia, romper um namoro é normal. Até mesmo quando não foi parar no esgoto, mas na geladeira. Todos são intimados a se comportar bem: o terminante não pode aparecer dali a dois dias com um novo namorado, o terminado não pode expressar o seu rancor fora dos limites da boa educação e amigos em comum não podem expressar interesse imediato nem em terminante, nem em terminado.

Agora, às amizades só é permitido acabarem em barraco ou tração. Quer dizer, mesmo que eu sinta cheiro forte de merda antes dela ser atrada no ventilador, sou teoricamente obrigada a permanecer ali, bem ao lado. Não existe “terminar uma amizade”, o que, para mim, soa como... pára-quedaismo sobre campo minado. Sei que muito provavelmente vou me ferir, mas não posso tomar qualquer atitude. Quer dizer, pude. Rompi as cordas das convenções e me feri de outra forma.

Unhas negras e saias longas. Sem franja, gótica. Olhos verdes rasgados. O sonho de consumo dos garotos inseguros e solitários. Namorava um no momento.

Andávamos há muito tempo no mesmo grupo sem falarmos uma com a outra. Um dia, por acaso, falamos — e descobrimos um monte de coisas em comum.

Os problemas que eu tinha com a mãe, ela os tinha com o pai. O que explica muita coisa, mas na época eu não poderia saber.

A primeira vez foi no dia da blusa ridícula. Ela aproximou-se, namorado a tiracolo, e desabotoou-a no meio da lancheonete ante minha estupefação.

— Porra, que isso?

— Só queria ver se desabotoava de verdade.

Ela desabotoou os três botões. E depois abotoou-os de volta, a pedido meu. Depois virou as costas e foi embora, o cara atrás.

Por que, meu Deus, eu viera com aquela maldita camisa de botões? Estava frio, mas jamais pensaria que...

E não queria pensar, porque obviamente era uma coisa estúpida dar em cima de alguém num ambiente em que todos são próximos.

Não sei como surgiu o assunto, mas contei que fora numa boate e uma loira me passara uma cantada.

O grupo todo achou pitoresco, mas a reação dela foi muito mais, digamos, vivaz. Seus olhos brilharam. Chegou até a declarar:

— Queria ser cantada por uma mulher.

De qualquer forma, o desfecho que eu contara fora desconcontextualizado. Eu mandara mesmo a loira passar — mas por causa do odiável cabelo amarelo. É, eles ainda não sabiam.

Depois desse dia, decidi relaxar a paranóia — quem quisesse, que desconfiasse. Aqui e ali, soltava pistas da minha admiração pelas meninas.

Fiquei feliz quando soube que eles terminaram.

Ora, porra. Feliz por quê?

Exame de consciência.

Sim, eles se tratavam mal, as pessoas comentavam, ficávamos todos com azia e ressaca espiritual. Estavam sempre brigando, não víamos, mas o clima ruim era quase palpável. Estavam longe de ser aquele casal do qual se diz: feitos um para o outro. Por isso, bom.

Mas havia mais do que isso. Eu também estava feliz porque eles terminaram de comum acordo. E estava feliz porque ela estava livre e desimpedida. E estando livre, eu poderia ficar com ela sem trair ninguém.

Apixonada?

Não, nem tanto. Eu ainda estava completamente crítica com relação a ela. Por mim, se ela não aparecesse naquele dia, estava tudo ótimo. E ainda tinha muitos olhos para outras meninas.

Ainda bem.

Conclusão final: tesão em amiga.

Coisa estúpida.

Vai passar, pensei.

Mas, com o fim do namoro, os pequenos sinais que ela mandava foram ficando mais comuns. O assunto da loira, por exemplo, voltou à baila mais algumas vezes. Especialmente quando estávamos sozinhas, ela reafirmava:

— Eu queria ser lésbica. Só que não consigo.

— Como assim não consegue? Já tentou?

— Não, mas...

E aí seguia-se uma discussão sobre como as mulheres sentem tesão: só de olhar a pessoa? Só no toque? Conhecendo a pessoa? Depois de se apaixonar?

Ela era partidária da última; dizia que só sentia resão quando estava apaixonada. Por isso é que só conseguia namorar alguém que tivesse sido seu amigo primeiro. Como jamais se apaixonara por uma mulher, então não podia ser lésbica.

Desde a primeira vez que ouvi isso, a coisa me pareceu... assim... por demais controladinha.

Passado um mês, o ex ainda jogava um braço esporádico sobre o ombro dela. Mas não parecia sério; parecia mais aquele lance de tentar ficar ocasionalmente com a ex, coisa até saudável, se me perguntarem.

Quedei a esperar passar, assim como os que não gostam do inverno ficam olhando o céu branco, esperando o verão. Já estava até achando que não era unilateral, mas queria que passasse; era estúpido.

Mas um belo dia, todo mundo se reuniu em volta de um monitor.

— Todo mundo vai ter que fazer esse teste de pureza.

Era um daqueles questionários de internet com itens como “já pagou boquete?”, “já fumou maconha?”, “já transou em local público?” — e que atribui uma espécie de nota à sua impureza. Idéia dela.

Já havíamos feito aquilo antes e mandado a pontuação para a lista; o maior número foi o meu, o que intrigou todo mundo. Eu era tão quietinha...

— Você não marcou nada na parte de drogas? Nada mesmo?

— E mesmo assim...

— Não! A parte dela é só o sexo.

— Perá!...

Eu me recusei a fornecer explicações ou a fazer o teste em público, mas fiquei por lá espiando os podres alheios. Só por isso, depois qui-

seram me obrigar a fazer também. Fingi que concordava, e, enquanto corria até a porta:

— Não!

— Ai!

Ela saltou, agarrou minhas pernas e me derrubou como no futebol americano.

— Já que fazem tanta questão...

Sentei-me ao computador com a condição de não ouvir nenhum “é mesmo?”. Fui marcando os itens que se aplicavam. Chegou o quadro fatídico sobre “membros do mesmo sexo”. Respirei fundo e espirei. Felizmente ninguém falou nada. Três em volta do computador, ninguém falou nada. Me considerei com sorte.

Mas durante o horário de almoço, enquanto caminhávamos pelo shopping, ela comentou com alguém logo à minha frente:

— Sentiu atração por membro do mesmo sexo...

E, olhando para trás:

— Era o que eu queria saber.

E, como se eu fizesse um esforço terrível para não mover um músculo da face, ela achou que eu não tinha ouvido e repetiu:

— Era o que eu estava querendo saber.

Não resisti; sorri. Duas sonsas, uma tocando a outra... que tolice. E ao mesmo tempo, uma graça.

Desta vez, pensei, não há porque ter dúvida. Pelo menos notar meu interesse, ela notou. E se não estava passando, e se ela era minha amiga mesmo, era melhor dizer. Nem que fosse só para não ficar pelas costas dela.

Eu sabia muito bem o que queria. Tinha até nome. Um nome ridículo, diga-se de passagem, inventado quando todas as sacanagens foram testadas: "amizade colorida". Mas ela era muito confusa. Tão confusa, aliás, que começou a me confundir.

Eu esperava um sim ou um não, quem sabe um talvez. Eu não esperava:

— Mas... você está apaixonada por mim?

— Ah... não estou. Só estou... atraída.

— Mas... você pensa muito em mim?

— Como assim?

E "você me imagina com você?", "você sonha comigo?". Saquei que o que ela queria saber, em última instância, era se eu me masturbava pensando nela, mas não tinha coragem de perguntar (e a resposta, pasmê, era não). Mas não conseguia entender: estava atraída. Com te-são. Quando estava perto, sentia vontade de ficar mais perto; era isso. Por que ela precisava saber mais que isso para me dar alguma resposta? Seria daquelas pessoas que só querem ficar com quem está de quatro por elas?

Só sei que depois de meia hora disso, dei por finda a minha paciência para com jogos e declarei que queria uma resposta rápida, fosse ela sim ou não.

Uma das coisas mais odiosas com que já me deparei nesta vida foram homens que acham que a mulher que diz não está fazendo cu doce e insistem *ad nauseam*. Sim, às vezes conseguem, ou por esgotamento da paciência dela, ou porque a moça estava mesmo ado-

gando. Mas quando é comigo, sinto vontade de cometer suicídio. Ou homicídio.

Já do lado paquerante, não acredito em cus doces. Eu mesma sou franca, direta e estrúpida. Portanto, se uma mulher me diz não, por coerência moral devo parar de atormentá-la e esquecer o assunto imediatamente. (Claro... se estou apaixonada mesmo, o buraco é mais embaixo.)

E ela me dissera não. Ou, pelo bem da exatidão:

— Não. Mas fiquei... lisonjeada.

E eu resolvi deixar para lá. De agora em diante, eu faria meu melhor esforço para continuar a amizade como era antes. Era muito bom e eu rezava para que nada tivesse se perdido.

Perguntada se desconfiara antes de eu contar, ela respondeu:

— Nunca achei... nem desconfiei.

Isso não fazia sentido nenhum, mas fiquei calada. Vamos em frente, pensei.

Continuando o plano da "amizade normal", certa noite marcamos um cinema: todo mundo no Odeon para a maratona. No dia, todo mundo furou e só sobramos — adivinhe — eu, ela e o ex.

De início, até me animei; de certa forma, parecia que todas as possibilidades românticas naquele trio estavam esgotadas. Seria como uma excursão escolar (perai; péssimo exemplo...). Mas não podia me enganar mais redondamente.

Primeiro, aquela tal insistência que eu julgara inofensiva se tornou ostensiva. Ele puxava assuntos sem graça, buscava contato físico e

os olhos dela. Ele era meu amigo também, e no meio daqueles sentimentos confusos tive tempo para pensar: "O que aconteceu? Por que voltou atrás, imbecil, você estava se comportando tão bem."

Merda. Simplesmente merda.

— Ah, não. Você não vai fazer essa cara aí toda vez que eu te convidar pra ir no banheiro comigo.

Desfiz a cara e entramos na fila do banheiro, deixando o garoto sozinho. Tentamos falar de amenidades. Porém:

— Pensei que ele estivesse bem. Sim, eu vi, ele vive tentando ficar perto de você. Mas eles sempre ficam das ex.

— Não! Ele está enchendo o saco!

— Eu vi.

Depois de ouvi-la contar mais algumas gafes recentes, a fonte do "merda" escrito dentro da minha cabeça dobrou de tamanho.

— É... ele está forçando. Engraçado, achei que ele estivesse aceitando bem... hum, de início achei até que vocês tivessem terminado de comum acordo...

"...senão eu nem tentaria", e guardei o pensamento para mim, para não aumentar ainda mais a merda. Nisso, nossa vez havia chegado e havia uma cabine vaga.

— Vai você — ela estava na minha frente, mesmo.

Em vez de sumir pela porta, porém, ela virou e:

— Quer vir comigo?

Era desnecessário; por alguma complexa equação da mecânica das flas, não havia mais ninguém atrás de mim. Lembrei das últimas ve-

zes em que fora ao banheiro com uma amiga (ou até mais, meu recorde é três); se não tinha tesão nelas, era completamente inofensivo.

Mas não era esse o caso. Óbvio que eu não poderia comparillar sozinhoamente daquele metro quadrado. Ficar encurralada no vão entre o papel higiênico, o vaso e a lixeira, pôr os olhos não sei onde para não enxergar coisas que estava curiosa demais para ver, e depois que ela terminasse, se limpasse, se vestisse, era preciso mudar de lugar, tentar não roçar a pele, não dizer nada, não comentar nada, não ficar vermelha, tirar a minha roupa...

Parecia complicadíssimo, apesar de interessante.

Acordei e olhei para ela. Ela sabia! Acompanhara a ida das minhas pupilas lá pra cima, a contração dos meus lábios, a imaginar coisas. Tive certeza.

De repente estava só de sacanagem.

Ou será que reconsiderou? Agora?

Mas sabia.

Olhei para a cabine do lado, querendo escapar, mas a porta não se abria. Então tentei captar sua expressão; observei-a por um momento e seu rosto era realmente um retângulo de expectativa na fresta da porta, mas bizarro!, os olhos apontavam demais para fora, a boca encolhida.

Tudo isso se processou em dois segundos. Depois, enquanto esperava do lado de fora, eu repassei meu primeiro não, tão simples, tão curto; eu até parecera adulta.

— Por quê, porra?

Tive que dizer mais dois nãoos, um pouco mais ríspidos. E ela, finalmente aceitando a resposta, recuara parecendo tão frágil e insegura que eu cheguei a hesitar: será que era pra ter desistido mesmo?

Mas logo ela estava de volta. Sentada na poltrona entre nós dois, puxou o coro de *Bizarre Love Triangle*, às gargalhadas.

Aos poucos, eu começava a compreender o que eu não queria. Era absurdo demais. Para mim, só existia gente assim em novela.

De repente, ela me pega para dançar, estilo machão-da-pista. Com vozaião e tudo.

— Como é que eles fazem mesmo? Puxam o cabelo?

Isso no meio de todo mundo. Depois, mesmo notando meu consangüinamento, praticamente me obriga a fazer o mesmo com ela. Detalhe, ela não estava bêbada.

Fiquei abortecida. Prometi a mim mesma tirar isso a limpo. Algum tempo depois, quando fomos ao cinema de novo, questionei o significado daquilo.

— Ah, é. Cara, desculpa. Eu ia falar com você, você deve ter achado que era pra te sacanear. Foi mal.

Ela explicou: o objetivo do reatrinho fora debochar do ex, que confessara já ter caçado mulher em boate antes do namoro — o que ela achava patético.

Ah, tá, pensei, irritada. Então, ela me usara — e para pregar uma peça num cara que supostamente não valia muito para ela. Mas não parecia percebê-lo. Não, não podia ser intencional. Não pude tomar aquilo como ofensa.

Depois do filme, ela me apresentou a outro ex-namorado — outro com quem terminara. Prometera segredo quanto às outras pessoas, mas aí já tinha contado a ele.

— Ele não vai me dar dois beijinhos perto da boca, vai?

— Não, ele não é assim.

E não era mesmo. Nem me tocou. Seguer chegou perto. Realmente, não era assim, nem assado. Era tímido, inseguro... e usava uma *tsirtir* lisa de cor indefinida. Óbvio: namorada, namorada mesmo, só ela. E notei uma odiosa servidão, um correr atrás, um sair de vez em quando porque agora somos apenas amigos. Ela parecia esquadriñar as feições dele, procurando por sinais de contrariedade à minha presença que inevitavelmente surgiram.

As semanas foram passando e eu continuava esperando que aquilo fosse se diluindo. Sem que eu pedisse, ela declarou que poderíamos conversar sobre O Assunto. Então, aqui e ali, comecei a citar mulheres que eu achava interessantes. Parei porque ela sempre fazia perguntas que me forçavam a dar uma idéia da “competição”.

— Ela é mais branca que eu?

Enquanto isso, já escalpada, fui percebendo aquela proximidade pra lá de suspeita com o Pietro, outro camisa-lisa — sinais indo daqui e voltando de lá, que *fófo!* Falei: pronto. Aquele “pronto” de amiga que fica feliz pela outra. Feliz bônus, porque isso também apontava para a purificação das minhas intenções.

Quando surgiu oportunidade, perguntei se ela e o Pietro estavam tendo alguma coisa. Foi pela internet, meio pobre: ela não me viu rindo feito uma alcoviteira enquanto digitava. Eu não tasquei sequer um *smiley* nas mensagens, porque detesto.

Ela asseverou, veementíssima, que jamais-em-tempo-algum teria algo com o Pietro. Segundo ela, eram muito diferentes e, mesmo que ficassem, não daria certo.

Achei aquela seriedade toda muito engraçada e mandei umas provocações. Eu estava num dia travesso. Disse, por exemplo, que ele combinava muito com ela. Que preferia ele ao antigo. E que ela devia pensar no assunto.

Eu estava em outra.

Quem não estava era ela. Deve ter pensado que eu estivesse mal-dizendo negros ciúmes. Parecia não aceitar o fato de eu voltar a agir como só amiga. Também, curiosamente, não parecia disposta a mudar de idéia.

Então que diabos ela queria?

A resposta veio dali a algumas semanas, com a notícia do namoro com o Pietro.

Liana e eu, sentadas no banco, fiávamos o cháõ apreensivas. Ela também era uma grande amiga. Ela não quisera contar o que a preocupava, mas eu adivinhara e então, tensa, ela assentira.

O Pietro se declarara há séculos, e permanecera ao lado dela como amigo, mudo em sua camisa cinza, esperando a fila andar.

O ex fora convocado para ouvir a notícia na presença do novo casal. Ela "não queria nada pelas costas de ninguém".

Enciumado, pelo telefone, o ex passou a insinuar algo com respeito a Liana, donde a nova namorada do Pietro ligou para ela para brigar sem motivo.

Então eu entendi a estranha pergunta que ela me fizera sábado: você acha que a Liana gosta de alguém? Talvez do...?

Estávamos boquiabertas, esgazeadas, pensando com os fatos que cada uma trouxera.

Pensando o quê? Ninguém queria dizer.

Finalmente abriu a minha boca:

— Posso falar uma coisa?

Liana me olhou nos olhos.

— Eu acho... que ela é...

Descobri que tinha um nó na minha garganta. Eu não podia pronunciar a palavra... "manipuladora".

— Acho que ela fica... jogando charme... de propósito. E não gosta de... perder poder.

Pronto. Mal disse isso, senti medo. Agora Liana poderia pensar as piores coisas de mim. Talvez eu fosse a única a enxergar todas aquelas jogadas de cabelo e olhares oblíquos. Pensei, serrei acusada de tudo. Tratava-se de um fato tão podre, e parecíamos, todos, tão inseparáveis... Uma constatação dessas era como uma punhalada pelas costas.

— É, às vezes... eu acho ela a maior manipuladora!

Ambas exalamos puro alívio. A palavra estava livre e solta; agora pertencia ao mundo. Agora era um juízo, um coro:

"Meu Deus! Meu Deus! Eu pensei que só eu achava isso!"

— Ela fica se vangloriando... quando alguém pede pra ficar com ela.

— Ela finge que reclama... e está contando vantagem.

— "Ele me cantou... que ridículo."

— "Sabe o que ele disse?"

Demos os nomes aos bois — às cabeças estacadas na terra.

— Parece que ela está organizando uma fila... o cara se declara enquanto ela tem namorado, ela termina, começa a ficar com o outro, enquanto isso outro já se declara...

—...achando que não vai acontecer com ele também...

E percebi que não poderia contar nada mais para Liana. Nossa cumplicidade teria que terminar ali, na “manipuladora de homens”. Mulheres não. Seria demais para a cabeça dela. Para a minha, pelo menos, era.

— Como é que não percebem... homens idiotas!

— É, homens idiotas...

Mas falávamos, e tantas eram as evidências, e tão perfeito saiu o perfil, e a conversa que tivemos com o deprimidíssimo ex...

— Eu já falei pra ela tudo isso que vocês estão me dizendo.

— E ela?

— Você não sabe.

— Negou?

— Ela agiu como se... um ultraje.

Era mais que juntar os pedaços. Eles estavam caindo nos seus lugares. O quebra-cabeça se armou sozinho sob meus olhos chocados; se os sinais não eram apenas fruto da minha imaginação, se até heteros estavam enxergando, e sinais são enviados com uma intenção, e até aí nada mudara; eu somente interpretara errado...

...a intenção. Concretizar? Nem comigo, nem com ninguém. Era exatamente dar a esperança de concretização e mantê-la em suspenso. Em suma, era obter adoração. Amor medieval. Pedestal.

Fiquei em casa, ouvindo Portishhead. E Garbage:

You pretend you're high

Pretend you're bored

Pretend you're anything

Just to be adored.

And what you need

Is what you get.

Ela “gostaria de ser cantada por uma mulher”. Não dissera nenhuma mentira. Mas agira sub-repticiamente, por assim dizer, porque sabia o que alguém poderia pensar com aquilo. Não era ser cantada para dizer sim — era pra dizer não.

E, como diria o cara das Facas Ginsu: mas não é só isso.

De mim, ela não queria só a lisonja de ser desejada por uma mulher. Sabe-se que a frase “queria ser cantada por uma mulher” também aciona um perigoso garilho na mente masculina. Nesse verdadeiro quadro patológico, eu era não apenas a figurinha difícil, mas uma diversão extra, com a qual ela poderia trocar dúbios elogios e contatos físicos de amiguinhas, deixando todos os homens que a cortejavam ciumentos e excitados ao mesmo tempo. Ela sequer pensava no estrago que isso poderia fazer.

— Vamos, Charlie Brown. Eu seguro e você chuta.

— Não, Lucy. Você sempre tira a bola e eu acabo caindo.

— Você não confia em mim, Charlie?

Ele tomava distância, corria, e na hora H ela tirava a bola e Charlie Brown se estabacava.

Charlie sempre prometia a si mesmo jamais voltar a cair naquela. Mas sempre caía. É a eterna dúvida de todos os jogadores: e se dessa vez ela deixar eu chutar meeesmo?

O que eu fiz no fatídico dia do banheiro foi manter a promessa feita a mim mesma.

— Lucy, eu te disse que não ia mais chutar essa bola. Difícil ter essa força de vontade. Todos os meninos, por serem inseguros, preferiam confiar nela a confiar em si próprios. Charles Brown, todos eles. Só faltava a camiseta amarela com ziguezague. Mas as tais camisetas lisas davam no mesmo.

Naquele primeiro momento, quase todos estavam rompidos com ela. Mas ela foi de um em um tentar a reconquista. Inclusive em mim. Acredite, eu fui a única que teve coragem (ou cacife) pra dizer não.

Não foi coisa de cavalheirescas adultas civilizadas, porque se tratava exatamente disso: o fim da etiqueta. O barraco. Foi pura selvageria adolescente.

— Estou ligando pra resolver isso.

— Mas resolver o quê? Não há nada pra resolver.

— Como assim! Olha, eu não sei o que a Liana te disse, mas não sei o que pode ter sido para você ficar assim comigo!

— Não, ela não falou nada demais. Foram só os fatos.

— Mas porra, que fatos! O Pietro e eu...

— Pois é, isso é uma das coisas. Você foi capaz de dizer, três semanas antes de ficar com ele, que jamais ficaria com ele. Não acha isso estranho?

— Mas eu não estava com ele ainda! Só fiquei com ele naquele dia em que fomos todos ao cinema. É por isso que você tá assim?

— Mas não foi isso. Você disse que “jamais ficaria”. Como você pode não enxergar algo que está bem na sua frente?

— Mas que que isso tem a ver?

— É exatamente isso, você não vê. E eu soube até que outras pessoas já vieram te falar a mesma coisa que eu descobri agora. Mas você, em vez de aceitar, prefere continuar não aceitando e não vendendo!

— Porral! Então me diz o que é!

— Mas se outras pessoas já falaram e você não aceitou, não vejo porque vai fazer alguma diferença eu repetir.

— Como é que eu vou fazer alguma coisa a respeito se você não me diz o que é!

— Já te disseram! É tão óbvio que eu não fui a única a perceber!

É só pensar com calma!

— Me diz o que é, porral!

— Pra quê?

— Porra, me diz o que é!

Era uma verdadeira guerra de nervos, porque se eu dissesse “o que era”, coisa que obviamente, em algum lugar de sua cabeça, ela já sabia, ela faria comigo como fez com o ex: me passaria uma verdadeira decompostura, como uma deusa a um blasfemo. Claro que eu não... está maluco? Esqueceu que sou o supra-sumo da virtude? Então é isso que você pensa de mim? É assim que me agradece?

— Não posso ser amiga de alguém que fica se enganando. Desculpe.

Ela estava quieta.

— Pense no que já te disseram. Pensa na sua vida, se você não nota um padrão.

Ela começou a chorar.

— Porra!

Aquilo, ao mesmo tempo, me aborrecu e me deu vontade de rir de tão ingênuo. Mas quando pensei nos milhares de caras que ela maniplalara com aquele mesmo choro, decidi ser mais dura.

— Olha, isso não vai dar certo comigo.

— Aceite, pensei. Aceite.

— Você está sendo muito escrota comigo! — disse, a voz embargada.

— Não estou sendo escrota. Um dia você vai entender.

Percebi, finalmente, que ela não aceitaria. Aquela era sua última cartada — mas ela jamais aceitaria a derrota.

— Você... está sendo... muito... escrota...

Era melhor desligar antes.

— Olha... eu vou desligar. Eu já falei tudo o que tinha pra falar, você também.

Comecei a me afastar do fone, o ombro não mais o sustentando, mas a mão fechada, como uma garra.

— Não desliga. Se você desligar, eu...

— Você já disse tudo o que tinha pra falar? Nesse caso eu desligo.

— Estou falando sério. Você vai desligar na minha cara?

— Você não pode querer ganhar pela emoção.

Ela apenas gemia, caindo naquele processo no fim do qual, claro, eu seria a culpada.

— Eu não quero desligar assim. Preferia conversar.

— Mas você não quer me dizer o que é! Como é que eu vou saber o que é?

— Eu já disse! Já te disseram! E você negou. Não adianta eu repetir se você não quer ouvir!

Então ela começou um atropelado discurso ofensivo que deve ter afogado o bocal do telefone em perdigotos. Dez mil palavrrões.

— Dá licença. Eu vou desligar.

E, suavemente, ainda ouvindo protestos, coloquei o telefone na posição horizontal e deitei-o sobre seu berço.

O mais chocante foi, neste momento, perceber que eu não me importava.

Foi como se, quanto mais ela chorasse, mais eu percebesse a força que ela realizava do outro lado para parecer uma fêmea indefesa.

Eu não me importava mais com ela. Ela poderia ficar muito triste, mas também poderia ficar muito feliz. Porque nem inveja, nem felicidade, nem tristeza, nem tesão, nem nada...

O oposto do amor não é o ódio, é a indiferença.

Logo depois o telefone tocou de novo. A secretária atendeu uma vez, depois outra e outra.

Mas eu não conseguia. Não conseguia nada.

Nem mesmo apagar aqueles recados seguidos da secretária. Depois, alguém que sabia mexer naquilo me perguntou “de quem eram” aqueles recados. E se eu dissesse a verdade?

— De uma ex-amiga.

As pessoas só desconfiam das coisas certas na hora errada, ou vice-versa. Então eu menti:

— São de uma amiga que briguei.

E fiquei pensando, engraçado isso: amor forçado é considerado violação e crime; amor fingido é traição, covardia. Já amizade fingida ou à força é “etiqueta”.

Às favas com a etiqueta, pensei. Mas também não queria uma amiga. Queria uma conhecida. Indiferença cordial. A minha etiqueta.

Os olhares foram se acendendo um a um, como pequenas lâmpadas. Foi interessante: visibilíssima a ordem em que ela contou às pessoas. Primeiro o Pietro, depois o melhor amigo dela, depois dois conhecidos de uma vez. Todos evitando os meus olhos, interrompendo conversas abruptamente, esquecendo as palavras.

O pior, percebi, é que não fora de raiva. Ela estava contando simplesmente porque era uma glória ser tão especial a ponto de atrair uma mulher. Estava apenas cristalizando a lisonja que perseguira desde o início. E se eu continuasse ao lado dela como “amiga”, não creio que teria sido muito diferente; ela não sabia que estava chutando um cachorro morto.

Eu já esperava. Me surpreendi foi com a atitude dos outros. Não sentia tanto medo assim de “ser descoberta” porque, na minha cabeça, era muito simples: desejar uma pessoa não é errado, trair uma amiga de sim. O que eu temia, quando pedi segredo, era mais a reação das pessoas a um novo romance (ou tentativa de) dentro do grupo. Mas ninguém veio confirmar comigo o que quer que ela tenha dito — prova-

velmente que eu era lésbica (correto — mas imbecil, hoje em dia) e que tinha rompido a amizade porque estava com cúmes dela, com o Pietro. Na verdade eu estava começando a sentir pena dele.

Houve um dia em que, sob as bênçãos da manipuladora, o assunto esteve integralmente nas entrelinhas e entreolhares. A cada tentativa bem-sucedida, ela abraçava o próprio ventre e gargalhava exageradamente. Um dos poucos que não conhecia o código até comentou que “hoje a conversa estava muito estranha”. Ao que eu respondi, abaixo da minha crosta crítica:

— É, né? Conversa maluca.

Pietro pareceu annuado com a insistência dela naquele subassunto. Não sei se estava com pena de mim, se não gostava da persistência daquela humilhação, ou se começava a denotar o tal “padrão”. Mas busquei o olhar dele, que era como um consolo.

No mesmo dia, embaixo da garoinha chata que ainda mais me deprimiu, outra hilária e triste conversa cifrada que tive com o melhor amigo dela:

— Acho que estão falando mal de mim.

— Suas pupilas pularam para o alto dos olhos.

— Se você não fez nada, não tem porque se preocupar.

— Sim, mas... ainda assim fico triste. Não entendo porque havia necessidade de... falar mal.

— Mas quem não deve, não teme.

— Não estou preocupada com a pessoa que está falando mal. São os outros. Acho que quem ouve falar mal de uma pessoa deve procurar ouvir ao menos uma outra versão...

— Mas talvez as pessoas não queiram se envolver.

No final, os dois suando frio, ele olhou muito sério para mim e disse que estava começando a “notar um padrão” em “algumas coisas”.

Eventualmente, ela e o Pietro terminaram. E conforme as semanas correram, fui contemporizando. Ela não sabia. Não sabia porque aquelas coisas estavam acontecendo. Ainda não enxergava a própria participação. Sei disso porque ela começou agir como o K., “o mundo quer me engolir”.

Fiz uma pequena operação mental.

Se poucas semanas antes de ficar com o Pietro, ela fora capaz de jurar que jamais ficariam juntos, e que mesmo se ficassem jamais daria certo...

...então ela conseguia cair no próprio conto-do-vigário (e sair dele) com uma facilidade impressionante.

Logo, ela tinha um dom.

“Saber” é ser capaz de conter uma informação no cérebro e poder buscá-la e processá-la quando bem entender. Mas o ser humano é muito cheio de repressões, traumas e inibições para deixar as coisas fluírem naturalmente. Ela era inibida demais para ser abertamente malvada, destroçar um menino só porque podia e ligar um genuíno foda-se; era a ideologia de esquerda, o complexo de boa menina. Mas além de ser a filhinha do papai, também precisava se vingar.

E se não podia impedir o óbvio ululante de ulular, podia “interpretá-lo”. Meganha de si mesma, submetia os fatos a interrogatórios e torturas. Se não colaborassem, eram jogados no porão, sempre gritando, gritando como loucos.

Dizia a si mesma que não podia afastar um amigo só porque ele se declarara. Que não podia fazer nada se era especial; não foi ela quem

provocara aquilo, mesmo; só estava sendo simpática... e todos, inexplicavelmente, se apaixonavam por ela.

Se lhe cabia alguma culpa, era a de ser covarde. Por ser covarde, ela procurava ignorar a própria mania, que atraía incautos, que tinham ciúmes dos incautos anteriores... *Just friends* antes e depois do amor. Apenas amigos. Apenas os mais tímidos dentre os mais inseguros; os que não ousariam romper a teia.

Ela ofendia a própria inteligência não notando sequer o óbvio padrão: só namorava amigos, sem tesão nenhum, mas gozando ao pensar no poder que concentrava.

Os homens que ela atentava preferiam duvidar de si mesmos do que dela:

— Não, não conheço as mulheres tão bem assim que possa acusá-la.

— Não tem ninguém me provocando. Estou imaginando coisas.

Mas não estava.

Queridos, somos muito insidiosas às vezes. Conhecemos todos os subterfúgios, todas as aberturas e armadilhas. Somos muito melhores que vocês no xadrez humano, com infinitas variáveis cáoticas, sempre mutante, nada cartesiano. Bom que nossas guerras não costumem ser as mesmas, ou estaríamos extintos.

Eu não podia alegar, como eles, que não conhecia suficientemente as mulheres. Não podia me enganar, como a própria, admitindo uma forma branda de loucura. Eu era uma *insider* naquela venenosa psicologia. Nasceamos com o estoque, eu, ela, Liana. Os sedosos contatos epiteliais, autocompressões labiais, lágrimas, gritinhos sugestivos, tre-

jeitos, olhares e olhadinhas, piscadelas, reviradinhas de olho, calcanhas nus... Eu sabia de onde eles vinham, para que serviam, a quem se endereçavam e qual o efeito esperado. Capazes de atingir apenas um órgão sem que o vizinho sequer se desse conta. Mexendo com as taras que você nem sabia que tinha. Pronto. Você a ama, não sabe por quê, e compõe ridículas músicas de corno.

Então, eu sabia muito bem o que ela estava fazendo. Não imaginara nada, estava era lidando com um espelho. Esqueci que espelhos nos invertem.

Os sinais existiam, com toda sua intenção. Fui inteligente por não ter me apaixonado. Fui burra por acreditar que esses sinais me levariam a algum lugar.

Liana possuía uma metade do quebra-cabeça, cada Charlie Brown possuía a outra, e ninguém a possuía. Eu fui a primeira a ter o panorama — claro e brutal — da situação.

Tudo precisava ser como foi. Friamente, ao longe, estranhamente, comparando com o meu interior feminino, consciente das coisas que a sociedade nos permite usar para necessários risos e choros, tudo me permitiu absorver a realidade dela como uma esponja. Não sei, de vez em quando fico a pensar se devo, ou se é possível, ajudá-la. Na verdade, acho que ela não quer. Também, não tenho muita vocação pra consertar o mundo. E não creio que se deva atirar a verdade à cara dos outros, sempre — vide Sherazade. O mais sábio que fiz até agora (talvez na minha vida inteira) foi manter distância. Talvez o meu defeito seja ser indiferente às coisas que os outros seres humanos prezam demais. Não me apego a sentimentos, bons ou maus. As coisas se vão de dentro de mim fáceis como se possuíssem asas. Elas só ficam se quiserem.



I BIBLIOGRAFIA



ANÍBAL MACHADO (Sabará, MG, 1884-1964) — Autor de uns poucos e antológicos contos que lhe deram a fama de escritor rigoroso, e de um lendário romance, *João Terra*, publicado postumamente em 1965. Estreando em 1944 com *Vila feliz*, seus contos estão reunidos no volume *A morte da porta-estandarte e outras histórias* (1965).

AUTRAN DOURADO (Patos, MG, 1926) — Um dos mais prestigiados romancistas brasileiros, dentre sua obra destacam-se *Uma vida em segredo* (1964), *Ópera dos mortos* (1967), *O risco do bordado* (1970), *Os sinais da agonia* (1974), *As imaginações pecaminosas* (1981) e as coletâneas de contos *Solidão*, *solitude* (1972) e *Violetas e caracóis* (1987).

CAIO FERNANDO ABREU (Santiago, RS, 1948-1996) — Apesar de sua curta vida, legou uma importante obra, em que se destacam as coletâneas de contos *O ovo apunhalado* (1975), *Pedras de Calcutá* (1977),

Morangos moçados (1982), *Os dragões não conhecem o Paraíso* (1988) e o romance *Onde andará Dulce Zeigã?* (1990).

CÍNTIA MOSCOVICH (Porto Alegre, RS, 1958) — Romancista e contista, tem publicados *O reino das cebolas* (1996), *Dois iguais* (1998), *Anotações durante o incêndio* (2000) e *Argueitura do arco-íris* (2004).

DINAH SILVEIRA DE QUEIRÓS (São Paulo, SP, 1910-1982) — Autora de um verdadeiro *best seller*, *Floradas na serra* (1939), publicou ainda, entre outros, os romances *Margarida La Roque* (1949), *A muralha* (1954) e *Verão dos infelizes* (1968), além da coletânea de contos *As noites do morro do Encanto* (1957).

HARRY LAUS (Tijucas, SC, 1922-1992) — Militar aposentado em 1964, crítico de arte, dedicou-se também à ficção, com destaque para seu romance *Os papéis do coronel* (1995) e os livros de contos *Os incoerentes* (1958), *Ao juiz dos ausentes* (1961) e *Caixa d'ago* (1989).

HILDA HILST (Jau, SP, 1930-2004) — Poeta, contista, novelista e teatróloga, estreou em 1950 com um livro de poemas, *Presságio*, seguido de quase duas dezenas de outros. Na prosa, destacam-se *Ficções* (1977), *A obscena senhora D* (1982), *Com meus olhos de cão e outras novelas* (1986) e *Ruído nada* (1993).

JOÃO DO RIO (Rio de Janeiro, RJ, 1881-1921) — Pseudônimo de João Paulo Emílio Coelho Barreto, foi jornalista de destaque no início do século XX. Publicou as coletâneas de contos *Dentro da noite* (1910), *A mulher e os espelhos* (1919) e *Rosário de ilusões* (1921), e os romances *A profissão de Jacques Pedreira* (1911) e *A correspondência de uma estação de cura* (1918).

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN (Ribeirão Bonito, SP, 1944) — Ensaísta, roteirista, diretor de cinema, dramaturgo, na ficção publicou

romances, como *Em nome do desejo* (1983), *O livro do avesso* (1992) e *Ana em Veneza* (1994) e coletâneas de contos, como *Testamento de Jônatas deixado a David* (1976) e *Troços e destroços* (1997).

JULIO CÉSAR MONTEIRO MARTINS (Niterói, RJ, 1955) — Radicado na Itália, vem construindo uma obra em língua italiana. No Brasil, publicou livros de contos como *Torpallium* (1977), *Sabe quem dançou?* (1978), *A oeste de nada* (1981) e *Muamba* (1985), e romances, como *Bárbara* (1979) e *O espaço imaginário* (1987).

LUIZ VILELA (Imutaba, MG, 1942) — Um dos mais consagrados contistas brasileiros, estreou com *Tremor de terra* (1966), a que se seguiram diversas coletâneas como *No bar* (1968), *Tarde da noite* (1970), *O fim de tudo* (1973), *Lindas pernas* (1979), *A cabeça* (2002), além de romances, como *Os novos* (1971) e *O inferno é aqui mesmo* (1979).

LYGIA FAGUNDES TELLES (São Paulo, SP, 1923) — Uma das mais fecundas escritoras brasileiras, destacam-se, em sua vasta obra, os romances *Ciranda de pedras* (1954), *Verão no aquário* (1963), *As meninas* (1973) e *As horas nuas* (1989) e os volumes de contos *O jardim selvagem* (1965), *Antes do baile verde* (1970), *Seminário dos ratos* (1977) e *A noite escura e mais eu* (1995).

MACHADO DE ASSIS (Rio de Janeiro, RJ, 1839-1908) — Considerado um dos gênios da literatura universal, de sua vasta obra destacam-se os romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casimiro* (1889), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). Seus contos foram reunidos em diversas antologias: os dois volumes, *Contos: uma antologia*, organizados por John Gledson, são dos mais importantes.

MOREIRA CAMPOS (Senador Pompeu, CE, 1914-1994) — Especialmente contista, dentre seus livros destacam-se *Vidas marginais* (1949), *Portas fechadas* (1957), *As vozes do morto* (1963), *O puxador de terço* (1969) e *Os doze parafusos* (1978).

MYRIAM CAMPELLO (Rio de Janeiro, RJ, 1940) — Estreou com o romance *Cerimônia da noite* (1972), a que se seguiram *Sortilégio* (1981), *São Sebastião Blues* (1993) e *Como esquecer: anotações quase inglesas* (2003) e a coletânea de contos *Os sons e outros frutos* (1998).

RUBEM FONSECA (Juiz de Fora, MG, 1925) — Inovador da ficção urbana brasileira com os contos de *Os prisioneiros* (1963), *A coileira do cão* (1965), *Lúcia McCartney* (1967), *Feliz Ano Novo* (1975), *O cobrador* (1979) e *Pequenas criaturas* (2002), também publicou romances como *O caso Morel* (1973), *A grande arte* (1983), *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (1988) e *Agosto* (1990), entre outros.

SAMUEL RAWET (Klimontow, Polônia, 1929-1984) — Contista e novelista, chegou ao Brasil com sete anos e tornou-se um exímio conhecedor da língua portuguesa. Estreou em 1956 com *Contos do imigrante* e publicou ainda *Diálogo* (1963), *Abama* (1964), *Os sete sonhos* (1967), *O terreno de uma polegada quadrada* (1969), entre outros.

SILVIANO SANTIAGO (Formiga, MG, 1936) — Um dos mais importantes ensaístas brasileiros, dedica-se ainda à ficção e à poesia. Publicou, entre outros, *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (poemas, 1978), os romances *Em liberdade* (1981) e *Stella Mahatian* (1985) e o livro de contos *Keih Jarrett no Blue Note* (1996).

SIMONE CAMPOS (Rio de Janeiro, RJ, 1983) — Autora de duas novelas, *No shopping* (2000) e *A feia noite* (2006).

I BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Caio Fernando. "Sargento Garcia". In: _____. *Morangos moftados*. 9.^a edição. 3.^a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 76-92.
- ASSIS, Machado de. "Pílades e Orestes". In: _____. *Relíquias da casa velha*. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira; MEC, 1975. Edições Críticas de Machado de Assis. p. 121-131.
- CAMPELLO, Myriam. "A mulher de ouro". In: _____. *Sons e outros frutos*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 25-32.
- CAMPOS, Simone. "Bondade". In: RUFFATO, Luiz (organizador). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 27-51.

- DOURADO, Autran. "Três coroas". In: _____. *Solidão, solidude*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. 147-154.
- FONSECA, Rubem. "Dia dos namorados". In: _____. *Feliz Ano Novo*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. p. 57-66.
- HILST, Hilda. "Ruído nada". In: _____. *Ruídos*. São Paulo: Globo, 2003. p. 79-103.
- LAUS, Harry. "O estivador". In: _____. *Caixa d'ago*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989. p. 57-61.
- MACHADO, Aníbal. "O iniciado do vento". In: _____. *A morte do portea-estandarte e Tati, a Garota e outras histórias*. Introdução de M. Cavalcanti Proença. 11.ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 3-29.
- MARTINS, Julio César Monteiro. "Ruíva". In: _____. *Sabe quem dançou?* Rio de Janeiro: Codecri, 1978. p. 9-19.
- MOREIRA CAMPOS. "Irmã Cibele e a menina". In: _____. *Os dorre parafusos*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 89-92.
- MOSCOVICH, Cíntia. "Morte de mim". In: _____. *Anotações durante o incêndio*. Porto Alegre: L&PM, 2000. p. 89-93.
- RAWET, Samuel. "Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror". In: _____. *Contos e novelas reunidos*. Organização de André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 366-368.
- RIO, João do. "História de gente alegre". In: _____. *Histórias do amor maldito*. Seleção de Gasparino Damata. Rio de Janeiro: Record, 1967. p. 121-131.
- QUEIROZ, Dinah Silveira de. "A moralista". In: _____. *As noites do morto do Encanto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. p. 29-39.

- SANTIAGO, Silvano. "When I Fall in Love (Quando me apaixonou)". In: _____. *Keith Jarrett no Blue Note: (Improvisos de jazz)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 119-147.
- TELLES, Lygia Fagundes. "Uma branca sombra pálida". In: _____. *A noite escura e mais eu*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 125-142.
- TREVISAN, João Silvério. "Interlúdio em San Vicente". In: _____. *Interlúdio em San Vicente (Testamento de Jonatas deixado a David)*. São Paulo: Brasiliense, 1976. p. 23-32.
- VIELLA, Luiz. "Meu amigo". In: _____. *Tremor de terra*. Rio de Janeiro: Lidador, 1967. p. 141-150.